

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANDRÉ ASSIS BREDER DE OLIVEIRA

MENINOS TRAÍDOS:

ABUSO SEXUAL E CONSTITUIÇÃO DA MASCULINIDADE

Belo Horizonte

2017

ANDRÉ ASSIS BREDER DE OLIVEIRA

MENINOS TRAÍDOS:

ABUSO SEXUAL E CONSTITUIÇÃO DA MASCULINIDADE

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos.

Orientadora: Profa. Dra. Cassandra Pereira França

Belo Horizonte

2017

150

O48m

Oliveira, André Assis Breder de

2017

Meninos traídos [manuscrito] : abuso sexual e constituição da masculinidade / André Assis Breder de Oliveira. - 2017.

278 f.

Orientadora: Cassandra Pereira França.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1. Psicologia – Teses. 2. Crime sexual – Teses . 3. Homens identidade - Teses. 4. Trauma psíquico - Teses. 5. Orientação sexual - Teses. I. França, Cassandra Pereira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Meninos traídos: abuso sexual e constituição da masculinidade

ANDRÉ ASSIS BREDER DE OLIVEIRA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

Aprovada em 10 de fevereiro de 2017, pela banca constituída pelos membros:

Cassandra D. Franca

Prof(a). Cassandra Pereira Franca - Orientador
UFMG

Elisa Maria Ulhoa Cintra

Prof(a). ELISA MARIA DE ULHOA CINTRA
PUC-SP

Paulo Cesar de Carvalho Ribeiro

Prof(a). Paulo Cesar de Carvalho Ribeiro
UFMG

Belo Horizonte, 10 de fevereiro de 2017.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Profa. Cassandra. Foi ela quem, mesmo ainda desavisada de minha existência em meio à multidão de alunos, me chamou a amar a Psicanálise e, depois, como um verdadeiro mestre, me fez discípulo de seus ideais: o empenho na prática clínica, o rigor teórico atento aos dogmatismos, o zelo na elaboração escrita e a paixão pela sala de aula. Sou grato pelo incentivo e confiança em mim depositados sempre permitindo que eu mirasse meus próprios horizontes.

Aos amigos e colegas do Projeto CAVAS/UFMG pelo companheirismo e descobertas realizadas em conjunto ao longo dos anos dedicados ao trabalho onde tudo isso começou.

Aos pequenos pacientes que pelo Projeto passaram e, em especial, aos meninos que ofereceram a um jovem psicólogo o privilégio de tentar aflorar esperança em meio à aridez da dor que nunca deveriam ter conhecido.

À Maria Teresa que, enquanto supervisora clínica ao longo dos meses em que eu desenvolvia esta pesquisa, gentilmente me despertou para tantas novas dimensões da prática psicanalítica e que, assim, acabou por transformar também meu olhar sobre este trabalho.

Aos meus pais, Sérgio e Sandra, que, sem vacilar, afirmam minha plena capacidade para cumprir meus objetivos ao mesmo tempo em que, implicitamente, me oferecem a certeza de consolo caso eu fracasse. Essa rara combinação é que me fez realizar sempre muito mais do que imaginei ser capaz.

Por fim, agradeço à Nana, a melhor colega de mestrado que eu poderia ter tido. Ao longo desse processo desafiador que roubou o *dolce far niente* dos primeiros meses de nosso casamento, pude me alegrar tantas vezes ao constatar que ela estava ali, comigo, dividindo a angústia dos passos incertos e o júbilo de cada etapa concluída. Cheia de graça é a mulher com quem escolhi viver toda a minha vida!

*“Qual dentre vós é o homem que,
se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra?”*

Mateus 7:9

RESUMO

As vicissitudes da relação pai-filho e do traumático enquanto ataque sexual serão contempladas nessa dissertação que visa abrir um debate acerca da violação sexual de meninos perpetrada por homens que, perante eles, são referenciais identificatórios. Buscando apresentar uma escuta psicanalítica do impacto da traição sobre a identidade masculina nessas relações afetivas que deveriam ser éticas e estáveis, acompanhamos os movimentos defensivos presentes em depoimentos e casos clínicos da literatura em que se é possível observar a desautorização da significância do próprio acontecimento traumático e seus desdobramentos, como estados dissociativos e a identificação com o agressor enquanto alternativa viável para se conservar elementos da identificação masculina. O cenário desse estudo está emoldurado pela falta de lugar na cultura para o homem-vítima, e pela qualidade fundamentalmente defensiva da masculinidade. Seguindo as propostas de S. Bleichmar, constatamos o embaraço da face caótica do traumático em relação à constituição da masculinidade uma vez que este processo é marcado pelo paradoxo fundamental em que o menino precisa incorporar o pênis paterno para revestir de potência e legitimar sua posição sexuada. Assim, a qualidade espinhosa da relação entre abuso sexual e identidade masculina suplantaria a problemática em torno da orientação sexual ao impor uma transitividade que reaviva os fantasmas homossexuais que ameaçam o núcleo identitário e atormentam os meninos traídos com a possibilidade de que, fora do rígido enquadre viril da masculinidade, eles, de fato, não podem ser homens.

Palavras-chave: traumatismo sexual; identidade masculina; abuso sexual infantil.

ABSTRACT

The vicissitudes of the father-son relationship and of traumatism in the form of sexual abuse are contemplated in this dissertation that aims to open a debate regarding the sexual violation of boys perpetrated by men who are identification references for them. Seeking to present a psychoanalytical approach of the betrayal's impact on the masculine identity in these affective relationships that ought to be ethical and stable, we followed the defensive motion in testimonies and clinical cases of the literature in which it is possible to observe the unauthorization of the significance of the traumatic event itself and its unfolding, such as dissociative states and identification with the aggressor as a viable alternative to preserve elements of the masculine identification. The setting of this study is framed by the lack of room provided by the culture for the victim-man and by the fundamentally defensive quality of masculinity. Following the proposals of S. Bleichmar, we verified the embarrassment caused by the chaotic aspect of trauma in relation to the constitution of masculinity since the process is characterized by the fundamental paradox in which the boy has to incorporate the father's penis in order to be covered with potency and legitimize his sexual place. Thus, the thorny quality of the relation between sexual abuse and male identity supplants the problematic around sexual orientation as it imposes a transitivity that revives the homosexual ghosts that threaten the identity's nucleus and haunt the betrayed boys with the possibility that, outside of the rigid virile frame of masculinity, they, in fact, cannot be men.

Keywords: sexual traumatism; male identity; child sexual abuse.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: A IDENTIDADE MASCULINA ENQUANTO CONSTITUIÇÃO	28
1.1 A condição identitária do ser humano	28
1.2 Impasses da teoria clássica à compreensão da masculinidade	33
1.3 A importância da identificação feminina para a sexualidade masculina	42
1.4 “Despir-se” do feminino	45
CAPÍTULO 2: A INCORPORAÇÃO DA MASCULINIDADE	49
2.1 <i>Diversidade e Diferença: do gênero à identidade sexual</i>	49
2.2 De pai para filho: o paradoxo fundamental da masculinidade	53
2.2.1 <i>Mas... por que incorporação anal?</i>	59
2.3 “Confirmações antropológicas”	60
2.5 Pai e filho no enquadre edipiano	67
2.5.1 <i>Um certo protagonismo paterno</i>	71
2.5.2 <i>As fantasias do menino</i>	74
2.5.3 <i>Adolescer homem: ainda Édipo, ainda o paradoxo</i>	77
2.6 Sede de pai: o enigma que pede resolução	80
2.7 Indagações sobre o aparente antagonismo da homossexualidade	85
2.7.1 <i>Sob o frágil domínio do Eu</i>	85
2.7.2 <i>Passividade, feminilidade e homossexualidade</i>	87
2.7.3 <i>A insuficiência eficaz do binarismo</i>	89
2.7.4 <i>Identidade e orientação sexuais: um cruzamento inexistente?</i>	95
CAPÍTULO 3: TRAUMATISMO: O LUGAR E O TEMPO DA TRAIÇÃO	101
3.1 Além do princípio do prazer: o inimigo interno	103
3.2 O acontecimento traumático	107
3.3 Precisamos falar sobre a sedução	113
3.3.1 <i>Confusão de línguas</i>	117
3.3.2 <i>A sedução enquanto transgressão</i>	121
3.4 O tempo do traumático	127
3.3.3 <i>“Antes” do ataque sexual</i>	131

CAPÍTULO 4: O EMBARAÇO E A AFINIDADE ENTRE <i>TRAUMA</i> E <i>MASCULINO</i>	134
4.1 A qualidade dos alicerces, a quantidade dos destroços	134
4.2 Tremores secundários.....	141
4.2.1 <i>O desmentido</i>	141
4.2.2 <i>Identificação com o agressor</i>	144
4.3 Cisões, recusa e masculinidade	148
4.3.1 <i>Barreiras verticais: a desautorização da transitividade</i>	148
4.3.2 <i>Pode o homem “dar passagem”?</i>	154
4.3.2.1 Uma questão de sentido.....	156
4.3.2.2 A reclusão impreterível e a integração possível: respostas à traição.....	159
CAPÍTULO 5: MENINOS TRAÍDOS	166
5.1 Traição: “Ele me penetrou fazendo juras de amor”	169
5.1.1 <i>A fratura da transmissão</i>	188
5.1.2 <i>A confirmação materna</i>	192
5.2 Cisões e “experiências extracorpóreas”: “Rosas amarelas ao meu redor”	195
5.3 Identificação com o agressor e repetição: “A defesa dele era a minha própria defesa”.....	204
5.4 Orientação e práticas sexuais: “Prefiro mulheres, mas é muito mais fácil com homens”	211
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	234
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	237
APÊNDICE A	243
APÊNDICE B.....	244

INTRODUÇÃO

A clínica de crianças e adolescentes traumatizados por uma experiência é atravessada por uma questão insistente. Quando os pais ou responsáveis buscam o tratamento psicológico e, angustiados, falam sobre a criança, por vezes mostram-se incapazes de desprender-se dos fatos circundantes ao traumático e de relatar a vida pregressa da criança e da família. As lacunas do discurso claramente cindido por um antes e um depois, mais que obstáculos para a anamnese, denunciam que, para aqueles que nos procuram, o que precedeu ao trauma não importa tanto quanto aquilo que o sucede; isto é, que estão às voltas com um questionamento pulsante que, então, direcionam silenciosamente ao analista. Afinal, *daquilo* em diante, o que será do sujeito? Que tipo de pessoa poderá ser no futuro, ou seja, após a incidência do trauma?

Em nossa prática na clínica do abuso sexual infantojuvenil no Projeto CAVAS/UFMG¹, é também em silêncio que ouvimos essa pergunta que encontra ressonância em nós, cultivando-a e permitindo que nos interpele ao longo do percurso de refazer a história significativa das vítimas e de contemplar amarrações possíveis e mais favoráveis para a criança que foi violada. Contudo, nesse mesmo contexto, uma pergunta peculiar delineava uma apreensão mais específica em relação ao “depois”, chamando nossa atenção. Em entrevistas e atendimentos com pais, ouvimos o receio comum de que seus filhos, meninos sexualmente abusados, poderiam vir a se tornar homossexuais; e, em discussões e visitas com professores, educadores de abrigos e profissionais da rede de apoio à criança e ao adolescente, escutamos uma preocupação semelhante em relação à orientação sexual de meninos submetidos à violência sexual. Uma vez que recebíamos tudo isso enquanto, paralelamente, acompanhávamos a emergência de conflitos em relação à masculinidade por parte de alguns meninos no *setting* terapêutico, passamos a ser indagados com algo, de fato, muito mais específico: que tipo de homem pode um menino sexualmente abusado vir a ser?

O silêncio diante dessa pergunta mostrou-se ainda mais incômodo. Talvez, porque ele já viesse mais preenchido por uma resposta, por uma hipótese forte de quem nos faz a pergunta e apenas espera que, ao enunciar a questão, possa ouvir algo surpreendente que contradiga sua

¹ Fundado em 2005 pela professora Cassandra Pereira França, o Projeto CAVAS/UFMG surgiu como resposta à demanda da clínica escola do curso de Psicologia da UFMG para o atendimento de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. Desde então, envolve alunos da graduação, psicólogos e alunos da pós-graduação no atendimento psicoterápico, em pesquisa e em simpósios e cursos sobre o tema do abuso sexual infantojuvenil.

convicção não pronunciada. Isso não nos parece inusitado, afinal, há no senso comum uma relação bem estabelecida entre abuso sexual e um efeito fatal que poderia se traduzir em uma espécie de “masculinidade destituída”.

No entanto, o fato é que não sabíamos o que pensar sobre isso ou como transcender, bem embasados, essas formulações que se apresentavam a nós. Por que o efeito do abuso sexual de meninos é concebido dessa forma? Como a violação de meninos poderia afetar a identidade masculina das vítimas? E por que, enfim, a ideia de uma masculinidade subvertida é relacionada à homossexualidade? Tratar-se-ia de uma questão alicerçada apenas em preconceitos e modos de subjetivação que não admitem que meninos possam ser vítimas, ou, mais especificamente, vítimas de uma transgressão sexual que imaginariamente se caracteriza como um ato homossexual?

Dividir e comparar os dados estatísticos sobre meninos e sobre meninas vítimas de abuso sexual nos permitiu avançar nessas indagações e nos aproximar de hipóteses importantes. Um fato irrefutável é que crianças e adolescentes do sexo feminino são, oficialmente, vítimas muito mais frequentes desse tipo de violência. No Brasil, os dados oficiais indicam que o número de meninos violados seria inferior a um terço das crianças – uma realidade semelhante à dos casos reportados nos Estados Unidos (Dorais, 2011). Do total de 14.625 notificações registradas pelo Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (Viva)² envolvendo vítimas entre 0 e 9 anos de idade em 2011, a violência sexual contra crianças dessa faixa etária representa 35% (Ministério da Saúde [MS], s.d). No entanto, destacamos que, segundo a base de dados do SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação)³ (MS, s.d), a frequência de notificações de violência sexual envolvendo o sexo masculino dessa mesma população de 2011, representa apenas 13.7% contra 86.3% envolvendo o sexo feminino. Além disso, das 211.107 vítimas de violência sexual, negligência, violência física e psicológica cujo sexo foi registrado na denúncia no Disque Direitos Humanos entre 2003 e 2010, o percentual que mais diferiu entre o gênero das vítimas foi o do índice de violência

² O Viva é um sistema que, aliado ao Sistema de Informações sobre Mortalidade e o Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde, ambos do Ministério da Saúde, integra o monitoramento das violências para fins de vigilância epidemiológica constituindo importante ferramenta para o conhecimento dos números de violência no país. Trabalhando em duas frentes, a vigilância contínua de violências interpessoais ou autoprovocadas e a vigilância de violências e acidentes em emergências hospitalares, o Viva procura revelar detalhes sobre as características da vítima, circunstâncias do evento e provável autor da agressão, sendo um importante meio para desvelar violências ainda marcadas por silêncio e preconceito.

³ Plataforma do Ministério da Saúde de acesso aos números de notificações.

sexual: 62% para o sexo feminino e 38% para o sexo masculino (Hohendorff, Habigzang & Koller, 2012).

Sabíamos de antemão não ser possível precisar quão próximos da realidade são esses dados, afinal, apesar de uma maior veiculação nas mídias na atualidade, melhor informação e de um número crescente de denúncias, ainda há uma negação crônica e subnotificação generalizada dos casos de abuso sexual infantojuvenil, especialmente dos intrafamiliares que, por sua vez, são os mais comuns. Entretanto, ao entrarmos em contato com pesquisas realizadas por norte americanos nas décadas de 80 e 90, fomos surpreendidos por uma realidade consideravelmente diferente daquela indicada pelos dados oficiais. Os resultados obtidos indicam a proporção impressionante de que um em cada seis meninos nos Estados Unidos teria sido vítima de abuso sexual até os 16 anos de idade (Gartner, 1999) e, segundo um estudo realizado no Canadá, dentre uma amostra de 1002 homens, pouco mais de 30% declararam terem sido submetidos a atividades sexuais indesejadas. Este índice elevado, se submetido a um olhar mais rígido quanto ao que seria mais estritamente definido como abuso sexual, cai para 16% – isto é, um sexto dos homens, tal como constatado pelos estadunidenses, haviam sido vítimas de investidas sexuais por parte de meninos mais velhos ou de homens antes de chegarem à idade de 18 anos (Dorais, 2011).

Então, por meio dessas investigações com grupos amostrais, fomos autorizados a dar vazão à suspeita de que a violação sexual de meninos não seja tão menos frequente que a de meninas, mas ainda menos denunciada. Pesquisadores norte-americanos concluíram, quase duas décadas atrás, que o foco predominante dado ao abuso de meninas e mulheres teria deixado equivocadamente implícito que a violência sexual contra meninos é algo raro, enquanto, na realidade, é “comum, sub-reportada, pouco reconhecida e pouco tratada” (Holmes & Slap, 1998 citado por Gartner, 1999, p.29 tradução nossa). Diante dessa conclusão incisiva, complexificando essa conjuntura, passamos a julgar que o suposto maior encobrimento da violação sexual de meninos e o foco dispensado sobre os casos envolvendo o sexo feminino poderiam dever-se especificamente à relação espinhosa entre abuso sexual e masculinidade que chamou nossa atenção a princípio.

Por isso, mostrou-se necessário distinguirmos entre os efeitos do trauma de abuso sexual sobre meninos e sobre meninas, justamente pela convicção de que essa experiência traumática afetaria a identidade, cerne de nosso foco, de modos e em graus bastante diferentes em vítimas do sexo feminino e masculino. Isso significa que, dentre os tantos efeitos gerais

reconhecidos do trauma de abuso sexual, como ansiedade, baixa auto-estima, práticas sexuais compulsivas, abuso de álcool e drogas, depressão, tendências suicidas e etc. (Calvi, 2012), não deve ser menosprezada a distinção possivelmente mais significativa entre as reverberações sofridas por homens e mulheres. O fato é que, enquanto os homens questionam sua masculinidade, assombrados pela ideia de não serem homens de verdade (Gartner, 1999), núcleo do qual emanam seus conflitos (Dorais, 2011), as mulheres não passam por crises envolvendo sua identidade, ao menos não no sentido de questionarem seu genuíno pertencimento ao gênero feminino. Podemos notar isso, por exemplo, nos efeitos da angústia provocada pela lembrança da sedução:

Enquanto homens e mulheres podem sentir raiva e culpa por terem aquiescido, a permissão é mais aceitável para as mulheres em termos de seus papéis sociais⁴. Nesse sentido *estereotipado*, a aquiescência significa para uma mulher que ela *foi* feminina, enquanto para um homem significa que ele *não foi* masculino. (Gartner, 1999, pp. 72-73, tradução nossa)

Com efeito, no emaranhado das vivências de abuso sexual, a masculinidade parece integrar-se com profunda afinidade, ainda que as correspondências que encontre ali sirvam apenas para contradizê-la. Certamente, essa afinidade paradoxal reserva uma complexidade para o masculino que é bastante diferente em relação aos desígnios que o abuso sexual terá para a feminilidade – e, suspeitamos, nessa diferença jaz o motivo da suposta maior subnotificação dos casos envolvendo meninos. Dentre os espinhos envolvendo abuso sexual e masculinidade que poderiam levar à discrepância entre a realidade da violação de meninos e os números oficiais, destacamos três aspectos notáveis que se mostram interligados. Primeiramente, a confusão entre abuso e iniciação sexual que comumente acontece, até mesmo entre os meninos vítimas, ao serem seduzidos por uma mulher quando já têm uma orientação predominantemente heterossexual, ou por um homem quando suas tendências apontam para a homossexualidade (Gartner, 1999; Dorais, 2011). Por isso, não seria raro entre homens abusados na infância o desconhecimento de que foi vítima de um abuso, ainda que sofra suas consequências psíquicas⁵ (Gartner, 1999). Em segundo lugar, a homossexualidade permanece

⁴ Como discutiremos adiante, concordamos com essa percepção do fenômeno, mas nos opomos à sua atribuição exclusiva aos papéis e construtos sociais de gênero.

⁵ Com efeito, diversos filmes e livros narram histórias em que um adolescente perde sua virgindade com uma mulher adulta sem despertar qualquer escândalo, como os aclamados longa-metragens “Houve uma vez um verão” (Roth & Mulligan, 1971) e o mais recente “O leitor” (Gigliotti, Killanin, Minghella & Pollack, 2009). O mesmo efeito não seria possível se o gênero dos personagens fossem cambiados, como vemos nos polêmicos livro e filme “Lolita” ou se tratassem do envolvimento entre um menino e um homem mais velho. Mais uma vez, como ainda indicaremos, entendemos que as representações de gênero não esgotam esses fenômenos e somos

um tabu óbvio entre os homens, o que é bastante claro, inclusive, na observação de meninos muito pequenos. Logo, o silêncio em torno de um contato sexual com outro homem não envolve somente o medo da retaliação ou de decepcionar o abusador amado de quem, possivelmente, se sente cúmplice, mas o temor de ser reputado como “menos homem”, de ser culpado por ter permitido ou até mesmo provocado o ato e, talvez o aspecto mais grave, acusado de ter sentido prazer (Dorais, 2011). Nosso último destaque é para o importante fato de que o abuso perpetrado pelo pai ou figura paterna, um “modelo” que parece ser bastante representativo do abuso sexual de meninos, abarca um duplo tabu cultural: o do incesto e o da homossexualidade (Dorais, 2011).

Envoltos por esse contexto, revelar o abuso para a família, no caso do menino, e para as autoridades, amigos e pares, no caso da família, significa ser capaz de enfrentar uma angústia profunda. Então, considerando a ameaça que o abuso sexual de meninos impõe evocando o temor em relação aos seus efeitos sobre a identidade, não há porque considerar infundada a hipótese de maior subnotificação, afinal: “Se a masculinidade está no cerne da identidade psíquica de um homem, então perdê-la significa perder a si mesmo, sofrer uma espécie de morte psíquica.” (Gartner, 1999, p.70, tradução nossa)

Portanto, se há perturbação profunda no âmago desse tema, não deve nos surpreender que o abuso sexual de meninos seja um tema ainda pouco investigado e que foi apropriado com afincos por poucos pesquisadores mesmo fora do país⁶ (Dorais, 2011). Na América do Norte, o tema ganhou força principalmente a partir da década de 90, quando, diante das muitas pesquisas já realizadas sobre abuso sexual infantojuvenil com foco no sexo feminino ou simplesmente sem atribuir relevância ao sexo das vítimas, denunciou-se a necessidade de

intrigados a investigar as vicissitudes do masculino que sustentam essas relações e que, de fato, poderiam fazer delas legitimadoras em vez de traumáticas.

⁶ Ainda assim, devemos destacar que há contrastes extremos em meio à escassez. A violência sexual contra meninos e seus efeitos específicos é consideravelmente menos investigada e conhecida no Brasil e as poucas publicações brasileiras são recentes. A pesquisa avançada realizada por nós no Portal Capes com as palavras “*abuso sexual*” and “*meninos*” encontrou um total de 18 produções acadêmicas, sendo que apenas 5 tratavam especificamente do abuso de meninos. Outras pesquisas realizadas com as palavras “*abuso sexual*” and “*masculinidade*” e “*abuso sexual*” and “*homens*” revela um dado interessante uma vez que, além de não indicar produções que tenham como foco o sujeito do sexo masculino como vítima, cerca de 30% das produções acadêmicas encontradas tratam do homem como perpetrador de alguma forma de violência, especialmente contra mulheres. Por outro lado, ao realizarmos a pesquisa utilizando, em inglês, as mesmas palavras-chave, com “*sexual abuse*” and “*boys*” encontramos um total de 3.911 resultados; “*sexual abuse*” and “*masculinity*” nos levou a 242 resultados e, com as palavras “*sexual abuse*” and “*men*”, encontramos um resultado ainda mais surpreendente de 10.047 produções acadêmicas. Importa-nos salientar que, neste último caso, os destaques da pesquisa indicam produções que tem como tema homens com histórico de abuso sexual na infância e não homens perpetradores de violência.

distinguir e contemplar as especificidades do abuso sexual de meninos⁷ (Gartner, 1999). Dentre os pesquisadores que compartilham tal objetivo, encontramos produções como as de Richard Gartner, psicanalista de destaque no tratamento de homens abusados na infância que, por apreender amplamente as dificuldades demonstradas por tais vítimas, mostraram-se excelentes como referencial descritivo, inclusive, dos conflitos em torno da masculinidade. Em sua obra principal, *“Betrayed as Boys: psychoanalytic treatment of sexually abused men”* (1999), o autor faz uma detalhada revisão da literatura entrelaçada com exemplos de sua ampla casuística clínica e, assim, presenteia o leitor tanto com um panorama das pesquisas mais importantes sobre o tema quanto com a “personificação” e humanização dos homens abusados ao contar suas histórias e apresentar suas angústias. Por outro lado, também notamos claramente onde se demarcavam os limites das elaborações teóricas de Gartner e a área a qual se circunscrevia sua compreensão e descrição dos efeitos do abuso sobre a identidade dos homens por ele analisados. Os embates comuns relacionados à masculinidade são repetidamente atribuídos pelo psicanalista, quase exclusivamente, às construções culturais em torno do que significa ser viril. Mesmo reconhecendo que a masculinidade perpassa uma constituição e os entraves impostos pela penetração física ou psíquica da sedução, Gartner (1999) faz da impossibilidade cultural de conceber um homem como uma vítima a fonte principal do suplício e da perturbação dos homens abusados na infância e, restrito a essa lógica reducionista, critica o perfil supra-humano que a sociedade impõe aos homens.

Lew (1988) explica que “nossa cultura não tem lugar para um homem enquanto vítima. Homens simplesmente não devem ser vitimizados. . . . Se homens não devem ser vítimas . . . , então vítimas não podem ser homens” (p. 41). Ou, nas palavras de Crowder (1995), “Nossa cultura não possui uma mitologia que identifique o processo de vitimização masculina e meninos que são vítimas são emasculados por esse viés. Eles são vistos ou como sendo tal qual uma mulher e, por conseguinte, feminilizados, como sendo impotentes e consequentemente falhos, ou como sendo interessados em homens e, logo, como homossexuais” (p.12). A incapacidade para satisfazer a expectativa irrealista de que homens não podem ser vítimas leva muitos homens a uma vergonha característica do gênero masculino. Como diz Kyle, “Eu tenho uma sensação de estar arruinado, uma convicção de vergonha que levo comigo aonde quer que eu vá.” Se um homem equaciona vitimização com feminilidade, reconhecer qualquer aspecto de sua vitimização pode constrangê-lo quanto a sua inabilidade em ser masculino. (Gartner, 1999, p.73, tradução nossa)

⁷ Os frutos gerados por esse empenho são notáveis e a produção acadêmica acerca do tema já tem um impacto que extrapola o meio científico. Nos Estados Unidos – ou por *websites* como o *Amazon* –, é possível encontrar diversas publicações sobre os efeitos desse trauma, indicando possibilidades de superação, buscando desfazer mitos e, inclusive, oferecendo suporte e orientação para cônjuges e familiares de homens abusados na infância.

Nossa percepção crítica à proposta de Gartner foi reforçada na medida em que a tese apoiada por ele não se distingue das de outros autores que não possuem uma orientação psicodinâmica. Outra obra norte-americana renomada sobre o tema de abuso sexual de meninos é *“Don’t tell: the sexual abuse of boys”* (2011) do sociólogo canadense especialista em questões de gênero e sexualidade Michel Dorais. Nela, o autor aborda diversos aspectos do fenômeno de forma muito completa, tal como Gartner, e apresenta vários depoimentos colhidos por ele de homens abusados na infância. Entretanto, atado apenas à descrição, Dorais igualmente encontra na evidente estrutura social que não admite homens como vítimas ou que associa abuso sexual de meninos à homossexualidade a explicação para os conflitos identitários dos homens abusados na infância.

Por que eu? Obviamente, não há resposta para essa pergunta essencial, ainda que ela revele profunda precisão uma vez que meninos não deveriam ser violados – as vítimas de violações deveriam ser exclusivamente meninas ou mulheres, ao menos segundo a credence popular. É impensável que uma coisa dessas possa acometer a um menino, a não ser que meninos violados tenham alguma característica peculiar, alguma coisa vergonhosa que está escrita em sua cara ou em seu corpo, ou denunciada por suas atitudes ou comportamentos. Isso, ao menos, é o que meninos abusados pensam. E o agressor notou. É como se alguma coisa em sua aparência ou identidade tivesse traído não apenas a vulnerabilidade deles, mas a diferença fundamental em comparação com os outros meninos, em comparação com os meninos eu nunca são sexualmente molestados. (Dorais, 2011, pp. 112-113, tradução nossa)

A abrangente influência desses autores, em especial de Gartner, e dessa ideia central sobre a falta de lugar para o homem-vítima como epicentro do conflito dos homens abusados sexualmente na infância mostrou-se claramente nas escassas publicações sul-americanas que abordam a questão do abuso de meninos. Por exemplo, no livro *“Abuso sexual em la infancia: efectos psíquicos”* (2012) Bettina Calvi apresenta, quadro a quadro, as ideias de Gartner contidas em *“Betrayed as Boys”*. Talvez, pela carência de fontes sobre abuso e masculinidade é que a autora tenha feito do capítulo *“El abuso sexual infantil y su relación con los procesos de constitución de la masculinidad”* uma importação das ideias de um grande pesquisador estrangeiro sobre um tema ainda pouco investigado na América do Sul. Possivelmente por essa mesma razão, em “Consequências do abuso sexual infantil”, texto psicanalítico publicado no Brasil no qual Gartner é citado, Lúcia Barbero Fuks (2005) expõe, no breve subtítulo “Quando o abusado é um homem”, ideias análogas às do autor:

Como se pode observar, *nossa cultura não abre muito espaço para o homem como vítima*. Aqueles que viveram essa situação sentem-se feminilizados, castrados, com vergonha e a sensação de terem deixado de pertencerem ao gênero masculino. A vergonha está relacionada com o sentimento de que não foram capazes de deter o abuso, ou seja, um sentimento de impotência frente à situação vivida. (Fuks, 2005, p.60, grifo nosso)

Certamente, não há como negar a falta de espaço em nossa cultura para o homem-vítima, isto é, de uma posição não só de aceitação e acolhimento, mas que não reserve desconfiança quanto ao que teria restado da identidade masculina do sujeito violado. Porém, o que nos intriga, diferentemente de Gartner (1999) que indica como um objetivo da análise das vítimas a transformação da própria percepção culturalmente contaminada que o sujeito tem do que é ser homem e de outros psicanalistas que apresentam ideias semelhantes é: *por que* essa falta de espaço e *por que* essa equação entre feminilidade e vitimização? Sejam claros: ao nos indagarmos, não procuramos explicações para o que constatamos ser um fato cultural atualmente. Pelo contrário, indicamos nosso distanciamento da noção insuficiente que, aparentemente dominando as poucas publicações sobre o tema, apreende o fenômeno apenas através das lentes dos modos de subjetivação de determinada sociedade e época e que, assim, deposita na reforma cultural o meio de transformação dessa realidade. De encontro a isso, encaramos o fenômeno de abuso e a equivalência entre feminilidade e vitimização remetendo-nos sempre aos aspectos incólumes da constituição psíquica e questionamos: para além dos discursos sociais, haveria uma incompatibilidade, digamos, psíquico-constitucional entre ser homem e ser vítima de uma violação sexual?

Tal indagação alicerça-se numa distinção proposta por Silvia Bleichmar (2006; 2014) que acabou mostrando-se paradigmática na definição do recorte deste trabalho. Segundo a autora, umas das questões mais urgentes da psicanálise nos últimos tempos seria a necessidade de discriminar entre os núcleos de *verdades universais* na constituição do psiquismo das *formas históricas* de constituição da subjetividade, isto é:

por una parte, lo que podemos considerar del orden de la “producción de subjetividad”, y, por otra, aquello que pertenece al orden de la “constitución del psiquismo”. Como la primera es de carácter histórico y social, determina los modos con los cuales el sujeto “se socializa”, vale decir, constituye sus rasgos identitarios: ser varón equivale a “ser fuerte, arrojado, leal” en cierta época, o a ser “potente, rico, hábil, exitoso” en otra. Y si bien ciertos fenómenos dan cuenta de superposiciones entre la producción de subjetividad y la constitución del psiquismo, *su diferenciación permite trazar líneas para depurar los enunciados psicoanalíticos de la impregnación histórica que los torna fácilmente*

destituibles si nos centramos en sus aspectos anecdóticos y circunstanciales y no en los núcleos de verdad que van más allá del siglo en que se originaron. (Bleichmar, 2006, p. 78, grifo nosso)

Ora, essa discriminação se mostra a advertência ideal para não nos distrairmos com os mesmos elementos que parecem ter cativado o foco de Gartner e de tantos outros ou do problema que há, segundo nossa concepção de quais seriam os alicerces da psicanálise, em apenas reproduzir as ideias do autor sem apontar essas ressalvas. Seguramente, precisamos reconhecer a quantidade ímpar e a qualidade das pesquisas norte-americanas sobre um tema negligenciado pela psicanálise inaugurando, em foro público e décadas a nossa frente, uma descrição acurada do fenômeno e a discussão sobre meninos abusados sexualmente, bem como sobre os homens que se tornaram. No entanto, quanto mais nos familiarizávamos com a literatura – ou mesmo com o vácuo de produções – sobre o tema, mais se fortalecia em nós a convicção da importância de se distinguir entre as formas de organização dos sistemas representacionais daquilo que é próprio à constituição do sujeito psíquico. Por isso, vimos a necessidade de inaugurar uma nova perspectiva ou, mais especificamente, apenas atrelar à compreensão do abuso sexual sobre meninos teorias já estabelecidas sobre a masculinidade na psicanálise, uma ponte que se mostrou negligenciada em sua profundidade até então. Entendemos que, orientados pelos fundamentos teóricos do inconsciente e da sexualidade, poderíamos lançar um novo olhar⁸ sobre o tema e desobstruir importantes impasses epistêmicos, de modo que não há sentido em simplesmente traduzir, apresentar e assimilar as produções já estabelecidas⁹.

Contudo, tendo estabelecido nossas metas, sabíamos não se tratar de uma empreitada simples a que nos propúnhamos realizar e que precisaríamos de paradigmas firmes que delimitassem nossa rota. Encontramos no pensamento de Silvia Bleichmar um movimento que se harmonizou com nossas angústias na clínica e, assim, se mostrou como a pedra fundamental na articulação de nosso edifício teórico. A fidelidade da autora às evidências de sua vasta experiência clínica com crianças e adultos combinada com certa rebeldia em relação aos

⁸ Partindo do paradigma constitucional em vez do cultural, acreditamos que se torna possível nos aproximar da experiência de cada menino e homem sexualmente abusado tal qual afirma Renata Cromberg (2012) em relação às vítimas do sexo feminino: tendo nos *despido da toga moral*. Separar os modos de subjetivação, ou seja, as marcas ideológicas e datadas, do aspecto constitucional elementar torna viável conceber, diferentemente de Gartner (1999), hipóteses como a de que certas experiências sexuais prematuras de meninos com indivíduos mais velhos *podem* não ser traumáticas de fato, mas quiçá até mesmo, como parecem ser muitas vezes, revigoradoras e confirmadoras da masculinidade. Despidos, podemos abandonar discursos ideais em nome da posição epistemológica adequada.

⁹ Será preciso, como retomaremos adiante, “metabolizá-las”.

dogmatismos das escolas de psicanálise, permitiu-lhe elaborar propostas intrépidas, perpassando as elaborações teóricas de diferentes autores. Esse posicionamento sem amarras, mas alicerçado sobre a primazia da alteridade na constituição do sujeito, propiciaram, a nosso ver, a elaboração de uma tese sobre a masculinidade profundamente iluminadora dos conflitos obscuros os quais nos propusemos a desbravar. Nos referimos, mais especificamente, à “*Paradojas de la sexualidad masculina*” (2006), obra na qual, tendo como ponto de partida a situação antropológica fundamental que inexoravelmente coloca o bebê humano sob os cuidados de um adulto, privilegia os conflitos intrínsecos ao processo de tornar-se sujeito e de tornar-se masculino. Vimos nessa elaboração que contempla os desafios que enfrenta o sujeito na formação de sua identidade de homem um contexto profícuo para que encontrássemos, nas vicissitudes do próprio tornar-se sujeito e homem sexuado, indicações importantes do por que o abuso sexual provocar tamanha subversão da identidade masculina.

No entanto, ainda que a tese de “*Paradojas...*” sobre a identidade masculina apresente a possibilidade de lançarmos um novo olhar sobre o conflito entre masculinidade e abuso sexual em relação ao que foi publicado até então, não precisamos nos desfazer da contribuição das produções vigentes sobre a violação de meninos. Nosso trabalho inclui também um processo de “metábole” das obras referenciais produzidas no exterior, mais especificamente das de R. Gartner (1999) e de M. Dorais (2011), tendo em vista, principalmente, sua qualidade descritiva. Aliás, tomaremos essas produções tal qual Gartner define sua colaboração em “*Betrayed as Boys*”: “minha intenção é levantar, delinear e desenvolver temas que frequentemente enfrenta o homem com um histórico como esse e o psicoterapeuta trabalhando com ele.” (Gartner, 1999, p. 9 tradução nossa) Isso significa que ambos autores nos servirão praticamente como referência descritiva, fenomenológica, dos temas e conflitos vividos por esses sujeitos. A exceção nesse enquadre é nossa apropriação do conceito *betrayal* utilizado por Gartner (1999) que, traduzido para o português, definimos como *traição*¹⁰. Consideramos que sua definição, ainda que adaptada por nós a uma perspectiva específica, seja um ponto de partida profícuo para delimitar ainda mais nosso recorte na investigação do impacto do trauma sobre a constituição da masculinidade.

“traição” é a violação de confiança implícita ou explícita. É, por definição, uma experiência relacional. Quanto mais próxima e necessária a relação em que aparece, maior será . . . o grau de traição na violação. Na traição, laços aparentemente indestrutíveis são rompidos e a deslealdade é introduzida nas relações mais íntimas, pessoais e confiáveis. . .

¹⁰ Além, claro, do título de nossa dissertação que remete diretamente ao título “*Betrayed as Boys*”, indicativo da importância que atribuímos ao conceito proposto por Gartner.

. Como Cheselka (1996) descreve, . . . “*Um pacto implícito foi quebrado ou negado. . . Isso muda algo fundamental: a convicção ou o parâmetro a partir do qual se concebe o mundo das relações interpessoais.*” (Gartner, 1999, p. 13 tradução nossa)

Sem dúvida, trata-se de um conceito muito mais abrangente que a noção de *abuso sexual*. Todavia, ao lançarmos mão do enquadre que ele promove circunscritos ao fenômeno de violência sexual, queremos delimitar o critério para a definição das relações abusivas a serem contempladas em nossa pesquisa afirmando o traumático como um fato relacional, fundamentalmente ligado a uma alteridade individualizada. Em outras palavras, *traição* é a sedução por um outro “personificado”, isto é, remete à concretude da relação para além de uma transgressão “metafísica” dos limites simbólicos entre as gerações e, na maioria dos casos, do tabu do incesto: “Exceto nos raros casos de agressão por parte de uma pessoa desconhecida, o agressor comum tentará assumir o papel de um adulto importante na vida da criança.” (Dorais, 2011, 43, tradução nossa) A traição refere-se, portanto, à subversão de uma *relação* de confiança essencial para a o menino, considerando que é verdadeira a afirmação de que “é frequentemente mais traumática que os atos sexuais em si.” (Gartner, 1999, p.40, tradução nossa), especialmente considerando que:

A maioria dos meninos eram profundamente vulneráveis, tanto fisicamente, como crianças, quanto psicologicamente, como crianças solitárias, rejeitadas, ou mal-amadas com famílias problemáticas. É por isso que tantos deles, ao menos no início, viram em sua relação com o agressor sua última esperança ou refúgio. O agressor podia ser um tio que substitui um pai ausente, indiferente ou violento; o irmão que despense certa atenção ao irmão mais novo que é negligenciado pelo resto da família, ou o amigo que demonstra-se disponível em um momento em que o menino está necessitado. O agressor pode também ser o pai que, enfim, apresenta algum interesse por seu filho. (Dorais, 2011, p. 42, tradução nossa)

Pois bem, orientados pelos fundamentos de “*Paradojas...*”, decidimos, enfim, empreender, dentre o amplo fenômeno de abuso sexual infantojuvenil, um estudo mais aprofundado do intrigante enlaçamento entre abuso sexual – enquanto traição – e masculinidade. Contudo, apesar daquilo que explicitamente nos confrontou na clínica a princípio, delimitamos o enfoque desta pesquisa à identidade de meninos abusados na infância independentemente da orientação sexual que possam vir a ter enquanto adultos. Com essa proposta, procuramos afirmar que, ainda que o senso comum, legitimado por algumas pesquisas, relacione o impasse que o abuso sexual inflige sobre a construção identitária dos meninos à homossexualidade, a questão identitária suplantaria o problema em torno da orientação. Nossa experiência clínica e estudos preliminares nos levaram, já de início, à conjectura de que o problema que enfrentamos orbita mais precisamente em torno da certeza subjetiva de saber-se

homem que, abalada, afeta tanto homo quanto heterossexuais em suas *práticas* sexuais. Tendo entendido que a masculinidade perpassa uma constituição bastante intrincada, nosso intento era o de lançar luz sobre como a experiência de abuso sexual, ou seja, esse acontecimento profundamente traumático afeta a constituição da identidade masculina e, por conseguinte, a certeza subjetiva de ser homem como núcleo duro identitário. Em outras palavras, sem qualquer intuito de pensar a gênese da eleição objetual à luz da traição, sustentamos que os entraves na constituição identitária masculina é que impactarão diretamente a posição sexuada dos homens (homossexuais e heterossexuais) diante do objeto de amor – eis a hipótese fundamental da qual partiu o presente trabalho.

Esse posicionamento atenta para o grande problema que é atribuir uma raiz traumática à homossexualidade, como constatamos em nossa experiência clínica, numa espécie de patologização que se amarra, certamente, aos preconceitos que ainda envolvem homens gays. Além disso, não ignora que pesquisas importantes no campo indicaram que a maioria dos meninos abusados na infância se tornam gays e que estão quatro vezes mais propensos do que os outros meninos à prática homossexual (Gartner, 1999; Dorais, 2011), mas valoriza ainda mais a pertinência das indagações que esses dados nos permitem fazer. Primeiramente, tal como pergunta Gartner (1999), seria mesmo que a maioria dos meninos abusados se tornam gays ou poderia ser que os meninos com tendências homossexuais, por seu sentimento de inadequação e de segredo, estariam mais vulneráveis aos sedutores? Mais ainda, interessa-nos questionar aquilo que tem sido classificado como *orientação* homossexual. De fato, a *prática* homossexual é comum entre os homens abusados na infância (Dorais, 2011), mas seria ela reflexo de um desejo integrado ao Eu, caracterizando uma orientação, ou do imperativo estranho de repetição que é imposto pelo traumatismo?¹¹

Sem dúvida, a separação entre identidade e orientação sexual na apreciação dos impactos do abuso a vítima sexo masculino foi que promoveu um olhar epistêmico essencial ao desenvolvimento deste trabalho, demonstrando sua legitimidade do início à conclusão. No entanto, ainda que essa importante discriminação não tenha se mostrado equivocada, ao longo da realização desta pesquisa, não pudemos manter a questão da identidade masculina completamente dissociada da problemática em torno da orientação sexual como pretendíamos a princípio, sendo que muitas foram as situações que nos levaram a reavaliar o caráter extremo dessa separação. Por exemplo, nas muitas ocasiões em que realizei discussões sobre

¹¹ Aliás, dentre os múltiplos fatores que denunciam o problema de se estabelecer uma relação simples de causa e efeito entre abuso sexual e homossexualidade masculina, essa é a que se mostrou mais contundente para nós.

o tema da sexualidade em sala de aula com estudantes de medicina, era notável a dificuldade que tinham os alunos para, especificamente em relação aos homens, absorver a distinção entre identidade e orientação sexuais. Por vezes, com a intenção de demonstrarem terem compreendido a revelação surpreendente de que seria completamente possível ser homem e ser homossexual, diziam frases como *“é verdade mesmo... existem homens gays que brincavam de carrinho quando meninos, que não têm trejeitos, enfim, homens que você jamais diria que são gays”*. Contudo, conclusões como essas, ainda que fruto de um aparente *insight*, deflagravam que, para alguns, a compreensão não havia de fato sido modificada. Os homens gays que, “muito homens”, não aparentam ter tal orientação sexual eram apresentados como exceção, sobreviventes de uma contradição ou, ainda, talvez mais importante, como hábeis em legar sua vida sexual a um espaço privado e estéril em relação à sua vida pública e à sua imagem de homem. Isso parecia se confirmar pela indicação, em contrapartida, de que os homens ditos efeminados, “menos homens” e facilmente ligados à homossexualidade, ainda permaneciam submetidos à lógica rígida de que “você é homem ou é gay”. Em conclusão, a ideia predominante, ainda que livrada de uma camada superficial de preconceito e confusão, era de que a identidade sexual masculina não poderia passar imaculada pela homossexualidade.

Ainda que, como já indicamos, não fosse estranho à nossa prática com vítimas de abuso sexual que a contradição entre masculinidade e homossexualidade estivesse emaranhada nas tripas do senso comum, vimos, também, que se tratava de uma realidade que um simples esclarecimento teórico parecia não modificar satisfatoriamente. Aliás, durante a elaboração deste estudo no programa de pós-graduação de uma universidade conceituada, foi um desafio constante, em discussões acadêmicas sobre o tema, desvencilhar nossa questão fundamental de pesquisa, isto é, a identidade dos homens abusados sexualmente, da problemática em torno da orientação sexual desses indivíduos. De alguma forma, observando os raciocínios e as percepções sobre a problemática desenharem um percurso viciado, parecia inconcebível que uma coisa pudesse ser independente da outra: se existe confusão identitária é porque há uma confusão quanto à orientação sexual.

Em todas as situações semelhantes a essas, nossa posição inicial foi defensiva, entendendo ser profundamente problemático amarrar a forma com que os homens respondem ao abuso sexual à sua orientação sexual. Estávamos convencidos tanto de que a psicanálise não admitiria voltar a apontar a homossexualidade como algo que remete a um desvio quanto de que

qualquer enunciado que propusesse algo remotamente semelhante a isso seria condenado em nome da extinção de identidades referenciais em meio à diversidade. Ademais, toda essa resistência foi reforçada quando entramos em contato com “*Paradojas de la identidad masculina*” e constamos a forma insistente com que Bleichmar faz a diferenciação entre ascender à posição masculina – enfim, à identidade sexual, seja ela cis ou trans – e ser homo ou heterossexual. Por que, então, deveríamos supor que o impacto ameaçador sobre a identidade masculina estaria, de alguma forma, ligado à orientação sexual?

Foi então com surpresa que, finalmente e após tanta resistência, enfrentando os impasses que, pouco a pouco, foram se apresentando na elaboração deste estudo e, inclusive, ao nos aprofundarmos na tese defendida em “*Paradojas...*”, nos percebemos questionando, nós mesmos, a artificialidade dessa separação entre identidade e orientação sexuais que tantos se mostravam incapazes de conceber... Enfim, o que queremos destacar nesse momento preliminar é que, de nossa proposta inicial à conclusão deste trabalho, o lugar atribuído à orientação sexual passou de uma posição completamente marginal ao eixo principal de nossa argumentação – ainda que a problemática em torno da eleição de objeto em relação ao abuso tenha permanecido irrelevante. Apesar de, como assinalamos, sustentarmos que os entraves na constituição identitária masculina é que impactarão diretamente a posição sexuada dos homens diante do objeto de amor, a questão da orientação sexual dos homens abusados sexualmente na infância, enquanto emblema¹² de dois pólos de respostas à violação, acabou galgando uma posição que não pudemos antecipar em nossa na apreciação dos conflitos identitários dos meninos vítimas dessa violência. Assim, nosso recorte inicial manteve-se, porém, acompanhado e, em alguma medida, modificado por essa abertura que se mostrou incontornável ao longo do percurso – um desdobramento o qual o leitor poderá acompanhar ao longo dos capítulos deste trabalho.

Finalmente, complexificando e concluindo o recorte desta pesquisa, restringimos a investigação do impacto da traição sobre a identidade masculina aos abusos perpetrados especificamente por um homem com quem o menino nutre uma relação de amor e que ocupa uma posição referencial e modelo identificatório perante ele, um enfoque que se torna ainda mais relevante perante as estatísticas. Em seu livro, Dorais (2011) sequer menciona que o abuso de meninos possa ser perpetrado por mulheres, talvez por ter, ao contrário de Gartner

¹² Ao longo do desenvolvimento teórico, esclareceremos como “homem homossexual” e “homem heterossexual” servirão como categorias que *representam* dois extremos em relação ao paradoxo da masculinidade os quais, por sua vez, não se reduzem ao “homem que deseja homens” e ao “homem que deseja mulheres”.

(1999), uma definição mais estrita do que seria uma relação abusiva. Ademais, apesar de não ter uma amostra representativa, contesta a afirmação de autores que defendem que incesto entre pai e filho é algo raro, sustentando sua crença de que seja o tipo de abuso mais comum sofrido por meninos. Já Gartner (1999), ao contemplar também os casos raros de abusos por mulheres, afirma que nenhum dos homens por ele tratados havia sido abusado apenas por desconhecidos e, de acordo com os dados do SINAN, 97% dos casos dos abusos de crianças são perpetrados por pessoas próximas a elas (MS, s.d). Ademais, a análise de todos os casos denunciados pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul, entre 1992 e 1998, indica uma conclusão semelhante: o agressor, em 98,8% dos casos, era do sexo masculino, em 57,4%, era o pai da vítima e, em 37,2% dos casos, era o padrasto ou o pai adotivo (Azevedo, Habigzang, Koller & Machado, 2005).

Além disso, restringir o foco sobre abusadores que são homens importantes para os meninos violados também leva em conta, principalmente, o processo constitucional da identidade masculina, ponto central de nosso estudo seguindo a tese de “*Paradojas...*”, pois, além do poder da traição e da alta incidência: “Vítimas de incesto cometido pelo pai ou pelo irmão parecem apresentar uma identidade ainda mais difusa, vaga e problemática.” (Dorais, 2011, p. 110, tradução nossa) Nesse sentido, ressaltamos nosso posicionamento de que o abuso sexual de meninos, na maioria perpetrado por homens que ocupam uma figura paterna, é indissociável de uma relação cuja fratura, provocada pela violência, tem consequências profundas sobre a identidade masculina do menino, sendo impossível discriminar entre os efeitos do ato em si dos efeitos de ser o sedutor-agressor quem é. São meninos traídos, então, devido à subversão justamente por parte de quem deveria ser o transmissor e legitimador do ingresso a uma ordem segundo indicará a tese de Bleichmar em “*Paradojas de la sexualidad masculina*” (2006). São meninos traídos e, possivelmente, roubados em seu direito de serem meninos, rapazes e homens donos de virilidade, sendo o agente dessa traição justamente aquele que deveria promover a ascensão do menino ao exercício de sua potência.

Tendo delimitado nosso enfoque, indicamos, por fim, que nisto jaz o posicionamento radical que deflagra a relevância de nosso estudo: afirmamos a necessidade de elaborar, a partir da metapsicologia, uma teorização psicanalítica “sexual”¹³ acerca dos efeitos do abuso sexual,

¹³ Com essa ênfase redundante, queremos destacar que, em vez de privilegiar os aspectos adaptativos, como poderia ser o caso da proposta de uma mudança cultural que alivie o sofrimento dos homens abusados na infância, nossa análise favorece o ponto de vista do sujeito atravessado pela sexualidade e pelo inconsciente, elementos medulares da psicanálise que subvertem qualquer função adaptativa, não se alinham às demandas da

enquanto traição de um homem especial para o menino, sobre a constituição da masculinidade. Tendo o inconsciente como paradigma, pretendemos lançar luz sobre aspectos da complicada relação entre abuso sexual e identidade masculina inexplorados pelos pesquisadores norte-americanos guiados por vieses muito distintos desse que propomos. Ademais, visamos a trazer esse tema à tona, no contexto brasileiro, inclusive ao denunciar a existência desse tabu, que ainda goza das regalias de ser ignorado, e começar a rachar a superfície do silêncio em torno do menino e do homem vítimas de abuso sexual. Promover isso sem que, contudo, o sofrimento desses sujeitos seja legitimado, unicamente, pela afirmação contraditória de que são vítimas de uma cultura que não admite que homens sejam vítimas é, também, nosso intento arrebatado.

Contudo, nesse trajeto teórico que nos propomos percorrer, será preciso atravessar um longo trecho em águas turvas. A realização desse estudo deu-nos a convicção de que, em torno do tema da identidade e do traumático, cristalino é apenas o fato de que não há enunciado simples ou delimitação nítida e que, mesmo avistada, trata-se de uma terra que aparenta características e fronteiras misteriosas. Por isso, enquanto pesquisadores nessa situação, procuramos reafirmar o propósito de não nos deixarmos seduzir por explicações simplistas e harmônicas (ainda que, algumas vezes, precisemos recorrer a certos reducionismos e divisões didáticas inevitáveis para a apreciação do problema). Esse canto muito tentador parece ter levado as embarcações de desbravadores às rochas, ao anular, juntamente com a angústia de não aportar em terra firme, o ímpeto de descobrir que os fizeram zarpar. Indo de encontro a isso, nossa intenção é a de nos deixar provocar por tantas reticências e conflitos teóricos, ainda que tal atitude nos leve a enunciados incômodos, incompletos e, mesmo, incongruentes em algumas situações. Acreditamos que mais importante é esperar que, de um ponto aparentemente insuficiente, em algum momento mais propício, será possível seguir viagem, pouco a pouco. O *setting* analítico onde, constantemente, somos desafiados a manter nossa pulsão epistemofílica diante de um material de difícil compreensão e a própria complexidade e aparente incoerência, tanto da masculinidade, quanto dos efeitos do trauma, testemunharam sobre a importância dessa postura epistêmica.

Nessa atitude, começamos por reconhecer que a vivência de um abuso sexual não pode ser vista como uma experiência universal compartilhada por cada menino submetido a essa violência. Ademais, também é completamente equivocado, ainda que não seja raro, atribuir a

cultura e que denunciam o contrassenso de fazer desta o bode expiatório do problema da identidade masculina após o abuso sexual.

identidade de um sujeito ou grande parte dela unicamente a seu histórico traumático. Afinal, nesse contexto, estamos nos referindo a um longo e complexo caminho, da constituição do sujeito à constituição da masculinidade, que, por um infortúnio, foi atravessado por um grave traumatismo. Por isso, um estudo que articule abuso sexual e constituição da identidade masculina deve contemplar o cenário mais amplo que abriga toda essa construção identitária e, a partir de suas vicissitudes, apreender os efeitos do traumático.

Sendo assim, começaremos nossa jornada pelo capítulo 1, **A identidade masculina enquanto constituição**, no qual problematizaremos a teoria clássica freudiana sobre o masculino enquanto uma formação linear ao argumentarmos, a partir os fundamentos sustentados pela teoria da sedução generalizada proposta por Jean Laplanche, que a constituição do sujeito não pode ser dissociada de uma posição feminina primordial. Partindo daí, indicaremos que, ao contrário do efeito de uma gênese, a identidade masculina está condicionada a um processo de constituição em que o menino, para voltar-se em direção ao pai e ascender à posição sexuada masculina, precisa primeiramente desvestir-se da feminilidade característica dos primórdios da constituição psíquica.

No capítulo 2, **A incorporação da masculinidade**, apresentaremos a tese central de Silvia Bleichmar em *“Paradojas de la sexualidad masculina”* (2006), obra paradigmática no desenvolvimento teórico desta dissertação, enfocando as vicissitudes em torno do processo constitucional da identidade masculina que a autora divide em três etapas. Contemplando o caráter essencialmente paradoxal do “tornar-se homem” no qual, segundo defende Bleichmar, o menino deve incorporar o pênis paterno em uma relação com o pai significada como homossexual, apresentaremos relatos de rituais e costumes históricos e contemporâneos que endossam essa tese. Além disso, abordaremos a especificidade e a importância da relação entre o filho e pai do período pré-edipiano à adolescência, indicando também as marcas deixadas pela insuficiência da relação com o pai ou da figura paterna “falida” aos olhos do menino. Por fim, levantaremos questões sobre o que consideramos um possível impasse teórico e suas implicações na apreciação dos conflitos identitários dos homens: a homossexualidade como aparente antagonista da masculinidade na tese desenvolvida em *“Paradojas...”*.

Já no capítulo 3, **Traumatismo: o lugar e o tempo da traição**, nos deteremos na investigação sobre como a especificidade da traição na forma do abuso sexual paterno-filial é traumática, retomando alguns modelos do trauma na obra de Freud e propostas de autores

pós-freudianos. Procuraremos lançar luz sobre o lugar e o tempo do acontecimento traumático e sobre a sedução enquanto ataque sexual caracterizado pela traição por parte de um homem que, para o menino, representa um modelo identificatório.

Por sua vez, no capítulo 4, **O embaraço e a afinidade entre trauma e masculino**, continuaremos a discussão iniciada no capítulo anterior enfatizando, porém, a importância da “estrutura” que antecede ao ataque sexual assim como os abalos sobre ela subsequentes ao acontecimento traumático. Abordaremos como a incidência do traumatismo produz efeitos psíquicos, isto é, mais precisamente, como opera o traumatismo em relação ao que já havia posto no psiquismo. Então, por fim, nos deteremos em questões em torno de como o processo constitucional da masculinidade poderia “receber” a traição considerando, nesse encontro, tanto as vicissitudes desse intrincado processo quanto as peculiaridades do traumatismo psíquico.

Finalmente, no capítulo 5, **Meninos traídos**, apresentaremos fragmentos de uma autobiografia, de relatos clínicos de R. Gartner e depoimentos colhidos por M. Dorais de homens abusados sexualmente na infância. Os seguimentos desses materiais serão agrupados de acordo com os temas que se mostraram proeminentes na elaboração teórica dos capítulos anteriores, mas todos servindo, em última instância, ao intuito de iluminar a questão fundamental: como poderia o abuso roubar o menino traído do núcleo que sustenta sua identidade, isto é, da certeza “sou homem”?

CAPÍTULO 1: A IDENTIDADE MASCULINA ENQUANTO CONSTITUIÇÃO

*“Quando eu estava pra nascer
De vez em quando eu ouvia
Eu ouvia a mãe dizer:
‘Ai meu Deus como eu queria
Que esse cabra fosse homem
Cabra macho pra danar’”*

Trecho de “Homem com H”, de Ney Matogrosso

1.1 A condição identitária do ser humano

Dar os primeiros passos na elaboração deste estudo que se dedica ao tema da identidade masculina significa evocar uma questão bastante elementar: como pode o ser humano que, segundo as premissas da psicanálise, nasce desprovido de uma identidade inata comandada por um esquema instintual, constituir, enfim, sua identidade? É de uma indagação semelhante a essa de onde parte o artigo *“Identity and Sexuality”* (1977) que, com profundidade, apresenta valiosas ideias. Nesse texto, Heinz Lichtenstein, psicanalista alemão radicado nos Estados Unidos, aborda o “problema da identidade” na teoria psicanalítica até a ocasião da escrita do artigo e publicação original – isto é, o início dos anos 60 – e retoma alguns aspectos da obra de autores que, bem ou mal, marcaram o pensamento psicanalítico hegemônico nos Estados Unidos naquele contexto.

Em sua maioria adeptos da chamada Psicologia do Ego e orientados pelo chamado “processo de separação-individuação” de Margareth Mahler, grande parte das teorizações dos psicanalistas citados por Lichtenstein (1977) orbitavam em torno da relação precoce mãe-bebê, mais especificamente da questão sobre como, partindo dessa “unidade dual”, a criança poderia tornar-se um sujeito separado e dono de uma identidade. Porém, ao resumir a discussão do importante Encontro Anual da Associação Americana de Psicanálise de 1957

sobre “Problemas de Identidade”, Lichtenstein (1977) demonstra que a questão sobre de que modo o ser humano adquire representações de si mesmo é complicada e controvertida. “Eu”, “Self”, “Ego”, “Identidade de *self*” e etc. indicam a falta de coesão entre conceitos múltiplos para um mesmo fenômeno e manifestam a divergência quanto ao que seria, enfim, a identidade. Para alguns, tratava-se da “consciência” ou “senso de *self*”, enquanto outros, diferenciando a capacidade para permanecer o mesmo diante das mudanças (identidade) da consciência que se tem dessa continuidade (senso de identidade), sinalizavam a possibilidade de se conceber a identidade como domínio inconsciente.

Para Lichtenstein (1977), parte desse embaraço deve-se à própria dificuldade para definir a natureza da relação precoce mãe-filho. Se essa experiência, tanto do ponto de vista do bebê quanto do inconsciente da mãe, é de que os dois são um só, deve-se concluir que o bebê passa por uma fase anobjetal ou pode-se afirmar que, desde os primórdios, as relações de objeto se presentificam? Esse problema que, limitado à psicanálise, enraíza-se sobre a questão do narcisismo primário, remete, por sua vez, a outro que extrapola as fronteiras do campo psicanalítico, ou seja, à filosofia ocidental e a sua relação com a ciência. Mais especificamente, o autor se refere à revolução cartesiana que, ao separar sujeito (*res cogitans*) e objeto (*res extensa*), embasa a pergunta relacionada ao problema do narcisismo primário e, logo, também à identidade: de que modo o sujeito pode perceber o objeto ou, ainda, de que forma a realidade exterior adentra a realidade interior do sujeito?

Na teoria psicanalítica, “identificação” é um conceito que busca responder a essa questão (Lichtenstein, 1977). Também com esse intuito, muitos teóricos se apropriaram da identificação para apreender a importância da relação com o objeto primário, a mãe, na formação da identidade e relacionaram a separação à identificação, ou seja, o processo de individuação ao momento da emergência da identidade nos seres humanos. Afinal, se há um estado de simbiose que é preciso ser superado para tornar-se um indivíduo, poder-se-ia pensar que somente após a introdução da ruptura da unidade mãe-bebê é que se estabeleceria, baseado na relação sujeito-objeto, o processo de identificação com a mãe. Todavia, Lichtenstein (1977) destaca que essa lógica firmada no modelo cartesiano não é útil para a compreensão desses fenômenos da mesma forma que o conceito de identificação representa um impasse para a resolução do problema da identidade. Se é com a separação que se estabeleceria a identificação e esta, por sua vez, seria o meio que o sujeito teria para formar sua identidade ao introjetar aspectos do objeto, nos deparamos com a conclusão contraditória

de que o sujeito se torna ele mesmo na medida em que busca ser como outra pessoa, ou seja, como a mãe.

Por isso, o autor propõe que a condição primordial para a identidade humana estaria na própria unidade simbiótica mãe-bebê e não no processo de separação que a ela encerra. Se o ser humano não tem esquema instintual em que apoiar sua identidade, é justamente em sua longa dependência do outro adulto que está a sua fonte: “Eu vejo a resposta a essa questão no ‘*imprinting*’ de uma identidade na criança humana pela mãe.” (Lichtenstein, 1977, p. 78 tradução nossa)

Essa tese é elaborada descrevendo uma polarização dentro da unidade mãe-bebê a qual abrigaria um organismo total circundante e o bebê, que seria um órgão dessa totalidade. Ora, um órgão dentro de um organismo é tanto “separado” quanto “simbiótico”: o bebê é um com a mãe, mas simultaneamente há um reconhecimento da parte com o todo. Além disso, um universo simbiótico assim descrito não pode ser enquadrado em termos cartesianos de sujeito e objeto, pois descreve o órgão de um organismo que tem uma identidade segundo a função que exerce e integra dentro deste. Rompendo com o impasse que o paradigma cartesiano impunha ao avanço deste tema, eis que a mãe e seu inconsciente, ao fazer do bebê o objeto de satisfação de seus desejos inconscientes, atribui uma função-órgão à criança, sendo essa função primária o núcleo do qual emergiria a identidade humana.

A criança é o órgão, o instrumento para a satisfação das necessidades inconscientes da mãe. *Dentre as infinitas potencialidades dentro do bebê humano, a combinação de estímulos específica emanando da mãe singular “libera” uma, e apenas uma, forma concreta de ser esse órgão, esse instrumento.* Essa identidade “liberada” será irreversível, e assim compelirá a criança a encontrar meios e formas de conceber essa identidade específica que a mãe lhe imprimiu¹. (Lichtenstein, 1977, p. 78, tradução nossa)

Essa breve referência à elaborada revisão e contribuição de Lichtenstein neste artigo serve como importante norteador de nossa investigação, porque afirma o elemento constante que agrega e orienta nosso estudo sobre a identidade: a função, a ação e a marca do outro como causadoras do processo de *constituição* do sujeito e *constituição* da identidade masculina. Vejamos, nas palavras do autor, como esse paradigma é estabelecido:

¹ Isto é, no original, “*imprinted upon it*”.

mesmo que não possamos, estritamente falando, nos referir a um impulso antes que haja uma identidade funcional, contínua, organizacional, existe uma responsividade corporal inata, uma capacidade, provavelmente mais desenvolvida no infante humano que nos animais, para responder ao contato com outra pessoa com uma qualidade específica de excitação somática que não é um impulso, já que não possui direção, mas que é o inato pré-requisito para o posterior desenvolvimento de um impulso. *Essa responsividade ao contato corporal . . . é provavelmente ressaltada pelo interesse emocional da outra pessoa em provocar essa excitação somática específica, o que poderíamos chamar da intenção sedutora de outra pessoa.* Podemos hesitar em usar a palavra sedução para não conjurar fantasmas da teoria da sedução, mas se tomarmos o conceito da sedução em um sentido mais amplo, ele sugere a incitação por uma pessoa da centelha de desejos de outra, desejos que, sem essa investida, poderiam, talvez, nunca, ou ao menos não nessa forma, ter emergido no objeto de estimulação. . . . Poderíamos chamar de sexual essa responsividade, porque ela é que forma a matriz do desenvolvimento sexual posterior. (Lichtenstein, 1977, p.118, tradução e grifo nosso)

Apesar das diferenças devido à proximidade de Lichtenstein à Psicologia do Ego, como apresentou detalhadamente Paulo César Carvalho Ribeiro (1993), é a semelhança de sua proposta com o pensamento desenvolvido posteriormente por Jean Laplanche que salta aos olhos. Com a elaboração da Teoria da Sedução Generalizada, mesmo sem debruçar-se com afinco sobre o tema da identidade ao longo de sua obra, Laplanche procurou refutar as teorias inatistas e endogenistas da sexualidade reafirmando, tal como vimos ter feito Lichtenstein, a primazia da alteridade na constituição do sujeito.

Em linhas gerais, Laplanche defende que a situação antropológica fundamental em que o bebê humano, completamente incapaz de garantir sua sobrevivência, depende dos cuidados de um adulto, garante a relação assimétrica na qual, em todo povo ou cultura, um adulto clivado e provido de inconsciente, implanta na criança, dona de um corpo biológico excitável e da “responsividade” de um psiquismo em vias de constituição, conteúdos sexuais desligados. A situação originária de todo ser humano seria, portanto, a confrontação do mundo da criança com o mundo adulto – o qual não se define objetivamente, mas por uma linguagem, ou mensagens paralinguísticas, dos gestos e dos afetos (Laplanche, 1988).

Na medida em que estas mensagens, comprometidas com a sexualidade infantil do adulto, são transmitidas e seu caráter enigmático interpela o bebê, também o corpo deste se excitaria, perderia a linearidade do biológico e sofreria uma dupla invasão: a enxurrada de significantes provenientes do *exterior* e o corpo que a ela responde produzindo excitações que o invadem do *interior*. Procurando responder a essa invasão da sexualidade do outro e traduzir seu

conteúdo enigmático é que o sujeito psíquico se constituirá. Afinal, a fundação do inconsciente, pela operação do recalçamento originário, surge do imperativo de se delimitar espaços psíquicos distintos que se refiram aos resultados dos processos tradutivos: os restos não metabolizados do trânsito afetivo sexual do infante com a mãe não podem ocupar o mesmo locus psíquico que mensagens enigmáticas traduzidas. Como afirma Silvia Bleichmar (2010), sobre a imposição dinâmica do traumatismo:

Si hablamos de choque y de efracción, empezamos a hablar de algo que tendremos que llamar de una tópica: espacios donde algo entra y algo tiene que salir; es decir, si algo se choca es porque algún tipo de cuerpo entra en choque. . . . El traumatismo, entonces, tiene que ser de alguna manera ubicado en su relación con una tópica, con un aparato psíquico donde tiene que haber lugares en los que se inserte y en los cuales algo se efraccione. (p.20)

No caso do trauma nas origens do sujeito, a separação de diferentes tópicos, Eu e Inconsciente, no psiquismo antes homogêneo e sem barreiras é um marco que subjaz a formação do aparelho mental e, conseqüentemente, a instauração do trabalho psíquico. Por isso, ao destacar o papel sedutor do adulto na fundação da tópica inconsciente, do Eu e, enfim, do próprio sujeito humano, Laplanche estabelece a primazia da alteridade, resgata a teoria da sedução e seu papel paradigmático e estabelece a relação primeira da criança como traumática e fundante (Laplanche, 1988).

Então, tanto a partir de Lichtenstein quanto de Laplanche, a sexualização precoce da criança pelo adulto que dela cuida, mostra-se como uma condição identitária primordial do ser humano. Porém, mesmo que esse posicionamento rompa com a ideia de um endogenismo autosuficiente em que tudo parece pré-determinado do sujeito em relação ao objeto, não afirma, com a primazia da alteridade, um puro exogenismo. É preciso reconhecer a “distância produtiva” (Bleichmar, 2014) entre o psiquismo da criança e do adulto que o constitui, ou seja, abordar o modo com que as mensagens enigmáticas, marcadas pela sexualidade do adulto, são metabolizadas pelo sujeito – ainda que o adulto também participe fundamentalmente da metábole². Em outras palavras, a identidade não é uma simples implantação realizada pelo outro, da mesma forma que, segundo Bleichmar (2014), o conceito

² Segundo Bleichmar (1994), no processo tradutivo e metabólico também o outro terá papel essencial, pois a mãe tem a função “duplo comutador”, isto é, além de enviar mensagens de sua própria sexualidade inconsciente, deve propiciar, exercendo seu “narcisismo transvasante”, a ligação, tradução e metabolização desse conteúdo, fatores determinantes no sucesso do processo de formação do aparelho psíquico.

de metábole denuncia que não é a fonte da pulsão que está no outro, mas as condições de instalação da pulsão por meio das inscrições no psiquismo da criança feitas pela invasão pulsional do adulto.

Enfim, inauguramos este capítulo alinhando-nos à concepção do pensamento laplancheano de que é a implantação traumática a condição *sine qua non* para a clivagem das tópicas psíquicas e, por conseguinte, da constituição do sujeito e de sua identidade. Por isso, a sedução precoce exercida pelo outro, bem como sua função de auxílio na tradução, será o ponto de partida e o pano de fundo de toda a nossa elaboração teórica, apesar de não esgotar, em si mesma, a questão identitária. Entendemos que estabelecer uma distância produtiva entre a intervenção do outro e a construção do sujeito é privilegiar as formas de metabolização dessa imposição externa as quais serão protagonistas no processo constitucional e nas constantes re-significações ao longo da história significativa do sujeito. Assim, abrimo-nos aos processos subsequentes do sujeito constituído e à presença sedutora da alteridade, que permanece interpelando o sujeito após a sedução originária, e nos indagamos: quais são os conteúdos essenciais que colaboram para a constituição de uma identidade sexuada?

1.2 Impasses da teoria clássica à compreensão da masculinidade

Sigmund Freud é digno do mérito de ter apresentado a ideia revolucionária de que há relativa independência entre feminilidade/masculinidade e sexo biológico, ou seja, de que não nascemos nem homem nem mulher. Ao mesmo tempo, entretanto, não é incomum que o pai da psicanálise seja acusado de ter atribuído uma determinação biológica inexorável para os sexos. Essa dualidade no trabalho de Freud é, segundo Dana Breen (1998), resultado da tensão intrínseca ao tema da constituição de uma posição sexual desejante masculina ou feminina, que envolve corpo, anatomia, fantasia e símbolo, e não necessariamente de uma confusão teórica freudiana, motivo pelo qual as divergências e o debate ainda persistem tantas décadas após a morte de Freud.

Com efeito, esse desencontro que deixa arestas na teoria pode ser considerado coerente com a marca da sexualidade. Vemos que, nos tão importantes “Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade” (1905), Freud inicia sua sequência expositiva com o ensaio sobre o que denominou “As aberrações sexuais”. Tomando certa liberdade analítica, é possível considerar que sua intenção ao fazer isso era a de primeiramente intrigar o leitor em relação às práticas sexuais desviantes para apenas depois, quando sedento por explicações para esses

comportamentos rejeitados socialmente, apresentar-lhe a tese escandalosa do segundo ensaio e, com ela, quem sabe, satisfazer-lhe em alguma medida. O fato é que a sexualidade infantil perverso-polimorfa surge como solução, ainda que pouco palatável: presente em todos, quem diria, é ela a mãe de todas as primeiramente apresentadas “aberrações”. Portanto, é interessante notar que, se o leitor inadvertido pensa que Freud começou sua exposição pelo caos, abordando as “mazelas” dos homens, mais adiante compreenderá que o que aparece como “desvio” na vida do adulto bem é, na verdade, uma organização, um arranjo melhor ou pior sucedido do caos genuíno que o precedeu na infância. Logo, deflagrar a sexualidade infantil não significou apenas um recuo temporal indicando que a sexualidade estava presente muito antes do que se imaginava, mas um “estilhaçamento” da sexualidade que não está nem submetida à genitalidade nem ao instinto (Monzani, 2014). Por isso, é a partir de Freud que entendemos que a sexualidade de um adulto, podendo aparentar unidade e coerência “normais”, é:

produto de uma história complexa cujo destino é difícil de prever enquanto está em processo. O saldo pode chegar a ser um modo de subjetivação feminino ou masculino, mas tal resultado não está garantido. Mesmo que suceda, isso pode acontecer à revelia das considerações anatômicas e, ainda, dos ideais culturais. Há um abismo entre sexualidade e sexuação, bem como entre sexuação e heterossexualidade. (Miguel, 2012, p.19)

Na obra freudiana, é a partir do reconhecimento da diferença genital que tem início mais definido esse percurso de subjugar a desorganização da sexualidade infantil em direção aos ideais de organização que se condensam na masculinidade e na feminilidade. Contudo, mais do que simplesmente uma constatação, o que está em jogo é o significado assumido pela diferença e, por conseguinte, masculino e feminino não são apenas referenciais específicos do desenvolvimento do menino e da menina, mas são frutos do modo singular com que cada sujeito significa a diferença quando esta se faz conhecer. Por essa razão é que, para a teoria psicanalítica ortodoxa, um menino pode ter um desenvolvimento feminino se renuncia a seu pênis pelo medo desmedido da castração e uma menina pode ter um complexo de masculinidade se mantiver a crença fantasiosa de que possui um pênis (Breen, 1998). Consequentemente, feminilidade e masculinidade aparecem relativamente independentes do sexo anatômico em um jogo que opõe e combina o real da diferença anatômica à significação singular a ela atribuída. Vemos, então, que o fundamento que Freud descreve é, na verdade, mais anatômico que biológico, uma distinção bastante relevante.

É a anatomia que determina o cataclismo que inicia a organização psicológica, formadora da masculinidade e da feminilidade. A anatomia é dada, e cada sexo precisa lidar com o significado específico que ela tem, em cada caso. O que não é dado é o modo como cada indivíduo vê sua anatomia. E o modo como cada indivíduo vê sua anatomia influenciará o curso de sua psicosexualidade, sua escolha de objeto, homossexual ou heterossexual Para Freud, não há sexualidade natural; é sempre psicosexualidade, sempre uma construção relativamente independente da biologia. Se “a anatomia é o destino”, quer dizer que a diferença sexual precisa, inevitavelmente, ser considerada. A diferença anatômica, não por si só, mas através do significado que assume, determinará as relações objetais. (Breen, 1998, p.13)

Portanto, a objeção apresentada por alguns de que a teoria de Freud descreve uma determinação biológica inevitável para o ser humano merece ressalvas. Ainda assim, é inegável que Freud recorra à biologia, especialmente à filogenética, com a intenção de solucionar impasses em seu desenvolvimento teórico, aspecto que fica bastante claro no recurso à bissexualidade constitucional. Mesmo na segunda tópica, especificamente no texto “O ego e o Id” (1923), quando as ideias sobre narcisismo, identificação e Édipo já não eram incipientes e em que a sexuação aparece fundada sobre as identificações primárias e edípicas que constituem o superego, a bissexualidade ainda se apresenta com um peso decisivo. Por conseguinte, historicizar a masculinidade e a feminilidade não correspondeu a livrá-las desse quantum constitucional, isto é, desse parâmetro em que a maior proporção inata de masculinidade ou de feminilidade determinará a tomada de um destino e não de outro nesse processo de significação. Em outras palavras, podemos compreender a permanência desse recurso à bissexualidade originária pela falta, até aquele momento, de um fator determinante na tomada de um caminho na bifurcação das duas identificações e das duas escolhas de objeto – além de que é ela que determina que o Édipo representa sempre duas versões simultâneas, positiva e negativa (Miguel, 2012).

Por outro lado, depois de “O ego e o Id”, o Édipo terá a castração como função que inclina a balança para um determinado lado sem a necessidade de recorrer à bissexualidade. A castração já era um conceito bastante presente na obra freudiana e, inclusive, como vemos na análise do material do pequeno Hans publicado em 1909, já associado ao Édipo. No entanto, não era ainda um complexo e o patrimônio edípico que se tornaria. Após 1923, a castração passou a definir as angústias que impulsionariam menino e menina tanto em direção a um dos pais como, também, à renúncia da dissolução do complexo – uma noção que, sem recorrer à bissexualidade, explica de forma coerente os destinos masculino ou feminino, homo ou heterossexual na resolução do conflito edípico (Freud, 1924/2006).

Dessa forma, o complexo de castração passa a ocupar um papel central na compreensão freudiana da sexualidade masculina. A significação dada pelo menino de que ele possui algo que foi roubado da menina o deixaria livrado ao terror de perder o que possui, caracterizando o que se chamou angústia de castração. A fobia de Hans (Freud, 1909/2006) é analisada por esse prisma uma vez que os vestígios da angústia deixados pelo recalco insuficiente da figura do pai castrador são ligados à figura dos cavalos dos quais o menino passa a ter pavor. No artigo sobre Leonardo da Vinci (Freud, 1910/2006), acontece a primeira menção à possibilidade de que a feminilidade (ou, eventualmente, a masculinidade), enquanto modo de subjetivação, seja decidida por um caminho exclusivamente psíquico, isto é, a via da identificação (Miguel, 2012). Nele, a homossexualidade é apreendida pelo ponto de vista da presença/ausência do pênis, seja em que o pássaro, símbolo maternal, tem um genital masculino, expressão do desejo e da teoria sexual infantil de que a mãe é fálica; seja no fato de que os meninos aceitam as diferenças de gênero como diferença de sexos, interpretada como consumação da ameaça de castração que resulta no horror à mulher, que pode levar à impotência, à misoginia, à homossexualidade, ao fetichismo e etc.. Também a análise do material publicado pelo presidente Schreber (Freud, 1913/2006), mesmo fora do corpo teórico da neurose, não se distancia dessa lógica. O delírio, que avança do de perseguição ao de grandeza, mostra que a fantasia de desejo feminina passa a ocupar o lugar central e o pai muda de proibidor a propiciador do gozo. No conflito de um psiquismo em vulnerabilidade extrema, a identidade de Schreber, sua sexualidade, perde seus contornos e a antes temida ameaça de castração paterna é acolhida na fantasia de ser transformado em mulher.

Sem dúvida, a castração é um conceito imprescindível para a obra freudiana sobre a sexualidade e sobre a masculinidade, seja nas psiconeuroses ou nas neuroses narcísicas. Freud propôs uma teoria da masculinidade baseada na contiguidade entre anatomia e representação, ao contrário da identidade feminina que, precisamente, se funda na descontiguidade, isto é, no fato de que para *ser*, uma mulher precisa atravessar o *desejo de sê-lo*. O homem nunca aparece no caminho incerto à masculinidade, pois o que se sustenta é a predominância anatômica como modelo sobre o qual se ela se desenrola, a tal ponto que Freud não defende em momento algum a troca de objeto no homem, mas um objeto permanente e a conservação de zona erógena, implicando em uma correspondência incontornável entre o psicosssexual e o anatômico. Por isso, enquanto a mulher precisa ganhar algo para fazer-se mulher, o homem apenas teme perder, sem que jamais entre em questão o que deve adquirir – daí, novamente, o caráter estruturante da castração para masculinidade no freudismo. O que se destaca, então, é

que enquanto a feminilidade abriga uma dualidade em seu âmago, a sexualidade masculina pode apoiar-se em uma unidade aparentemente sem oposição (Breen, 1998).

Nem mesmo a relação primordial do menino com sua mãe representou, para Freud, um impasse para a coesão masculina ou trouxe à tona os desafios, para além do temor de ser roubado da posição masculina aparentemente presente desde sempre, que um menino precisa atravessar para tornar-se homem. Segundo Bleichmar (2014, p.301), “La idea de Freud es: ternura de la madre, autoridad del padre, constitución de la sexualidad masculina” e, por isso, a asserção freudiana é de que a recordação infantil da ternura materna e de outras pessoas do sexo feminino apenas contribuem em apontar a eleição do menino em direção à mulher, sendo que é perigoso o envolvimento temporário com o pai, pois o desvia do objetivo proposto. Enfim, a preexistência da masculinidade manifesta-se pela escolha de objeto sexual que o liga à mãe (a partir do seio nutrício) e pelo predomínio de uma posição ativa (Freud, 1905/2006).

Por ser assim, durante mais de um século as perguntas em torno da masculinidade foram obturadas pela convicção, alicerçada no cerne da teoria freudiana, de que a masculinidade não reservava grandes interrogantes – e é da crítica a esse entrave que Silvia Bleichmar lança as bases para o desenvolvimento de sua tese em “*Paradojas de la identidad masculina*” (2006). Para Bleichmar (2014), muito se escreveu sobre o problema da constituição sexual feminina e muito se discutiu sobre o caráter falocêntrico da teoria freudiana, deixando a psicanálise carente de uma teoria da constituição sexual masculina³. A masculinidade como manutenção, do nascimento à morte, da mesma zona e do mesmo objeto, só pôde conceber o surgimento de fantasmas femininos como reflexo da bissexualidade constitutiva, dos aspectos femininos reprimidos, inconscientes, presentes de maneira “natural” no psiquismo de todo ser humano. Uma convicção desse tipo se mostra no fato de que, uma leitura simplista dos “Três ensaios...” levou muitos a considerar que, pelo polimorfismo infantil, acompanhado da hipótese da bissexualidade, a criança antes da puberdade é bissexual (Bleichmar, 2006). Ademais, por se supor o caráter ativo da masculinidade como originário, um “fato dado”, restaria investigar apenas a evolução e desenvolvimento de seu conflito central e linear: a possibilidade de perder o órgão fálico e suas implicações narcísicas. Durante todo esse período, o mistério do “continente negro” é que afirmava a pertinência das indagações, de modo que na prática clínica:

³ Como destaca Bleichmar (2014), não há nos dicionários de Roudinesco ou no de Laplanche e Pontalis verbetes sobre sexualidade masculina, mas o tema da masculinidade surge tangencialmente aos que tratam sobre conceitos como bissexualidade e homossexualidade.

mientras el material recogido en análisis de mujeres es inmediatamente generalizado y trabajado en función del intento de construir una teoría de la feminidad, no ocurre lo mismo con los análisis de sujetos masculinos, y que una grande parte de lo que de ellos surge con respecto las vicisitudes de una subjetividad en proceso, sin que generalizaciones ni revisiones teóricas sean puestas de relieve. (Bleichmar, 2006, p. 15)

Entretanto, a teoria naturalista da masculinidade como processo linear orientado pela conservação de objeto primário e de zona erógena não passou livre de contradições (Bleichmar, 2014). Segundo Freud (1905/2006), a libido e a sexualidade tanto da menina quanto do menino têm um caráter totalmente masculino a princípio, ou seja, a libido, por seu caráter ativo, seria masculina. Essa noção, contudo, entrará em contradição com a afirmação posterior de que, nos primeiros tempos de vida, o bebê é passivo por receber cuidados da mãe e, também, com a indagação sobre o caráter ativo da pulsão que também procura metas passivas. O impasse epistêmico do caráter ativo e originário da masculinidade e a negação de que se trata de uma identidade que perpassa um processo constitutivo começa a se mostrar.

O fato é que, à medida que as teorizações psicanalíticas abandonavam o foco restrito sobre as questões edipianas para contemplar os aspectos da vida do bebê e da relação com o objeto primário, a teorização de um desenvolvimento da masculinidade mostrava os desvios teóricos impostos para manter essa suposta linearidade. Possivelmente, isso não tenha passado despercebidamente a Freud já que, após a descoberta da importância dos fenômenos pré-edipianos para a feminilidade, sugeriu que a fase pré-edipiana dos meninos também devesse ser investigada, ainda que ele mesmo não tenha se disposto a fazê-lo. Essa tarefa, realizada principalmente por seus discípulos que privilegiaram a relação primordial entre mãe e bebê, levou a descobertas iluminadoras, mas é um processo recente. Segundo Breen (1998):

Enquanto o questionamento dos papéis e estruturas sociais, nos anos 1960, teve muita expressão verbal e colorida no movimento feminista e na discussão da sexualidade feminina, essa mudança para um reconhecimento da importância da fase pré-edipiana nos homens foi parte de uma revolução mais silenciosa, em incubação, cujas sementes tinham sido lançadas antes dos anos 60, levando a uma reviravolta completa na compreensão da masculinidade. Essa compreensão se desenvolveu, a partir dos anos 60, das maneiras que seguem. Primeiro, enquanto os autores dos anos 1930 começaram a perceber a difícil tarefa que o menino teria de enfrentar em função da necessidade de mudar seu objetivo de passivo para ativo (Payne), após os anos 60 os psicanalistas passaram a perceber a *maior vulnerabilidade do menino em termos do desenvolvimento de sua identidade masculina, devido ao envolvimento inicial com a mãe*. Esta opinião foi antecipada, de certa forma, pela discussão da homossexualidade

de Leonardo da Vinci, por Freud, que ele relaciona a ausência do pai. Mas, enquanto Freud considerava a ausência do pai em termos da situação edipiana, os psicanalistas se concentravam, agora, em processos de formação da identidade. (p.37)

Ademais, segundo a autora, o outro elemento que proporcionou essa transformação foi que:

o papel do pai mudou, na conceituação do desenvolvimento masculino. A relação positiva com o pai (descrita como “complexo de Édipo negativo” ou “ligação homossexual”) havia sido vista por muitos autores anteriores principalmente como ameaçadora para o desenvolvimento da sexualidade masculina. . . . O pensamento recente enfatiza o oposto. Klein já havia descrito como uma imagem positiva do pênis do pai, como órgão bom e criativo, é precondição da capacidade de o menino desenvolver seus desejos edipianos positivos. (p.38)

Uma melhor compreensão da bissexualidade e da importância da relação inicial com a mãe, tanto no menino quanto na menina, criou, além da simplicidade aparente, uma concepção muito mais complexa e diferenciada da sexualidade masculina. Esse movimento de valorização dos primórdios do psiquismo do bebê para a compreensão da sexualização deu ocasião a três importantes descobertas que se chocaram com os estudos psicanalíticos sobre o masculino até então (Breen, 1998). Primeiramente, a relação inicial do menino com a mãe não seria a menos ambivalente de todas as relações tal qual considerava Freud, mas abriga tons variados de agressividade; ademais, além de ser mais conflituosa que se imaginava, impõe ao menino a difícil tarefa de lidar com anseios passivos em relação ao objeto primário. Por fim, alguns autores passaram a entender que existiria uma fase feminina inicial, com anseios sexuais do menino dirigidos ao pai.

Ainda que, diante dessas novas perspectivas, jamais tenha havido consenso entre os psicanalistas em relação à masculinidade, o que parece ser um ponto forte de convergência é a constatação da fragilidade da identidade masculina (Breen, 1998) que, se compreendida fora da lógica da castração, poderia significar um distanciamento abismal da teoria psicanalítica clássica. A masculinidade teve que abandonar seu lugar coeso e pronto para mostrar os mistérios de sua “história complexa”, isto é, o traçado incerto e tortuoso do caos da sexualidade perverso polimorfa até a organização sexual mínima do sujeito que tem como núcleo de sua identidade a certeza subjetiva “sou homem”. Trilhando esses novos caminhos, autores chegaram a afirmar que o desenvolvimento do menino pode ser, inclusive, *mais* difícil do que o da menina. Aliás, tal afirmação, após tantas décadas submetidas ao engano, não soa completamente aceitável? Pois, como afirma Bleichmar (2006), as mulheres estão sujeitas a serem categorizadas, serem melhores ou piores, sem, contudo, jamais deixarem de serem

mulheres. Já os homens, ao menos no imaginário social ou segundo seu próprio sistema de representações, estão sob o risco de deixarem de serem homens e precisam, constantemente, demonstrar que o são.

A teoria da sedução generalizada, tal qual proposta por Laplanche e apropriada por seus discípulos, dentre os quais destacamos Silvia Bleichmar, promove uma perspectiva que contraria a concepção freudiana da masculinidade, completamente atrelada à presença do pênis – e, conseqüentemente, permite entender as vicissitudes da masculinidade muito além da castração. Afirmar o papel da alteridade na constituição do sujeito, ou seja, não apenas o enfoque nas relações primordiais do bebê, mas a presença de um outro sedutor como trauma fundante do psiquismo, implica em denunciar os impasses da masculinidade segundo modelos de psiquismo resultante de uma realidade endógena ou puro reflexo da realidade exterior. Afinal, a sexualidade masculina resulta de um complexo movimento de arranjos e re-significações que atravessa diferentes estratos da vida psíquica, assim como uma forte incidência cultural e ideológica. Mostra-se, então, imprescindível que seja atribuído a cada elemento da constituição da identidade sexual o seu peso específico. Não há caminho pré-determinado começando na pulsão parcial, no polimorfismo, e passando pela fase fálica e pelo Édipo como desdobramentos encadeados que levam à ascensão identitária:

la identidad sexual, los rasgos atribuidos al género, la elección sexual de objeto, la curiosidad fálica, el goce genital, no forman parte de un continuo ni si manifiestan en una línea de articulación por sumatoria, ni dependen uno del otro. Cada uno de ellos debe ser remitido a sus propias determinaciones, cada uno juega como causa eficiente en la adquisición del otro, pero sin que ello implique que se puedan ordenar genéticamente. (Bleichmar, 2006, pp. 106-107)

A situação antropológica fundamental, que denuncia o advir do sujeito pela implantação da sexualidade através do outro, reforça essa alternativa que procura reparar equívocos da obra freudiana de que a sexualidade, sem qualquer programação instintual ou sem rastros de inatismo, não possui um percurso linear e sequer há como prever seu destino. É sempre diante da alteridade que esses processos devem ser compreendidos, afinal, é ela quem implanta a sexualidade e, depois, acompanhando o desenvolvimento físico e cognitivo da criança que responde às estimulações, traduzindo e metabolizando auxiliada pelos adultos, provoca as diferentes manifestações da sexualidade que o olhar desatento pode atribuir à organização em fases previamente estabelecidas. Em outras palavras, defender a importância cabal da

alteridade na constituição do sujeito é afirmar também sua marca sobre a sexualidade e sua função na metabolização e transformação do conteúdo.

Entretanto, apesar das confrontações antropológicas, dos estudos de gênero e das contradições que se arrastam no campo da psicanálise os quais impõem novas perspectivas para se abordar os processos de constituição da masculinidade, a prática clínica por vezes permanece submetida a uma teoria sexual que concebe uma evolução de alguma forma endógena da masculinidade. Em “*Paradojas de la sexualidad masculina*” (2006), pedra fundamental sobre a qual se estrutura a proposta deste trabalho e o desenvolvimento de nossa pesquisa sobre os impactos do abuso sexual de meninos sobre sua identidade masculina, Silvia Bleichmar se propõe a enfrentar os efeitos provocados por essa prática. A proposição central da autora, que será descrita detalhadamente no próximo capítulo, parte justamente do argumento de que é um antigo engano considerar que, pela presença do pênis atrelada à teoria da castração⁴, a sexualidade masculina não passa por uma constituição. Para a autora, reduzir a questão da identidade sexual à castração:

es diluir el descubrimiento fundamental del psicoanálisis: el hecho de que la identidad se constituye como un articulador defensivo antes de que la significación de la diferencia se instale en el sujeto psíquico. Es también perder de vista que el cuerpo de la madre, antes de ser cuerpo “carente de pene”, es receptáculo, continente, espacio habitable y habitado, cuya piel simbólica define las condiciones de toda identificación posible. (Bleichmar, 2006, p.203)

Partindo desse ponto de vista, abrindo mão da masculinidade como fato dado, torna-se possível, enfim, contemplar os conflitos dos homens e a fragilidade da masculinidade como um processo de constituição que perpassa contradições e paradoxos que a deixam legada à fragilidade. Essa é a proposta de Bleichmar em “*Paradojas...*”. Porque se percebe que “la verdadera virilidad es diferente de la simple masculinidad anatómica, de que no es una condición natural que se produce espontáneamente por una maduración biológica, sino un estado precario o artificial que los muchachos deben conquistar con mucha dificultad” (Gilmore, 1994, citado por Bleichmar, 2006, p.42). Com essa convicção, podemos avançar.

⁴ Além disso, segundo a argumentação de Bleichmar (2006), esse paradigma freudiano clássico afeta, inclusive, a compreensão dos conflitos dos meninos diante do abuso sexual: “Que el niño varón tema a la pasivización a la cual puede ser sometido por el abuso sexual en una cultura en la cual éste se ha vuelto cotidiano, no puede resumirse como un nuevo modo de la angustia de castración. La ecuación pene-virilidad es un punto de partida, no de llegada, que se despliega de múltiples formas en una sociedad en la cual, para aludir a la fórmula freudiana hoy vigente, dinero-potencia.” (p.16)

1.3 A importância da identificação feminina para a sexualidade masculina

“Reafirmo e celebro o antigo mistério e fascínio da mulher. Vejo a mãe como força esmagadora, que condena os homens a toda uma vida de ansiedade sexual, da qual eles escapam por meio do racionalismo e dos feitos físicos.”

Trecho de Personas Sexuais, de Camille Paglia (1992)

Se o entrave epistêmico da teoria freudiana fez com que, décadas após a morte de Freud, somente o desbravamento do “continente negro” parecesse digno do empenho dos psicanalistas, para Bleichmar (2006), faz-se necessário superar tal obstáculo e reparar os prejuízos por ele deixados na compreensão da masculinidade. Contemplando os desafios que o menino enfrenta muito antes do Édipo, a autora considera até mesmo que não há permanência de objeto no caso do menino, ainda que, como afirma Freud, o menino retenha seu objeto primário no Édipo: a grande diferença seria que, mesmo sendo sempre a mãe, não se trata da mesma mãe. O objeto da pré-história do complexo de Édipo, dono de toda a completude, não é o mesmo que se tornará em objeto de desejo a partir do reconhecimento da diferença anatômica. Para o menino, o primeiro momento coloca em jogo a dialética vida e morte, uma vez que perder o amor da mãe representa sua expulsão de um universo de proteção, e não a castração e suas implicações narcísicas referentes a outra ordem. Já quando descobre a diferença anatômica e a significa com a teoria de castração feminina, o objeto materno perde seu status anterior, fato que leva à identificação e eleição amorosa do objeto. Portanto, entre um momento e outro, há um elemento que não pode ser ignorado: a grande derrota narcísica que modifica profundamente o objeto mãe e, por conseguinte, o próprio menino. Além disso, nessa passagem descontínua, ainda que os atores envolvidos, mãe e filho, sejam os mesmos, soma-se ainda a entrada de um terceiro na relação antes dual que promove uma profunda e nova contextualização e re-significação.

El objeto ha variado, su estatuto ha cambiado, no hay continuidad marcada por la ambivalencia y por la intervención de otra variable que, habiendo estado presente desde los comienzos de la vida, no cobra realmente significación hasta ese momento tanto para la niña como para el varón: el padre sexuado. (Bleichmar, 2006, p.20)

Certamente, essa intervenção do pai acontece por meio do rastro libidinal deixado pela mãe: “Os anseios libidinosos passivos, que são a princípio satisfeitos pela mãe, na fase pré-édipiana, formarão a pré-história da ligação positiva com o pai, que é uma ligação ‘feminina passiva’ ou ‘homossexual’ (complexo de Édipo negativo)” (Breen, 1998, p. 34), aspecto que retomaremos mais adiante neste capítulo. Primeiramente, apreciemos a questão da formação do rastro libidinal em si. É justamente por reconhecer que o corpo dessa mãe dos primórdios, “antes de ser cuerpo ‘carente de pene’, es receptáculo, continente, espacio habitable y habitado, cuya piel simbólica define las condiciones de toda identificación posible” (Bleichmar, 2006, p. 203) que nasceu um movimento relativamente recente na psicanálise que sustenta a relevância determinante da relação mãe-bebê. Assim, uma nova onda se sobrepôs à teoria clássica com produções que passaram a enfatizar essa interação mais precoce do *infans* como ponto de articulação fundamental das elaborações psicanalíticas tanto sobre os processos de constituição psíquica quanto sobre a etiologia das patologias. Assim, as identificações que precedem o estabelecimento da diferença sexual puderam ser devidamente contempladas, reconhecendo o momento dessa identificação originária que lança a teorização fantasmática sobre o enigma que se estenderá à localização na bipartição feminino-masculino e na diferença anatômica entre os sexos.

Reconhecer o papel e a importância da identificação feminina na sexualidade masculina, não apenas como ameaça à masculinidade, mas, também, como positiva para o equilíbrio intrapsíquico, tem sido uma linha de desenvolvimento mais recente fundamental (Breen, 1998). Certamente, um marco desse movimento foi “As origens femininas da sexualidade” (1996) de Jacques André. Lembrando que Freud atribui ao pai sedutor a histerização-feminilização do filho ao afirmar, em suas correspondências com Fliess, “*Infelizmente, meu pai era um desses perversos e provocou a histeria de meu irmão caçula e de algumas das irmãs menores*”, André (1996) levanta e desenvolve a hipótese de que o abandono por Freud da teoria da sedução estaria ligado à recusa da feminilidade precoce. Por essa razão, prefere o termo “recalcamento” em vez de abandono para referir-se à exclusão da sedução da teoria psicanalítica. Ademais, paralelamente, Paulo de Carvalho Ribeiro (2000), denunciando a “duplicação de um fenômeno constitutivo do inconsciente na própria elaboração da teoria freudiana” (p. 5), evidencia o recalcamento da identificação feminina e do desejo de castração na obra de Freud.

A partir disso, ambos autores desenvolvem teses com um fundamento comum. Para André (1996) a feminilidade estaria na origem da sexualidade de todo sujeito e seria ela, como a

representação dada *a posteriori* ao estado de passividade e penetrabilidade radicais do bebê diante do adulto, o recalcado por excelência. A tese de Ribeiro (2000), afirmando a “afinidade intransponível” entre sedução originária e feminilidade e, também, a identificação primária da criança com a mãe, descreve uma identificação feminina primária que “funciona como uma formação narcísica ainda hesitante entre a unificação e a dispersão, mas ainda assim capaz de organizar parcialmente um auto-erotismo inteiramente marcado pela ação traumática e invasiva da sexualidade inconsciente do adulto sobre a criança.” (Ribeiro, 2000, p.47) O autor não ignora o problema de uma identificação como essa, ou seja, referente a um período marcado pela dispersão, e propõe a solução pela substituição da fórmula clássica de conceber a identificação como “eu me identifico” para a “eu sou identificado”. Assim é que a identificação passiva, participante da unificação do Eu, ganharia, por essa invasão estruturante do outro, uma qualidade feminina.

Estamos nos referindo, portanto, a uma sexualidade que se funda exclusivamente pela intervenção de um outro sexuado, clivado e dono de inconsciente, a qual, por sua vez, é essencialmente caracterizada por essa “modalidade” de intervenção sedutora, apassivadora e traumática. Consequentemente, é esse fato que supre a insuficiência de critérios biológicos, sociológicos e psicológicos para explicar o surgimento da sexualidade que, em sua origem, não é nem masculina nem feminina. Porém, a significação dada *a posteriori* a esse período muito precoce no qual o par masculino-feminino passa a corresponder às posições do sujeito, ativo-passivo, evoca para o menino uma ameaça de feminilização, uma vez que o coloca em um lugar passivo de gozo ou em busca de um gozo de fim passivo:

La pasividad originaria hacia la madre pulsante de los primeros tiempos de la vida se resignifica, *a posteriori*, cuando el sujeto se estructura como tal y se produce la conversión que lo torna de pasivo en activo hacia un objeto, que, de todos modos, ya no es el mismo en la medida en que está atravesado por la diferencia anatómica. (Bleichmar, 2006, p. 40)

Freud (1920/2006b), apesar de reconhecer a insuficiência do produto desta reação, afirma que a decantação dos conceitos de masculinidade e feminilidade nos leva inevitavelmente ao produto “par ativo-passivo” – ainda que isso seja contraditório em sua obra pelo fato de que o primeiro tempo do bebê (enquanto ser passivo) implica que não há posição masculina como ponto de partida. Nesse sentido, ao comentar a obra “*El presidente Thomas Woodrow Wilson, un estudio psicológico*”, escrita por Freud em parceria com Bullit e não incluída nas obras completas, Bleichmar (2014) assevera que:

Es al revés de lo que ha venido formulando desde el comienzo, respecto de que la posición de partida es la masculina y que el terror del hombre es perderla. Ahora, lo que propone es que tanto varones como niñas son pasivos de inicio – en lo que yo coincido totalmente – en el sentido de que quedan capturados por el otro. Y dice: “el niño es cuidado e acariciado, guiado por sus órdenes y castigado por los mismos. La libido del niño se descarga, primero, en estas relaciones pasivas”. (p.120)

A ideia de que há um momento primordial de passividade radical possibilita considerar que o menino pode ser passivo em relação à mãe ou ao pai, rompendo com a concepção de que o menino tem uma atitude masculina em relação àquela e feminina em relação a este e, por conseguinte, de que a relação do menino com a mãe é afirmadora da masculinidade. Segundo Bleichmar (2014), importa compreender que a questão em jogo é posicional, ou seja, “como se coloca el sujeto ante el amor” (p.121) e, por isso, valoriza o resgate do par ativo-passivo como recurso relevante para a sexualização, mas sob a perspectiva que privilegie sua relação com o outro em geral, isto é, amar e ser amado, e não com a genitalidade.

Partindo dessas teorizações, denuncia-se novamente o equívoco de Freud (1905/2006) ao considerar que, no menino, a preexistência da masculinidade manifesta-se pela escolha de objeto sexual que o liga à mãe e pelo predomínio de uma posição ativa. Ao contrário disso, com efeito, a masculinidade deve ser *constituída* em um processo, aliás, extremamente complexo. Poderíamos dizer de um modo simplista e didático que o menino, tendo como ponto de partida uma posição feminina fundamental que constitui o recalcado por excelência, precisa *desvestir-se* da feminilidade com a qual *foi identificado* em um primeiro momento para, então, *incorporar* a masculinidade e ascender à posição de exercê-la. É exatamente essa lógica que desenvolveremos do restante deste capítulo até o capítulo 2.

1.4 “Despir-se” do feminino

Apesar de o pai deixar importantes vestígios de sua presença no processo de constituição psíquica de seu filho (Bleichmar, 2006), é a relação com a mãe, a feminilidade, a passividade e a identificação feminina primária que se mostram proeminentes nesse primeiro momento. Vemos a força desse estágio quando Bleichmar (2006) chega a afirmar que a presença maciça da mulher, da mãe, provoca uma fascinação pelo corpo feminino, não no sentido de possuí-lo enquanto sujeito masculino, mas de dele se revestir, ter como seu. A manifestação do desejo de ser mulher de alguns meninos não teria a princípio, segundo a autora, qualquer relação com orientação sexual, mas pode levar à renúncia da anatomia viril antes mesmo que o objeto de

totalização narcísica, a diferença entre os sexos, esteja em jogo. Diante desse cenário, como é que, quando enfim ultrapassado esse estágio, pode o menino ser impulsionado em direção à masculinidade, especificamente, impulsionado a uma identificação com o pai que, agora, deve deixar as coxias e ocupar o centro do palco?

Esta primera etapa de pasividad marca dos caminos diferentes para el niño y la niña. El varón deberá pasar de pasivo a activo con una mujer que, en razón de eso, habrá cambiado de “sexo”. Esto implicará un *cambio tanto de zona como de objeto*, a diferencia de lo que nos acostumbramos a pensar en psicoanálisis como patrimonio de la niña. En razón de ello, el ejercicio de represión de la pasividad insumirá un enorme esfuerzo que tornará más marcados los caracteres de una latencia que fue considerada por el psicoanálisis como patrimonio de todos los seres humanos y cuya instalación en la niña es relativa. (Bleichmar, 2006, p.240)

Pois bem, se a marca identificatória primordial é feminina, é imprescindível que o menino possa se desfazer desse revestimento para, então, recobrir-se de masculinidade. “Despir-se” do feminino é necessário porque o masculino é, segundo Monique Schneider (2003), antes de tudo, uma negação do feminino, da feminilidade primária. Os homens aprendem quase sempre o que não podem ser para serem masculinos, antes de aprender o que podem ser e, logo, é comum que a entrada na masculinidade seja definida simplesmente como “o que não é feminino” (Schneider, 2003). Além disso, a alegoria do feminino como vestimenta ou revestimento mostra-se de acordo com o pensamento Schneider (2003) segundo quem, pela proximidade metafórica entre a pele e a representação de um revestimento materno originário, aquela teria uma significação feminina que, por sua vez, delimita uma identidade arcaica⁵. Por essa razão:

si el ser masculino tiene que ignorar el revestimiento cutáneo que lo envuelve, se torna necesario recurrir a una *epidermis solidificada y socializada* que interponga, entre el cuerpo y el ataque externo, el equivalente de una *piel inorgánica*. En Más allá del principio del placer, Freud hará además de la construcción de esta envoltura inorgánica, de esta “corteza” insensible, una necesidad para responder a la excesiva vulnerabilidad de todo ser viviente. A causa de un reparto socializado, ¿no está lo masculino específicamente encargado de encarnar lo que asume en todo ser humano una función defensiva?. . . la máscara ostentada por Don Juan quizás remite también a la prohibición que se le impone al hombre, prohibición que pesa, por lo menos, sobre una de sus imágenes socializadas: *recusar toda vulnerabilidad y confiar a la mujer la sensibilidad epidérmica*. (Schneider, 2003, p.38, grifo nosso)

⁵ Essa aproximação entre pele e feminilidade parece contrariar a teoria de Jacques André (1996) que, ligando feminilidade e sedução, relaciona a feminilidade com o *interior*.

Toda essa noção de desvestir-se da epiderme feminina como etapa essencial da constituição da masculinidade harmoniza com as estatísticas de que a maior parte dos transexuais são sujeitos anatomicamente masculinos que alegam ser do sexo feminino e de que o travestismo é uma prática quase exclusiva entre os homens – dados citados por Ralph Greenson (1998). Esse pesquisador estadunidense sentiu-se confrontado por essa realidade que se chocava com aquilo que se poderia prever a partir da teoria sobre a inveja do pênis e até mesmo do *status* social dos homens, especialmente levando em conta que conduziu suas pesquisas durante os anos 60. Assim, Greenson começou a investigar a origem do que lhe pareceu ser a insatisfação dos homens com a masculinidade e o desejo tão presente entre eles de ser mulher ou de ser feminino: “Cada sexo tem inveja do sexo oposto; porém, a inveja dos homens, escondida sob a fachada de desprezo, parece ser especialmente destrutiva para sua identidade de gênero.” (Greenson, 1998, p. 264)

A conclusão a que chegou o autor é de que o menino, para chegar à virilidade, tem diante de si a missão de substituir o objeto de identificação primário, a mãe, para, então, se identificar com o pai. Partindo da convicção de que todos formam na relação de objeto primário uma identificação-simbiose primitiva com a mãe, a proposta do autor alicerça-se sobre o conceito que propõe de *des-identificação* e atribui à dificuldade da tarefa de câmbio de objeto de identificação aos problemas enfrentados por muitos homens em relação à noção de pertencimento ao sexo masculino:

A menina também precisa se des-identificar da mãe para desenvolver uma identidade feminina própria, mas sua identificação com a mãe a *ajuda* a estabelecer sua feminilidade. Minha opinião é de que os homens sejam muito mais inseguros sobre sua masculinidade do que as mulheres sobre sua feminilidade. Acredito que a certeza das mulheres sobre sua identidade de gênero e a insegurança dos homens estejam enraizadas na identificação infantil com a mãe. (Greenson, 1998, p. 263)

O êxito na identificação com o pai dependerá, portanto, da condição que terá o menino de des-identificar-se da mãe, de forma que a identificação com o pai é, na verdade, uma contra-identificação. Voltar-se para o pai, contudo, depende da disposição da mãe em incentivar esse processo assim como dos motivos que o pai oferece ao filho para que o menino se identifique com ele.

Tendo estabelecido a importância do processo de afastamento do feminino simultâneo à aproximação do masculino, importa-nos ressaltar que a masculinidade não se resume ao

movimento defensivo em relação à identificação feminina. Despir-se do feminino, desidentificar-se, são processos fundamentais para nossa compreensão da constituição da identidade masculina⁶, mas é em “*Paradojas de la sexualidad masculina*” (2006) que encontramos o enfoque sobre a afirmação, ou seja, sobre o processo de introjeção da masculinidade, segunda parte do processo complexo de constituição da masculinidade que Bleichmar, em uma proposta didática, organiza em três tempos. Trata-se de que, passivizado nos primeiros tempos de vida pela mulher sedutora, tendo localizado-se dentre os elementos sociais e criado no núcleo egóico a certeza subjetiva de ser menino, o mesmo não poderia ascender à masculinidade senão através da incorporação fantasmática da masculinidade que abre os circuitos da masculinização em quanto *função* (Bleichmar, 2006). É em torno dessa etapa, fundamental à constituição da identidade masculina, que se desdobrará o capítulo 2.

⁶ Como veremos em detalhes adiante na descrição dos rituais de passagem dos Sambia da Papua Nova Guiné no capítulo 2, os meninos, antes de serem submetidos aos árduos ritos de incorporação da masculinidade, são, em um momento inaugural do processo, afastados da presença contagiosa da mãe que os impregnou com sua feminilidade a qual precisam expurgar através de sangrias e vômitos.

CAPÍTULO 2: A INCORPORAÇÃO DA MASCULINIDADE

2.1 *Diversidade e Diferença: do gênero à identidade sexual*

Retomemos “*Paradojas de la sexualidad masculina*”, mas, agora, destrinchando a tese desenvolvida por Silvia Bleichmar. Além de, como já tratamos, conceber a masculinidade como ponto de chegada do qual o sujeito pode ser destituído em vez de um simples efeito de uma gênese, a autora se propõe a enfrentar questões tais quais como se constitui, no menino, não apenas sua identidade de gênero, mas a *potência genital* que lhe dá o traço dominante da sexuação. No entanto, para abordar esse ponto nodal da constituição identitária de um menino, Bleichmar percorre primeiramente outro estágio que o precede. As primeiras identificações, prévias ao reconhecimento da diferença anatômica, incluem o processo de passividade radical a ser significado *a posteriori* com a emergência do sujeito e, também, um momento que coincide com a instauração da identidade de gênero. Localizar-se na bipartição feminino-masculino é um processo de articulação do Eu insipiente que, por sua vez, proporcionará a ele seu núcleo duro. Portanto, antes de abordarmos o paradoxo intrínseco à identidade masculina, “segunda etapa” do processo de sua constituição, será essencial elucidar esse momento primordial da identidade diante da feminilidade e da masculinidade e, para tanto, estabelecer a diferença entre gênero e sexo.

Segundo Bleichmar (2006; 2014), Laplanche retomou, em sua leitura de Freud, dois significantes propostos para apreender fenômenos de ordens distintas, *Verschiedenheit* (diversidade) e *Unterschied* (diferença), e neles reconheceu a oportunidade para articular a proposta sobre a instauração de uma lógica da identidade sexual, o gênero, que fosse anterior à eleição genital de objeto. A diversidade se aplicaria ao gênero, pois, não estando restrito ao campo de contrários, refere-se a inúmeras possibilidades: “diferencias culturales, sociales, bipartición de la vida social en la cual el niño busca un fundamento lógico al enigma de haber nacido hombre y mujer.” (Bleichmar, 2006, p. 33) Por isso, nos primeiros anos de sua vida, uma criança pode pensar que é menino segundo os organizadores de gênero que a cultura e a família oferecem, tal como vestir azul, e não rosa, brincar com carrinhos em vez de bonecas,

gostar de futebol e etc..¹ Então, a identidade de gênero, por localizar-se segundo referenciais múltiplos oferecidos culturalmente, constitui-se no domínio *diversidade* e em um momento em que a *diferença* – entre os sexos – ainda não emergiu como marca restritiva da pluralidade. Isso implica que, em um primeiro momento, a criança se localizará, a partir dos traços culturais do feminino e do masculino, como participante de um ou de outro e, assim, constituirá uma identificação de gênero completamente desinformada de sua *função sexual*.

No artigo “*Él género, el sexo, lo sexual*” (2006), Laplanche contempla essa questão contestando a suposta equivalência ou linearidade entre identidade de gênero e identidade sexual. A primazia da alteridade e a marca do sexual sustentam o postulado do autor de que a designação de gênero é parte da sedução e transmissão de mensagens “*socius*” que, para além das mensagens provenientes da manipulação do corpo do bebê, são carregadas de códigos e signos sociais. Desse modo, como fruto da relação inconsciente primordial entre pais e filhos, Laplanche sustenta que o vetor identificatório aponta do adulto para a criança, isto é, a constituição do sujeito perpassa uma identificação passiva em que o *infans* “é identificado”. Desse modo, o gênero antecederia a descoberta da diferença anatômica e o sexo que, por sua vez, viria traduzir e re-significar a identidade de gênero.

Portanto, a atribuição de gênero tem sido considerada por alguns grupos ideológicos crescentes como uma imposição violenta ao sujeito, mas o fato é que a identificação é sempre um forçamento e não existiria se não houvesse outro que a atribuísse (Bleichmar, 2014), tal como entendemos pela mudança do vetor da identificação de “me identifico” para “sou identificado”. Segundo Luis Hornstein (2009, p.91): “Há uma violência primária. São impostos ao *infans* uma escolha, um pensamento ou uma ação motivados no desejo daquele que o impõe, apoiando-se, no entanto, em um objeto que corresponde para a criança à categoria do necessário”. Nesse sentido é que, para Bleichmar (2006), a identificação tem um papel fundante que, além de reconhecer na criança um “idêntico ontológico”, humanizando-a, é o elemento que articula a criança, ao menos até este ponto da história da humanidade, com a

¹Uma vez que este trabalho é escrito em um momento social e político sensível às questões de gênero, mostra-se importante abordar a aparente arbitrariedade desses organizadores sociais de gênero e citar o que Bleichmar (2006), muito atenta às reproduções ideológicas que considera opressoras, afirma: “Que a un pequeño varón se lo vista de azul y a una niña de rosa es, por supuesto, una arbitrariedad cultural, pero esa arbitrariedad cultural funda una realidad que se sostiene en una concordancia con un *real preexistente*, así como la palabra “*mesa*” es una arbitrariedad que ofrece un soporte a la cosa.” (p.239 grifo nosso) Quanto ao mérito legitimador do que Bleichmar denominou “*real preexistente*” ou o que poderíamos chamar de uma discursividade que, há muito, nomeia, organiza e legitima determinadas práticas e definições, é importante compreender que, segundo a autora, a determinação é arbitrária simplesmente como tudo o que vem da cultura é arbitrário.

identidade sexual, como evidenciado pela importância do nome próprio que, por sua vez, tem sido indissociável da atribuição do gênero.

la existencia misma de la sociedad es imposible sin estos actos que consisten en distinguir, elegir, poner, reunir, contar, designar, el lugar específico en el cual un sujeto será emplazado, para que desde allí pude entrar en contradicción, rebelarse, poner en cuestión, los modos clasificatorios. (Bleichmar, 2006, p.214)

Por essa mesma razão, Bleichmar (2006) assevera que o que está em jogo na constituição da identidade de gênero é o que, resgatando a expressão de Lacan, chamou-se “significado ao sujeito”. Trata-se, portanto, de uma identificação mais específica que o emprego usual do termo – concebida como um mecanismo geral da vida psíquica tal como feito por Freud ao descrever os caracteres do trabalho do sonho que operam por similitude ou as vicissitudes transferenciais em que o analista é identificado com aspectos de figuras originárias. Seria preciso, segundo a autora, encontrar os nexos entre “identificar um objeto com outro” e “identificar-se” que compõem o conceito de identificação.

“identificación de un objeto con otro” es la operatoria ejercida por el otro humano cuando, reconociendo al niño como "idéntico ontológico", le abre la posibilidad de inscribirse en una propuesta identificatoria que lo humaniza. Por otra parte, porque el niño mismo identifica al yo propio con el del otro, mide las diferencias e inscribe las similitudes, y ello no desde la inmediatez de algún tipo de percepción inmanente sino través del recorrido de un sistema de enunciados que marcan su posibilidad de inscripción en las redes libidinales del otro. (Bleichmar, 2006, p. 27)

Uma vez que a identidade, partindo dessa identificação que vem de fora, está enraizada na alienação ao Outro, o processo de constituição de identidade demanda uma apropriação gradual que atravessará re-significações sucessivas. O tempo pré-genital, em que se estabelece a identidade de gênero, seria o primeiro, na proposta didática de Bleichmar que divide a constituição da masculinidade em três tempos, ou seja, um “momento constitutivo, identitário em sentido estrito, será el *sósten, núcleo yoico*, de las identificaciones secundarias residuales en tiempos posteriores.” (Bleichmar, 2006, pp. 28-29, grifo nosso) Esse momento coexiste com o polimorfismo perverso e orienta-se pelos sinais da cultura e pela identificação oferecida pelo outro que diz “você é menino” ou “você é menina”. Como já mencionamos, tudo isso acontece quando a criança ainda não foi capaz de compreender a *diferença* e, conseqüentemente, não foi advertida de em que localizar-se na *diversidade* implicará em

termos de exercício de sua sexualidade². Por essa razão, nessa etapa da constituição da masculinidade:

se la atribución de género es anterior al reconocimiento de la diferencia anatómica, *coexiste con la sexualidad pulsional sin obstaculizarla*. Se pueden sostener deseos pulsionales por el padre sin que esto entre en contradicción con el ser varón, pero un varón no puede vestirse de mujer sin entrar en conflicto con la identidad propuesta. (Bleichmar, 2006, p. 101)

Com efeito, o que está em jogo são apenas os sinais, os referenciais culturais do masculino e feminino, e não o que isso implica em termos de *função*. Por isso, o menino, na diversidade do polimorfismo pulsional, pode investir libidinalmente qualquer objeto sem que isso implique em um problema para sua identidade, mas não pode se apropriar de sinais sociais que a contradiga, afinal, é exclusivamente nisso que ela se sustenta até aquele momento. Desse modo, é equivocado atribuir o fato de um menino a partir dos 4 anos de idade se vestir de mulher ao polimorfismo, como se não tivesse qualquer relação com sua identidade: “Un niño sabe que és varón o mujer antes de tener alguna noción respecto la relación que implica esto con el placer sexual”. (Bleichmar, 2006, p. 239)

Apenas *a posteriori* a identidade de gênero terá sua “diversidade” re-significada pela emergência da “diferença” anatômica. Submetendo-se ao domínio da genitalidade, os traços da “diversidade” proporcionados pelos atributos que a criança recebe da cultura que o menino entende como masculinos ou femininos são redefinidos pela descoberta do menino de que há sinais no corpo que orientam essa divisão, isto é, por receber um caráter sexuado. Com isso, todavia, não se deve traçar paralelos entre sociologia-gênero e biologia-sexo, tal como equivocadamente propõe Stoller (Bleichmar 2006; Laplanche 2006). Afinal, assim como o gênero remete a um conjunto de crenças e atitudes transmitidas pelos adultos, também se constitui em paralelo com a ordem de realidade que é o corpo somático. Logo “la sexualidad, tal como la concebimos en psicoanálisis, no se reduce al ordenamiento de la identidad sexual ni a la biología de cuerpo, sino precisamente a ese ‘inter’ que el inconsciente establece entre lo somático y la cultura.” (Bleichmar, 2006, p.81)

² No entanto, ainda que as categorias de masculino e feminino sejam, nesse primeiro momento, independentes da diferença sexual anatômica, não deve ser desconsiderado, mesmo que difícil de “quantificar” sua relevância, que elas são propostas e impostas à criança pelo adulto sexuado que traz em si inscrita essa diferença (Bleichmar, 2006).

2.2 De pai para filho: o paradoxo fundamental da masculinidade

É imprescindível compreendermos que a passagem do primeiro tempo teorizado por Bleichmar, a instauração da identidade de gênero, para o segundo, o da identidade sexual, representa uma mudança significativa, aliás, nela jaz a tese axial da autora em “*Paradojas...*”. A apropriação de gênero, lançando as fundações do processo de constituição ativa da masculinidade em um momento menos defensivo devido à maleabilidade característica da diversidade, dá lugar aos conflitos característicos da polaridade imposta pela diferença, pelo binarismo da anatomia: ter pênis ou ter vulva (ou não ter pênis) e suas implicações diretas sobre as posições sexuais diante do objeto. Mas não é só isso. O fato é que a identidade de gênero, mesmo aportando traços secundários da masculinidade ligados aos modos de subjetivação que fornecem à criança elementos para se localizar como menino ou menina, não esgota a questão identificatória do processo de constituição da masculinidade. Mesmo re-significada *a posteriori*, a identidade de gênero não pode recobrir a identidade sexual porque se alicerça sobre os modos histórico-sociais de produção de subjetividade, os quais são insuficientes para apreender as articulações do desejo que é gerado entre os sistemas psíquicos. Isso significa que a sexualidade, seja ela pulsional ou de objeto, não se reduz nem à biologia e nem ao gênero ou às formas hegemônicas de representação social (Bleichmar, 2006).

Portanto, nessa “passagem” de re-significação gênero-sexo, não é apenas o novo sentido trazido pela diferença anatômica o que está em jogo – e, nisso, jaz um posicionamento muito caro à psicanálise. Quando a evolução é “estatisticamente usual” (Bleichmar, 2006), o menino se identifica com o pai que, apenas depois, será do mesmo sexo que ele, mas que, a princípio, era do mesmo gênero (Bleichmar, 2014). O reconhecimento da diferença anatômica eleva a questão a um contexto totalmente novo, seja em relação à função que a identificação terá (potência sexual, virilidade), seja em relação a como os desejos eróticos serão significados pelo Eu. A identidade de gênero, tendo localizado a criança na convicção “sou menino” sem apoiar-se na presença do pênis, lança o núcleo egóico para todas as identificações subsequentes, dentre elas, o processo de identificação com o pai. Logo, se o “status tópico” da identidade sempre se posiciona dentro das fronteiras do Eu, consequentemente:

esta identidad, sea cual fuere, es del orden de la *defensa*, en razón de que los enunciados que articulan la identidad yoica se caracterizan por la exclusión, no sólo de los elementos de diferenciación con respecto al exterior, sino también con respecto al

externo/interno del inconsciente. . . . El “soy mujer” o el “soy hombre”, núcleo de la identidad sexual, no sólo recoge los atributos del género sino que funciona como contrainvestimento, en particular, de los deseos homosexuales sepultados a partir de la represión de los elementos que acostubramos a considerar, siguiendo a Freud, como del orden de Edipo invertido. (Bleichmar, 2006, p.98, grifo nosso)

O fato é que a genitalidade, a *diferença*, inaugura um período fundamental e, ao mesmo tempo, uma situação conflituosa, da ordem da negação, porque integra à identidade sua função perante o objeto. Como veremos, a tese desenvolvida em “*Paradojas...*” não subsiste se a função é separada da identidade masculina, uma vez que o paradoxo jaz justamente sobre o revestimento da identidade de gênero de sua “funcionalidade” viril. A identidade sexuada mostra-se como um desenlace constitutivo que não pode ser dissociado de sua função sexual, ou seja, “quem eu sou” ou “sou homem” estão atrelados ao objeto, ao exercício da virilidade perante o outro³. Por isso, Bleichmar estabelece três etapas fundamentais no processo de constituição da masculinidade sendo que, entre o primeiro tempo, já descrito, em que se dá a instituição da identidade de gênero, e o terceiro, no qual se definem as identificações secundárias que formam as instâncias ideais ditando que “classe de homem” o menino deverá ser, se localizaria o momento intermediário fundamental em que se dá a passagem da *posse* para a *função*. Como comenta Bleichmar (2006):

La identidad sexual se sostiene en los rasgos de género, pero se articula con la sexuación, es decir, con el modo como estos rasgos forman parte del imaginario con el cual se resuelve el posicionamiento ante la sexuación, entendida en función de la diferencia anatómica. (p.111)

Enfim, a descoberta da diferença anatômica insere um elemento de re-significação da bipartição feminino-masculino, porém, tornar-se homem sexuada não se resume à descoberta de que se possui uma anatomia masculina harmoniosa com a construção elaborada quando ainda se estava dela desavisada. Ainda assim, defender que a presença do atributo real, biológico, no corpo do menino não é suficiente para construir sua masculinidade genital e potência fática, não deflagraria precisamente a castração. O que se evidencia nesse contexto, segundo Bleichmar (2006), o desejo de brindar com potência e prazer o objeto, isto é, poder oferecer seu pênis como objeto de completude.

³ Apresentamos um aprofundamento dessa afirmação sobre a integração entre identidade masculina e posição perante o objeto no tópico 2.7.

Este é o elemento fundamental por trás das três etapas em que Bleichmar (2006) divide a constituição da masculinidade: entre a primeira, “ser homem” (gênero), e a terceira, localizar-se entre as “categorias de homens”, será preciso que o órgão masculino seja revestido de uma potência que legitime o sujeito como homem sexuado, dono de um pênis a ser oferecido ao objeto. Em outras palavras, tornar-se homem é um encadeamento que se alicerça fundamentalmente nesse estágio intermediário – posterior à identificação de gênero e anterior à identificação com o supereu paterno e com os ideais, herdeiros do complexo de Édipo – em que se dá a articulação que viabiliza o exercício da masculinidade. Sustentar a imprescindibilidade desse momento que sucede a apropriação de gênero significa destacar a diferença fundamental entre o objeto valorizado da diferença anatômica, que se converte em investimento fálico do pênis, e a sua função genital como órgão potente a ser oferecido e não apenas exibido (Bleichmar, 2006). Diante desse desejo de ascensão a uma posição viril que excede a presença/ausência do pênis é que Bleichmar chega à tese axial de “*Paradojas...*”: a de que o menino precisa, em uma relação de amor com um homem, ter seu pênis investido de potência genital por meio da incorporação anal do pênis desse homem.

A solução que a autora propõe se alicerça sobre o modelo da identificação. Se todo processo identificatório remete a uma introjeção como apropriação simbólica e fantasmática do objeto do qual o outro é o portador, o menino só poderia, tendo em vista a identificação prototípica do seio, receber o pênis de um homem que o torne sexualmente potente a partir de uma incorporação: “El prototipo de toda identificación es el pecho: soporte libidinal del intercambio apropiatorio con el semejante. ¿Cómo podría recibir el niño el pene de un hombre que lo torne sexualmente potente si no fuera a partir de su incorporación?” (Bleichmar, 2006, p. 35) Nesse percurso lógico, Bleichmar (2006) afirma que esse processo fundamental à identidade masculina se desdobraria em duas partes: a incorporação anal fantasmática do pênis do adulto, “estatisticamente o pai”, e a legitimação da eficácia desse revestimento de virilidade e do valor do pênis que porta o “infantil sujeito” no olhar da mãe, complexa articulação entre a valorização da mulher do pênis do homem e de sua relação com o do filho⁴. Claramente, é apenas sobre a primeira que a autora realmente se debruça, procurando contemplar as vicissitudes da transmissão de potência que confirma a masculinidade e possibilita seu exercício, mas que, ao operar-se, lega a masculinidade para sempre ao

⁴ Procuraremos indicar, em alguns dos casos de homens abusados descritos no capítulo 5, que, apesar da falha já estar na primeira parte do processo, ou seja, a que envolve o pai, a desconsideração da mãe em relação à potência fálica do menino pode ter um papel muito importante na desconstrução de uma identidade já extremamente frágil.

fantasma da homossexualidade. Eis, então, o paradoxo: é as custas da incorporação do pênis paterno que se instaura a posição viril e, também, pela significação que o Eu lhe atribui, a angústia homossexual predominante nos homens.

Por essa perspectiva, aspectos importantes da teoria clássica não se sustentam sem modificações. Entendemos que a identificação sexuada do menino, parte fundamental da constituição da masculinidade, é não apenas inconcebível sem o desejo pelo pai, mas também profundamente conflituosa e distante da simplicidade proposta que reduz a lógica à presença do pênis. Por conseguinte, a suposta linearidade dos processos identificatórios masculinos é problemática também por engessar o papel do pai como rival. O pensamento de Bleichmar (2006) indica ser preciso ampliar as qualidades dessa “presença inquietante” e da relação que envolve filho e pai já que são as monções amorosas e eróticas daquele em direção a este que, sublimadas, definem o caminho da identificação do menino, impensável se restrito ao puro antagonismo da rivalidade. Isso denuncia que ao paradoxo clássico da sexualidade masculina “ser como o pai como sujeito sexuada e não ser como o pai enquanto possuidor da mãe” (Freud, 1923/2006) se soma outro: não sendo possível identificar-se com um puro rival, é pelas correntes ternas e eróticas do filho em relação ao pai que está a possibilidade do menino ascender a uma posição masculina sexuada revestida de potência e legitimada ao exercício da sexualidade.

Afirmar que a identificação com o pai suplanta, em muito, a rivalidade, implica em um modo muito diferente de conceber o processo identificatório do menino. Citando a asserção de Freud no texto *“El presidente Thomas Woodrow Wilson, un estudio psicológico”* (1973) de que “Viéndose igualmente incapaz de matar a su padre o de someterse totalmente a él, el niño encuentra una salida que se aproxima a la eliminación del rival y, sin embargo, elude el asesinato. Se identifica con él”, Bleichmar (2014) contrapõe-se à essa ideia de via única, uma vez que não poderia haver identificação sem ambivalência, isto é, sem o amor.

Lo que yo veo – y todos vemos lo mismo – es que si el padre no es amado, no hay manera que se ejerza la ley. Esto no pasa solo por la aceptación de la madre: pasa también por la posibilidad de que el padre se ofrezca como objeto de amor al niño. (p.126)

O menino precisa crer na bondade do seu órgão genital masculino e, também, na do órgão de seu pai e, dessa forma, não ter sua confiança no pai bom mitigada pelo medo do pai castrador. Assim é que ele poderá tanto se permitir experimentar desejos em relação à mãe quanto

desenvolver a tendência edípica simultânea homossexual (Breen, 1998), ou seja, envolvido em uma relação de uma riquíssima complexidade, inclusive do pai que se oferece como objeto de amor, que não deve ser empobrecida com um olhar unidimensional:

O pai edipiano é, por definição, o pai restritivo e punitivo. . . . Nunca houve dúvida de que esta imagem do pai é incompleta e enganadora, pois sabemos que o pai típico também reconhece e incita a auto-afirmação de seu filho pequeno; ser imitado pelo filho enche o pai de orgulho e alegria, assim como a exuberância fállica, narcísica e exibicionista do menino. (Blos, 1998, p.58)

Portanto, se na obra freudiana a disputa do menino edipiano com seu pai, uma combinação de ódio mortal, pavor e admiração, ocupa lugar emblemático dos conflitos enfrentados pelo masculino, na proposta de Bleichmar em “*Paradojas...*” é ainda na relação com o pai que o conflito paradigmático da masculinidade se encontra, mas em um sentido consideravelmente distinto. Tendo articulado gênero e sexo, os desejos eróticos do menino já não estão legados à diversidade e, então, o reconhecimento da genitalidade inaugura o conflito entre os traços de identidade e os desejos pulsionais do menino, o obrigando, na maioria das vezes, a renunciar e a sepultar no inconsciente as representações dessas modalidades de desejo. Por isso, o enlace que começa desde os cuidados precoces que o pai dedica ao filho e sobre os quais se inscreverão os atuais desejos eróticos pelo pai são re-significados *a posteriori* pelos fantasmas de masculinização, classificados pelo Eu como homossexuais e, logo, adquirem caráter profundamente conflitivo (Bleichmar, 2006). Em resposta ao paradoxo de precisar incorporar o pênis paterno, símbolo de sua virilidade, para ter o exercício de sua própria autorizado, o menino rechaçara esses desejos e fantasias significados como homossexuais e se sentirá para sempre assombrado por eles.

Deparar-nos com esse paradoxo no âmago da constituição da masculinidade nos conduz a conclusões importantes. Quando Freud afirma “La hostilidad hacia el padre es inevitable para cualquier niño que tenga la más mínima pretensión de masculinidad.” (1973 citado por Bleichmar 2014, p. 129), deixando de fora a via erótica de envolvimento com o pai que proporciona a ambivalência fundamental à identificação masculina, elabora uma proposta que evita essa conclusão pouco harmoniosa a que chegamos. No entanto, ao mesmo tempo, afirmar o paradoxo é nos livrar das amarras de antigos equívocos como, por exemplo, da convicção de que é o excesso de amor do menino em relação à mãe favorece a homossexualidade. Bleichmar (2014) esclarece que: “es una burrada pensar que se trata de exceso de amor a uno y no a otro – no importa; . . . hay una enorme cantidad de personas

homosexuales que tienen un profundo rechazo hacia su madre e un amor profundo por su padre” (p.131). Enfim, entender que nem o amor e nem o desejo pelo pai devem ser temidos como impasses – fazem parte do paradoxo constitucional –, significa romper com diversas amarras na compreensão dos conflitos masculinos na clínica psicanalítica⁵. Inclusive, segundo Bleichmar (2006), não é raro detectar no *setting* variadas manifestações desse fantasma que reflete o desejo de ser atravessado pelo pênis transmissor de “potência virilizante”:

En la mayoría de los casos se trata de un pene anónimo, incluso recortado del cuerpo del otro, pero que genera la fantasía de permitir modos más eficaces, más perfectos de goce, paliando la angustia por la propia insuficiencia respecto a la satisfacción de la mujer, cuestión que constituye uno de los grandes fantasmas amenazantes, generalizados, de la masculinidad actual. La simpleza de interpretarlo como producto de una corriente homosexual –efecto de la bisexualidad constitutiva o de los aspectos no resueltos del deseo eróticos por el padre – no tiene en cuenta el movimiento estructural que representa. (p.68)

Além disso, a imposição desse fantasma sobre a identidade masculina, mostrando, também, seu tom persecutório no fato de demandar constante comprovação – pode ser percebida na fala de um paciente obsessivo que, muito vulnerável, procura terapia quando, meses após a morte do pai, enfrentava dificuldades para assumir as responsabilidades do trabalho e de conceber o primeiro filho junto à esposa. Já tendo seus trinta e poucos anos, ele sempre vestia camisetas que, mesclando elementos da cultura *pop* ou de seu campo de atuação, traziam uma mensagem jocosa que exigia algum raciocínio para ser acessada. Certa vez, contando-me sobre o sentido da camiseta que estava vestindo, disse-me ter visto alguém na rua com uma camiseta cuja mensagem achou muito interessante. Ele explica que: “*era uma sequência que mostrava primeiro um bebê, depois um homem adulto, um homem idoso e, no final, uma árvore; um atrás do outro*”. Perguntei a ele o que havia pensado sobre seu significado e ele me respondeu que só poderia haver duas interpretações: “*a primeira, uma mensagem de esperança, de que tudo se transforma, de que a morte não é o fim. Já a segunda, e a que acho mais interessante,*” – ele ri – “*é a de que, mesmo morto, homem que é homem tem que estar de pau duro!*”. Além da severidade desse imperativo sobre os homens e os fantasmas que os ameaçam, é profundo ver seu clamor ao pênis do pai que se foi de que, mesmo após a morte, possa permanecer fonte legitimadora da virilidade, da potência e da maturidade masculina que ele ainda lutava para se apropriar

⁵ E, como veremos no capítulo 5, será um farol a nos guiar na análise das crises identitárias dos homens abusados sexualmente na infância.

2.2.1 *Mas... por que incorporação anal?*

Abrimos, neste tópico, um breve parêntese no curso de nossa elaboração. Que fantasias de natureza homossexual, mais especificamente, envolvendo o órgão peniano, sejam comuns na análise dos homens é, de fato, coerente com a tese desenvolvida por Bleichmar, uma autora com grande desenvolvimento teórico, mas que sempre parte e se orienta de questões surgidas no *setting analítico*. Entretanto, um aspecto de sua proposta em “*Paradojas...*” é lançado como parte do enunciado principal sem, todavia, ser justificado. Nos referimos à afirmação de que a introjeção da masculinidade na relação do menino com seu pai se daria pela incorporação do pênis via anal. “Por que anal?”: essa foi a pergunta que nos fizemos e não há qualquer pronunciamento de Bleichmar a esse respeito na obra em questão.

Em busca de uma elaboração de sentido sobre essa suposta especificidade da expressão fantasmática do desejo do menino pelo pai, obviamente, fora de um diálogo real com a autora, vimos ecoar nessa tese parece pensamento de Jacques André em “As origens femininas da sexualidade” (1996). Segundo o autor, orientado pela teoria da sedução generalizada, a criança seduzida é uma criança-cavidade, orificial, feita assim pelo desejo do pai libidinal que, por sua vez, deixa vestígios. Nessa lógica, o pai sedutor introduziria a feminilidade precoce ao se intrometer e penetrar despertando a zona “cloacal” dos meninos, ou seja, o ânus; de forma que poderíamos indagar: seria essa uma zona mais facilmente ativada pela posição sedutora do pai, fazendo do ânus a via régia da incorporação do pênis?

Acreditamos ser uma hipótese viável. Ainda assim, até mesmo pelo fato de que Bleichmar menciona a incorporação anal apenas no enunciado de sua tese e se omite em relação a esse aspecto que nos parece tão intrigante, penso que seria reducionista entender que apenas a zona anal é o meio de incorporação nesse processo. Cada sujeito inserido em uma cultura específica e submetido a uma história única de libinização do seu corpo privilegiará a zona – ou as zonas – que a presença sedutora do pai evocar na criança-cavidade que há no sujeito. Aliás, o próprio relato antropológico mais contundente descrito por Bleichmar em “*Paradojas...*”, o dos Sambia da Papua Nova Guiné, que também apresentaremos no próximo tópico, descreve um ritual de incorporação da masculinidade bastante pobre em simbolismo e que, ainda assim, se manifesta unicamente por via oral.

2.3 “Confirmações antropológicas”

Tendo estabelecido a importância da ascensão sexuada do menino, que é diferente da apropriação de papéis sociais impostos pela cultura tal como proposto pelos estudos de gênero, é relevante indicar como essa passagem que funciona como legitimação adquire uma forma ritualizada em algumas culturas, algumas mais simbólicas, outras mais concretas. A constituição da masculinidade, mais especificamente sua transmissão-incorporação fantasmática, transparece, em diferentes graus de simbolismo, nos rituais rígidos ou nos costumes maleáveis que funcionam como provas que os jovens são submetidos para “se fazerem homens”. Em todo o mundo, não há dúvidas de que meninas serão mulheres – talvez, em nossa cultura, questione-se *que tipo* de mulher será. Já os meninos atravessam, como elucida “*Paradojas...*”, um caminho cheio de incertezas sobre sua identidade e, por isso, precisam ser testados como condição de atingirem se apropriarem da hombridade.

Trazendo essa questão para seu contexto cultural, Bleichmar (2006) cita o costume bastante usual na América Latina, há poucas décadas, em que o pai ou outro homem da família levava o menino púbere ou adolescente ao prostíbulo. Essa prática, como uma passagem não ritualizada, vai além da subjetividade do menino: serve de confirmação ao pai da sexualidade de seu filho e, conseqüentemente, da sua própria. A ascensão do menino à virilidade adquire uma função de travessia semelhante a um ritual, porque tornar-se homem não é uma missão solitária da qual o outro pode se abster, já que dependeria de uma transmissão. O pai, assim como os homens “sênior” da vida do menino, estão implicados: é tarefa deles mostrarem-se repetidas vezes dignos de seu sexo e guardiões da potência, sendo um testamento da abundância e do nível contagioso de sua hombridade que os mais novos em seu redor recebam o mesmo “dom”. Caso contrário, se a feminilidade da mãe vencer, o que parece resumir-se imaginariamente ao caso de homossexualidade, é porque a masculinidade do pai faltou para o menino:

En el imaginario popular, la “debilidad” o el “desvío” sexual del hijo varón convoca a la burla o a la maledicencia sobre el padre, el cual de algún modo siente que ha fallado en la transmisión de la masculinidad . . . , permitiendo que se exprese en el hijo “su propia falla inconsciente”, y revierte este reproche sobre la madre del hijo, acusándola de las supuestas fallas en su propia feminidad. (Bleichmar, 2006, p. 44)

Por isso, esse costume é um ritual de passagem que coloca em questão não apenas a confirmação da virilidade do menino, mas abrange também a horda masculina imediata da

qual faz parte destacando a essência transgeracional da masculinidade enquanto um exercício de prazer que depende de uma transmissão. Trata-se, mesmo, de uma grande encenação legitimadora, um faz-de-conta meritório em que o menino é levado, independente de sua vontade, a possuir uma mulher. Não importa o desejo do menino; não importa sua capacidade para seduzir e agradar uma mulher. O que simplesmente está em jogo é verificar a eficácia do processo de transmissão, isto é, se o pênis é um órgão arbitrário ou se, revestido de potência, pode engrandecer-se diante de uma mulher para se oferecer como fonte de prazer.

Essa “objetividade” mirada por tal prática evidencia uma disjunção que Bleichmar (2014) considera cada vez mais própria dos jovens, isto é, a perda de esperança de reunir, em um curto ou médio prazo, a relação entre amor e sexualidade. A autora conta a resposta surpreendente de um paciente de 13 anos que estava às voltas com a sua iniciação sexual que, ao contrário dos amigos, ainda não havia acontecido, sem saber quando e como fazer, ou se seria errado fazer com prostitutas. “Entonces le dije: ‘Pero: no te gustaría más empezar con una chica que te guste?’”. Y me contestó: ‘A mi me gustan las prostitutas’. Fue una respuesta extraordinaria, me dio risa, no pude decir nada.” (Bleichmar, 2014, p.60) Por essa vinheta, conjecturamos que a separação escancarada entre sexualidade e amor, no sentido de nosso estudo, *poderia* refletir também o desejo do menino de unir, posteriormente, ambas esferas. Em outras palavras, querer as prostitutas nesse momento pode ser o que ele percebe como necessário para a confirmação identitária que, por sua vez, lhe possibilitará amar e possuir uma mulher fora de uma transação monetária.

De qualquer modo, além dessa disjunção, há outra característica nesse ritual que não pode ser ignorada. Sobre o caráter coletivo dessa prática do prostíbulo, afirma Bleichmar (2006) que:

acompañar al adolescente incipiente hasta el prostíbulo y participar con él de su iniciación sexual, daba cuenta tanto de la angustia homosexual del padre (sustituido en ciertos casos por el tío en la función de acompañante) como del modo mediante el cual la *orgía de machos* se excita mutuamente en el ejercicio que sintomáticamente anuda la homosexualidad a su renegación. El preservativo ofrecido por el adulto al niño se constituye así en representante simbólico, metáforo-metonímico, de la cesión del falo, que deberá ser llenado de modo adecuado a las expectativas a través de la erección anhelada. Prueba de virilidad que convalida la pertenencia a la horda masculina, que encuentra el goce real no en el ejercicio genital con la mujer sino en las palmadas aprobatorias y los abrazos calurosos que lo confirman *a posteriori*. (p.236, grifo nosso)

Ainda que seja altamente questionável o mérito dessa prática – o que, inclusive, pode ter levado um número cada vez menor de membros da horda, que assim foram iniciados, a fazerem o mesmo com seus filhos – ela apresenta certa sofisticação na medida em que mantém um véu entre o ato e o fantasma a ele subjacente. Apesar de proporcionar uma cena sem igual, é seu o simbolismo que permite que a sexualidade do adulto e do menino se entrossem ao limite de se tocarem e que autoriza, momentaneamente e por um bem maior, essa “orgia de machos” que, em vez de impor mácula, reafirma a virilidade. Dizemos isso porque nem sempre é esse o caso. Em algumas culturas, como veremos a seguir, é o próprio fantasma da constituição da masculinidade que é colocado em ato.

Bleichmar (2006) cita o livro “A homossexualidade na mitologia grega”, de Bernard Sergent, para usar como exemplo as conhecidas práticas sexuais entre homens da Grécia Antiga. A prática estabelecida na iniciação dos mais jovens em Creta envolvia um processo bastante intrincado em que o adolescente deveria ser, após notificação, raptado pelo homem mais velho e levado para fora da cidade por até dois meses, onde manteria relações sexuais com seu raptor e caçaria orientado por ele, uma relação que Sergent define como “pedagógica”. O jovem não se oculta nem se esquiva: fazê-lo significaria apenas que não é digno do amante que lhe deseja e, naquele contexto, a maior desgraça para os mais bem educados e de ascendência ilustre era não conseguir um amante, já que a escolha é baseada no valor atribuído ao jovem, e não na beleza. Os amigos do adolescente, notificados do rapto com ao menos três dias de antecedência, tendo averiguado que o amante propositos é igual ou superior ao desejado, o perseguem e o levam ao local do sequestro, numa encenação que se adéqua aos costumes e não à involuntariedade do jovem. Os que testemunham o rapto os acompanham. Após seu retorno à cidade, além de uma equipe militar, de um boi a ser sacrificado a Zeus e de outras honrarias previstas em lei, o jovem que foi objeto do sequestro recebe o título de *parastátes* e, com ele, a garantia, para toda a vida, de ser homem e casar-se gozando as melhores posições públicas e distinguindo-se dos demais por vestir a roupa dada a ele por seu amante.

Sergent menciona também o texto do historiador romano Amiano Marcelino sobre os taifanos, povo que, após a invasão de seu território pelos hunos, trilharam um longo caminho após o êxodo até dispersarem-se pela Itália (Bleichmar, 2006). Eis o que descreve o historiador:

Los taifanos son un pueblo vergonzoso, tan escandaloso por su vida obscena, hecha de libertinaje, que entre ellos los adolescentes están ligados a hombres adultos por una unión de un género inexpresable, a fin de consumir la flor de su juventud en las repugnantes prácticas que ejercen con ellos. Añadamos que cuando cada uno de ellos, ya adulto, es capaz de capturar él solo un jabalí o de abatir a un oso enorme, es liberado de esta unión disoluta. (p.52)

Essa fantasmática incorporação do pênis é colocada em ato ainda mais “concretamente” no exemplo dos Sambia, tribo da Papua Nova Guiné. “Sambia” é o nome fictício que o antropólogo Gilbert Herdt deu para uma tribo da Guiné e Bleichmar (2006) lança mão das preciosidades por ele descritas em *“Rituals of manhood”*. Segundo Herdt, os membros dessa tribo acreditam que todos possuem um órgão chamado *tingu*. Nas meninas, ele age desde o nascimento gradualmente as convertendo em mulheres, enquanto nos meninos, por ser fraco e inativo, precisaria que os homens adultos, alimentando-o com sua virilidade, o ajudassem crescer e a se fortalecer. É sobre a convicção de que a masculinidade precisa ser “inseminada” que tem início o que Herdt denomina “homossexualidade ritual”.

Em um primeiro momento, o menino entre 7 e 10 anos de idade é afastado da presença materna que, perniciosamente, o mantém sob uma condição infantil sexualmente determinada. Em seguida, recluso em um ambiente exclusivamente masculino e pronto para que seu *tingu* possa ser estimulado, tem início o processo de masculinização, constituído por rituais que podem durar vários anos. Além das provas dolorosas como surras e, para serem limpadados do sangue e do leite maternos, sangrias e vômitos, a iniciação culmina com o menino realizando felações repetidas nos pênis dos homens adultos e ingerindo o sêmen destes para criar um “lago de virilidade” que fortaleça seus ossos e desenvolva seus músculos. A convicção dos homens Sambia é de que a virilidade é um estado artificialmente induzido, de conversão de um estado inicialmente feminino, e que, por isso, deve ser imposto aos meninos através desses rituais. Esse processo não estaria ligado à obtenção de prazer, mas submetido ao objetivo prático de transmitir masculinidade sendo que, após sua conclusão, as práticas homossexuais são abandonadas. Ao adentrar a vida adulta, contudo, o homem sambia ainda precisará confrontar-se com tarefas que o permitam alcançar um estado mais puro do ideal que a tribo mantém de masculinidade. Sobre esse longo processo que tem fim apenas com a aparição dos caracteres sexuais secundários, mas especificamente o pelo facial, conclui Bleichmar (2006):

No está distante de nuestros descubrimientos en psicoanálisis el hecho de que el comienzo de este proceso, que consiste en romper con la madre para dar fin a la

infancia, tenga como objetivo suprimir el anhelo de pasividad o dependencia e inculcar una agresiva autosuficiencia. El ritual de felación, considerado por los sambia un equivalente masculinizante de la lactancia materna ya que es alimento primordial pero en este caso proporcionado por un hombre, se acompaña con hemorragias y vómitos destinados a producir una expulsión de la leche y la sangre femeninas que guarda el cuerpo del hombre. *Para ingresar a la horda masculina es necesario entonces no sólo el reconocimiento de la diferencia sino la expulsión de lo diferente – leche, sangre materna – y la inclusión de lo idéntico: el pene de otro hombre que proporcione leche masculina.* (p.57, grifo nosso)

Assim, tanto na Grécia e na Roma antigas quanto na tribo dos Sambia e no costume observado na América Latina, a infância e a puberdade que antecedem a iniciação do jovem o identificam com uma mulher, mãe ou irmã, que deverá ser abandonada como identidade para passar a formar parte da comunidade masculina. Todos esses exemplos põem em evidência a relação conflitante entre “meio” e “fim”, isto é, o fato de ser a homossexualidade, mais especificamente o ato homoerótico, a via de acesso à masculinidade, tal qual enuncia Bleichmar na “hipótese forte” de “*Paradojas...*”.

Compreender isso é fundamental para que não se cometa o mesmo equívoco que Michel Dorais (2011) que, com olhar etnocêntrico, ou tentando evitá-lo, utiliza-se do estudo do antropólogo Maurice Godelier sobre a tribo Baruyas, também da Guiné e que apresenta um ritual de passagem muito semelhante ao dos Sambia, para apoiar o argumento de que: “Enquanto em nossa sociedade a homossexualidade masculina é associada à feminilização, entre os Baruyas as relações homossexuais são parte do aprendizado de como ser masculino.” (p. 60, tradução nossa) De fato, um conteúdo homoerótico perpassa fundamentalmente a constituição da identidade masculina, mas nem por isso deixa de ser ameaçador por sua significação feminina⁶. Não é pela razão dos rituais dessas tribos serem mais concretos, recorrendo ao ato homossexual como meio de transmissão, que não haja um tabu envolvendo essas práticas. Como relata Herdt, os homens Sambia jamais mencionam essas práticas rituais e as mulheres da tribo não sabem o que se passa com os meninos durante os longos períodos em que são retirados do convívio comunitário. É por isso que Bleichmar (2006) encontra nesses relatos antropológicos ressonância com o material colhido na análise dos homens que denunciam a realidade de que o “aprendizado de como ser masculino” recorre a um meio paradoxal:

⁶ A relação entre homossexualidade e feminilidade receberá um pouco mais de nossa atenção no tópico 2.7.

Y en la descripción de estas pruebas y ritos de pasaje que se llevan a cabo, encontramos los fantasmas que los varones del Occidente cultural -no geográfico- presentan con frecuencia en el análisis, en los sueños, o incluso en los modos de la genitalidad que se estructuran más allá del ejercicio demarcado por la diferencia y el reencuentro de los sexos. Me refiero a fantasmas de felación de otros hombres, de recepción de un pene bajo la forma anal para poder acceder a la sexualidad con una mujer, o incluso, bajo modos ya psicóticos, a acciones de expulsión consistentes en sangrías automutilantes para liberarse de los humores femeninos que “aún conserva el cuerpo.” (p. 75)

Nesse sentido, antes de encerrarmos este tópico, gostaríamos de abordar uma “situação antropológica” ocidental e atual que, assim como o abuso sexual de meninos, provavelmente se mantém selada por segredos parecendo ser muito mais rara do que de fato é. O movimento contrário à chamada “cultura do estupro” tem ganhado bastante espaço, especialmente em relação aos abusos de mulheres nos campi das universidades dos Estados Unidos, mas pouco se fala sobre os homens. O que alguns chamam de ritual de passagem, algo como um chamado “trote” das universidades brasileiras, pelo qual os *pledges*⁷ precisam passar para fazer parte de uma fraternidade são reconhecidamente exagerados e, por vezes, violentos, sendo alvo de muitas críticas. Porém, quando essas provas incluem desafios sexuais, aqueles que se tornaram notícia são praticamente os desafios em que os rapazes devem ter relações sexuais com uma garota ou algo semelhante⁸.

Porém, nesse contexto de abusos e obscuridade, queremos destacar uma prática específica que, diante de nosso desenvolvimento, chama nossa atenção: a submissão sexual de calouros de universidades estadunidenses aos veteranos da fraternidade da qual querem fazer parte. A leitura da sinopse e de avaliações do livro “*Not gay: sex between straight white men*” (2015), ao qual não obtivemos acesso, indicam a realidade de práticas tradicionais em trotes universitários como o “*elephant walk*”, na qual cada homem segura com uma mão o pênis do que está atrás de si e insere a outra no ânus do que está a sua frente, e o “*circle jerk*” em que os homens se sentam em uma roda e masturbam uns aos outros. Mais ainda, ao realizar a pesquisa “*straight pledges sex*” no Google por vídeos, vários são encontrados. São cenas humilhantes de “estupro voluntário” que acabam em sites de vídeos pornográficos. Na

⁷É interessante que os aspirantes à fraternidade recebam esse nome. Em inglês, *to pledge* significa fazer um acordo, se comprometer.

⁸Revistas e jornais de grande circulação nos EUA têm publicado matérias sobre essa questão, como a matéria do *The Washington Post* “*How sorority culture contributes to the campus rape problem*” Recuperado de (https://www.washingtonpost.com/posteverything/wp/2015/01/30/how-sorority-culture-contributes-to-the-campus-rape-problem/?utm_term=.e096caf4897d).

maioria das situações, os *pledges* são obrigados a ficarem pelados, a praticarem felação mútua e até sexo anal uns com os outros e, em outras, os próprios veteranos, no papel ativo de humilhação, participam do ato sexual, recebendo sexo oral e sodomizando os aspirantes à fraternidade.

Tudo isso significa que rapazes, os quais se declaram heterossexuais e parecem submetidos a um ideal de virilidade, estabelecem um ciclo em que todos os membros de um grupo masculino passaram por relações sexuais com outro homem e, em muitos casos, ao menos diante da chegada de novos *pledges*, permaneceram tendo relações homossexuais, porém, ocupando um lugar ativo que também os permite gozar sadicamente. Estaríamos presenciando os efeitos exaustivamente profetizados do declínio do “pai” nesse acordo, a que se submetem aparentemente contrariados, mantido pelo pacto silencioso entre rapazes que procuram suprir a mesma falta identificatória?⁹ Essa questão se mostra relevante diante da conjectura que lança Felipe Lattanzio (2011) sobre as fantasias de penetração dos homens:

Ótimo exemplo é o fenômeno pornográfico, no qual as práticas que envolvem os sexos anal e oral são as preferidas entre os homens consumidores desse tipo de produto. Haveria nessa preferência uma indicação da identificação dos homens com quem está sendo penetrada, dado que eles também têm ânus e boca? Pensamos que o desejo inconsciente de ser penetrado pode ser compreendido aí como traduzido/simbolizado e recalçado por essa forma tão difundida de fantasia sexual masculina. (p. 122)

Enfim, considerando as vicissitudes da constituição da masculinidade, lançamos e apoiamos essas hipóteses reconhecendo a importância de serem devidamente contempladas em toda a sua complexidade. De qualquer modo, vemos que essas “confirmações antropológicas” descrevem a masculinidade como um processo primeiramente defensivo em relação à marca deixada pela feminilidade, seguido por um movimento que, por procurar em outro homem a transmissão daquilo que por si só não terá, é eficaz em cumprir seu propósito, mas produz fantasmas paradoxais a ele mesmo devido à natureza homossexual desse envolvimento. Em um enunciado coeso e didático, isso ilustra, tal qual nosso desenvolvimento teórico até aqui, que o menino, no processo de constituição de sua identidade masculina, é primeiramente invadido pela feminilidade e deve expurgá-la para, enfim, incorporar o masculino. Os três tempos propostos por Bleichmar (2006) não se reduzem, mas podem se acomodar a essa lógica.

⁹ Exploraremos com mais profundidade essa questão de uma falta identificatória no tópico 2.6.

2.5 Pai e filho no enquadre edipiano

Os desejos incestuosos da criança pela mãe e pelo pai não são programados pela natureza ou têm sua origem *ex nihilo*. Se a psicanálise é alicerçada nas narrativas que as associações de cada sujeito desenham é porque o conteúdo primordial que procura abstrair é a história dos desejos incestuosos, isto é, historicizar, em alguma medida, os entrelaçamentos libidinais que foram envolvendo os objetos mais relevantes nas vivências do sujeito e, simultaneamente, em um processo uno, marcando seu corpo e seu psiquismo: “Pensar o psiquismo como um sistema aberto tanto em seu funcionamento como em sua gênese permite refletir sobre a trama constitucional constituída pelos outros primordiais e suas realidades psíquicas singulares.” (Hornstein, 2009)

A sexualidade não submetida a ciclos biológicos e, sim, a movimentos desejantes é um entendimento que deve mérito à contribuição de Jacques Lacan. Laplanche, nesse sentido, continuou fiel ao seu primeiro mestre, colocando o adquirido antes do inato, isto é, o advir do instinto, como na adolescência, inexoravelmente sitiado pela pulsão (Bleichmar, 2006). Por conseguinte, se cada história é definida a partir do que Freud denominou *apoio*, faria toda a diferença que o enlace entre pai e filho tenha suas bases lançadas na sedução generalizada quando o adulto, mesmo enquanto outro sem diferença sexual ou de gênero, delimitará ativamente, ainda que inconscientemente, o “fluir libidinal que acopla, si no los destinos, al menos las orígenes del placer.” (Bleichmar, 2006, p.82)

Essa compreensão evidencia a importância do *après-coup*, ou seja, das re-significações das vivências passadas do sujeito à medida que passa por outras experiências em vez da lógica desenvolvimentista de sucessão de fases e, ao mesmo tempo, coloca a maturação biológica submetida aos sistemas representacionais que possibilitam ao sujeito assumir tal maturação. Por essa razão, quando se chega à puberdade e ao seu desenvolvimento instintual, “el terreno psíquico está ocupado por la representaciones que tuvieron que ver con la sexualidad pregenital y con los modos de recomposición que tuvo en el complejo de Edipo.” (Bleichmar, 2014, p.37) Em outras palavras, independentemente do momento da vida do sujeito, tanto as vivências quanto os objetos envolvidos nos momentos mais precoces da vida do bebê são submetidos à ressignificações sucessivas trazidas pela novidade do arranjo de cada estágio – determinados libidinal e não constitucionalmente.

Assim, pensar a entrada do menino no complexo de Édipo aponta para mais do que um simples acontecimento programado na linha do desenvolvimento. Essa passagem evoca todo o percurso das vivências narcísicas e os enlaces com as figuras parentais pré-edípicas, submetidas a ressignificações, que o levam até esse ponto de inédita complexidade relacional – a ponto de autores dedicados às questões narcísicas, como Joyce McDougall (1989), afirmarem que, para muitos, chegar à trama edípica é um desafio quase impossível. Com efeito, esse complexo abarca grandes eixos de identidade e diferença, desejo e proibição, ego e alteridade (Hornstein, 2009) e, inclusive, para Bleichmar (2014), se o Édipo ainda reserva importância que justifique destaque é pelo fato de ser o primeiro momento em que moções eróticas e amorosas se articulam, o que implica, consequentemente, no surgimento de um pai e uma mãe distintos dos que haviam estado presentes até então.

Si un valor sigue teniendo el Edipo es, precisamente, la relación que establece entre sexualidade y amor, en el sentido de que hasta el momento del Edipo, la sexualidad aparece como autoerótica y lo objeto amoroso, como dessexualizado; mientras que el complejo de Edipo articula un primer fantasma de enlace con la existencia del otro y con reconocimiento de obligaciones morales: esto es lo interesante del Edipo, que lo amoroso aparece pautado en relación a obligaciones morales, tanto en la constitución deseante como en la renuncia. (p.123)

Apesar dessa asserção, não deve ser surpreendente, tendo nos debruçado sobre suas considerações sobre a constituição da masculinidade, que a obra de Silvia Bleichmar não atribua ao Complexo do Édipo papel fundamental à compreensão do funcionamento psíquico. De fato, quando a autora aborda esse complexo, normalmente o anuncia com suas ressalvas a como é concebido em seu modelo clássico e apresentando suas objeções (Bleichmar 2006; 2014). Porém, importa-nos destacar que, ao lançarmos mão do Édipo, o entendemos como Freud, isto é, como núcleo importante da vida psíquica; todavia, tratar-se-ia de um núcleo que não apenas condensa, mas que, também, irradia, implicando o conjunto de relações da criança com seus pais desde o nascimento até a morte, pois: “Optar por uma visão determinista do Édipo e por uma história linear e não retroativa implicaria que o Édipo é somente o ponto culminante da vida sexual infantil, que não irradia para a vida posterior.” (Hornstein, 2009, p.83) Além disso, não buscamos encontrar no conflito edípico a origem da identidade sexual masculina, afinal, como temos sinalizado até aqui, estamos em sintonia com a afirmação de Bleichmar (2014) de que o Édipo não é um ponto de partida, mas o efeito da rearticulação das relações primárias com os objetos.

Portanto, acreditamos ser preciso reconhecer os impasses teóricos impostos por se defender o Édipo como estrutura, como propôs Lacan, pois significa sustentar sua pré-existência ao sujeito que, mesmo sem o saber, estará inserido nele desde sempre. Essa é uma das maiores críticas de Bleichmar (2014) à ideia de Édipo, além de que, colocando em questão os objetos parciais a serem articulados pela posição do falo, o Édipo-estrutura suplanta o Édipo-complexo¹⁰, que se torna apenas o momento do corte, da inscrição da metáfora paterna. Por outro lado, valorizamos em nosso estudo um aspecto notável do complexo que, sem dúvida, transcende as fronteiras temporais do Édipo do menino isolado: a inserção do sujeito em uma rede geracional que remete diretamente não apenas a seu pai, mas ao pai de seu pai e assim por diante, colocando em jogo os conflitos edipianos que antecederam o seu próprio bem como os bens herdados e a serem transmitidos. Ainda assim, evitando a dessexualização da psicanálise evidenciada principalmente pelo lacanismo quando se considera que apenas por razões significantes alguém elege um ou outro caminho, não ignoraremos a força da sedução erógena nesse processo de marcas transgeracionais. O trauma das origens do sujeito deve-se à invasão da sexualidade do adulto a qual, na realidade, caracteriza-se não por formas mais simbolizadas, mas sim pelo que se recusa à simbolização, de forma que é esse “não representado” o que retornaria insistentemente sob a forma de sintoma (Bleichmar, 2014).

Pois bem, distanciando-nos de caminhos que consideramos confusos, ainda que atribuamos em nossa pesquisa profunda relevância aos processos pré-edipianos, abraçamos o fato de que é, sim, no interior do Édipo, postulado medular da teoria freudiana, “que se *decantam e decidem* a feminilidade, a masculinidade e as patologias.” (Migueluez, 2012, p.13, grifo nosso) Nas palavras de Luis Hornstein (2009):

O Édipo produz a diferença e a diferenciação, entre a criança e a mãe, a diferença sexual entre os pais, a diferença entre o id, o ego e o superego. Através do Édipo, a criança se reconhece como filho, testemunha e consequência do desejo parental e não causa desse desejo, e se projeta no papel futuro de genitor; elo de uma *cadeia simbólica que transcende sua temporalidade subjetiva*. (p. 90)

Seria, então, no sentido de um desfecho, ainda que nunca absoluto, que o Édipo se incorporaria à constituição da masculinidade, especialmente no que se refere à relação erótica com o pai a qual, como veremos, foi inaugurada ainda nos cuidados primordiais ao corpo do bebê. Ao adentrar o Édipo é que o menino, que já tem em sua bagagem os desafios de

¹⁰ Aliás, a própria noção de “complexo” é essencial para o entendimento de que o Édipo inclui elementos diversos além da forma linear de amar a mãe e odiar o pai (Bleichmar, 2010).

desembaraçar-se da feminilidade originária de sua sexualidade e de revestir seu gênero com virilidade, poderá encontrar, em um ápice da relação erótica com o pai, sua validação como possuidor de um órgão igualmente potente – e, assim, inclusive, poder rivalizar com ele a posse da mãe. Enfim, ao traçar uma rota fora da via principal guiada por Bleichmar em “*Paradojas...*”, queremos afirmar, apesar de concordar com suas objeções, a importância do Édipo em nosso estudo, ou seja, para compreendermos a importância da relação do menino com seu pai para a formação de sua identidade, uma vez que é isso que nos dará noção sobre a dimensão do impacto de uma traição.

Ademais, nosso enfoque por si só escapa ao enrijecimento do classicismo: afirmar que torrentes eróticas do menino pelo pai fazem parte do processo normal de constituição da identidade masculina do menino remonta ao Complexo de Édipo denominado por Freud como invertido ou negativo e, notadamente, atribui maior relevância a ele que parece ter sido sempre legado mais ao desvio que à regra. A polaridade dos gêneros sempre representou o núcleo da formação do conflito edípico, o que pode ser constatado inclusive por sua divisão em positivo e negativo que remete a um duplo, no caso dos meninos, filho-mãe, filho-pai (Blos, 1998). Porém, essa divisão parece ter deixado, por vezes, a impressão falaciosa de que a versão denominada “negativa” nem sempre se faz presente ou que, ainda, quando presente, é indicativo de um fracasso na identificação masculina do menino com o pai que o deseja em vez de rivalizar com ele. Ser homem é o que está em jogo no Édipo do menino: ser homem como o pai – por amá-lo e receber dele a transmissão da virilidade e, conseqüentemente –, ser o homem da mãe – mas isso não significa que tal conflito resuma-se ao Édipo positivo.

Constatar que os eixos que compõem o Édipo abrigam extremos opostos constituindo uma passagem que caracteriza, mais que a ambivalência amor-rivalidade, forças paradoxais e dependentes como o amor, a rivalidade e o desejo pelo pai, provocou uma importante mudança de ênfase. A nova abrangência do complexo edípico colocou em jogo os desejos sexuais que se originariam uma identificação dupla, feminina e masculina, sendo simultaneamente composto pelo aspecto positivo e negativo e configurando um conflito de cuja resolução depende a sexuação (Hornstein, 2009). Ademais, isso implicou, também, que maior atenção fosse dedicada às relações “isogenéricas” do Édipo as quais passaram a receber mais importância na clínica (Blos, 1998). No entanto, apesar dessa etapa positiva de integração entre as duas faces do Édipo que promove mais coesão entre identificações femininas e masculinas, destacamos que o movimento assim iniciado continuou a romper com

outras divisões. Desse modo, a tendência psicanalítica atual é conceber esse processo como algo ainda mais múltiplo, diversificado e fluido, ou seja, menos marcado por pela noção de uma identificação orientada pelo binarismo de gênero.

2.5.1 *Um certo protagonismo paterno*

Sobre o envolvimento do menino com o pai, devemos ressaltar que, apesar do notório protagonismo da mãe, não é exclusividade sua a sedução pulsante proveniente dos cuidados precoces que envolvem o menino. O pai, diante do corpo do filho, não ocupa apenas um lugar de interdição do gozo da mãe, mas, como metonímia da mãe, exercita ele mesmo um gozo auto-erótico (Bleichmar, 2006). Com efeito, segundo Peter Blos (1998), partindo de seu trabalho com meninos adolescentes, a complexidade e a importância das experiências precoces entre pai e filho não é suficientemente reconhecida, uma vez que “influenciam de modo crítico na criação do próprio *self* e do mundo objetal do menino pela vida inteira.” (p. 58) Se, com a mudança de foco da pesquisa psicanalítica para as relações mais precoces do bebê, o Édipo foi ofuscado pela evidência dada ao papel da mãe pré-edipiana (Blos, 1998), também é justo afirmar que o papel do pai passou a ser compreendido, cada vez mais, como fundamental para o funcionamento psíquico, já que é o pai quem introduz a realidade entre mãe e filho (Breen, 1998).

É verdade que a passividade característica dos tempos mais elementares só pode ser experimentada como feminina a partir de uma re-significação *a posteriori*, de modo que a passividade e a atividade estão em jogo muito antes de adquirirem uma significação sexuada para o sujeito em vias de constituição. No entanto, a relação excitante precoce entre pai e filho referente a essa passividade ainda sem sujeito, uma vez que é a aspiração erótica primária em relação ao pai, funcionará, no momento de sua significação perante a diferença sexual, como aporte libidinal para a identificação sexuada e os desejos eróticos por ele (Bleichmar, 2006). Por isso, alguns autores vindicam mais que um papel coadjuvante para o pai mesmo nesses momentos primordiais da relação “dual”, ou seja, de um pai que não está presente para a mãe e ausente para criança ou se fazendo, de alguma forma, presente apenas através do psiquismo materno. Ainda que agindo, por vezes, como um substituto, afirma Blos (1998):

Parece-me que foi atribuída à mãe inicial uma participação demasiada e exclusiva para a sensação de integralidade corporal. Temos muitas oportunidades de observar, na análise de homens adultos, a influência persistente desta imago do pai, sobretudo

quando ela se mantém inalterada pela realidade. . . . Através da literatura, têm-se a impressão de que o complexo negativo declina pela ascendência e subsequente resolução do complexo positivo ou, em outras palavras, que a configuração triádica totalmente desenvolvida efetua, através de sua súbita ascensão, a resolução ou transformação do complexo negativo. Naturalmente, todo analista sabe que não é este o caso. . . . Atualmente, estamos autorizados a dizer que a especificidade patogênica e qualitativa desta proximidade advém de uma perpetuidade inalterada da relação filho-pai, cujos princípios são encontrados em uma ligação, por substituição, quase materna. (p.59)

Firmado na convicção da “perpetuidade” dessa relação é que Peter Blos, no artigo “Filho e Pai” (1998), descreve a importância cabal que o envolvimento com o pai pré-edipiano terá para o menino até a reatualização do Édipo na adolescência, em um desfecho complexo que, a semelhança da tese de Bleichmar em “*Paradojas...*”, envolve fantasias que afirmam e ameaçam sua identidade. Para o autor, se no período pré-edipiano o pai servir apenas como substituto da mãe, pode-se esperar uma relação patogênica futura entre pai e filho; por outro lado, jaz no fato de o pai ser percebido e apropriado de forma diferente pelo filho, ser notado em sua especificidade, o florescer das potencialidades incipientes da criança.

O pai assume, para o menino, desde cedo, uma qualidade carismática diferente da mãe, por sua presença diferenciada, no que diz respeito a sua constituição e receptividade corporal. A qualidade respectiva à maneira como o pai ou a mãe segura o bebê, ou brinca com ele, demonstra bem a variedade ou a disparidade de que estou falando. . . . Tal pai, o diádico, foi chamado “não contaminado”, pelo fato de nunca ter sido um parceiro simbiótico completo. Ele pertence ao estágio da idealização pré-ambivalente, pós-diferenciação, das relações iniciais de objeto. O ciúme é, de fato, notável, assim como a busca pela posse total do objeto. No entanto, a mudança do filho em direção ao pai ainda não é afetada ou comprometida por ciúme sexual, conflito patricida e ansiedade de retaliação. Esses choques emocionais pertencem ao pai da era edipiana. (p.64)

Idealmente, em vez de uma entrada tardia do pai que vem ocupar seu lugar de direito, exercer a “função paterna” e que passa a ser visto pelo filho como objeto a seduzir e a odiar, sua presença já no período pré-competitivo lançaria as bases de confiança e segurança do menino em relação ao pai que, então, passa a ser restritivo e castigador no complexo edípico, logo: “o pai do complexo negativo está intrinsecamente fundido com o pai do período pré-edipiano.” (Blos, 1998, p. 63) Por ser assim, o menino, contanto com o pai assegurador dos primórdios, não precisa ser dominado pelos delírios infantis edipianos, isto é, trata-se do elemento precursor do princípio de realidade (Blos, 1998). Entretanto, se o pai recebe sobre os ombros uma missão mais relevante, isto é, a de estar mais próximo ao “pai libidinal” (André, 1996),

que não é uma função simbólica apenas, mas uma presença masculina real e sedutora, as falhas ou excessos de sua presença repercutirão mais contundentemente. Segundo Blos (1998), a qualidade da relação que o pai disponibiliza ao filho já nos primórdios pode impor um grande obstáculo quando há:

a necessidade intensa de proximidade com seu bebê isogenérico, por parte do pai; nessa proximidade, o pai gratifica, depois de muito tempo, e de modo intermitente, sua própria fome vital pelo pai. *Um envolvimento emocional dessa espécie sempre compreende uma rede de três gerações. Sob estes auspícios, uma ligação infantil, potencialmente libertadora, torna-se servidão opressora. Pode-se dizer que a abandonada teoria da sedução ressurgiu, aqui, num rumo inesperado e sob forma inesperada.* Observei esse tipo de interação entre pai e filho analisando diversos homens que obtinham um *prazer excessivo* das tarefas envolvidas nos cuidados de seus bebês. Num dos casos, a criança respondeu à necessidade do pai passando a visitar sua cama todas as noites, sempre passando pela mãe. Nenhuma interferência disciplinar podia, agora, manter o menino de quatro anos em seu quarto, porque ele continuava respondendo aos desejos insistentes e inconscientes do pai pela proximidade física e emocional. Quando a privação do contato físico e emocional do paciente com seu próprio pai emocional emergiu, na análise, o menino passou a obedecer o pedido de ficar em seu quarto. As visitas noturnas à cama do pai desapareceram em função da percepção crescente, do paciente, de que ele gratificava de modo vicário sua própria “fome pelo pai” pré-edipiana, através da proximidade corporal com seu filho pequeno. (p.68, tradução nossa, grifo nosso)

Os aspectos abusivos e traumáticos dessa relação em que o pai faz do filho um objeto de gozo devem ser destacados não somente por nosso tema sobre a traição de meninos por homens de sua confiança, que muitas vezes são seus pais, mas por ser um impasse intrínseco ao próprio horizonte do Édipo, isto é, para o estabelecimento da diferença geracional em que o pai serve de modelo identificatório. O trecho citado chama nossa atenção tanto pelo elemento de sedução quanto pelo aspecto de transmissão, ou seja, das marcas deixadas no pai pelas faltas ou excessos de seu próprio pai, que colocam a masculinidade, tal como Bleichmar (2006), em uma rede de gerações. O Édipo sempre coloca em jogo, no estabelecimento de um laço atual, antepassados e descendentes, seja quando o pai projeta em seu filho o desejo de morte que uma vez ele projetou em seu pai ou quando deve transmitir ao filho, prova da função fálica de seu próprio pênis, os direitos de herança sobre seus dons para que os legue a outro filho “ao aceitar se reconhecer como sucessor e ao reconhecer um sucessor aceita legar sua função. De tal modo, confirma que a morte é a consequência de uma lei universal e não o preço com que se paga seu próprio desejo de morte em relação ao seu pai.” (Hornstein, 2009, p. 93)

2.5.2 *As fantasias do menino*

O Édipo é escandaloso. Mais de um século após a publicação dos “Três ensaios sobre a teoria sexualidade”¹¹ (1905), o Édipo ainda faz barulho e, quando não faz, é porque foi submetido às reformas eufemísticas que procuram amenizar o enunciado que, escancarando a sexualidade infantil, se resume, de forma simplista, em “as fantasias sexuais incestuosas de uma criança”. Isso é insofismável. O livro “Édipo: o complexo ao qual nenhuma criança escapa” (2007) de J.-D. Nasio, parece-nos precioso nesse sentido, pois suspende o véu de pudor que ainda se joga sobre o ultraje que é o retrato de fantasias sexuais eróticas de uma criança, especialmente, quando nos referimos às fantasias de relações isogenéricas. O autor brinda seu leitor com um Édipo visceral e desconstrói esse complexo das palatáveis equações com personagens familiares e representações – o que Bleichmar (2014) chamou de “edulcoração” do Édipo visto como “querer casar-se com o papai ou com a mamãe” – de volta ao desejo sexual e coloca em evidência a força do envolvimento das fantasias do filho em relação ao pai

Posicionamentos assim devem ser celebrados, pois importa ainda hoje elucidar o significado dessas fantasias incestuosas que propulsionam as crianças em direção à sedução de seus genitores ou das figuras principais em seu cuidado. Qual a importância dessas fantasias para a constituição da identidade da criança, mais especificamente, da identidade do menino? Mais ainda, se o desejo do menino é seduzir, por que quando a sedução parece ter sido eficaz e o pai se envolve sexualmente com seu filho, existe um grande impasse não apenas ao funcionamento psíquico geral, mas também à constituição identitária?¹²

Nesse sentido, um ponto essencial a ser firmado é de que a das fantasias do menino em relação ao pai é expressão do desejo *mítico* de incesto. O que a criança fantasia e procura realizar em seu intento de sedução é, de fato, um convite para um acontecimento cuja impossibilidade de concretizar-se ela desconhece, isto é, o retorno a completude narcísica perdida. Por isso, o Édipo é, em um só momento, o desejo ludibriado do menino pelo “sim” de seu alvo seduzido e o clamor da proibição fundamental do incesto pelo “não”. É o Édipo que impõe a proibição do gozo intergeracional e, em relação ao adulto, coloca limites ao seu gozo através da apropriação do corpo do menino (Bleichmar, 2006). Segundo Nasio (2007):

¹¹ Ainda que o Édipo ocupe um espaço marginal nos “Três ensaios” por dificuldades de articulação impostas pelo abandono da teoria da sedução (Laplanche & Pontalis, 1988; Monzani, 2014), o conteúdo central, a sexualidade infantil, remete fundamentalmente ao complexo edipiano.

¹² Neste capítulo, trataremos apenas do desejo do menino em relação ao pai, abordando com mais detalhe os obstáculos impostos pela transgressão do homem em direção ao menino nos capítulos 3 e 4.

Sim, o Édipo é a tentativa infantil de realizar um desejo incestuoso *irrealizável*. Mas o que é o desejo incestuoso? É um desejo virtual, nunca saciado, cujo objeto é um dos pais e cujo objetivo seria alcançar não o prazer físico, mas o gozo. . . . o gozo prodigioso que proporcionaria uma relação sexual plena em que dois parceiros, a criança e o adulto genitor, diluiriam em uma total e extática fusão. (p.25)

Obviamente, esses desejos são combinações de tendências eróticas e agressivas em relação ao pai, mas, por meio de suas fantasias de prazer e angústia, o menino pode satisfazer seus desejos. Para Nasio (2007, p.27), haveria “três movimentos fundadores do desejo masculino: possuir, ser possuído e suprimir.” Esses três desejos fundamentais enraizados no Édipo, podem encontrar objetos variados nas fantasias, mas, se expressam, em geral, como o desejo de possuir sexualmente o corpo da mãe, o desejo de suprimir o corpo do pai e, também, como o desejo de ser possuído pelo corpo do pai. Vejamos como Nasio (2007) caracteriza esse último movimento:

Essa fantasia é uma fantasia de sedução sexual em que o menino sedutor imagina-se seduzido pela mãe, por um irmão mais velho ou até mesmo, ainda que isso os surpreenda, pelo próprio pai. Com efeito, o menino pode desempenhar o papel passivo, eminentemente feminino, de ser a coisa do pai e fazê-lo gozar. Mas devemos entender que, se a criança imagina-se seduzida, não apenas ela é vítima passiva de um pai perverso, malvado ou tarado, como também uma sedutora ativa que espera ser seduzida; a criança seduz para ser seduzida. Observemos que, se essa fantasia edipiana de sedução do menino pelo pai mobiliza-se e invade mais tarde a vida do adulto que a criança se tornou, ela medra como agente nocivo, causa freqüente de uma forma de histeria masculina muito difícil de tratar. Frequentemente, o tratamento analítico dessa histeria fracassa e esbarra em uma crise conhecida como “pedra de castração” ou, como chamava Adler, “protesto viril”. . . . Sempre que recebo homens neuróticos que me demandam uma análise, penso em sua fantasia inconsciente de serem a coisa do pai e fazê-lo gozar. (pp.31-32)

Esse trecho pode gerar incômodo uma vez que, no Édipo, o desejo do menino pelo pai é comumente confundido com o amor, provavelmente como vestígio da noção de linearidade do desenvolvimento da masculinidade. Não se trata, contudo, que essa diferença não tenha sido estabelecida pelo próprio Freud. Mais ao fim da obra freudiana, como em no caso do “homem dos lobos” (Freud, 1918/2006), assim como em “Uma criança é espancada” (1909/2006), é o complexo de Édipo negativo que adquire valor etiológico. Nesses artigos importantes, o valor teórico dominante indica uma longa e complexa história do desejo passivo de ser possuído pelo pai. No primeiro, diante da cena do coito dos pais, pode-se inferir do material clínico, que Sergei se coloca tanto numa posição masculina que se identifica com o pai ativo e outra passiva, feminina, em que a identificação é materna. Em “Uma criança é espancada”, a

fantasia sexual consciente do menino e carregada de excitação sexual é a de que ele é surrado por uma mulher. Porém, essa fantasia remete ao estágio prévio, de ser espancado pelo pai, que permanece inconsciente. Trata-se da encenação do desejo de ser amado, segundo uma modalidade genital, pelo pai, enfim, do desejo de ser possuído pelo pai que caracteriza o Édipo negativo.

Ainda assim, é importante reconhecer que uma confusão entre desejo e amor, talvez devido à própria resistência que o paradoxo da masculinidade impõe à aceitação do desejo do menino em relação ao pai, ainda persiste. Lançando mão do Caso Hans, Bleichmar (2006) esclarece:

¿Hans ama tiernamente al padre o desea eróticamente al padre? En esta diferencia entre erotismo por el padre y el amor por él se puede despejar la complejidad de la situación: el padre es amado, y por eso Hans teme la rivalidad y el odio que hacia él le generan las corrientes erótico-amorosas que invisten a la madre, debiendo reprimir entonces este odio en función del amor con el cual el mismo objeto es investido; pero al mismo tiempo ese padre es deseado, eróticamente deseado, y este deseo, que entra en contradicción con la masculinidad del niño, lleva a la represión de erotismo. *Si no hace esta diferenciación, no se entiende por qué Hans deberá reprimir el amor al padre, ese amor que constituye un componente fundamental en la represión de su deseo mortífero hacia el mismo...* (p.48, grifo nosso)

Eis que a sustentação do paradoxo intrínseco à constituição da masculinidade nos leva a outra aparente contradição ou, ao menos, um descompasso para a compreensão usual. Para além do paradoxo, o que pode ser um impasse para a assimilação do desejo e das fantasias eróticas com os quais o menino deve envolver seu pai, é justamente a questão sobre como é possível identificar-se desejando *possuí-lo* em vez de amando-o e procurando *ser* como ele. Sem dúvida, existe um distanciamento aí, mas não se trata de um processo que se dá por um paralelismo.

Já tratamos exaustivamente sobre como Bleichmar (2006) afirma que serão as fantasias, inevitavelmente significadas pelo Eu como homossexuais, o caminho para a masculinidade, mas, talvez, seja importante destacar a convicção que subjaz tal posicionamento: a de que não há absolutamente possibilidade de tornar-se homem, ou mesmo mulher, se não for pela diferença. Em outras palavras, identidade se define, em primeira instancia, por oposição e, depois, por afirmação.

Justamente, en la clínica psicoanalítica – muy particularmente la de niños –, se ha llegado a veces a la banalización de pensar que, para hacerse hombre, un niño necesita

de un papá con el cual jugar y no de un papá que salga a pasar con la mamá, que duerma con ella o que haga estas cosas de un hombre: lo que esto muestra es el absurdo de creer que la identidad se produce por similitud y no por diferenciación. Es la alteridad la que define. (Bleichmar, 2014, p.16)

2.5.3 *Adolescer homem: ainda Édipo, ainda o paradoxo*

Entre os estudos psicanalíticos sobre adolescência, parece haver um consenso de que se trata de um momento que vem romper com o período de latência e conjurar as fantasias envolvendo os personagens do Édipo até certo ponto sepultados. A reatualização do complexo de Édipo, então, coloca em primeiro plano essa questão entre o antigo e o novo, ou melhor, de um conteúdo familiar que, inserido em um contexto atual, ganha roupagens totalmente novas e já não parece tão conhecido. Portanto, agora que viemos até aqui, perpassando os momentos essenciais que comporiam o processo de constituição da identidade masculina de um menino surge a indagação: o que representa a adolescência para a masculinidade enquanto momento cronologicamente posterior ou, em alguns sentidos, final?

Segundo Bleichmar (2006), a metamorfose da puberdade não pode ser entendida como o ápice de um processo linear que atravessa os três momentos da constituição da masculinidade descritos por ela. Logo, novamente mostra-se condicional para a apreensão adequada do processo de formação identitária reconhecer a especificidade dos diferentes tempos que se sucedem, assim como a integração entre eles que, devido às re-significações por *après-coup*, se sobrepõem e se determinam sequencial e retroativamente. Por isso, o caminho trilhado até o adolescer do menino possui, como já vimos, importância legítima, mas não pode ser absolutamente determinante na assunção da genitalidade e identidade adulta. Na chegada ao momento em que é confrontado com a possibilidade real do exercício da eleição de objeto de amor, “una complejidad predeterminada se encontrará con algo del acontecimiento, de lo azaroso, que coagulará en cierta dirección las dominancias posibles.” (Bleichmar, 2006, p.31)

Talvez seja essa a justificativa para o fato de que em “*Paradojas de la sexualidad masculina*” (2006) Bleichmar não trate sobre a puberdade e a adolescência a não ser em menções pontuais: é preciso manter a *abertura* porque não há como determinar. Com efeito, o encontro descrito acima por Bleichmar entre o pré-determinado (a puberdade), o incerto e as dominâncias parece indicar uma direção adequada, ainda que inconveniente ao desejo de traçar uma lógica rígida “se *x*, então *y*”.

A falácia desse enquadramento artificial da puberdade como simples reflexo das “etapas” anteriores pode ser notada na fala de um paciente de 12 anos que, em sua primeira sessão, quando lhe pergunto se ele tem em algum motivo para querer ir a um psicólogo, me diz: *“Eu estou crescendo e tenho muito medo de virar adolescente e perder”*. Pergunto-lhe então o que é que ele tem medo de perder ao se tornar um adolescente e ele responde: *“Medo de perder minha educação por exemplo. Minha mãe me educou bem demais, sabe? Fico com medo de parar de me importar com os outros, como fui educado a fazer. Vi meu vizinho ficar assim”*. Esse temor do menino que se depara com o adolecer mostra o valor do que precede à puberdade, mas, principalmente, denuncia sua possível vulnerabilidade perante uma força tempestuosa que se anuncia no horizonte escuro, uma ventania que *pode* não respeitar os alicerces que o sustentaram até ali. O menino/rapaz, dividido, se assusta, procura se antecipar, não sabe o que poderá salvar de si mesmo, do que tem sido até ali. Enfim, o que concluimos diante disso poderíamos resumir no seguinte enunciado: mesmo que cada momento do processo constitucional tenha papel *sui generis* e que a eficácia ou as falhas em cada um deles tenha consequências específicas impactando inevitavelmente as vivências futuras, não são determinantes da puberdade uma vez que este momento posterior re-significará as vivências anteriores.

Por isso, precisamos voltar nossa atenção, mais uma vez, para a relação entre filho e pai. Segundo Peter Blos (1998), partindo de sua profunda experiência com adolescentes, a ideia de uma solução tardia do complexo de Édipo negativo na adolescência parece explicar o conflito nuclear dos meninos adolescentes. Para o autor, tendo origem já no estágio dual das relações de objeto que se caracterizavam pela alternância entre submissão, afirmação e o compartilhar da grandeza do pai, o Édipo negativo permaneceria reprimido, em um estado quase inalterado, até a adolescência, quando atingiria o ápice de sua conflituosidade.

Em outras palavras, o pai do complexo negativo está intrinsecamente fundido com o pai do período pré-edipiano. . . . Seguindo este modo de pensar e de situar o desenvolvimento no trabalho analítico com homens adolescentes e adultos, tornou-se claro, para mim, que o pai amado e amoroso dos períodos pré-edipiano e edipiano (isto é, o pai do complexo negativo) ascende a uma posição conflitual suprema, no estágio final da adolescência. . . . Não é incomum . . . que impulsos libidinosos isogênicos surjam depois de passada a relativa calma dos anos de latência. *Estes anseios não representam, à primeira vista, uma inclinação ou disposição homossexual, mas confirmam, isso sim, que a formação adolescente normal da identidade sexual masculina está em andamento.* (Blos, 1998, p.63, grifo nosso)

É interessante notar que o último período do trecho citado nos remete à tese de Bleichmar em “*Paradojas...*”: uma ligação entre filho e pai que pode ser significada como homossexual, quando, na realidade, é parte de um processo normal e legitimador da identidade do menino. Ainda que com uma tese que, em aspectos importantes, se distancia da de Bleichmar, Blos (1998) também se aproxima da autora nesse sentido fundamental. Para o autor, a resolução do conflito edipiano negativo, que abriga essas moções desejanter em relação ao pai, intervém positivamente na “atividade heterossexual compulsiva, desregrada, ou, inversamente, a incitação de ansiedade, devido à inação ou passividade heterossexual...” (Blos, 1998, p. 61) dos adolescentes. Essa concepção nos é cara na medida em que, além de focar as fantasias fundamentais com as quais o menino enlaça seu pai, como veremos¹³, parece lançar luz sobre os conflitos e, principalmente, sobre as práticas sexuais dos adolescentes e dos homens abusados sexualmente por figuras paternas.

O grande conflito do menino na adolescência parece ser, portanto, bem uma reatualização daquilo que Bleichmar (2006) se referiu como paradoxo da sexualidade masculina. O menino deve buscar o pai amoroso e amado, uma empreitada libidinosa que entraria em choque com cada fato da vida emocional do menino, fazendo com que, paradoxalmente, como uma defesa identitária diante desses enlaces significados como homossexuais, tenha uma postura comum de auto-afirmação e de oposição perante o pai (Blos, 1998).

o movimento rápido do rapaz adolescente em direção ao pai, manifestado defensivamente pela oposição e pela agressão, é *geralmente coincidente* com a intensidade e urgência da necessidade do filho por uma proximidade protetora dele frente à mulher magnética e misteriosa por quem ele é misteriosamente atraído. Esta constelação de impulsos é, com frequência e rapidez excessivas, identificada como homossexualidade; *uma equação tão simplista exige uma vigorosa contestação*. O que observamos é a luta defensiva do homem contra a passividade em geral, não contra a homossexualidade em especial. . . . Afinal, a adolescência é o estágio da vida em que as polaridades universais de ativo e passivo estão em conflito e em um combate final de proporções prometéicas. Na análise do rapaz adolescente, é imperativo que esta luta defensiva duplamente facetada – contra a submissão e a passividade bem como contra a auto-afirmação e o parricídio – seja destrinchada. (Blos, 1998, p.62, grifo nosso)

Na adolescência, quando a última chamada à apropriação sexual se faz ouvir, o sujeito não pode desvencilhar o momento crítico do seu processo identitário do objeto de amor – também por isso é que passividade e atividade mostram-se tão polarizadas. Para além do conflito já

¹³ O próximo tópico, “Sede de pai”, já abordará alguns aspectos nesse sentido, mas é o capítulo 5 que tratará especificamente os conflitos e práticas dos homens abusados sexualmente.

citado entre buscar o pai, em uma posição passiva, e opor-se a ele em uma atitude defensiva do que acaba sendo significado como homossexual e conflitante, é notável que Blos (1998) trace outro paralelo entre a agressividade para com o pai e a atração pela mulher. Como duas grandezas diretamente proporcionais, na medida em que o menino mais se sente convocado a assumir uma posição sexuada perante o objeto, a oferecer seu pênis como exercício de prazer indissociável de sua identidade viril, mais se opõe ao pai. Talvez, seja nesse ponto em que vemos a “reatualização” acontecer. *Não* se trata do mesmo momento anterior da constituição em que a proximidade inquietante com o pai precisava acontecer: enquanto adolescente, a convocação do real do sexo reativa a transmissão paterna legitimadora, porém, agora, deve ela ser sepultada. A incorporação da masculinidade, que aponta para as fantasias eróticas do menino por seu pai do período pré-edipiano até a adolescência, deve, então, deixar apenas vestígios – cujos fantasmas podem, aí sim, dependendo da bagagem de todo processo até a puberdade, ser mais ou menos aterrorizadores para o “Eu masculino”.

Por fim, podemos ver na tese ousada de Peter Blos (1998) uma contribuição importante e que encontrou algum sentido junto à de Silvia Bleichmar (2006). Ainda assim, reconhecemos que o autor atribui demasiada importância ao pai das relações primordiais, a ponto de considerar que a resolução do complexo de Édipo depende da resolução da relação com o pai pré-edipiano. Afinal, se há uma diferença qualitativa entre os cuidados exercidos pelo pai com o bebê, isso não pode suplantiar a presença do pai sexuada, ator principal absoluto nas teorizações de Bleichmar (2006), mas que parece secundário para Blos. O processo identificatório do menino com seu pai, que coloca em jogo uma transmissão sexual que um possui e outro quer possuir, e o próprio paradoxo dessa relação que, de forma menos explícita, parece compor a tese de Blos (1998) precisa evidenciar a posição sexuada, tanto do pai, o detentor, quanto do menino, o aspirante.

2.6 Sede de pai: o enigma que pede resolução

O caráter paradoxal da incorporação introjetiva descrita por Bleichmar se sustenta, como já elucidamos, sobre o fato de condenar para sempre a masculinidade ao fantasma da homossexualidade. No entanto, da mesma forma que perdura esse efeito atormentador, a incorporação do pênis paterno mostra seu sentido na promoção de uma função identitária que não se restringe aos anos em que uma criança pode estar imersa em laços eróticos e fantasias edipianas com seu pai. Isso significa que, por meio da instauração do fantasma paradoxal, são inaugurados caminhos que não estão isentos de inquietação, mas, ainda assim, conduzem o

menino a diversos horizontes possíveis para sua conformação identitária sexuada. Esse efeito pode ser observado no material colhido na análise de homens, como no exemplo que comenta Bleichmar (2006):

Un paciente gravemente obsesivo da cuenta de ello: cada vez que tiene relaciones sexuales con una mujer, “otro” lo atraviesa con su pene, analmente, y le brinda la potencia necesaria para el ejercicio genital. Sujeto puntual, masculino/femenino al mismo tiempo, en él se encarna esto brutalmente en fantasmas de pasivización homosexual, único modo de operar, hasta el momento, de la genitalidad masculina y de ejercer actividad con el objeto. (Bleichmar, 2006, p.35 grifo nosso)

Por outro lado, a falha desse processo representará um grande impasse na constituição identitária em que o sujeito, mesmo cronológica e fisicamente homem, pode se ver preso em um trajeto “curto-circuitado”, ao longo do qual traça um curso viciado na busca de respostas para o enigma mortificante que a identidade sexuada lhe impõe. Logo, a faca de dois gumes que é a confirmação da identidade do homem acompanhada pela produção de uma fantasmatização paradoxal é um “mal” necessário *e menor* diante do impacto provocado por sua ausência. Não ter seu sexo revestido de potência por um homem amado deixará o menino – e, futuramente, o homem – submetido à busca desesperada pelo real faltante ou a mercê de solucionar o enigma que impede que masculinidade seja plenamente integrada ao Eu (Bleichmar, 2006). Em outras palavras, poderíamos dizer que a incorporação eficaz é a forma de saciar a sede¹⁴ que todo menino sentirá de pai, ou do homem amado, para poder assumir uma identidade masculina sexuada.

Bleichmar (2006) descreve um caso que elucida essa situação de falta e que, inclusive, lança luz sobre nossa discussão subsequente sobre homens abusados na infância. Tendo retornado à Argentina depois de anos de exílio pelo regime militar, a autora conta ter recebido a ligação de Esteban, um dos pacientes que tiveram o tratamento interrompido na ocasião de sua debandada de sua terra natal. Após todos aqueles anos, Esteban declarou estar determinado a lhe contar o que não fora capaz de revelar na época de seu tratamento, fatos que, segundo ele, também não pôde abordar em suas tentativas pontuais de retomar o processo analítico com outros profissionais. Então, em seu reencontro com Bleichmar, o paciente lhe relatou duas

¹⁴ A expressão “sede pelo pai” ou mesmo “fome pelo pai” não é uma proposta inédita, sendo que há, inclusive, publicações psicanalíticas sobre isso (Blos, 1998) às quais, infelizmente, não tivemos acesso. Todavia, o uso que fazemos de “sede” neste trabalho é, em nossa intenção, apenas uma terminologia que transmita a busca que sucede à falta de uma figura paterna legitimadora, sem, com isso, enfatizar intencionalmente a oralidade como meio privilegiado de incorporação, afinal, nossa crítica à incorporação anal proposta por Bleichmar (2006) não é em relação à zona, mas ao seu aparente exclusivismo.

experiências passadas – cujas marcas nele deixadas são notáveis pela dificuldade que tinha para falar delas.

Primeiramente, Esteban contou-lhe sobre um acontecimento de sua adolescência: quando tinha 13 anos, um grupo de rapazes do bairro, maiores do que ele e os quais admirava, o levaram para um lugar afastado e, com certo nível de consentimento por parte dele, abaixaram suas calças e tocaram o ânus de Esteban com seus órgãos penianos. Tal cena, vivida com intensa humilhação, ele relaciona a uma prática que nunca havia revelado, isto é, sua compulsão por masturbar-se analmente com objetos, esfregando-os em seu ânus, sem penetrá-lo. Esteban conta que, apesar de feliz em seu casamento e de sua satisfação com suas relações sexuais, é tomado pela vergonha diante de sua necessidade de masturbar-se desse modo logo após fazer sexo com sua esposa, como se o ato só assim estivesse consumado. Já o outro episódio que havia relutado em contar à analista referia-se a um acontecimento de sua infância quando seu tio, pertencente a uma facção política contrária a de seu pai, invadiu sua casa violentamente em busca do cunhado. Segundo Esteban, seu pai, temendo por sua vida, fugiu pelos fundos da casa após clamar à esposa que intercedesse em seu favor diante do irmão. Nessa recordação de Esteban, tão marcante para ele, o mais terrível foi ter testemunhado seu pai pedir proteção à esposa, ter “se escondido sob as suas saias”.

A elaboração teórica de Bleichmar sobre a masculinidade nos adverte de que, diante de associações como essas, é imprescindível que o analista possa controlar seu impulso de seguir a via interpretativa tradicional para dissipar o conteúdo angustiante e nelas reconhecer a “homossexualidade inconsciente” ou atribuí-la simplesmente aos resquícios de uma bissexualidade psíquica. Resistindo a esse ímpeto é que esse conteúdo do discurso do paciente poderá ser integrado aos elementos próprios à masculinidade em vez de legado a elementos vestigiais e estrangeiros à identidade. Enfim, segundo Bleichmar (2006), é assim que:

vemos emerger su relación con fantasías ligadas a la búsqueda de virilización, *al reforzamiento de la potencia mediante la recepción de un pene que le incrementa al varón las posibilidades no sólo de goce sino de hacer gozar a la mujer*, marcando la insuficiencia del propio pene para lograrlo. (pp. 63-64)

Com efeito, mantendo essa escuta é que a segunda questão revelada por Esteban à Bleichmar pode ser integrada à primeira. Não passou despercebidamente aos olhos da analista que ambos episódios, descritos após anos de acúmulo de força e coragem, conjugavam situações que colocavam em risco a representação que Esteban tinha sobre sua própria masculinidade e

testemunhavam sobre seu aspecto falido. Bleichmar percebe que o ato abusivo com o qual Esteban em algum nível concordou, além de levar ao sintoma compulsivo devido à inscrição erótica que demanda a repetição da excitação, remete à sua tentativa frustrada de suprir a falta deixada pela representação insuficiente deixada pelo pai como indica o sentido que tem para ele a cena de fuga.

Su aceptación de la seducción ejercida por los mayores . . . se sostenía sobre la siguiente paradoja: al poner en lo manifestó, en acto, una corriente supuestamente homosexual de la vida erótica, ésta estaba al servicio de una búsqueda de masculinización, de una suerte de resolución imposible –de ahí el carácter sintomático que tomó a lo largo de la vida- de la masculinidad fallida del padre que cobraba la fuerza de una escena paradigmática en el recuerdo de la huida por los fondos de la casa escudado “en las faldas” de la madre”. (p.66, grifo nosso)

Nesse sentido, o conflito e o paradoxo da identidade masculina mostram seu ápice. Na busca por sanar o “enigma da masculinidade” devido à falta simbólica fundamental em sua amarração identitária, isto é, de ter seu órgão masculino revestido por uma virilidade legitimadora, foi que Esteban aquiesceu diante da oferta abusiva dos rapazes mais velhos que exibiam a imagem da masculinidade que ele mesmo gostaria de possuir. O que ele buscava era a transmissão no real daquilo que o pai castrado, covarde em sua percepção de filho, não pôde lhe oferecer simbolicamente. Em outras palavras, buscava tornar-se plenamente masculino a partir do pênis do outro e, com esse intuito, participa da cena que acaba significada pelo Eu como resultado de uma “complacência homossexual” que, por fim, contraria o motivo de tudo isso e acaba representando um entrave a sua percepção de si enquanto homem. Além disso, a excitação gerada nesse episódio fatídico parece ter encontrado uma via de ligação justamente com o desejo e o imperativo de incorporação, de modo que a compulsão masturbatória amarra-se tanto à busca de virilização quanto às marcas traumáticas deixadas por sua vulnerabilidade no afã de encontrar solução para o enigma de sua identidade sexuada.

É também nesse sentido que Bleichmar (2006) apresenta o caso de Nathanael que, com apenas 7 anos de idade, coloca em jogo os extremos a que pode levar o desejo de masculinização diante da identificação masculina falida mesmo na infância. O pequeno paciente foi levado à analista quando tinha 5 anos de idade devido a um conjunto de transtornos como usar chupeta em todos os lugares, enurese, seu gosto por fantasiar-se de princesas, além da observação da analista de que estava preso em uma relação simbiótica com

a mãe. Após 2 anos de tratamento, quando, pelas questões iniciais já se mostravam satisfatoriamente resolvidas, apesar de ter a convicção de que alguns enigmas ainda não haviam sido elucidados, Bleichmar encerrou o processo analítico de Nathanael. Entretanto, 8 meses após a finalização, a mãe do menino telefonou aflita para a analista assim que o menino lhe confidenciou um fato ocorrido – o que, segundo Blechmar (2006), veio, enfim, dar sentido ao material apresentado que a analista não havia, à época, conseguindo compreender. Nathanael contou que, já há algum tempo, um primo de 12 anos de idade o prendera no banheiro e o sodomizara. Segundo o menino, não reagiu e manteve segredo de todos por temer a retaliação do agressor, mas Bleichmar (2006), já a par da história de Nathanael, do papel faltante de seu pai e dos conflitos identitários do menino, lança um olhar surpreendente sobre sua submissão sem resistência:

El enigma de la masculinidad, la ausencia de padre capaz de saldar esta falla en la estructuración simbólica, *lo había llevado a ceder al otro sin que pudiera rebelarse ni reconocer el goce secreto experimentado*. Se trataba de un verdadero acto de búsqueda de resolución del “enigma de la masculinidad”, un ritual de penetración al cual, habiéndose pasivamente entregado al inicio a la búsqueda de compensación en lo real de una falla en la incorporación representacional del atributo de potencia, regresaba una y otra vez en una reiteración traumática de lo real vivido que coagulaba, desde una perspectiva paradójicamente homosexual, su deseo de recibir el atributo de una masculinidad cuyo padre parecía negarle. (pp.38-39)

Consideramos essa espécie de “entrega” a casos de violência ou “aceitação da sedução” tanto no caso de Esteban quanto no de Nathanael, enquanto reflexo de uma falta no processo constitucional da identidade de meninos, uma constatação de importância revolucionária. A possibilidade de entender que a sede de pai deixada pela transmissão ineficaz da masculinidade pode legar sujeitos à extrema vulnerabilidade de submeter-se a qualquer situação que possa simular, mesmo que remotamente, a incorporação falida é extremamente alarmante. Aliás, se o “declínio do pai” tem sido anunciado por psicanalistas há décadas, o que pode isso significar para a constituição da masculinidade e para as práticas sexuais dos homens tendo em vista uma hipotética condição generalizada de fragilidade e busca por legitimação por meio de um ato homossexual?¹⁵

¹⁵ Mais ainda, a força dessa perspectiva mostra-se no sentido que ganha junto às histórias dos meninos traídos, como será possível verificar nos casos e depoimentos do capítulo 5.

2.7 Indagações sobre o aparente antagonismo da homossexualidade

Antes de encerrarmos este capítulo, dedicaremos a ultima seção à apreciação de uma problemática que será essencial para a argumentação que desenvolveremos sobre o impacto do abuso sexual sobre a identidade masculina. Em “*Paradojas...*”, Bleichmar estabelece como âmagos de sua tese, âmagos do paradoxo que defender ser intrínseco à identidade masculina o fato de que:

Para ser hombre, el niño varón se ve confrontado a la profunda *contradicción* de incorporar el objeto-símbolo de la potencia, otorgado por otro hombre, y, al mismo tiempo, *de rehusarse a sí mismo el deseo homosexual que la introyección identificatoria reactiva*. (Bleichmar, 2006, p.40, grifo nosso)

Diante desse enunciado fundamental, pareceu-nos incerto até onde poderíamos sustentar, tal qual propõe a autora e tal qual era nossa intenção a princípio¹⁶, que a tese de Bleichmar sobre a constituição da masculinidade oferece argumentos que denunciem contundentemente o caráter inverossímil da amarração entre identidade e orientação sexuais. Afinal, como podemos entender que seja o paradoxo da masculinidade o fato de que o tornar-se masculino atravessa uma fantasia homossexual? Não há, também nessa lógica, uma incompatibilidade entre masculinidade e homossexualidade? Vejamos, então, se, restritos a obras de Bleichmar, podemos identificar os limites da artificialidade dessa separação.

2.7.1 Sob o frágil domínio do Eu

Em “*Paradojas...*”, Bleichmar (2006) assevera que “la elección de objeto genital y la identidad de género deben ser diferenciadas, ya que no se recubren mutuamente”. Mas, separando esse enunciado do seguinte por apenas uma vírgula, acrescenta uma ressalva: “y si bien en algunas culturas – como la nuestra, por ejemplo – la homosexualidad es concebida por muchas personas como un fracaso de la masculinidad – o de la feminidad” e, em seguida, conclui finalmente que: “la teoría no puede reflejar las trampas del yo en sus enunciados ni limitarse a reproducir los prejuicios ideológicos existentes.” (p.76) Poderíamos parafrasear esses trechos na seguinte afirmação que traduz o posicionamento da autora: ainda que identidade masculina e orientação sexual não sejam a mesma coisa, certas percepções

¹⁶ Vide introdução.

culturais podem atribuir a homossexualidade ao fracasso da masculinidade o que, por sua vez, não deve levar a teoria a reproduzir as armadilhas do Eu ou percepções sociais pejorativas.

Pois bem, entendemos que, para Bleichmar (2014), o que se apresenta como conflitivo entre masculinidade e homossexualidade resulta de uma cultura que estabelece em seus ideais essa contradição que, então, é assimilada pelos enunciados do Eu. Tanto é assim que a autora insiste em dizer em “*Paradojas...*” que os fantasmas da incorporação do pênis do pai *serão significados pelo Eu* como homossexuais. No entanto, poderíamos concluir a partir disso que esses fantasmas, fundamentados nessa *contradição* de que, para tornar-se homem, é preciso atravessar fantasias homossexuais, seriam dissipados não fosse pelo fato do Eu absorver representações culturais que colocam a homossexualidade como antagonica? Colocar, no centro de um processo constitucional, os modos de subjetivação de determinada cultura, parece aproximar a tese de Bleichmar à de Richard Gartner (1999) e de Michel Dorais (2011) que atribuem os conflitos dos homens sexualmente abusados na infância às determinações sociais sobre o que é ser homem – notadamente, não ser homossexual ou não ter envolvimento dessa natureza¹⁷. Essa redução, como já indicamos, não basta e é justamente o tema deste estudo que nos faz ter cautela diante da conclusão a que Bleichmar parece, a princípio, nos levar.

Aprofundemo-nos na questão da identidade sob um ponto de vista dinâmico. Nesse sentido, Bleichmar (2006) aborda o que chama de um problema na psicanálise, isto é, a noção que muitos psicanalistas têm, baseados na noção falaciosa de bissexualidade psíquica, de uma “verdade” do sujeito referente ao inconsciente. Para a autora, essa transformação dos desejos inconscientes em uma espécie de intencionalidade mais digna de uma “segunda consciência” seria um obstáculo para a compreensão da identidade – desejos inconscientes devem ser reconhecidos sob a ordem da instância que de fato os rege: o inconsciente. Em outras palavras, o que Bleichmar (2006) procura afirmar é que a identidade só pode ser instaurada na instância do Eu e, por conseguinte, rejeitar a noção equivocada de que, paralelamente, existiria um negativo da identidade egóica instaurada no inconsciente. Portanto, a verdade sobre quem é o sujeito não poderia estar nessa identidade oculta que faz oposição à “fachada” egóica. Mesmo que a identidade funde suas raízes no inconsciente, não poderia ser dessa ordem, uma vez que está atravessada pela lógica binária e não poderia constituir-se como pura afirmação, ou seja, sem oposição (Bleichmar, 2014). Assim, da instância inconsciente – e,

¹⁷ Para mais detalhes sobre as afirmações de Richard Gartner e Michel Dorais sobre os conflitos de homens abusados em relação à masculinidade, vide introdução.

nisto, reconhecemos a proposta fundamental de Laplanche (1992) sobre o realismo do inconsciente –, não poderia se referir qualquer tipo de identidade, quanto mais atribuir-lhe caráter genuíno superior. O inconsciente é parasubjetivo e caracteriza-se pela ausência de sujeito o que significa que a subjetividade, que se refere ao sujeito estritamente, é da ordem do sujeito volitivo, cognoscente, “do sujeito que enfrenta o mundo.” (Bleichmar, 2014, p.19) Logo, a identidade é, em todos os sentidos, um conceito egóico.

Por conseguinte, homossexualidade e heterossexualidade são, assim como os chamados “sentimentos inconscientes”, categorias inconcebíveis enquanto parte do inconsciente. Isso não significa, por outro lado, que não existam, no inconsciente de todos os seres humanos, desejos que possuem, digamos, maior “afinidade” com as qualidades femininas ou masculinas do objeto (Bleichmar, 2006). Por isso, *quando emergem* na consciência, esses desejos, quando de ordem inversa aos que o sujeito sustenta ao lado egóico, podem ser *classificados pelo Eu* como homossexuais. Desse modo, Bleichmar (2006) chama a atenção para a conclusão de que “ya es hora, entonces, de que reconozcamos, avalados por nuestra clínica y nuestros desarrollos teóricos, su lugar a la heterosexualidad reprimida de aquellos que constituyen su identidad sexual como homosexuales.” (p.99). Em outras palavras, o que está em jogo não é a homossexualidade reprimida, mas os desejos reprimidos que, emergindo na consciência, podem ser classificados pelo Eu como antagônicos, sejam eles homo ou heterossexuais.

2.7.2 Passividade, feminilidade e homossexualidade

Entretanto, devemos esclarecer que, ainda do ponto de vista dinâmico, existe uma diferença importante entre homens e mulheres que implicará no status que a homossexualidade ocupa para cada um dos sexos. E, aqui, tudo parece levar à passividade: é ela que determinará caminhos distintos a serem seguidos pelo menino e pela menina. Como já descrevemos, o menino precisará passar de passivo a ativo, implicando em mudanças de objeto e de zona, prerrogativa antes reservada pela psicanálise apenas à menina. Por essa razão o exercício de repressão da passividade assumirá um esforço que destacará o caráter distinto que a homossexualidade terá para os homens e para as mulheres (Bleichmar, 2006). Enquanto estas podem, sem profundos questionamentos identitários, ter em suas relações homossexuais na juventude até mesmo a preparação para a heterossexualidade (Bleichmar, 2014) ou tratar com leveza experiências homossexuais transitórias da infância, adolescência ou juventude, aqueles

lidam com tais experiências com extrema gravidade de modo que, por vezes, assumem um “caráter estruturante”¹⁸ (Bleichmar, 2006).

Mas qual a razão desse rechaço muito mais radical do masculino à passividade? A sexualidade das origens não é masculina nem feminina, mas ao ser articulada às oposições definidas por Freud de feminino-masculino que encontram correspondência na posição do sujeito em termos de passivo-ativo: “deviene para el niño varón, en su conjunto, una amenaza constante de feminización dado que lo coloca respecto al otro en un lugar pasivo de goce, o en la búsqueda de un goce de fin pasivo.” (Bleichmar, 2006, p. 82) De fato, no âmago dessa questão não há como ignorar o paralelo entre passividade e feminilidade. Porém, não se trata da significação *a posteriori* da posição radical dos primórdios da vida – ainda que seja matricial –, já que esta, ameaçando a existência do sujeito como tal, é rejeitada ferrenhamente tanto pela masculinidade quanto pela feminilidade. O que podemos notar é que, em seu enunciado axial, Bleichmar (2006) indica um processo metonímico entre passividade e feminilidade:

la identificación masculina en términos de sexo (no de género) se constituye por la introyección fantasmática del pene paterno, es decir, por la incorporación anal de un objeto privilegiado que articula al sujeto *sometiendo su sexualidad masculina a un atravesamiento, paradójicamente, femenino*. (p. 235, grifo nosso)

O paradoxo da masculinidade seria, em última instância, atravessar a feminilidade para se constituir; porém, essa feminilidade está atrelada aos desejos do menino em relação ao pai, à sua submissão e incorporação do órgão masculino potente que ele almeja possuir como seu próprio, enfim, às fantasias e desejos que são inexoravelmente classificados pelo Eu como homossexuais. Logo, parece-nos que o processo metonímico, tal como proposto por Bleichmar (2006), se estende entre passividade, feminilidade e, também, homossexualidade. Assim, somos levados a outro impasse na manutenção da separação entre identidade e orientação sexuais: se homossexualidade se confunde essencialmente com feminilidade, como haveria um homem, independentemente do que a cultura possa afirmar sobre a compatibilidade entre ser homem e ser gay e de como a ideologia impactará as classificações do Eu, não ter, em sua homossexualidade, um conflito com sua identidade masculina? O paradoxo não parece alicerçar-se na homossexualidade concebida como antagônica, mas em sua qualidade feminina que, inevitavelmente, evocará contradição.

¹⁸ E, como a própria autora indica, para os homens, os traumatismos sexuais juvenis envolvendo sedução também adquirirão esse “caráter estruturante”, ponto fundamental para nosso estudo.

Diante disso, mostra-se conveniente notar os argumentos que Bleichmar (2006) lança mão ao discordar da afirmação de Bernard Sergent sobre as práticas homossexuais entre os homens da Grécia Antiga ser a “variante local” da interpretação social da sexualidade. Para a autora, considerar que a iniciação sexual dos jovens gregos, tal como descrita por Sergent, foi a forma que os homens gregos escolheram de viver sua sexualidade, lógica submetida à tradição, é uma:

Interpretación irreprochable, en nuestra opinión, desde el punto de vista ideológico, pero limitante en razón de que pierde de vista el echo central: la iniciación de la sexualidad bajo un modo pasivo, femenino, de recepción del pene de un hombre por parte de otro hombre, es un ritual de acceso a la masculinidad cuyas formas simbólicas *pueden tener modos diversos de ejercicio*, pero que confirma nuestra hipótesis sobre la complejidad de la masculinidad como un camino que atraviesa, inevitablemente, la feminilidad. (pp. 238-239)

Parece-nos que o que vindica Bleichmar é que essa prática sexual, ao contrário do que afirma Sergent, não é da ordem da cultura, da regra, da tradição, mas resultado de um universal concernente à ascensão do menino à posição masculina – e o fato de citar diversas culturas como exemplos em “*Paradojas...*” (2006) reforça essa conclusão. Se esse é o caso, contudo, somos novamente levados a refletir se seriam, de fato, as construções sociais em torno do que é ser homem que colocariam em oposição os desejos e fantasias significados pelo Eu como homossexuais e a identidade masculina. Afinal, se tornar-se homem por meio da incorporação do pênis é um processo inconsciente constitucional que atravessa culturas – ainda que se expresse em cada uma de formas distintas – e se as moções que compõem esse processo serão significadas como homossexuais devido seu caráter feminino inerente que, conseqüentemente, fará oposição à identidade masculina, não seriam *sempre* aterradores os fantasmas da homossexualidade independentemente dos modos de subjetivação e dos ideais culturais?

2.7.3 A insuficiência eficaz do binarismo

Já entendemos que o paradoxo, tal como proposto por Bleichmar – que procura livrar a homossexualidade de amarrações preconceituosas como a de ser uma perversão (Bleichmar, 2006) ou a de ser concebida de modo simplista como “amor ao idêntico” (Bleichmar 2014) –, não é entre homossexualidade e masculinidade, já que para a autora não há incompatibilidade entre eles senão aquela imposta pela cultura. Mas, como descrevemos, compreendemos também que, para a autora, há um paradoxo entre o que subjaz à homossexualidade, isto é,

entre a passividade-feminilidade e a masculinidade, remetendo a um par de opostos bastante conhecido em que se apóia o binarismo.

Apesar do movimento ideológico contemporâneo de desconstrução da lógica binária dos sexos, Bleichmar (2006) não deixa de reconhecer e afirmar sua validade. Segundo a autora, é absolutamente inevitável que a oposição da lógica binária, que faz a bipartição sexual na qual estamos profundamente enraizados, seja constitutiva do sujeito no sistema básico de discriminações, e nisso jaz a extrema dificuldade de desconstruí-lo. Masculino e feminino correspondem à ordem dos enunciados compartilhados socialmente, mas nem por isso são facilmente descartáveis, uma vez que ordenam fenômenos que, não fossem por eles, estariam abandonados à desarticulação.

El planteo acerca de que la identidad sexual es arbitrariamente atribuida a partir de una lógica de la bipartición es tan *cierto como falaz*. Guarda en sí la ilusión libertaria pero imposible, residual del siglo XIX, de que los seres humanos pueden elegir al margen de sus determinaciones y sin constricciones. La respuesta filosófica, política y científica a esto consiste en reconocer que esta arbitrariedad no es eterna ni fijada para siempre, *pero que es necesaria y que su permanencia, mientras rige, posibilita un marco para definir tanto el propio ser con sus límites, y para poder luchar contra ellos. . . . la arbitrariedad tiene un límite . . .* (Bleichmar, 2006, p.214, grifo nosso)

A própria teoria proposta em “*Paradojas...*” sobre a masculinidade alicerça-se sobre a efetividade da bipartição, opondo masculino e feminino e, como vimos, encontrando seu paradoxo justamente quando o primeiro é atravessado pelo segundo. Por outro lado, é em relação à própria homossexualidade que, segundo Bleichmar (2006), se torna palpável sua falácia: “La insuficiencia del binarismo de género se manifiesta, fundamentalmente, en la apreciación de las *diversas formas de la homosexualidad*, donde falla radicalmente el anudamiento entre la identidad de género y el deseo sexual.” (p. 203, grifo nosso)

Eis que somos remetidos novamente ao problema do status da homossexualidade entre masculinidade e feminilidade. Que existam “diversas formas de homossexualidade” não é estranho ao que propomos até então, mas como isso se relaciona com a ruptura do par exclusivo masculino-feminino? Seria característico à homossexualidade ou à maioria das “homossexualidades” extrapolar o masculino? Uma resposta afirmativa endossaria a ideia comum de incompatibilidade entre homossexualidade e masculinidade algo que, no entanto, Bleichmar (2014) é categórica em contradizer:

Si hay algo insostenible ya es la idea de que la homosexualidad no sea masculinidad o feminidad. Es una forma en que la teoría ha reflejado las representaciones imaginarias del sujeto, a partir del modo en que la cultura ha inscripto un ideal masculino y femenino. Precisamente, el embate actual es cómo lo masculino o lo femenino no puede ser subordinado a la elección de objeto. (p. 298, grifo nosso)

Poderíamos então, restritos ao paradoxo e completamente presos ao binarismo, vislumbrar que, em um *continuum* entre masculino e feminino, a homossexualidade masculina se liberte mais do núcleo cristalizado da masculinidade para incorporar, cada sujeito em diferentes níveis, de feminilidade? A única certeza que parecemos ter é a de que o paradoxo não se sustenta fora da lógica binária a qual, por sua vez, dando conta de tudo o que, de fato, se insere nessa antiga ordem, não pode ser considerada abominável, apenas limitada. Por sua vez, binarismo e paradoxo localizam a homossexualidade, pela metonímia passividade-feminilidade, em um lugar outro que não a própria masculinidade – se fora, além ou desviada dela, não há como dizer. Bleichmar (2014) também reconhece que os modos com que vão se perfilando e produzindo identidades muito complexas não podem ser reduzidas ao mesmo ordenamento, porém, acrescenta que:

tampoco deben ser resueltas según un modo demagógico de acoplamiento a las demandas de quienes se sienten imputados – tal como hizo la Federación Americana de Psiquiatría –. De manera que tenemos que trabajar más a fondo la cuestión masculino-femenino sin quedar capturados por las cuestiones de género, pero teniendo en cuenta cómo las transformaciones de género ponen en debate los modos en que concebimos la problemática de la diferencia. (p.17)

Retornamos ao mesmo ponto: a identidade não está *subordinada* à orientação sexual, enunciado que endossamos, mas que, se mostrando estéril diante de outras elaborações, necessita de uma importante ressalva. Porque, se a homossexualidade masculina não pode ser outra coisa senão a própria masculinidade, como entender tanto o paradoxo que ela representa quanto a insuficiência do binarismo na apreensão das “homossexualidades”?

Essa questão parece mostrar-se essencial diante dos homens que, em vez de se recusarem, abraçam os desejos homossexuais, assumem-os como orientação sem que estejam em conflito com sua identidade masculina. Amam ou apenas desejam outros homens sem serem impedidos de se sentirem homens, isto é, não estão sobre o jugo de provar sua masculinidade, pelo contrário, podem integrarem-se ao mundo feminino sem demonstrarem a ruptura de amarras essenciais. Diante disso, reconhecemos que algo reprimido ameaça a identidade masculina muito mais que a feminina – ainda que não se trate da “verdade” sobre quem se é,

mas da passividade, da feminilidade fundamental ao processo de constituição da identidade. Todavia, é preciso reconhecer também que existem caminhos alternativos, ainda que sejam misteriosos os critérios necessários para pertencer a um ou a outro, a serem percorridos pelo sujeito que tem, no núcleo de sua identidade, a certeza subjetiva “sou homem”.

Uma belíssima cena do cinema pode nos servir de ilustração. Em “Filadélfia” (Demme, Saxon & Demme, 1993), Tom Hanks interpreta Andrew, um jovem homossexual e bem-sucedido advogado que processa seus ex-empregadores de uma prestigiosa firma da Filadélfia alegando tê-lo despedido por ser portador do vírus HIV. O filme se passa em um período não muito distante do surto inicial de AIDS no início dos anos oitenta entre os homens gays e é um dos primeiros a abordar o terrível efeito social da AIDS e do preconceito contra homossexuais. Porém, o enredo sobre o litígio e a busca do personagem por justiça enquanto avança a doença ainda sem um tratamento mais eficaz, concentra-se sobre um embate mais íntimo, porém não menos contundente. Referimo-nos ao encontro entre Andrew e Joe, o advogado machão interpretado por Denzel Washington que, depois de rejeitar o caso, acaba por aceitar defendê-lo nos tribunais. Encontro que apresenta a Joe o desafio de se aproximar de um cliente cuja causa não pode ser dissociada do homem cuja sexualidade ele costuma zombar e repudiar e cuja doença, vista como consequência dessa sexualidade, ele teme. Em outras palavras, Joe está, a princípio, muito mais identificado com seus opositores que com seu próprio cliente.

Já no final do filme, na véspera do dia em que Andrew deporá em juízo, Joe vai até sua casa devido a uma festa e, depois que todos se vão, inclusive o companheiro de Andrew e a esposa de Joe, o advogado permanece com seu cliente para que possam ensaiar seu testemunho. Joe senta-se à mesa, abre sua pasta, começa a mexer em seus papéis e a falar sobre estratégias para o dia seguinte, mas Andrew, já debilitado, parece distraído e interrompe as questões objetivas de Joe com perguntas existenciais. Então, outra música começa a tocar suavemente ao fundo e ele diz ser sua ária favorita – *La mama morta* na voz de Maria Callas. Pergunta a Joe se gosta de ópera e ele sinaliza, com certa impaciência, que não é familiarizado. A partir daí, Andrew, ignorando o desinteresse de seu advogado, levanta-se, compenetrado e levando consigo a haste que sustentava o soro fisiológico.

Joe, percebendo o desvio de foco, checa as horas em seu relógio, mas não o interrompe. Andrew aumenta o volume e a música enche o ambiente, é tomado pela ária e começa a conduzir Joe pela música, explicando, a cada estrofe, o que Madeleine, personagem de Callas, estava dizendo. “*Durante a Revolução Francesa, sua casa foi incendiada e sua mãe foi morta*

na porta de sua casa”, explica Andrew, que fecha os olhos e, pergunta: “*Consegue sentir a dor na voz dela, Joe?*” A face do advogado ainda demonstra desconforto, mas parece ser de uma natureza diferente da impaciência que antes o tomava. Há um interesse, ao menos intrigado ele está por mais essa oportunidade de conhecer esse homem tão distante de sua realidade.

De repente, o ambiente se escurece, ganha uma iluminação avermelhada e Andrew continua a dar passos pequenos pela sala, de olhos fechados, e a guiar Joe pela ária. Andrew se emociona. As chamas da lareira começam a iluminar o ambiente debilmente, apenas atribuindo às faces dos homens sua trepidação e seu tom avermelhado. Andrew para por um momento de falar, de explicar. Coloca a mão sobre a testa como um gesto que, espontaneamente, acompanha o lamento cantado de Madeleine. Torna-se difícil entender se ele permanece ali: eis que ele se mostra indissociável dela e, também rodeado pela morte, se torna Madeleine entre as chamas trepidantes e avermelhadas da Revolução, vendo a desolação e chorando suas perdas. Quando a música chega a seu ápice, ele passa a dizer e traduzir as estrofes novamente, mas agora, as estrofes com tom otimista todas começando com as palavras “eu sou” parecem confundir ainda mais, fazendo as afirmações de Madeleine soarem como asserções de Andrew sobre si mesmo diante de seu fim eminente.

Por fim, com o silenciar do último acorde, imediatamente a luz branca e fria volta acender e ele abre os olhos marejados como se saindo de um transe. Joe também é devolvido ao mundo real, sacode a cabeça e, com um sorriso cordial de quem quer resolver uma situação constrangedora, diz que é melhor ir para casa porque está tarde, que não precisam de preparação porque Andrew já está pronto para o depoimento. Ele fecha a porta do apartamento e vai em direção ao elevador. Percebe que Andrew volta a ouvir a mesma ária. Para. Volta até a porta e faz como se fosse bater, mas desiste e vai embora. A ária continua a tocar como fundo da cena seguinte que mostra Joe chegando a sua casa tarde da noite, indo até o quarto de sua filhinha que dorme, dando-lhe um abraço e dizendo que a ama e, depois, deitando-se, do jeito que havia chegado, na cama com sua esposa, beijando-a e abraçando-a com olhos de quem vivenciara uma cena assombrosa, re-significadora.

Aquela noite, aquele momento, foi o ápice da jornada inesperada que Joe teve com Andrew. Se ele guardava repúdio e desdém pela homossexualidade, foi tragado e transportado para uma transfiguração, de fato, completamente estranha ao seu mundo masculino, isto é, ele testemunha um homem, completamente rendido, integrado à feminilidade que Joe com todas

as forças repudia, a qual sempre ameaça a verdade sobre seu sexo. “Como seria isso possível?”, Joe deve ter pensado. Atordoado, intrigado pela possessão que testemunhara e dividido entre a aproximação e a debandada, ele vai e volta no corredor. Vai, enfim, para casa e se agarra e celebra os estimados frutos que sua virilidade lhe deu e que, como foi lembrado por Madeleine, por Andrew e pelas chamas, podem ser consumidos, roubados e perdidos.

Da mesma forma que o processo judicial é o pano de fundo para esse encontro entre Joe e Andrew, ambos parecem ser representantes de um encontro maior, não apenas entre uma sociedade preconceituosa e os portadores de HIV, mas, principalmente, entre os homens que, como o filme mostra abertamente, se enojam com essa doença que lhes parece coerente com a torpeza do ato homossexual que acreditam tê-la provocado e daqueles que dela padecem. O título, “Filadéfila”, e a música tema que, na abertura e no encerramento do filme, fala sobre a cidade, indicam que o encontro entre Joe e Andrew é, na verdade, o símbolo para um encontro muito mais amplo o qual, ousamos dizer, não se remete genericamente ao preconceito da sociedade, mas aos embates entre dois grupos de homens¹⁹ enraizados nas separações e rechaço característicos da masculinidade.

Todo o paradoxo descrito por Bleichmar (2006), isto é, o “meio” desse processo em direção à masculinidade, justifica-se por sua “finalidade”, quer seja, como homem sexuado, poder ofertar o pênis como objeto de potência que oferece completude e prazer. Sobre esse propósito, a autora faz uma observação importante de que é uma oferta “que el hombre realiza no necesariamente a una mujer (ya que esta ofrenda puede ser brindada a outro hombre).” (p. 26) Sobre isso, poderíamos inferir que aquilo que, sendo significado como homossexual, é paradoxal na constituição cujo objetivo é a masculinidade enquanto posição sexuada perante o objeto pode ser incorporado à identidade masculina. Aquilo que é indissociável da passividade e da feminilidade, conteúdos privilegiados pela repressão na masculinidade, torna-se, de alguma forma, mais compatível. Sendo assim, qual o paradoxo para o homem que oferece, em liberalidade, o fruto de seus fantasmas homossexuais a outro homem? Parece-nos que os fantasmas, roubados em seu poder de assombrar, se dissiparam.

¹⁹ Até o final desta dissertação, ao abordarmos questões envolvendo a diferenciação entre os conflitos característicos ao homem homossexual e ao heterossexual, estaremos, na verdade, remetendo a essa ideia de dois grupos, dois extremos dentro do espectro de “classes” de homens que, segundo a discussão que agora desenvolvemos da proposta de Bleichmar em “*Paradojas...*”, parecem encontrar seus emblemas na polarização (inevitavelmente reducionista) entre a heterossexualidade e a homossexualidade.

2.7.4 *Identidade e orientação sexuais: um cruzamento inexistente?*

Com isso, reconhecemos, começamos a nos distanciar das afirmações explícitas de Bleichmar. Porém, essa diversidade contida na masculinidade parece referir-se, enfim, ao terceiro tempo da constituição da identidade masculina descrito em “*Paradojas...*”, um processo posterior às identidades de gênero e sexuada. Nesse momento, “ser homem”, já inscrito narcisicamente no Eu, não está em questão, mas sim que *classe* de homem o sujeito deverá ser. O menino deve haver-se com as identificações secundárias que formarão as instâncias ideais, articulando sua identidade às proibições que compõem a consciência moral, ou seja, o que será admissível e condenável como parte de sua identidade.

Essa abertura característica da etapa final da constituição da identidade é que parece realmente amarrar-se à cultura e a seus ideais, e por isso lamentamos que, talvez por ser posterior à etapa paradoxal, tenha sido pouquíssimo explorado pela autora em sua obra. A diversidade dessa etapa, restrita apenas aos limites impostos por uma sociedade sobre o que pode ser incorporado como “de homem”, aponta para a insuficiência do binarismo para dar conta da sexualidade e, mesmo, para contemplar as diversas formas de homossexualidade as quais indicam o problema de se equacionar identidade e orientação sexual tal como sustenta Bleichmar. O momento político-ideológico atual é, sem dúvida, de uma expansão inédita desses limites – ou até de hostilidade em relação a eles – fortalecendo a corrente que leva a masculinidade a, cada vez mais, flexibilizar-se.

Como já indicamos, Bleichmar (2014) afirma há muito que a identidade se define, em primeira instância, como oposição e, depois, como afirmação. Mas o que isso quer dizer no sentido a que nos detemos agora? Que a identidade é primordialmente um ato de discriminação, tal como vimos no tempo de instauração da identidade de gênero, que terá as suas raízes no conhecimento do que não se é e, portanto, trata-se de uma afirmação que parte daquilo que se nega. Todavia, uma identidade sólida é aquela que, progressivamente, se define menos por oposição, enquanto as que se atrelam ao maniqueísmo, como o machismo, indicam as falhas em seu próprio processo constitutivo que as leva à necessidade de permanecer negando para afirmar, exagerando os traços de afirmação de que não se é aquilo que se pretende não ser²⁰.

²⁰ Esse é um ponto fundamental e será recuperado no capítulo 4, quando os dois pólos de “classes” de homens serão organizados, à luz do paradoxo, segundo a “maleabilidade” de suas fronteiras identitárias.

Porém, como poderia esse aspecto negativo ser incorporado à identidade afirmativa? Essa pergunta nos leva à importante distinção destacada por Bleichmar (2014, pp. 251-252): “Hay que romper con la idea de que es el monto lo que determina el modelo de la defensa y no el fantasma acerca del monto que el sujeto tiene, que es algo diferente.” Aplicando-a à nossa análise, poderíamos entender que, não é, por exemplo, a intensidade da hostilidade que leva um homem a rejeitar o homossexual. A força do fantasma que ameaça sua masculinidade é que o levaria a uma posição reativa hostil, obrigando-o a ocupar um lugar de oposição pela incapacidade de integrar partes que se mostram demasiadamente ameaçadoras²¹.

Por outro lado, vejamos o que Bleichmar (2006) afirma ao sinalizar que, mais do que apenas defender-se e contra-atacar, reforçando polaridades que foram essenciais no princípio, existe uma forma de o menino afirmar-se, agregar, reforçar as muralhas de sua cidadela insistentemente ameaçada de ser sitiada por um invasor, independentemente de sua orientação sexual.

Como en todo ser humano, la identidad funciona como una suerte de “*imprinting*” invertido: propuesta por el otro, metabolizada de una u otra forma, el modo con el cual se establezca la combinatoria compleja entre deseos y referencias discursivas definirá su destino. La identidad sexual, amenazada siempre por los deseos contradictorios que el inconsciente impulsa, *debe sin embargo lograr una cierta estabilidad que no dependa de la elección amorosa o genital de objeto amoroso*, sino de los modos con los cuales el sujeto se instituya en el interior de una red simbólica que lo sostenga sin asfixiarlo. (Bleichmar, 2006, p.216-217, grifo nosso)

Eis que, ainda que retomando o ponto inicial de nossa discussão, nos aproximamos ao epicentro do problema sobre a homossexualidade antagonizar ou não a identidade masculina. Ameaçada, nos diz Bleichmar, a identidade do homem deve alcançar estabilidade *independentemente* do objeto alvo de seu desejo, ou seja, entendendo que os desejos contrários provenientes do inconsciente são taxados homossexuais, não deve ser a orientação heterossexual a responsável por promover a maior estabilidade identitária. Sobre a contradição entre o desejo pelo objeto e as representações identitárias do sujeito, Bleichmar (2014) considera:

hay dos preguntas. Una es: “Si soy un hombre y amo a otro hombre o me siento atraído por otro hombre ¿soy homosexual o no soy homosexual?”. Esta es una

²¹ Considerando-se o estado fragilizado da identidade masculina dos homens abusados sexualmente na infância assim como suas dificuldades em relação à homossexualidade e aos homens homossexuais, esse é um ponto importante ao qual retornaremos nos capítulos 4 e 5.

pregunta clásica en la clínica cuando aparecen estos fantasmas, sueños o deseos. Entonces, la pregunta es por la estabilidad de la identidad sexual. La segunda es: “Si soy un hombre y tengo estos deseos, ¿estos deseos ponen en riesgo el hecho de que yo sea un hombre?”. Son dos cosas diferentes. Una tiene que ver con la bisexualidad, homosexualidad o heterosexualidad, y la otra con la identidad de género. *Hoy se han desdoblado. Hace veinte o treinta años no era así, pero en este momento son dos preguntas diferentes que se hace un ser humano.* (p. 299, grifo nosso)

De fato, isso é coerente com sua insistência em descrever como identidade e orientação como processos independentes. Porém, acreditamos ser fundamental questionar: o que mudou? Segundo o exemplo de Bleichmar (2014) em que cita uma conversa casual entre seus netos, três meninos, falando sobre algo envolvendo a questão de ser gay sem qualquer tom pejorativo como exemplo, entendemos que houve uma mudança considerável na cultura, há menos rejeição e mais naturalidade dos homens em relação à homossexualidade. O próprio desfecho de “Filadélfia” mostra Joe como um homem transformado pelo contato com Andrew e que, uma vez menos armado por preconceitos que ele diz ter sido ensinado desde pequeno a cultivar contra homens gays, parece tranquilo em relação àquilo que antes o inquietava na homossexualidade masculina. Aliás, o próprio contraste entre o que era aceitável se pronunciar abertamente na época do filme e o que seria correto atualmente apenas endossa o que já sabemos, isto é, que em termos de integração, a homossexualidade tem certamente ganhado um novo status. Porém, onde isso coloca o paradoxo? Não é ele sobre a feminilidade? Parece-nos que estamos presenciando, enfim, a integração entre masculino e feminino, numa dissolução de limites, uma indiferenciação que parece coerente com a proposta ideológica proeminente na atualidade da teoria *queer*.

Com efeito, identidade e orientação sexual não se referem a processos correspondentes, contudo, parece-nos pouco razoável e artificial, ainda que mais harmônico com um ideal teórico e, principalmente, ideológico atual, separá-los completamente. Em outras palavras, entendemos que identidade masculina não *depende* do objeto de eleição genital, mas que ser homo, hétero ou bissexual e como isso se integra²² na identidade do homem poderá ser um fator determinante no estabelecimento de sua estabilidade. Se a instauração da identidade sexual é o momento crucial para a identidade masculina por se referir à *função*, não se trata de colocar em evidência, por conseguinte, o objeto a quem se oferece essa função, ou seja, a orientação sexual? Especificamente em relação à masculinidade, processo tão intrincado, e lembrando que, segundo Bleichmar (2006), as práticas sexuais dos homens adquirem um

²² Mais adiante, abordaremos a diferenciação entre homossexualidade fantasiada, atuada e assumida.

“caráter estruturante”, não nos parece razoável negar que a orientação sexual impactará profundamente a identidade sexual – talvez, a questão digna a ser discutida é *como* se entrelaçam.

Não seria justamente essa a diferença que abre um abismo entre a masculinidade de Joe e de Andrew? Ao ter²³ homens como objeto erótico, não teria Andrew encontrado conformidade e apaziguado o antagonismo do exercício de sua sexualidade, enquanto Joe, homem heterossexual, manteve ativo os fantasmas atormentadores que denunciavam a incoerência entre a formação identitária os desejos a ela subjacentes? Consideramos que por essa razão Andrew seja uma figura tão intrigante para o advogado ou para o grupo de homens que ele representa: como é possível abraçar sua feminilidade tão livremente? Nesse sentido é que a representação do Eu sobre a homossexualidade, baseada nos aspectos ideológicos a certo narcisismo e a certa cultura (Bleichmar, 2014), produz seu efeito: proporcionando-lhe a possibilidade de ser parte legitimadora ou antagônica da identidade. Por esse viés, podemos manter a crítica à afirmação de Richard Gartner (1999) sobre o problema em torno da masculinidade vivido por homens vítimas de abuso sexual como resultado quase exclusivo de um discurso social preconceituoso que opõe masculinidade e homossexualidade.

Todavia, faz-se preciso abrir um parênteses para distinguir entre homossexualidade fantasiada, atuada e assumida (Bleichmar, 2006), ou seja, o homem que deseja outros homens, mas não aceita essa condição por ter uma representação da homossexualidade que contrarie sua identidade não está em uma zona menos instável que os heterossexuais. Bleichmar (2014) cita casos de homens que se sentem enfermos quando vivem um conflito em relação à escolha homossexual de objeto. Para a autora, todavia, mirar sua saúde psíquica na aproximação da heterossexualidade é produto de ideais narcísicos e culturais os quais, sendo diluídos e integrados como já vimos, considera fadados a ruir em breve. Por outro lado, empenhada em não ceder à demagogia, Bleichmar (2014) critica o chamado “orgulho gay” enquanto orgulho de ser homossexual em vez de orgulho de ter se assumido e de ter direitos: “No comparto que sientas orgullo de ser homossexual, como yo no siento orgullo de ser heterosexual. Cada uno tiene la sexualidad que puede.” (p.242) O que está em jogo é a integração, sua admissibilidade ao Eu. Da mesma forma que a homossexualidade não pode ser reduzida à busca deixada pelo

²³ Andrew simplesmente *tem* objeto homossexual, assim como Joe *tem* heterossexual: abraçar a homossexualidade pode ser uma escolha dentro das possibilidades narcísicas do sujeito, mas a chamada “eleição de objeto” é, paradoxalmente, o produto de um conjunto de determinações e articulações entre identidade e desejo (Bleichmar, 2014).

engima de masculinização, pela “sede de pai”, também não pode ser paradoxal uma vez integrada ao Eu como parte da identidade.

Por isso, não podemos ignorar que identidade e orientação sexual possuem uma amarração final, conclusiva e não inicial, fundadora, como critica Bleichmar – e, nisso, jaz uma grande diferença. O senso comum parece relacionar identidade e orientação em sua gênese, ou seja, que ser gay é ser menos homem²⁴, além, claro, de uma visão pejorativa do efeito da orientação sobre a identidade, com a qual Bleichmar (2006) insiste em romper. Já aquilo que parece se revelar em nossa investigação orientada pela tese desenvolvida em “*Paradojas...*” aponta para uma afirmação retroativa da identidade, isto é, considerando-se o âmago do que seria o paradoxo, ser gay ou ser heterossexual poderia, respectivamente, atenuar ou intensificar o conflito da identidade masculina. Da mesma forma que a identidade de gênero está dissociada da identidade sexual, mas é por ela re-significada, a identidade sexual está dissociada da orientação sexual em sua origem, mas seria inexoravelmente re-significada por ela²⁵.

A conclusão a qual parecemos chegar é, reconhecemos, uma proposta que potencialmente ameaça modificar um aspecto central do pensamento de Bleichmar, pois poderia significar que a qualidade paradoxal da incorporação do pênis não é condição *sine qua non* da identidade masculina ou que, ao menos, não conserva seu poder atormentador em todos os casos. Contudo, poderíamos escapar a essa conclusão? Porque já entendemos ser possível a alguns homens, gozando de uma identidade com alicerces mais firmes, prescindir cada vez mais de oposições para afirmar-se, isto é, poder integrar ao núcleo identitário aspectos primordialmente negados. Além disso, como destaca Bleichmar (2014), os ideais de nossa sociedade têm abandonado a velha oposição entre masculinidade e homossexualidade, ou seja, é cada vez mais plausível para um homem admitir que os desejos classificados pelo Eu como homossexuais não sejam, também, determinados como incompatíveis. Consequentemente, se a feminilidade e a passividade podem ser integradas à identidade masculina sem afetar a certeza subjetiva de que se é homem, estaria a ideia de um paradoxo essencial à masculinidade condicionada à heterossexualidade?

²⁴ Vide introdução.

²⁵ É nesse sentido que a questão da orientação sexual, aos poucos, deixa sua posição marginal inicialmente proposta (vide introdução): permanece completamente afastada da problemática que relaciona o abuso sexual à gênese de uma orientação homossexual, mas, enquanto orientação já definida em alguma medida, apresenta-se como importante elemento de re-significação do paradoxo e, como trataremos ainda, consequentemente, também da violação.

Finalmente, em nome da clareza, vamos nos repetir para concluirmos esse percurso intenso. A homossexualidade enquanto fator que sustenta o paradoxo da identidade masculina nos leva ao possível entendimento de que a identidade não estaria de fato submetida à eleição objetal, mas receberia dela um revestimento de sentido nesse processo de integração progressiva de elementos que é a construção identitária. Com efeito, um homem homossexual não está privado da masculinidade, mas vemos se anunciar uma possível *diferença* entre o homossexual e o heterossexual²⁶ que atravessa diretamente a tese sobre o paradoxo – pois é a articulação com fantasmas homossexuais o que fratura a linearidade da constituição masculina (Bleichmar, 2014). Se a importância da tese de Bleichmar em “*Paradojas...*” em muito se deva à distinção entre o gênero, a simples posse do pênis e a posição sexuada em que se possui o órgão revestido de potência a ser oferecido ao objeto, poderia o destaque dado à *função* desconsiderar a importância do *objeto*, isto é, com quem o sujeito é impelido a exercer seu sexo? Os desejos homossexuais, quando integrados ao Eu reforçando o delineamento identitário, podem subsistir simultaneamente ao paradoxo da identidade masculina?

Sustentar a abertura diante desse impasse será essencial para o desenvolvimento de nosso estudo sobre a complexa amarração identitária dos homens abusados sexualmente. Nossa posição defensiva em relação à separação absoluta entre identidade e orientação sexual²⁷ se tornou em parcimônia. Acreditamos que, por mais que a distinção entre ambas permaneça inalterada, é preciso reconhecer o papel legitimador ou ameaçador que a eleição de objeto poderá ter como um recobrimento identitário final, mas, ainda assim, basilar. Por isso, o conflito identitário de homens abusados sexualmente na infância não poderá ser discriminado das questões envolvendo a orientação sexual – independentemente das práticas sexuais. Aliás, esperamos que nossa análise da subversão traumática da constituição “normal” da masculinidade, já rompendo paradigmas e, possivelmente, re-significando e desconstruindo o paradoxo, possa ser um farol a iluminar ainda mais essas questões e essa hipótese que formulamos agora, navegando por águas turvas...

²⁶ Isto é, reforçamos, categorias das quais nos apropriamos para tratar de dois pólos de concentração de “classes” masculinas segundo a intensidade defensiva da identidade de homem perante aquilo que é classificado como homossexual.

²⁷ Vide introdução.

CAPÍTULO 3: TRAUMATISMO: O LUGAR E O TEMPO DA TRAIÇÃO

Nos capítulos II e III de “Além do princípio do prazer”, é como se Freud nos colocasse diante dos mesmos fatos que, se mostrando incontornáveis, o levaram a realizar a inserção polêmica e pouco entusiasmada que se mostrou ser essa obra no corpo teórico freudiano. Retomando o tema do trauma, apresenta inicialmente, da mesma forma que fez na importante rearticulação de seu pensamento em “Introdução ao narcisismo” (1914), uma série de exemplos que, poderíamos conjecturar, deveriam intrigar o leitor provocando, assim, uma abertura à nebulosa tese a ser desenvolvida nas páginas seguintes. Com efeito, a sequência de fenômenos nos quais o psiquismo não parece visar diretamente o prazer lança perguntas sobre qual seria, então, o princípio a eles subjacente; porém, não é apenas nesse sentido que somos intrigados. O fluir linear do raciocínio, começando pelos sonhos que reproduzem insistentemente a mesma cena nos traumas de guerra, passando ao acontecimento ordinário que é a criança pequena enfrentando a ausência da mãe e, por fim, à compulsão à repetição do neurótico em análise impõe outra questão importante. Como Jacques André (2008) comenta:

Trauma... o leque de acontecimentos que a palavra recobre ameaça a coerência da noção. Qual a relação entre o soldado que tendo retornado do Iraque, para a sua tranqüila cidade do Kentucky, se joga no chão quando ouve o barulho de um carro, e a criança pequena confrontada com a ausência da mãe? (p. 547)

A diversidade das situações apresentadas por Freud logo de início pode nos colocar diante dessa realidade desconcertante. Logo, reconhecendo a abrangência das fronteiras desse enquadre que inclui experiências profundamente heterogêneas, é inevitável evocar a velha problemática do pensamento freudiano: o que é, enfim, traumatismo para a Psicanálise? Mais ainda, como não poderíamos deixar de indagar, qual seria especificidade traumática do abuso sexual de meninos por uma figura paterna?

A meta de encontrar respostas para tais questões fundamentais não é simples – e não apenas pela diversidade de acontecimentos que podem ser traumáticos, mas pelo modo como é compreendido o encadeamento do trauma com a história significativa ou, mais especificamente, sua relação com a formação psíquica do sujeito. Segundo Silvia Bleichmar (2010), a problemática do traumatismo coloca em questão não apenas a concepção que o psicanalista possui das relações entre o aparelho psíquico e o mundo exterior, mas, conseqüentemente, sua compreensão das relações no interior do aparelho, ou seja, entre o inconsciente e o Eu e sobre o modo como se estabelecem as relações entre sexualidade e

acontecimentos externos. Não é sem razão, portanto, que ao longo do desenvolvimento e das sucessivas reformulações do pensamento freudiano também foram apresentados diferentes modelos do trauma: diante desse problema, é todo o pensamento sobre a constituição e o funcionamento psíquicos o que está em jogo. Por conseguinte, abordá-lo implica em evocar noções elementares e, se cada escola psicanalítica possui uma convicção própria sobre a natureza do psíquico, divergentes serão suas definições sobre a natureza do traumático. Talvez por essa razão aconteça que, diante do trauma, “Os americanos, por exemplo, têm quase sempre a adaptação como referência; para os ingleses, essa referência é a maturação e o crescimento e, para alguns franceses, tem sido, há algum tempo, a relação do sujeito com o significante.” (Knobloch, 1998, p. 20)

Pois bem, para podermos prosseguir em direção a respostas possíveis, mostra-se necessário tomar partido de uma metapsicologia e, sendo assim, sigamos, a princípio e como via régia, o caminho de Freud. Todavia, sabemos que essa escolha não nos livra completamente da aflição de pontos de vista conflitantes, pois, como já assinalamos, o percurso do pensamento de Freud sobre o trauma não é linear e não comporta apenas uma teoria. Aliás, vemos nisso uma advertência inicial e pertinente para a elaboração que fazemos nesse capítulo: não encontraremos uma visão teórica coesa e capaz de esgotar a problemática do trauma e da especificidade do abuso sexual de meninos.

Se o percurso adiante é tortuoso, tenhamos olhos fixos no horizonte. Porém, demarcamos que, ao longo do caminho, alternando entre autores com concepções distintas, um elemento se manterá constante, ainda que nem sempre de forma óbvia. De forma geral, a compreensão de como o abuso paterno-filial seria traumático terá como pano de fundo três modelos freudianos do trauma, um enquadre orientado pelo artigo “Modelos do trauma em Freud e suas repercussões na psicanálise pós-freudiana” (2006) de Maria Teresa Melo Carvalho e Paulo César Carvalho Ribeiro. Como indica o título, nesse texto os autores abordam modelos do trauma na obra de Freud – no caso, três: a teoria da sedução, a reviravolta de “Além do princípio do prazer” e a proposta do trauma evocada pela segunda teoria da angústia – relacionando cada um deles com um importante autor pós-freudiano – Laplanche, Lacan e Winnicott respectivamente. De alguma forma, ao longo deste capítulo, estaremos sempre transitando implícita ou explicitamente entre as propostas desses modelos.

3.1 Além do princípio do prazer: o inimigo interno

No percurso nebuloso trilhado em “Além do princípio do prazer” (1920), trabalho em que toda a noção de trauma é repensada, Freud parte do trauma enquanto incidência puramente física, um trauma externo em que há lesões físicas ou histológicas para, depois, abordar o conceito de neurose traumática enfrentando o problema apresentado pela noção antiga e mesmo assim obscura de trauma psíquico. De certa forma, uma concepção não pode ser completamente separada da outra, físico e psíquico, porque há uma espécie de encadeamento de analogias que, descolando-se do emblemático conceito de dor, delineiam o trauma físico e a neurose traumática. Esse encadeamento de processos análogos descreve um movimento que não é incomum na obra freudiana (Monzani, 2014), ou seja, o de realizar a dedução de um conceito psíquico a partir de um conceito físico. Vejamos, então, como é traçado esse paralelismo que lança luz sobre o que é o traumatismo psíquico na proposta freudiana de 1920.

O modelo matricial é o da dor, sendo que a ruptura do escudo de paraexcitação e o afluxo de energia não é o que caracteriza a dor na teoria freudiana, mas a condição básica para que ela ocorra. O fenômeno da dor jaz no trabalho psíquico de vinculação energética subsequente à efração, isto é, no “encontro da energia livremente móvel, desligada, que tende a escoar-se por todo o aparelho, com a energia mobilizada para bloqueá-la, fixá-la, ligá-la.” (Monzani, 2014, p.158) Portanto, trata-se de um embate entre duas forças, a invasora e a reativa, caracterizando-se, por conseguinte, tanto pelo *quantum* energético que aflui como pelo *quantum* de energia disponível no aparelho para exercer a defesa. Para Freud (1920/2006a), o trauma corporal não estaria distante dessa lógica, sendo que a diferença entre a mobilização psíquica na dor e no traumatismo é, de certa forma, em relação à extensão da efração do escudo protetor e a quantidade de energia aquiescente. Ao contrário da dor, porém, o trauma corporal acontece quando, transposto determinado limite (isto é, no sentido proporcional entre o influxo de energia e a energia disponível, a força vinculadora do aparelho), nem o escudo, nem as anticatexias se mostram suficientes, deixando o psiquismo à mercê do imperativo de realizar ligações.

Seria nesse sentido que tanto o trauma corporal quanto o psíquico remeteriam a situações em que o sujeito se vê profundamente desamparado, sentindo sua vida ameaçada diante da incapacidade de neutralizar estímulos que, em situações ordinárias, poderia subjugar. O “órgão da mente”, analogamente às estruturas moleculares e histológicas, teria seu escudo

contra estímulos rompido na época da efração corporal e, nessa situação de invasão, convocaria o aparelho psíquico a realizar o mesmo trabalho de vinculação de energia exigido na dor e no trauma físico. Inclusive, é nesse efeito comum que se evidencia o princípio estranho ao princípio do prazer, o “além”: por algum tempo, a meta de descarga de energia é suspensão para que todos os esforços estejam concentrados no trabalho preliminar de vinculá-la, dominá-la, para evitar seu livre escoar e fluir e, assim, restabelecer as condições para o exercício do princípio do prazer. Contudo, transpondo as semelhanças que amarram os elementos dessa analogia, o que estaria em questão especificamente nos casos de neurose traumática?

Primeiramente, é imprescindível esclarecer que, segundo Freud (1920/2006a), não é possível haver sobreposição entre o trauma físico e o trauma psíquico, porque se excluem mutuamente. Caso haja lesão grave a ponto de provocar um traumatismo físico, ela implicará na hipercatexia narcisista do órgão lesionado, isto é, direcionará toda a energia para outro sentido que não o da excitação específica que provoca trauma psíquico. Portanto, a neurose traumática agrega dois elementos de definição: a situação física real que coloca em perigo a vida do sujeito e, ao mesmo tempo, não ter havido traumatismo físico. Diante disso, fica claro que a “lesão” do órgão psíquico não pode corresponder à lesão física; resta-nos entender, então, de onde provém o excesso energético que provoca a neurose traumática.

Segundo Luiz Roberto Monzani (2014), desde os “Três ensaios”, Freud estabeleceu que todo evento físico ou mental que ultrapasse certos limites é capaz de provocar uma excitação de caráter sexual. Nisso, encontramos um elemento importante defendido por Freud em 1920, ou seja, a excitação *interna* provocada pelo susto e pelo estado de completo despreparo em que o sujeito que se vê na situação traumática.

No caso de um acidente, aconteceria o seguinte: o choque provocado geraria um grande susto e simultaneamente, uma liberação excessiva de libido sexual. Essa libido, no entanto, permanece livre, flutuante, porque não tem ou não encontra um objeto específico no qual se apazigue. Ora, nesse caso, como sabemos, essa libido livre, flutuante, não encontrando um canal adequado de liberação, se “desestrutura” (e se transforma em angústia). E essa angústia é a invasão pulsional na forma de um puro afeto, uma pura soma de excitação sem ligação que aparece como problemática para o aparelho psíquico, no caso dos acidentes graves sem lesão física. Eis o *inimigo interno* do qual falava Freud. Quer dizer, qualquer abalo – um acidente, por exemplo – pode fazer com que a excitação sexual jorre e é exatamente esse desencadeamento de energia pulsional que exerce um efeito traumatizante, só que agora a partir do interior. Ou seja, não é o acidente em si, o seu choque que é diretamente traumático: o que ele

faz é desencadear um afluxo pulsional, interno, este sim traumático, para o aparelho psíquico. (Monzani, 2014, p.166)

Tanto na dor e traumatismo corporal quanto no trauma psíquico é o modelo econômico que dá sentido à toda a metapsicologia do trauma (Freud, 1920/2006a). Porém, vemos que a questão energética no traumatismo psíquico, tendo sua origem numa excitação sexual, interna, traça uma divisão importante em relação às outras duas categorias e, inclusive, lança luz sobre a heterogeneidade dos fatos abarcados pelo conceito. Compreendemos que o que está em jogo não é o acontecimento em si, e por isso pode ser uma colisão de trem ou, para a criança pequena, a ausência da mãe. O elemento traumático é o afluxo pulsional interno provocado por *qualquer que seja o fato*, uma invasão energética que, mesmo liberada no momento do acidente externo, tem efeitos traumáticos em seu caráter *interior*. Por essa razão é que Freud (1920/2006a) nos adverte de que o foco deve estar sobre o impacto e o *quantum* de energia desencadeada. O elemento traumático seria o afluxo de excitações porque ativa algo existente diante do qual o aparelho psíquico tem suas vias comuns de elaboração e de defesas habituais de controle desqualificadas, fazendo com que o sujeito psíquico se veja incapacitado de enfrentar a situação traumática com os recursos dos quais comumente dispôs.

Compreender essa distinção implica, primeiramente, em reconhecer nesse “inimigo interno” um potencial ainda mais nocivo que o invasor externo, pois, ao contrário do trauma corporal, não há efração da paraexcitação já que também não há escudo protetor contra as excitações provenientes do interior (Freud, 1920/2006a). Em questão está a situação desconcertante interna da qual o sujeito, ao mesmo tempo em que não consegue se defender, não pode escapar. Em segundo lugar, significa, também, que é preciso resistir à tendência inicial de pensar o traumatismo como algo externo numa lógica em que, quanto maior a distância do fato, menor o traumatismo. Pelo contrário, o efeito do trauma não pode ser estimado a partir do estímulo externo, mas pela *relação* que há entre estímulo externo e aquilo que provoca no sujeito e que propicia a emergência da patologia. Como comenta Laplanche²⁸: “El traumatismo, para ser un traumatismo psíquico, debe ser un ‘auto-traumatismo’. Incluso los traumatismos más ‘externos’, no pueden tener efectos psíquicos si no se ligán por un aflujo de excitación interna.” (Bleichmar, 2010, p. 143)

Enfim, segundo o presente modelo, seria preso nesse emaranhado que o sujeito se mostrará, então, “traumatizado”. Para Freud em “Além do princípio do prazer” (1920), o efeito

²⁸ Citação direta das palavras de Laplanche nas considerações finais das aulas ministradas por Bleichmar e compiladas no livro “*Psicoanálisis extramuros*” (2010).

traumático mostra-se na tentativa de expurgar o excesso que não pôde ser recalcado e, por ausência de ligação, integrar-se ao psiquismo inconsciente. O processo defensivo que se instaura perante a invasão, sem qualquer anúncio prévia de angústia que mobilizasse as defesas, das excitações desligadas que provocam “perturbações duradouras no funcionamento energético” se caracterizam em um movimento retroativo. Diante do “susto”, tendo falhado em dominar as excitações, o aparelho psíquico procura fazê-lo retroativamente, isto é, reproduzindo e reencenando elementos da situação traumática – daí o desconcertante fenômeno da compulsão à repetição. Numa atitude aparentemente paradoxal, o sujeito buscaria produzir a angústia característica para mobilizar as defesas que, na ocasião do acontecimento traumático, não foram convocadas a tempo deixando, assim, que o sujeito fosse invadido por energia que não é capaz de ligar.

Sem dúvida, essas tentativas constantes de vinculação e a repetição como forma de manter-se pronto para defender-se – um fenômeno que se mostrou incontornável para Freud e apontando para um “além” – remetem à tópica psíquica não dominada e não vinculada, isto é, aos conteúdos da sexualidade infantil, os mesmos conteúdos os quais o paciente em transferência também é obrigado a repetir em vez de recordar. Sobre a contundente conclusão a que nos conduz Freud no enfrentamento do fenômeno da compulsão à repetição no texto de 1920, Carvalho e Ribeiro (2006) comentam:

As conclusões alcançadas por Freud, a partir do fenômeno dos sonhos traumáticos, colocam-nos diante de um paradoxo que guarda toda a radicalidade da nova teoria pulsional: se os sonhos traumáticos repetem-se para dominar o afluxo excessivo e inesperado de excitação, para sujeitar a ameaça à vida e, portanto, preservá-la, vemos que, por trás dessa repetição, há uma força que excita e que impulsiona na direção da evacuação total da tensão, com o fim último de restaurar não a vida, mas a inércia total. Podemos pensar então que, nas neuroses traumáticas, o elemento pulsional se sobrepõe à excitação desencadeada pelo trauma não para facilitar sua elaboração, sua redução, mas para torná-las uma tarefa impossível. O poder de excitação da pulsão mostra-se mais recalcitrante do que a realidade traumática em si. (para. 24)

Com efeito, poderíamos considerar que “Além do princípio do prazer” afirma uma noção fundamental para o desenvolvimento de nosso estudo: não há nada mais harmonioso com o traumatismo que o paradoxo de vida e morte contido na busca intensa por subsistir enquanto sujeito acompanhada pela pressão do vácuo mortal da des-subjetivação imposta pelo trauma. No entanto, a compreensão do traumatismo pautada no modelo de 1920, ou seja, tão reduzida ao modelo psíquico econômico, não poderia, por si só, iluminar o problema teórico que o

traumatismo representa. Um ponto específico e capital permanece insatisfeito, isto é, a especificidade do acontecimento traumático – afinal, “especificidade” é o que estabelece o recorte deste trabalho. Queremos lançar luz sobre o papel do trauma de abuso sexual enquanto traição, ou seja, da transgressão de um adulto do sexo masculino ao violar sexualmente o menino que o ama, admira ou o tem como referencial identificatório; então, continuamos a enunciar: como é que a traição de meninos praticada pelo pai ou figura masculina identificatória se encaixa na conformidade do traumatismo?

3.2 O acontecimento traumático

O modelo freudiano de 1920 define que o traumatismo psíquico deve-se à invasão de um afluxo energético que excede a capacidade de promover ligações e de representação psíquicas e, conseqüentemente, de ser integrado à cadeia representacional. Por isso, considerar os efeitos do acontecimento traumático na história significativa do sujeito e, mais ainda, procurar localizar a especificidade do traumatismo provocado do pelo abuso sexual de meninos pode parecer contraditório já que o traumático caracteriza-se justamente por aquilo que não pode se inscrever no psiquismo. Como poderia essa violação integrar um encadeamento de representações, significações e efeitos se ela mesma não pode ser representada? Seria possível historicizar o acontecimento traumático ou, em outras palavras, que se estabeleçam conexões de alguma ordem que possibilitassem re-significar a identidade sexuada do menino? O fato é que não podemos decretar irrelevante a “qualidade” do acontecimento que, diferentemente de tantos outros fatos externos, provoca um choque disparador da avalanche energética que se mostra irrepresentável psiquicamente.

Para Felícia Knobloch (1998), Freud sempre demonstrou ao longo de sua prática e obra um empenho historicizante. Tendo como modelo a ideia de um aparelho psíquico constituído enquanto sistema de representações, o criador da psicanálise manteve como pano de fundo de seu pensamento “o tempo da história” – inclusive no objetivo da análise enquanto o “fim da historicização da lembrança daquilo que, no sujeito, tende ao ato de repetição.” (p.116) No entanto, diante da problemática apresentada pelo traumatismo, Knobloch (1998) considera que a intenção historiadora do analista encontra profundos impasses, uma vez que “nos leva a conceber uma outra temporalidade, uma temporalidade do inumano, daquilo que não se encontra no sistema de representações e que, portanto, estaria fora da história.” (p.116) Ora, o que a autora sustenta é que, estando fora da dinâmica do recalque, o traumático faz com que o

sujeito não sofra de reminiscências, mas a ausência delas, daquilo que não pode ser representado e, portanto, sua dor é o sofrimento próprio do irrepresentável.

Podemos ver que essa percepção radical é coerente com a proposta freudiana de “Além...”, em que a invasão interna de excitação não pode ser dominada e receber um sentido, assim como diversas produções psicanalíticas atuais definem o traumático enquanto “inominável”, “irrepresentável”, “não-metabolizável” e etc.. Porém, de que maneira esse acontecimento, sem inscrição psíquica, sem interagir com os outros elos da cadeia significativa, se encontraria com o sujeito ou, mesmo, como simplesmente *incidiria* sobre ele produzindo sofrimento? A proposta de Knobloch (1998) é de que:

O traumático é esse instante que interrompe a continuidade dos presentes, *abre na história a dimensão do acontecimento*, introduz na cadeia do irrepresentável e, tal como um clarão, deixa aparecer o morrer. O acesso ao morrer se dá, pois, nessa dimensão absolutamente instantânea, imprevista, fulgurante do traumático. *O traumático irrompe, é um acontecimento se chocando com a história, provocando um encontro*. Nesse encontro se engendra um sentido, já que o acontecimento não se explica, constata-se. Mas essa constatação é sempre a de uma impressão do morrer, impressão cuja repentinidade fornece um saber. Este, entretanto, não é o saber de uma verdade, já que nesse tempo toda verdade vacila; é um saber que não pode ser colocado em palavras e, por isso, não pode ser transmitido. (p.133, grifo nosso)

Portanto, o traumatismo é um encontro que introduz “a dimensão do acontecimento” a qual, por sua vez, se encontra e se choca com a história do sujeito engendrando um sentido. O acontecimento representa, então, uma introdução no encadeamento, mas não é um elo profícuo, um elo que produz significações, é um elo moribundo, estéril em relação ao deslizamento do desejo, mas fértil em relação ao gozo e à compulsão à repetição que aponta para a morte. Nesse sentido de um encadeamento estanque, um câmbio na percepção da compulsão à repetição em relação ao problema da inscrição ou não inscrição do trauma no psiquismo se mostra relevante. Bleichmar (2014) resgata a tese de Laplanche de que não é o sujeito que está *fixado no trauma*, mas é o trauma que, *fixado no sujeito*, produz a compulsão à repetição por que:

El traumatismo, la cosa en sí misma es siempre lo extraño, lo alejo, lo perturbante, lo no recubierto, no representable, sólo expulsable. La característica de los elementos β es que son hechos no digeridos, no son recuerdos, no pueden ser enlazados en el psiquismo. Esta es la gran paradoja del recuerdo traumático; no es en sí mismo un recuerdo que uno evoca. Mientras que con el recuerdo yo hago un movimiento en mi aparato psíquico, del preconciente a la recuperación de la huella mnésica en la

recuperación del acontecimiento traumático. Por eso es fijación del trauma, no fijación al trauma. . . . el acontecimiento viene y se incrusta en mí, y *aparece permanentemente en mi mente no como una evocación, sino como algo que viene y me invade*; como un estímulo externo que yo no recupero, sino por el cual soy capturado. No termina de constituirse en el sentido de la huella mnésica como algo ligable, organizable, sino que es algo que sólo puede ser evacuable, por eso reaparece y reaparece e insiste de esa manera. El traumatismo no es disponible para el pensamiento; el pensamiento es el que queda capturado a disposición del traumatismo. (Bleichmar, 2010, pp.59-60, grifo nosso)

O acontecimento, incrustado no sujeito, o invade repetitivamente com seu conteúdo monótono, estancado, que não se metaforiza, não se liga, mas cuja inserção na cadeia não pode ser anulada. Fixado no sujeito, o acontecimento traumático não se integra com os elos significantes da cadeia que ele intrusivamente compõe, mas ainda assim medra todos os espaços com sua qualidade des-subjetivante que se mostra de modo emblemático através da compulsão à repetição. Seria, portanto, a fixação do trauma no sujeito que “marca la posición pasivizada que tiene el sujeto frente la compulsión a repetición; es el trauma el que lo mueve a actuar y no es el sujeto el que determina el trauma.” (Bleichmar, 2010, p.29)

Diante disso, persevera ainda a questão sobre a especificidade de cada um dos diferentes acontecimentos que se fixam no sujeito e permanece em aberto a indagação sobre a especificidade da fixação e de seus efeitos que, por sua vez, apontam para a qualidade do acontecimento traumático, ou seja, realça a importância da realidade do fato. Nesse ponto, a seção em que Carvalho e Ribeiro (2006) entrelaçam o modelo do trauma freudiano da segunda tópica, pós 1920, com os fundamentos da teoria winnicottiana mostra-se, como veremos a seguir, bastante pertinente.

Se em “Além...” a noção traumática atrelava-se de tal forma ao modelo econômico que o valor do acontecimento era apreciado apenas segundo seus desdobramentos energéticos no *interior* do psiquismo, a nova teoria da angústia deposita na realidade um peso muito maior e, por conseguinte, implica numa maior “realidade” do acontecimento traumático. Carvalho e Ribeiro (2006) relacionam essa percepção do trauma à obra de Donald Winnicott, autor que, destacando o papel da mãe-ambiente, também percebe o traumático ao lado da realidade; todavia, consideram que esse modelo com enfoque na realidade acaba por inevitavelmente revestir a pulsão de uma positividade rara em outros textos (contrastando, inclusive, como o modelo da pulsão de morte apresentado em “Além...”). Ao perder seu caráter traumatizante e intrinsecamente ligado à angústia, a pulsão “não é em si mesma ameaçadora, ou fonte de

transbordamento de energia no interior do aparelho psíquico, mas só se torna perigosa quando convoca a ameaça de castração, tomada como realidade exterior”. (Carvalho & Ribeiro, 2006, para. 42)

Essa positividade inusitada da pulsão após o modelo de 1920 surgiu em resposta à nova proposta das tópicas psíquicas. O modelo dinâmico orientado pela noção de ego e id implicou numa reformulação teórica segundo a qual a angústia não mais surgiria como vestígio do recalçamento, mas seria o sinal que o convocaria. Contudo, essa mudança não pôde ser uma inserção isolada e, por conseguinte, representou um problema para o corpo teórico psicanalítico e para a noção de conflito psíquico, demandando de Freud explicações sobre de onde proviria a energia utilizada pelo Eu para produzir esse sinal. Vejamos, então, o percurso do raciocínio freudiano nessa situação como descrito por Carvalho e Ribeiro (2006):

De onde provém a energia utilizada para a produção do sinal de desprazer? A resposta é que o eu retira o investimento pré-consciente da representação pulsional a recalcar e o utiliza para o desencadeamento da angústia. Tal resposta, segundo o próprio Freud, esbarra no seguinte problema: como é possível que um simples processo de retirada e descarga produza angústia que, segundo as pressuposições anteriores, requereria um incremento nos investimentos? Notemos que esse problema existe na medida em que, após o abandono do primeiro modelo do trauma [teoria da sedução], a concepção do recalçamento não mais contemplou a questão da primeira liberação desprazerosa de afeto, restringindo-se a pensar o recalçamento originário como um mecanismo de contra-investimento. Assim, para enfrentar o problema da origem da angústia, Freud se vê compelido a postular que essa *seqüência causal*, isto é, a retirada de investimento desencadeando angústia, *não pode ser explicada apenas do ponto de vista econômico*. A angústia não seria, portanto, engendrada originalmente no recalçamento, mas reproduzida como estado afetivo, de acordo com uma imagem mnêmica pré-existente. Essa imagem mnêmica deverá ter sido registrada por ocasião de uma vivência traumática precoce. É nesse momento que Freud recorre à idéia de um trauma do nascimento como responsável pela vivência que, pela primeira vez, imprimiu ao afeto de angústia certas formas características de expressão. (Carvalho & Ribeiro, 2006, para. 34, grifo nosso)

O postulado de uma seqüência causal, uma espécie de encadeamento que se enraíza em uma imagem mnêmica ligada a um trauma evoca a noção de trauma fixado no sujeito e remete ao exterior, à realidade do acontecimento, sem que se possa reduzi-lo a seu efeito *interno* de desequilíbrio econômico – no caso desse modelo em questão, o nascimento. No entanto, Carvalho e Ribeiro (2006) destacam que, ao recorrer ao nascimento como protótipo do afeto de angústia, colocando em evidência a realidade vital e os registros deixados no psiquismo pelas mudanças bruscas que sofreu, o trauma do nascimento não representaria mais que uma

réplica de um fato verdadeiramente matricial, isto é, da castração. Assim, a conclusão a que chegam os autores analisando essa genealogia da angústia no texto de 1926 é a de que a realidade que ocuparia uma posição genuinamente central e determinante na teoria é, na verdade, a realidade subjugada pela sexualidade infantil. Logo, uma vez que “não é o trauma do nascimento que constitui a medida da neurose e sim a angústia de castração”, Carvalho e Ribeiro (2006) denunciam que Freud, novamente, “reafirma, portanto, o papel central da sexualidade e do pulsional no campo da Psicanálise. Preserva, ao mesmo tempo, a idéia de conflito psíquico em que um dos pólos é sempre o sexual.” (para. 41)

O modelo proposto por Winnicott, por outro lado, não pode alegar essa mesma conexão, escondida atrás do acontecimento, com o sexual. A teoria das relações objetais que sustenta seu pensamento apresenta um enfoque sobre a função do ambiente em relação às pulsões segundo o qual:

a constituição das relações objetais segue paralela à manifestação das pulsões, de tal forma que as relações de objeto podem favorecer, dificultar ou organizar as manifestações pulsionais, mas nunca gerá-las. *Se o objeto é suficientemente bom, ele apazigua, não excita; ele protege do trauma.* Ou seja, a tensão existente entre trauma e pulsão é desfeita ou, pelo menos, reduzida. (Carvalho & Ribeiro, para. 51, grifo nosso)

Essas considerações poderiam mostrar-se como um critério legítimo para desconsiderar esse modelo freudiano e também a teoria winnicottiana sobre o trauma, já que o modelo de Winnicott não se preocupa com a ausência de articulação entre pulsional e traumático, uma relação que, de acordo com Carvalho e Ribeiro (2006, para. 52), “é fundamental para se estabelecer os contornos do pensamento psicanalítico sobre o trauma”. Ainda assim, como também sustentam os autores, a importância de Winnicott para a clínica do traumático não deve ser desprezada – e, se abordamos em nosso estudo o traumático paralelamente a um processo constitucional, é imprescindível sustentarmos essa tensão entre modelos. Primeiramente, consideramos importante conceber a traição do abuso paterno-filial enquanto falha do “pai-ambiente” em uma formação que, apesar de não ser tão primordial quanto a constituição do sujeito, também não deixa de ser fundamental para sua posição sexuada e seu estar no mundo enquanto ser desejante. Por outro lado, reconhecemos que não há como pensar a posição do pai, sua falha ou eficácia, ignorando seu papel excitante perante o filho. Aliás, é sobre isso em que jaz o paradoxo da constituição da identidade masculina no processo identificatório “normal” do menino: o objeto-pai “suficientemente bom” apazigua *e excita* – ou melhor, excita *e apazigua* ao conter, em uma relação de amor, a dispersão da excitação e dos desejos do filho em uma identidade recoberta e legitimada, suficientemente coesa em

torno da certeza subjetiva de saber-se homem, para o exercício de sua posição sexuada. Assim, aderir exclusivamente a essa concepção mostra-se equivocado e incongruente com nosso tema, mas, ao mesmo tempo, é inegável que a ênfase sobre o ambiente, sobre a realidade do pai enquanto violador nos é indispensável.

Por isso, nos deparando com a tensão entre modelos, somos encorajados a mantê-la. A contribuição freudiana em “Além...” seria desprezada se não contemplássemos, com o peso que lhe é digno, a relação entre traumático e pulsional, que ultrapassa o mundo da representação. Da mesma forma, não queremos que o trauma provocado pelo abuso sexual, tão reduzido no senso comum à agressão e ao toque físico, receba, em contraposição, um caráter simbólico em que apenas representações e cortes simbólicos são comprometidos. É, portanto, mantendo a tensão intrínseca, *externo-interno*, ao problema do trauma na teoria psicanalítica que poderemos avançar procurando entender por que o acontecimento do abuso sexual pelo pai tem efeitos psíquicos traumáticos. Ao sustentar essa tensão, entendemos que, segundo a proposta de Lúcia Barbero Fuks (2005), estamos fazendo a travessia essencial de duas esferas distintas:

A ideia de *traumatismo* está associada a acontecimentos da vida do sujeito que se caracterizam pela sua intensidade, pela incapacidade do sujeito de responder a eles adequadamente e pelas consequências patológicas. A ideia de *situação traumática* – em que o sujeito está imerso – enfatiza o papel de um real exterior que produzirá o impacto traumatizante. Nessa situação, sempre variável e complexa, terão relevância, nos casos de abuso, o *outro*, mas que sempre envolve *outros*, e o *corpo*. Além disso, a ideia de situação traumática implica, também, pondo agora o foco na interioridade, a possibilidade ou não, por parte do sujeito de representá-la e pensá-la. (Fuks, 2005, p.56)

Pensar o trauma provocado pelo abuso sexual de meninos não pode desfazer ou privilegiar uma das duas ideias, porque é um fenômeno que aglutina situação traumática e traumatismo. Isso significa que não devemos ignorar a excitação interna, explosiva e inesperada provocada pela sedução do adulto e pelo encontro do menino com a sexualidade do homem – que, certamente, tem efeito ainda mais pungente quando acompanhada pela transgressão da traição. Mais ainda, não podemos negar a importância da realidade do pai que apenas excita, sem jamais ser continente e apaziguador, fazendo de seu filho a sua coisa de gozar. Por isso, levando em conta essa interação necessária diante do abuso sexual paterno-filial, devemos melhor compreender os efeitos do adulto sedutor sobre a criança seduzida e tratar, finalmente,

do primeiro modelo do trauma freudiano – cujo enfoque também não escapa à importância do *exterior*.

3.3 Precisamos falar sobre a sedução

É impressionante que o tema do abuso sexual de meninos seja tão pouco desenvolvido ainda hoje²⁹ sendo que a sedução de crianças por adultos, na investigação da etiologia das neuroses, foi o que lançou as bases psicanalíticas ainda antes do século XX. Sob esse aspecto, o chamado “abandono” da teoria da sedução por parte de Freud – ainda que, segundo Monzani (2014), não tenha sido de fato um abandono – parece ter provocado o efeito de uma completa deserção. No entanto, a noção comum entre os pós-freudianos indica um enfoque sobre a positividade dessa transição: para muitos, o marco da carta 69 representou apenas a desobstrução de vias que levaram ao pensamento genuinamente psicanalítico. Em outras palavras, deixar a teoria da sedução teria significado apenas o desprendimento de um equívoco anterior à atribuição de importância única à fantasia, alimentada pela sexualidade infantil, sobre a etiologia das neuroses. Certamente, essa noção não é falsa, mas, contemplando seu impacto sobre o desenvolvimento da obra freudiana, outros autores deflagram seu caráter reducionista que, inevitavelmente, negligencia conexões e aspectos relevantes para a teoria psicanalítica. Por exemplo, de acordo com Carvalho e Ribeiro (2006):

Mesmo seguindo essa linha de raciocínio, muitos autores reconhecem que a oposição entre trauma e fantasia cria “uma dicotomia que, em Freud (tomando a obra em seu conjunto), não existe” (Uchitel, 2001, p.33). Com efeito, podemos observar que, mesmo na teoria da sedução, o trauma só se constitui, enquanto tal, no momento em que impressões registradas anteriormente sofrem um processo de re-significação. Ora, entendemos que esse processo de re-significação não é outra coisa senão a construção de uma fantasia. Diríamos, pois, que a diferença entre um momento e outro da obra de Freud não é a presença ou ausência da idéia de fantasia, mas a caracterização da fonte da fantasia. Na teoria da sedução, o fundamento da fantasia é o fato real do atentado sexual, ao passo que na teorização subsequente seu fundamento será a sexualidade infantil e seu substrato pulsional. (para. 16)

Pois bem, à medida que essa relação entre trauma e fantasia foi desprezada, criou-se essa dicotomia cujos desdobramentos levaram a uma mudança essencial do *status* do trauma na teoria psicanalítica – e, conseqüentemente, da importância atribuída ao atentado sexual (ou à presença sedutora do adulto perante a criança). O poder patogênico do traumático não é completamente esquecido, mas, na elaboração da teoria que enraíza os sintomas neuróticos na

²⁹ Vide Introdução.

sexualidade infantil e na fantasia, seu papel é definitivamente extenuado: “Nesse modelo, o trauma não é concebido como elemento intrínseco à emergência da sexualidade mas como um fator accidental nas séries complementares da causação das neuroses.” (Carvalho & Ribeiro, 2006, para. 21)

Ainda que não tenha sido rechaçado, o fato é que o traumático, separado da teoria da sedução, foi desautorizado de adentrar diversos círculos de articulação teórica e superação de impasses – inclusive, como veremos adiante, daqueles em que serviria como peça essencial para a formação do quebra-cabeças. Por isso, segundo Luís Cláudio Figueiredo (2008a), um dos grandes equívocos na história do campo psicanalítico foi o fato de ter-se, por muitos anos, esvaziado a problemática do trauma, como se atribuir-lhe relevância correspondesse ao retorno à noção pré-psicanalítica da inocência sexual da criança³⁰. Paralelamente a isso, comenta Bleichmar (1994) que:

Reduzido a uma concepção banal de “trauma” (tipo de lesão psíquica que vem perturbar o desenvolvimento normal, curinga da psicologia), despojado de seu caráter sexual constitutivo, o traumatismo manteve-se nos confins do campo psicanalítico, reduto das correntes que pretendiam subsumir o descobrimento freudiano – cujo centro assenta-se nos paradigmas da sexualidade infantil, do recalçamento e do conflito psíquico – em uma proposta que diluía o campo específico naquele campo dos conflitos entre o sujeito e seu meio. (p. 164)

Eis que se mostra incontornável, então, a constatação de que o marco da Carta 69 também impôs importantes barreiras ao desenvolvimento coerente da teoria freudiana. Vejamos, assim, com mais detalhes alguns desses caminhos em que a ascensão da sexualidade infantil e da fantasia condicionada à exclusão da presença sedutora do adulto apresentou impasses na própria articulação teórica em torno de conceitos fundamentais. Notar o prejuízo provocado por essa supressão pode ser o meio de reconhecermos, em sua negatividade, a importância do traumático enquanto atentado sexual e de um modelo do trauma diferente do apresentado em 1920.

Segundo Laplanche e Pontalis, em “Fantasia originária, fantasia das origens, origens da fantasia” (1988), o conteúdo escandaloso dos paradigmáticos “Três Ensaio” publicados em 1905, expõe a dificuldade de Freud para articular a importante descoberta da sexualidade infantil com o restante de suas formulações psicanalíticas. Quando a sexualidade infantil é defendida como noção fundamental para a constituição psíquica e para a compreensão do

³⁰ Além disso, como enunciamos no início desta seção, os ataques sexuais de crianças, um grave e comum fato social, parece ter se tornado um tema-tabu no meio psicanalítico pouquíssimo investigado.

comportamento humano, na realidade, é apresentada uma sexualidade endógena e submetida à lógica desenvolvimentista, ou seja, Freud retoma o que já compunha os enunciados da tradição da psiquiatria clássica. Logo, as próprias noções defendidas nos “Três Ensaio” representavam um impasse à integração do ambiente e das relações da criança com o desenvolvimento psicosssexual, isto é, do complexo edipiano e à fantasia como núcleo da formação sexual. Diante disso, ainda que Édipo, fantasia e sexualidade infantil já fossem elementos proeminentes no pensamento clínico freudiano na ocasião da escrita desse e de outros importantes textos, o conflito edípico só era mencionado enquanto elemento marginal utilizado para elucidação de outro aspecto central na elaboração (Monzani, 2014). Afinal: “Como entender e salientar o papel do drama edipiano numa teoria que, nesse instante, minimiza completamente a incidência dos fatores externos? Como conciliar o fato de que os fatores externos são insignificantes?” (Monzani, 2014, p. 47) ou, ainda, como problematizam Laplanche e Pontalis (1988):

Durante um certo período, tudo se passa como se, perdendo por um lado a ideia, presente na teoria da sedução, de um “corpo estranho” que introduz no interior do sujeito a marca da sexualidade humana, descobrindo por outro lado o fato de que a pulsão sexual não espera a puberdade para ser ativada, Freud não conseguisse articular o Édipo com a sexualidade infantil. Se esta existe, como a observação e a clínica demonstram de maneira irrefutável, ela não pode, por conseguinte, ser *concebida* de outra forma senão como realidade biológica, e a fantasia nada mais é que a expressão secundária dessa realidade. (p. 40)

Esse obstáculo ao pensamento freudiano, consequência do abandono da teoria da sedução, só foi superado, ao menos em relação à articulação entre sexualidade infantil, fantasia e Édipo, com uma retomada por parte de Freud. Certamente que isso não significou o resgate da sedução em sua forma original, uma vez que a constatação da sexualidade infantil – de fato, a grande conquista após a teoria da sedução, mas que não dependia de seu abandono para ser encontrada – por si só a colocava sob uma perspectiva radicalmente distinta. Tratou-se, de repensar, de redefinir e de retificar a noção primeira de sedução que, retirando a sexualidade sob o domínio exclusivo do endogenismo, também redefine e repensa a origem da fantasia, possibilitando a inserção teórica progressiva e coerente do complexo de Édipo (Monzani, 2014). Ademais, de acordo com Carvalho e Ribeiro (2006), o próprio modelo do trauma apresentado em 1920 tem um sentido de recuperação do modelo e superação desses impasses, pois seria a tentativa de unir trauma e pulsão em um mesmo modelo, tal qual sexualidade e trauma se entrelaçavam na teoria da sedução.

Comparando o lugar do trauma nesse modelo freudiano [de 1920] com aquele que essa noção ocupava no modelo da teoria da sedução, podemos dizer que o trauma sexual da teoria da sedução é aqui substituído pela pulsão e, em particular, pela pulsão de morte. Com efeito, se o trauma era anteriormente concebido como consequência do despreparo do sujeito ante o ataque sexual do outro, nesse segundo modelo ele equivale ao despreparo do aparelho psíquico ante o ataque pulsional. Enquanto no primeiro modelo o traumático é a lembrança de uma vivência quando significada como vivência sexual, aqui o traumático é a própria pulsão. (para. 26)

Ora, parece-nos que encontramos nessa via de resgate do *status* dos fatores externos, do trauma enquanto sedução, isto é, enquanto ataque sexual, o caminho mais adequado a trilharmos em nosso entendimento do traumático. As diversas modificações aplicadas ao modelo inicial resultaram num modelo que estabelece que o traumático não se reduz ao acontecimento, mas que também inclui um efeito “proveniente do real, que se produz em um psiquismo que já tem certas organizações constituídas e que está ligado ao acontecimento, mas que em si mesmo não é determinante senão pela forma em que opera em relação às inscrições prévias.” (Fuks, 2005, p. 57) Logo, essa “eleição” que procura incluir o interior e o exterior significa que os modelos de 1920 e 1926 também se mostram profícuos para nosso estudo, afinal, mantemos a tensão entre *traumatismo* e *situação traumática*. De qualquer modo, é inegável a coerência de que o modelo em que um adulto tem papel sedutor perante a criança (a sedução generalizada), já tendo sido o parâmetro fundamental para a compreensão da constituição psíquica e da identidade masculina, seja paradigmático na compreensão do traumatismo psíquico. Portanto, se ao falar sobre trauma e sobre a sedução de uma figura paterna não há como deixar de conjurar a teoria da sedução freudiana, não deixemos de fazê-lo – e sem qualquer escândalo.

É assim, então, que novamente nos voltamos para Jean Laplanche e a teoria da sedução generalizada. O pensamento do autor, firmado no método de “fazer o texto freudiano trabalhar”, procura desfazer os nós teóricos deixados especialmente pelo recurso à filogenética, ao endogenismo e ao inatismo, enfim, representa um resgate análogo ao citado acima:

Esse autor está de acordo com o primeiro modelo freudiano do trauma ao reafirmar que aquilo que se constitui como traumático pertence ao campo da sexualidade. Vai além de Freud, porém, ao superar a oposição entre o traumático e o pulsional, oposição que constituiu um dos principais pontos de impasse desse modelo. Em Laplanche, a pulsão é gerada por aquilo que vem do outro, como mensagem sexual, não tendo, portanto, um fundamento predominantemente endógeno, como será a

tendência freudiana dominante após o abandono de sua primeira teoria das neuroses. Com efeito, o papel da sexualidade do outro na constituição do trauma que, por sua vez, funda o inconsciente, será apenas vislumbrado por Freud na seqüência de suas elaborações, mas não será diretamente discutido como foi nesses primeiros tempos. (Carvalho & Ribeiro, 2006, para. 18)

Eis que, retirando a sedução da essência de um fato real e situável na história do sujeito e atribuindo-lhe um caráter estrutural, a teoria proposta por Laplanche emerge da superação dos impasses aos quais teria sucumbido a teoria do trauma baseada na sedução restrita. Sendo assim, percorrendo agora esse caminho mais livre de antigos obstáculos, podemos formular outras questões: primeiramente, qual o *status* legado à sedução tal qual nos primórdios, isto é, enquanto ataque sexual, mas re-significada pela sexualidade infantil e pela sedução generalizada? Isso nos leva a outra indagação que, mesmo que indissociável da primeira, enfoca um aspecto distinto: como é que se estrutura o traumatismo provocado pelo abuso sexual se ele é, na realidade, sempre uma segunda sedução? A princípio, detenhamo-nos sobre a primeira questão.

3.3.1 Confusão de línguas

Como já indicamos no Capítulo 1, a influência da obra de Laplanche representa mudanças significativas no pensamento psicanalítico, inclusive na compreensão da identidade masculina como fruto de uma constituição apresentada por Bleichmar (2006), por insistir na importância da alteridade, da sedução e do traumático como elementos fundantes do sujeito psíquico. Porém, importa-nos destacar que uma ênfase obstinada sobre aspectos semelhantes, quando Freud ainda desenvolvia seu pensamento, antecedeu a persistência de Laplanche e, certamente, a influenciou. Nos referimos à postura e à obra de Sándor Ferenczi, discípulo e amigo de Freud que ousou explorar terras longínquas daquelas desbravadas por seu mestre e, atendendo os chamados “casos difíceis” que não se adequavam ao modelo de tratamento de neuróticos, negou-se a afastar-se de noções como as de trauma, clivagem e, inclusive, sedução. Mesmo quando a psicanálise se alicerçava e, até certo ponto, se limitava às fronteiras estabelecidas pelos conceitos de recalque primário e secundário, Ferenczi afirmava que nem tudo seria recalçável e, desse modo, pôde levar adiante as contribuições de Freud em “Além...”, privilegiando o negativo, a clivagem, o *non-sense* e o irrepresentável tanto na clínica quanto na elaboração de uma teoria que enfatiza o fator traumático (Knobloch, 1998).

Dentre os méritos de Ferenczi, além do enfoque sobre o trauma, devemos citar a mudança em relação à sua “qualidade”, isto é, por ter devolvido importância à realidade não fantasiada do trauma e ao seu papel estruturante, ao afirmar que o trauma psíquico é real e que o conflito é com o meio exterior. Como vimos acima, relacionar trauma e fantasia significou enfatizar o fator interno como o responsável pela vivência traumática em detrimento do caráter factual do evento traumático – e, conseqüentemente, do papel sedutor da alteridade. O pensamento ferencziano propõe, então, um câmbio que antecede aquilo que se mostraria central na teoria da sedução generalizada: o traumatismo provocado pelo adulto em sua diferença perante a criança.

Ferenczi considerou que toda estruturação psíquica é traumática, noção defendida no célebre artigo “Confusões de línguas entre os adultos e a criança (a linguagem da ternura e da paixão)” (1933) em que reintroduz, desrespeitando o pedido de seu mestre para que não divulgasse seus achados sobre a concretude da sedução, o tema do ataque sexual no campo psicanalítico. Esse movimento representou o resgate do enfoque sobre o incesto enquanto ato consumado e, por conseguinte, de seus efeitos psíquicos “tentando chamar a atenção para o fato de que o conhecimento psicanalítico sobre as vicissitudes do Édipo na criança não deveria excluir o reconhecimento da realidade das violências sexuais.” (França & Mendes, 2014, pp.111-112) Para Ferenczi, que desde o início de sua obra havia se dedicado à compreensão dos processos introjetivos, a realidade traumática da confusão de línguas se mostraria ao colocar em xeque o movimento de introjeção, meio através do qual o ego englobaria objetos constituindo matrizes identificatórias (Abras, 2014). Porém, para compreendermos a razão desse efeito, tratemos da diferenciação que subjaz à confusão a que se refere o autor já no título de seu texto.

Ao distinguir a linguagem dos adultos da linguagem da criança, Ferenczi (1933/1992) quer demarcar a distância intransponível que a sexualidade impõe entre ambas posições. Nas duas vertentes que o autor cita como expressões dessa confusão, a sedução incestuosa e a punição passional, o choque se daria entre a linguagem que expressa a onipotência narcísica do adulto e a linguagem infantil que, por sua vez, transmite mensagens próprias de sua onipotência lúdica. Tratar-se-ia, portanto, de um confronto incontornável entre partes completamente assimétricas o qual, por sua vez, corresponderia à produção de um excesso para a criança.

Importa-nos ressaltar, porém, que essa disparidade não deve ser atribuída à suposta ausência de sexualidade na infância e nem deve o aspecto traumático corresponder apenas à

compreensão limitada que o registro simbólico das crianças pode ter das demandas de amor dos adultos. Uma situação descrita por Bleichmar (2010), que poderíamos alinhar à esfera de punição passional proposta por Ferenczi, pode ilustrar a ideia desse excesso inevitável, mesmo quando o adulto procura conter suas frustrações para não atacar a criança:

Hace algunos años se puso de moda que a los niños se les debía explicar todo, entonces, al niño no había ni que gritarle ni darle una palmada en la colita; todo debía ser explicado. Entre dos niños se escuchó el siguiente dialogo: “Te voy a reventar, te voy a despedazar, te voy a explicar”. ¿Por qué? Porque de alguna manera, en el tono, en el gesto, en la actitud con que la madre explicaba “No, querido, los niños no hacen eso”, en la realidad lo que tenía ganas de gritarle era: “¡Basta! ¡Por qué no terminas de molestar!”. Entonces, en el tono con que la madre *explicaba* estaba presente un orden de significación que operaba por debajo de las palabras y que funcionaba como un recurso al acto con el mismo carácter despedazante que una cachetada. Se puede estar expresando algo del orden de la palabra a través del cuerpo o a través del gesto o a través de las diversas acciones, pero es importante no perder de vista que nunca, en estas acciones, deja de haber algo que tenga que ver con el lenguaje y que puede ser vuelto a poner en lenguaje. (Bleichmar, 2010, p.56)

Os adultos, mesmo inseridos em um “sistema” distinto do da criança, entendem que o prazer infantil é lúdico, que não dispõe do registro da sexualidade adulta e que, por isso, não devem demandar um encontro que exceda o seu código de significações. Entretanto, como o comentário de Bleichmar ilustra com precisão, esse encontro marcado por um excesso para a criança não remete apenas à intencionalidade³¹. Assim, em um momento de excesso “afetivo” ou agressivo, o adulto transgride as frágeis barreiras da assimetria e abusa da criança – ainda que não se trate de uma violência sexual real praticada pelo adulto, para a criança, o amor ou castigos excessivos poderiam, segundo Ferenczi, representar uma transgressão pulsional que se mostra abusiva.

Portanto, o que demarca a assimetria não é um jogo presença/ausência, mas a *diferença*. A sexualidade adulta, já submetida e organizada pelo recalçamento e pelos interditos culturais, funcionaria em outro registro que, segundo Ferenczi, abriga a linguagem da paixão, que funciona compulsivamente e sem reconhecer o outro enquanto sujeito desejante. A linguagem da ternura, da mesma forma que a da paixão, não está separada da sexualidade, apenas ocupa um lugar fundamentalmente distinto por estar sob uma organização que não se submete à genitalidade, isto é, em seu estágio perverso-polimorfo, que procura saciar pulsões parciais e autoeróticas – e que, como afirma Nasio (2007) sobre o Complexo de Édipo, alimenta o

³¹ Por isso, fazemos questão de utilizar “os adultos” e “a criança”, tal como já indica o título do texto de Ferenczi: trata-se de um choque inevitável entre dois mundos e que não está condicionada à transgressão eventual de um adulto perverso, ainda que, obviamente, também se aplique à sedução restrita da criança.

desejo mítico e as fantasias ilusórias de fusão e completude narcísica (de ser Um com o outro). Assim, confusão de línguas jaz no fato de que aquilo que dizem os adultos é compreendido em um sentido completamente diferente pela criança ou é simplesmente impossível de assimilar. Na disparidade inexorável entre as duas condições, o encontro entre mundo adulto com o mundo da criança pode ser violento e provocar um choque cujo impacto será da ordem do traumático.

Por isso, a proposta de Ferenczi é de um retorno à primazia da alteridade e “à primazia do traumático, afinal, em sua experiência, o traumatismo não era apenas o resultado de uma hipersensibilidade constitucional da criança, mas uma consequência do choque entre a ternura da criança e as respostas passionais ou perversas do adulto.” (França & Mendes, 2014, p.112). É precisamente isso que as palavras de Franz Kafka parecem transmitir com profundidade ímpar neste trecho de “Carta ao pai”:

Seja como for, éramos tão diferentes e nessa diferença tão perigosos um para o outro, que se alguém por acaso quisesse calcular antecipadamente como eu, uma criança que se desenvolvia devagar, e você, o homem-feito, se comportariam um com o outro, poderia supor que você simplesmente me esmagaria sob os pés e que não sobraria nada de mim. Ora, isso não aconteceu – o que é vivo não comporta cálculo – mas talvez tenha acontecido algo pior. Aqui, contudo, peço-lhe encarecidamente não se esqueça de que nem de longe acredito numa culpa de sua parte. Você influiu sobre mim como tinha de influir, só que precisa deixar de considerar como uma maldade especial da minha parte o fato de eu ter sucumbido a essa influência. (Kafka, 1997, p.27)

Enfim, é inequívoco afirmar que Jean Laplanche recuperou uma parte dessa tradição freudo-ferencziana, no que diz respeito, em particular, à dimensão do traumático e da passividade original (Figueiredo, 2008c). A teoria da sedução generalizada retoma aspectos importantes contidos da “confusão de línguas”: a assimetria, a incapacidade de metabolizar o conteúdo das mensagens enigmáticas do adulto, o traumático. Aliás, a assimetria entre adultos e crianças é o que constitui a premissa fundamental da teoria laplancheana, pois sustenta ser por causa dela que os gestos de cuidado em relação à criança, as falas ou olhares dirigidos a ela serão sempre “parasitados por outra coisa”. Por essa disparidade intransponível é que o adulto sempre será sedutor perante a criança. No entanto, a qualidade “generalizada” dessa sedução é que a distancia da teoria freudiana inicial, introduzindo um elemento transfigurador: o sedutor não está condicionado a um ato perverso. O adulto clivado, já ele mesmo parasitado pela sexualidade infantil, é sedutor nos cuidados com a criança independentemente de sua intenção, um aspecto que o próprio Freud deflagra nos “Três Ensaio” (1905/2006):

Talvez se queira contestar a identificação do amor sexual com os sentimentos ternos e a estima da criança pelas pessoas que cuidam dela, mas penso que uma investigação psicológica permitirá estabelecer essa identidade acima de qualquer dúvida. O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa – usualmente a mãe – contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como substituto de um objeto sexual plenamente legítimo. (pp. 210-211)

No entanto, ainda que a proposta de Ferenczi sobre a confusão de línguas seja iluminadora e que o papel fundante da sedução generalizada seja essencial para a compreensão da constituição psíquica e identitária deste estudo, é necessário que prossigamos para que possamos entender o trauma não apenas enquanto excesso inevitável do encontro entre os adultos e a criança, mas como a linguagem da paixão que, desautorizando interditos que marcam as diferenças, pode expressar-se em um ato transgressor, em um ataque sexual. Afinal, se o excesso não é, em si mesmo, uma transgressão ainda que possa ser abusivo, o que seria, então, a transgressão que caracteriza o traumatismo no abuso sexual de crianças? Qual seria, enfim, a diferença entre a sedução dos cuidados precoces e o abuso sexual?

3.3.2 A sedução enquanto transgressão

O exemplo dos rituais Sambia, apresentado no capítulo 2, pode ser elucidativo sobre a diferença entre o excesso “acidental” da sedução do adulto – mesmo se tratando de um ato sexual concreto – e o excesso provocado por um ato perverso em que um adulto toma o corpo da criança como objeto de seu gozo sem limites. Os rituais dessa tribo da Papua Nova Guiné em que os meninos são submetidos, entre outras práticas, à felação repetitiva e ingestão do sêmen dos homens adultos contrastam com atos perversos, apesar do sofrimento a que são submetidos os jovens. A excitação produzida por essas práticas integradas à cultura sambia pode ser traumática, mas não deve ser atribuída à perversão dos homens adultos que assim submetem sexualmente todos os meninos da tribo. Nas palavras de Bleichmar (2006), se esse ritual:

en sus bordes produce exceso y traumatismo, este traumatismo no es efecto de la destitución subjetiva sino de la presencia, excedente, del goce que se infiltra en todo intercambio de sufrimiento y placer entre los seres humanos cuando el cuerpo está implicado, más allá de la racionalidad que capture la acción. (p.60)

Essa asserção arrojada mostra-se de suma importância para o discernimento que nos propomos operar, isto é, da caracterização da sedução enquanto abuso sexual. Afinal, partindo do princípio de que se trata de uma transgressão, a posição perversa do adulto perante o menino deve ser um importante critério de discriminação. Nesse sentido, alinhamo-nos mais uma vez ao posicionamento de Bleichmar (2006) ao defender a perversão como processo no qual o gozo está implicado a partir da des-subjetivação do outro. Não se trata, segundo a autora, de uma definição a partir da transgressão da zona erógena ou do exercício da genitalidade, mas da possibilidade de articular, na cena sexual, o encontro com o outro humano.

La perversión, en su fijeza, en la inmutabilidad del goce propuesto, no es sino el límite mismo el auto-erotismo ejercido sobre el cuerpo de otro, despojando este otro de la posibilidad de instalarse como sujeto que fija los límites de la acción, no sólo sexual, sino intersubjetiva. (Bleichmar, 2006, pp. 102-103)

A sedução generalizada seria o oposto da perversão, pois seu efeito traumático é resultado justamente de um processo de subjetivação do bebê, do excesso que, como citamos acima, é parte “todo intercambio de sufrimiento y placer entre los seres humanos cuando el cuerpo está implicado”, do contato em que adulto que despeja sobre o *infans* o gozo narcísico gerado pelo cultivo dessa extensão de si mesmo. Por outro lado, a genitalização precoce provocada pelo abuso sexual representa a ausência de reconhecimento do outro enquanto idêntico ontológico e ser desejante e, imergindo o menino na perversão do ato transgressor, o encaminhará a uma vida libidinal fixada pelo gozo do adulto, isto é, trata-se de um verdadeiro “arrasamento da subjetividade.” (Bleichmar, 2006) Será, então, por esse viés que entenderemos a diferença do traumático da sedução no abuso sexual e na sedução dos cuidados precoces: a posição ocupada pelo adulto perante a criança e, por conseguinte, o lugar que é oferecido ao menino.

Contudo, se falamos em perversão enquanto uma transgressão des-subjetivante, nos referimos consequentemente a limites. Mas... quais seriam eles? É recorrente que o perverso seja concebido como um fora da lei, constantemente desafiando-a ao desprezar e zombar de seus decretos. Porém, como nos lembra Fuks (2014), o perverso não se considera um anarquista:

Pelo contrário, quando critica ou quando infringe a lei positiva e os bons costumes, é em nome de outra lei, lei suprema e bastante mais tirânica que a da sociedade. Pois essa outra lei não admite nenhuma faculdade de transgressão, nenhum desfalecimento, nenhuma debilidade humana, nenhum perdão. . . . Seu texto escrito não promulga mais que um único preceito: a obrigação de gozar. (Fuks, 2014, p. 233)

Entretanto, ainda que como fiel ao imperativo de gozo que constitui as leis que regem seu funcionamento psíquico, de outro ponto de vista, sob a égide e a jurisdição da cultura, o perverso é um transgressor em sua obediência particular. Afinal, toda a noção psicanalítica de desenvolvimento psicosssexual, de constituição psíquica e de aproximação do sujeito à meta de amar, de trabalhar, não pode ser separada das renúncias pulsionais, como afirmado pelo emblema da castração, que são impostas ao sujeito e que o permitem acessar o simbólico. Inclusive, encontramos o enraizamento do abuso sexual enquanto transgressão no fato de que essa operação de renúncias, nos distanciando da noção endogenista de fases de desenvolvimento, acontece em relação à alteridade, ou seja, mais uma vez, a criança depende do adulto como “sedutor e apaziguador” – um papel essencialmente duplicado que, nos casos de abuso pai-filial, é reduzido a apenas um. O adulto que, inevitavelmente sedutor perante a criança, precisa também ser representante das renúncias – primordialmente, a que faz ele mesmo de não fazer do corpo da criança objeto de gozo – e agente do cerceamento da sexualidade perverso polimorfa da criança. A criança depende, para sua formação enquanto sujeito desejante, de outro que, já castrado, venha agora barrar e conter seu gozo sem limites e abrir caminhos para a integração cultural e ao simbólico, afinal:

Uma característica definidora da ordem simbólica é essa *negatividade* que ela introduz, a distância do suposto imediatismo da experiência. *Entrar no simbólico significa aceitar as regras e convenções da sociedade junto com as proibições e os limites necessários para que ela funcione, os quais surtem efeitos no próprio corpo. . .* . Dizem-nos o que comer e quando comer; quando defecar e urinar e quando não fazê-lo; quando podemos ou não podemos olhar e escutar; dizem-nos que temos que usar roupas para cobrir o corpo, que não podemos nos acariciar diante de outras pessoas e assim por diante. (Leader, 2013 p.64, grifo nosso)

Trata-se, como nos diz Cassandra Pereira França (2005), da “tentativa de domesticação dos impulsos da criança pelo freio repressor da sociedade, encarnado na figura dos pais” (p.31), um trabalho firmado na convicção civilizatória de que o princípio de prazer precisa ser submetido ao princípio de realidade; mas também o corpo biológico precisa ser revestido por um corpo simbólico, nomeado, submetendo tanto a autopreservação ao prazer, quanto o prazer aos interditos culturais. Diante desse horizonte desafiador de tornar-se sujeito é que a economia libidinal sempre se mostrou para Freud como a base para a inserção do sujeito na cultura. De modo semelhante, compartilhando a importância dessa noção, com a teoria da sedução generalizada entendemos que o adulto perante o bebê tem sobre si o imperativo da renúncia pulsional orientado por proibições fundamentais e fundantes de toda a inserção na cultura.

Portanto, não é arbitrariamente que o clamor da cultura pelo “não” – isto é, nesse caso, pela renúncia do adulto a tomar o corpo da criança como simples objeto de gozo – é, para a psicanálise, o limite incólume instituído pela proibição do incesto e do gozo intergeracional. Pelo contrário, foi justamente sua aparência transcendentemente determinada, por articular natureza e cultura e se apresentar como uma regra universal (Levi-Strauss, 2009), que fez do tabu do incesto o “terrível mistério” que provocou muitos pensadores a tentarem compreender a origem dessa máxima social. Como afirmou Lévi-Strauss (1947/1982 citado por Cromberg, 2012): “A proibição do incesto é o processo pelo qual a natureza se ultrapassa a si mesma. . . . Realiza e constitui por si mesma o advento de uma nova ordem.” (p.200)

Freud, também intrigado por esse aspecto transcendente, buscou na antropologia e etnologia o suporte para elaborar um posicionamento psicanalítico sobre esse comportamento imutável para além da diversidade das sociedades humanas. “Totem e Tabu” (1913/2006) é a obra que representa a teoria criada por Freud sobre a origem, dentre outros, da proibição do incesto. Partindo da suposta ambivalência que todo indivíduo experimenta em relação ao pai e da culpa inconsciente, a articulação presente nesse texto sustenta que tais manifestações seriam resíduos de uma falta originária cometida em uma refeição totêmica compartilhada por irmãos os quais, consumidos pelo ódio ao pai, o teriam matado e devorado. Desse acontecimento primitivo trágico, decorreria não apenas a culpa inconsciente, mas, também, as fases de organização da sociedade, do totemismo à moral coletiva complexa. A partir desse mito, compreende-se que a estrutura social formou-se pelo remorso do assassinato que fez com que os filhos abrissem mão das mulheres do pai e, logo, também da interdição do lugar absoluto uma vez ocupado por ele.

Pois bem, mais do que encontrarmos nessa proposta uma mito sobre a origem do tabu do incesto, queremos destacar o impasse que o pai gozador, acima de todos os limites, impõe aos seus filhos. Destacamos o fato de que o pai da horda primitiva suscitou o ódio homicida de seus filhos porque era um pai gozador, dono de todas as mulheres, um pai que, em regime de exceção, exercia domínio totalitário e absolutamente não interditado pela ordem da tribo. Isso vai de encontro à marca da proibição do incesto que, como vimos acima, sustenta os parâmetros das renúncias pulsionais estabelecidas pelo adulto para sobrepujar o autoerotismo infantil desde os cuidados precoces os quais, como afirma Bleichmar (2006), são:

prohibiciones fundamentales, fundantes de toda inserción en la cultura – que culminan con la prohibición del goce intergeneracional pero que no se reducen a este. . . - , se sostienen en el hecho de que el adulto a cargo ha constituido la relación con el niño de

modo mediado: su amor pasional por el niño, su devoción narcisista, es atemperada por su propia prohibición interior, instaurada bajo la forma del superyó. (p.23)

Por conseguinte, que esse estandarte da interdição esteja sobre o adulto desde os cuidados precoces é um critério divisor de águas, pois no processo subjetivante e socializador, a criança estará atenta ao funcionamento “cerceado” do próprio adulto que a ela se impõe como “cerceador” e exemplo, de modo que:

O olhar vigilante irá capturar facilmente as formas de gozo privilegiadas um a um dos membros do grupo familiar, formas que terão o valor de moeda corrente a ser usada nas tentativas desesperadas de encontrar um veio que lhe permita transgredir, sem deixar de ser amada. (França, 2005, p.32)

Em outras palavras, a criança está à procura obstinada por brechas na Lei que não lhe permite gozar segundo sua sexualidade perverso-polimorfa, rachaduras abertas pelas insubmissões dos adultos que, perante ela, incorporam os interditos. Diante disso, poderíamos, então, indagar o que significaria deparar-se com cratera aberta pelo adulto que despreza ele mesmo todos os limites ao tomar o corpo da criança como objeto de prazer. Pois, ao seduzi-la, além de produzir um prazer avassalador para os contornos do seu Eu e de seu corpo infantil, afirma, sem palavras, que também não existem restrições para seu próprio gozar. Como esclarece Fuks (2005):

Temos descrito o pai *perverso*, nos casos de incesto, como alguém que não tem condições de representar-se as representações do outro, ou seja, de reconhecer suas emoções e pensamentos. “Ele percebe apenas seu próprio mundo mental e é de um modo genuinamente sincero que goza com sua filha ou filho: sem nenhuma representação das perturbações que possam ser infligidas à criança. Funciona em uma espécie de ‘recusa às avessas’ (perversa) da sexualidade infantil.” (Barbero Fuks, 1998, p. 121). Pode comportar-se em muitos aspectos de sua vida de forma pacata e até moralista, sem que isso o impeça de utilizar o poder paterno para transformar a intimidade de sua família num reduto reservado à realização impune de um ideal sexual onipotente e narcísico. Torna-se, assim, “capaz de ultrapassar o tabu fundamental da cultura e fundante do desejo humano, para ter acesso a um gozo de caráter absoluto, e goza, em sua faceta de sedutor, do poder de escolher a quem iniciar, a quem conceder o privilégio *narcísico* de acesso a um prazer *erótico* prematuro e proibido” (idem, p.122). (p.54)

Portanto, além de ser um ato des-subjetivante pela posição em que o perverso coloca a criança, isto é, exilada de sua condição de sujeito, o abuso paterno-filial traz o profundo agravante de ter o adulto, agente essencial da humanização e integração da criança, impondo seu poder, mas negando os emblemas da cultura dos quais é portador. Nisso, fica bastante

claro a qualidade intrínseca de traição que carrega o abuso sexual de crianças e que nos autoriza a retomar a asserção certa de R. Gartner (1999) de que a subversão dessa relação fundamental “é frequentemente mais traumática que os atos sexuais em si.” (p.40, tradução nossa) ou, ainda, aplicar especificamente ao tema do abuso a afirmação de Bleichmar (2006) de que “es indudable que lo traumático en el sentido estricto no es sólo un efecto mecánico de la acción padecida sino del hecho de que ésta es producida por otro humano” (p. 60). Por essa razão é que:

O abuso sexual infantil entra na categoria de perversão no sentido amplo, isto é, a apropriação do corpo infantil do outro para obter prazer. Se esse abuso é, ainda mais, incestuoso, a transgressão é dupla, porque a ele se acrescenta a transgressão da proibição social de intercâmbios sexuais entre gerações de uma mesma família. (Fuks, 2005, pp.52-53)

Logo, é inevitável que, tratando da violação sexual de meninos por seus próprios pais, o pai gozador da horda primitiva seja evocado. O pai que inspira ódio em seus filhos, porque é único e não permite que sejam como ele, que gozem como ele já que o gozo da posição sexuada é exclusivamente seu. O pai pleno, portanto, é um pai admirado e temido em sua grandeza por seus filhos, mas é estéril em relação a eles, não tem nada para lhes transmitir. Por isso, a identificação depende de sua morte e de que, somente por meio da ingestão de sua carne, o filho possa incorporar uma posição em alguma medida semelhante a que foi ocupada pelo pai em vida. Apenas o pai castrado, que não goza plenamente, o pai que se mostra cindido diante de seu filho, pode transmitir a potência que sustenta sua virilidade abrindo possibilidades de que seu rebento possa, como ele, oferecer sua hombridade a seu objeto de amor. Afinal, também a castração é transmitida de pai para filho: “o que é ser castrado senão constatar que nossos desejos e nossos corpos são limitados? *O pai que tive, o pai que sou e o filho que me sucede, todos devem assumir as castrações impostas.*” (Nasio, 2007 p. 143 grifo nosso)

Assim, se o abuso pai-filial exemplifica uma traição e o extremo da desconsideração dos limites, oferece também uma significação mais grave à noção de que “Enxergar na conduta dos pais, ou escutar em seu discurso, uma dupla mensagem que, a um só tempo, proíba e autorize a transgressão será o trunfo que a disposição perverso-polimorfa da sexualidade infantil precisará para reinar através dos tempos” (França, 2005, p.32). Em outras palavras, não é apenas a transmissão da masculinidade que é desconsiderada nessa transgressão, mas a

da própria castração, comprometendo a economia libidinal, as fixações de gozo e a estrutura psíquica do menino. Por isso:

Nenhum sujeito que tenha padecido de abuso sexual infantil pode considerá-lo uma experiência ou um incidente de iguais características a outros ocorridos ao longo de sua vida. O traumatismo produzido no abuso de uma criança adquire um *status* singular que o diferencia de outros traumatismos de que podem padecer os seres humanos (luto, acidente etc.). (Fuks, 2005, p. 56)

Enfim, enquanto a sedução das origens, generalizada, reserva a condição para que o sujeito seja erotizado, humanizado para, então, ser inserido na subjetividade e na cultura, o abuso sexual incestuoso, uma “segunda sedução”, caracteriza-se pela transgressão dos alicerces culturais que coisifica o outro e não o reconhece enquanto ser desejante. Tendo entendido que um aspecto importante da especificidade do traumatismo da sedução restrita é o lugar des-subjetivante dado ao menino pelo ato perverso e transgressor do adulto que ignora interditos fundamentais, voltemo-nos então à nossa segunda questão enunciada anteriormente, ou seja, como é que podemos entender os efeitos dessa sedução que sempre será secundária em relação a uma, ainda que profundamente distinta, sedução primeira.

3.4 O tempo do traumático

A diferenciação entre sedução das origens e a sedução enquanto atentado sexual nos coloca perante uma questão temporal inevitável já que nos apresenta uma espécie de encadeamento, isto é, com o fato de que o traumatismo provocado pela violação sexual sempre será uma segunda sedução, ainda que as duas sejam, essencialmente, distintas entre si. É verdade que já entendemos como é que a transgressão do adulto em um ato perverso diante da criança delimita a distinção que impõe um abismo entre ambas situações traumáticas; agora, no entanto, procuramos entender como é que o elemento obviamente constante entre o trauma das origens e o trauma da violação sexual, a sedução, aproxima ou enlaça ambas situações. Mais especificamente, considerando a sedução generalizada como ponto de partida, não podemos ignorar que o abuso sexual de meninos não deve ser contemplado como um acontecimento isolado, porque inevitavelmente remete a uma “matriz”. Assim, retomamos a pergunta destacada por Bleichmar (2010) ao tratar sobre o traumático de forma genérica e não apenas enquanto sedução:

Esta es la pregunta que aparece después de elaboraciones psicoanalíticas de muchos años: si se considera que la neurosis misma tiene antecedentes traumáticas, en este

caso, en el sentido del traumatismo infantil. Llegamos a un problema aparentemente ridículo, de regresión al infinito, ¿hay traumatismo?, ¿habría traumatismo si no hubiera habido traumatismo anterior predisponente? . . . La respuesta de fondo en Freud ha sido una teoría que pueda verdaderamente llamarse *dialéctica*, la teoría de la resignificación o de que se ha llamado del *après-coup*, donde más que una génesis donde lo anterior significara a lo posterior, se trata de que lo posterior significa lo anterior. *Es decir, que si hubiera habido una situación infantil con predisposición neurótica, el traumatismo no se monta sobre ella, sino que la resignifica, la reestructura y no solamente la desencadena.* Esta es la concepción del traumatismo en dos tiempos. (pp.19-20, grifo nosso)

Esse fragmento contém ideias importantes para satisfazer nossas indagações e indica que a questão da temporalidade do traumático será essencial para que avancemos ao encontro da melhor compreensão dos efeitos do abuso sexual sobre a constituição da identidade de meninos. Com efeito, para Freud, o trauma só se constitui como tal enquanto efeito do *après-coup*, uma compreensão do trauma em dois tempos que não apenas marca, entre o recalque originário e o recalque propriamente dito, o papel fundamental do *a posteriori*, como também atribui a fonte do traumático à realidade psíquica, isto é, subverte a lógica linear e rudimentar de causalidade (André, 2008). Segundo Fuks (2005):

A psicanálise desenvolveu uma concepção de história pela qual esta não é uma crônica de fatos que se sucedem linearmente, e sim uma multiplicidade de acontecimentos que se inscrevem e entrecruzam-se num jogo de interpretação sucessiva e simultânea, armando uma rede de relações complexas que obrigam o ego a um trabalho interpretativo e a uma reconstrução permanente. Os acontecimentos não existem isoladamente, e sim inseridos numa trama relacional, e é por meio do trabalho de deciframento, interpretação e re-historicização que essa trama pode tornar-se inteligível. (p.66)

Essa noção mostrou-se cara a Freud já no início de suas investigações sobre as psiconeuroses e, também, preciosa para estabelecer o movimento do pensamento e da escuta psicanalítica ao longo das associações livres e dos conteúdos apresentados pelos pacientes em análise. Buscando outra explicação para o trauma como etiologia das neuroses, Freud se afastou de Breuer e passou a observar que:

o trajeto que leva do sintoma à sua etiologia mostra-se trabalhoso e revela elementos que não se poderia ter imaginado de início. *Ainda que o paciente localize o ponto de partida de seu sofrimento psíquico numa determinada vivência, a análise vai revelando a existência de conexões desconhecidas por ele próprio e constata-se, assim, que a cena apresentada inicialmente como traumática esconde outras cenas.* Ao final do processo de desvelamento da cadeia de lembranças, descobre-se a

presença constante do elemento sexual, o que o leva a afirmar o seguinte: “Qualquer que seja o caso e qualquer que seja o sintoma que tomemos como ponto de partida, no fim chegamos invariavelmente ao campo da experiência sexual”. (Carvalho & Ribeiro, 2006, para. 10, grifo nosso)

A intenção de localizar o “verdadeiro” acontecimento traumático, ou seja, de remontar a cena primária subjacente aos sintomas neuróticos, algo especialmente característico do período da teoria da sedução, pôde ser cada vez menos importante pelo papel central atribuído à fantasia alimentada pela sexualidade infantil. A cadeia de lembranças tinha, de fato, uma raiz, mas não se tratava de uma lembrança matricial, senão da própria sexualidade – e isso, por sua vez, implicou em uma lógica inovadora. Freud, ligando recalque e sexualidade, além da afirmação de que o único trauma capaz de gerar neuroses era o trauma sexual, precisa defender que ele se estruturaria fundamentalmente em dois tempos. Na verdade, uma coisa se mostrou inseparável da outra: só a sexualidade resultaria em recalque e, por conseguinte, apenas ela poderia usufruir desses dois tempos, isto é, a primeira cena, esquecida, não significada, e a segunda, recalcada pela significação sexual dada *a posteriori*.

Um exemplo freudiano emblemático desse modelo é, sem dúvida, o caso Emma (Freud, 1950/2006), em que uma jovem apresenta uma fobia de entrar sozinha em lojas. Em análise, Emma apresenta um encadeamento de recordações: primeiramente, lembra-se da cena de quando tinha 12 anos e, ao entrar em uma loja e ver dois vendedores rindo juntos, fugiu da loja assustada por pensar que riam de sua roupa e que um deles a havia atraído sexualmente. Uma segunda lembrança não tardou em modificar a primeira: aos 8 anos entrara duas vezes na mesma doceria onde o dono da loja lhe havia apalpado a genitália por cima da roupa – logo, sua fobia guardava um “memorial das cenas traumáticas” (Leader, 2013). O que o pensamento freudiano daquela época descreve são dois tempos divididos pela sexualidade, sendo que no primeiro, marcado pela imaturidade sexual da infância, o recalque não se fazia necessário porque a experiência da loja aos 8 anos não foi significada como traumática, ficando no sistema pré-consciente, sem representação e sem poder ligar-se ao afeto correspondente. O momento da constituição do trauma se estabeleceria “internamente” aos 12 anos, no segundo tempo, quando a puberdade promoveu as condições necessárias para que o conteúdo sexual da cena primeira emergisse e fosse significado, recalcando a primeira cena³².

³² Há controvérsias sobre o que Freud pretendia afirmar: que houve excitação não nomeada na primeira cena (o corpo reagiu, mas ela não pôde representar a sensação como sexual) ou que não houve excitação e que esta só foi atribuída na segunda cena.

Isso explica então por que as experiências que precipitam os sintomas podem variar em intensidade e natureza: elas não são os verdadeiros traumas, pois estes ocorreram na infância. Aqui cabe uma precisão. Embora Freud utilize a expressão traumas de infância para referir-se às experiências que teriam o papel determinante na formação dos sintomas, ele é taxativo quanto à idéia de que o *poder patogênico reside na lembrança do atentado sexual e não na própria vivência, o que equivale, em suas palavras à “operação póstuma de um trauma sexual na infância”*. (Carvalho & Ribeiro, 2006, para. 15, grifo nosso)

Todos esses aspectos contemplados no caso Emma, o papel fundamental da alteridade sedutora, a teoria do trauma em dois tempos e a ligação entre recalçamento e sexualidade são recuperados por Laplanche como elementos fundamentais da teoria da sedução generalizada. A diferença em relação aos dois tempos é que, para Laplanche, a primeira cena freudiana já seria a segunda que, por sua vez, remonta à verdadeira primeira cena à qual Freud não conseguiu chegar: a sedução fundamental comprometida com a própria sexualidade infantil recalçada dos pais da criança.

A ideia de que o trauma constitui-se por um efeito póstumo é em si mesma preciosa, pois significa que ele se constitui “quando se torna possível a simbolização de uma vivência precoce; não sendo, portanto, um efeito imediato da impossibilidade de simbolização, no momento da vivência.” (Carvalho & Ribeiro, 2006, para. 19) Seria possível dizer, então, que Laplanche sustenta uma teoria traumática das neuroses em que não haveria um ponto temporalmente fixado ao qual se poderia, por regressão, localizar. Isso demonstra, justamente, a ruptura com uma lógica linear ao eleger a “progressão daquelas representações que, ao terem ficado em espera, em latência, são sobre-investidas pelos tempos posteriores que dão forma final – mesmo que não definitiva – ao traumatismo.” (Bleichmar, 1994, p. 167) Trata-se, então, do papel fundamental do *après-coup*, sendo o modelo dessa vivência o acontecimento traumático que, no momento em que se passou, não pôde ser significado e integrado e, assim, recebe sentido apenas *a posteriori*.

Se o modelo do trauma de 1920 nos permite compreender que não é o acontecimento em si mesmo que é traumático, mas a relação do fato externo com seu efeito interno sobre o sujeito, a noção do *après-coup* nos possibilita entender que não é o fato passado, e que já era em si mesmo traumático, que se manifesta posteriormente em um sintoma. A noção sincrônica do *après-coup* indica que não estamos percebendo os efeitos do acontecimento passado sobre o presente, mas a constante constituição do acontecimento e do trauma a partir da re-significação do fato passado no presente. O *après-coup* remete a um processo de

historicização em que as experiências, os traços mnêmicos – e as identificações – assumem novos significados ante as novas experiências sem qualquer referência ao passado histórico ou a noções de causalidade (Breen, 1998). Ao contrário da percepção diacrônica, orbitando em torno de reestruturações psíquicas que significam, retrospectivamente, o que já aconteceu, o *après-coup*:

supõe o mecanismo da repetição. O trauma só será considerado como tal a partir de seu efeito, o que nos levará a considerar que o trauma não é mais um fato do passado, que determina um sintoma atual, mas um fato deduzido do sintoma atual. Trata-se, então, da “ficção do trauma”, como diz Nasio, em *Le paradoxe du traumatisme*, pois só haverá trauma psíquico na posteridade, no *après-coup* do acontecimento. (Knobloch, 1998, p. 22)

3.3.3 “Antes” do ataque sexual

Entendemos que a “posteridade”, isto é, o contexto atual, mas que é cronologicamente posterior ao trauma, possui papel predominante na estruturação e manutenção do traumático. No entanto, voltando-nos especificamente para nosso tema, como poderíamos pensar a importância do que *antecedeu* ao ataque sexual? Sem dúvida, a história pregressa de cada menino antes do abuso, tanto sua estruturação psíquica quanto, por exemplo, a qualidade da relação que mantinha com seu agressor, é um importante eixo da articulação do trauma podendo, inclusive, ser determinante no impacto que o abuso terá sobre o sujeito.

Cromberg (2012) afirma que “Há um antes e um depois do abuso incestuoso. Tudo se condensa neste ponto” (p. 90) e, certamente, a vivência traumática de abuso sexual inaugura na história significativa do sujeito uma marca que, em graus diferentes, tipifica os traçados a ela subsequentes gerando, então, um contraste com a linha que antecedeu a traição. No entanto, ainda que o traumatismo demarque claramente as fronteiras entre o funcionamento psíquico anterior e posterior a ele, é fundamental, como demonstrado pela noção de *après-coup*, que seja apreendido enquanto elo de um encadeamento e cuja inclusão não apenas re-significa toda a corrente, mas também é propiciado pelos elos que constituíram a história significativa até ali. Como assevera Laplanche³³: “el traumatismo no es jamás localizado en un solo momento o en un solo punto. Debe ser puesto siempre en relación con los

³³ Citação direta das palavras de Laplanche nas considerações finais das aulas ministradas por Bleichmar e compiladas no livro “*Psicoanálisis extramuros*” (2010).

acontecimientos *anteriores* y no tratándose de un solo traumatismo, debe ser puesto en correlación con una *serie psíquica*.” (citado em Bleichmar, 2010, grifo nosso)

Diante da importância da noção temporal – o que tem sua etiologia no passado, o que tem raízes no próprio presente –, é importante resgatar o conceito de neurose atual que, após 1898, passou a ser legado a um campo distinto do das psiconeuroses, isto é, daquele ao qual a psicanálise poderia operar efeitos terapêuticos. Mesmo que, segundo Bleichmar (2010, p.141) as neuroses atuais ocupem uma categoria “‘somática’, en la cual la libido opera como una especie de sustancia de orden químico, cuyo estancamiento tiene caracteres tóxicos para el sujeto que se ve sometido a una privación de su descarga.”, para a autora a ideia de conflito e sintomas atuais devem sempre conservar seu valor. Apesar de terem sido praticamente apagados da nosografia pelo fato de que, independentemente da relevância dos fatores atuais, sempre encontraremos nos sintomas a expressão simbólica de conflitos mais precoces, são conceitos que destacam a importância de discriminar entre conflitos de origem infantil que são reatualizados de conflitos que, em sua maior parte, são determinados pela situação atual. É partindo desse viés que defende Bleichmar (2010):

Conservemos esta idea de “libido inempleada” en aras de pensar aquello que se produce en momentos traumáticos: el sujeto es sometido a un cúmulo de excitación endógena, efecto de la transformación de cantidades exógenas fluyentes que se transforman y alteran toda la economía libidinal arrastrando, en su movimiento de descarga, sistemas de representaciones hasta el momento desactivados. (p. 141)

Por isso é que, segundo a autora, a incidência do acontecimento traumático provoca uma reação imediata, como crises de ansiedade, agitação ou, ao contrário, um assombro paralizante de duração variada. No entanto, após certo tempo de latência após a crise inicial, surgem sintomas que se agregam em duas modalidades distintas: uma, bastante próxima da neurose traumática descrita por Freud e, em outro extremo, uma situação muito mais “banalmente neurótica” em que é como se o traumatismo tivesse operado apenas como desencadeador de uma neurose preexistente. Neste último caso, não se trata apenas de um desencadeamento, mas da recuperação de modelos de neurose que as crianças já tiveram no passado – ainda que modificados, porque, de algum modo, o traumatismo ressignificou as neuroses prévias. Firmada nessa convicção é que, ao orientar profissionais que trabalhariam com crianças vítimas do grande terremoto que abalou a Cidade do México em 1985, Bleichmar (2010) diz que:

Cuando ustedes empiecen a trabajar con los niños, se van a dar cuenta de que los tres elementos temporales que vamos a incluir en la consigna (“Estamos acá para pensar en cómo se sintieron en el momento del terremoto, cómo se sienten ahora y cómo piensan que va a ser el futuro”), no van a poder pensar ninguna de las segundas partes si no pueden trabajar primero cómo se sintieron en aquel momento. Y todo apresuramiento lo único que hace es producir fijación y compulsión a repetición. (pp.28-29)

É preciso resgatar a divisão tríplice *passado, presente e futuro* condicionados pela sobreposição da lógica dual do *antes e depois* que o traumatismo favorece. Na verdade, o que Bleichmar defende ao destacar a importância da reação e o sentimento das crianças no momento do terremoto é que o traumatismo não poderá ser compreendido fora desse encadeamento temporal que remete, inclusive, ao que antecedeu o desastre. A resposta das crianças no momento dos abalos do terremoto indica como a noção “atual”, do efeito que a invasão de excitação exerce sobre a economia libidinal, remete à condição psíquica da criança diante do acontecimento. Enfim, destacando a importância do *après-coup* é que o acontecimento traumático para o menino, enquanto sua violação sexual por uma figura paterna, poderá ser apreendido. Nisso, se mostra novamente a complexidade do traumático, uma vez que não é possível medir seus efeitos exclusivamente pela análise da potência nociva *atribuída* ao acontecimento, mas exclusivamente na relação dialética que nos propõe Freud através do *après-coup* a qual coloca em evidência a relação que o acontecimento terá com a condição psíquica do sujeito até ali. Desenvolvendo esse ponto sob outra perspectiva é que iniciaremos o capítulo seguinte e partiremos em direção aos efeitos do traumatismo em sua relação com a masculinidade.

CAPÍTULO 4: O EMBARAÇO E A AFINIDADE ENTRE *TRAUMA* E *MASCULINO*

4.1 A qualidade dos alicerces, a quantidade dos destroços

Em 1985, um ano antes de seu retorno programado à Argentina redemocratizada, Silvia Bleichmar, ainda exilada no México, vivenciou o grande terremoto de 8,1 na escala Richter que abalou a capital do país em 19 de setembro daquele ano. Diante dos efeitos devastadores da tragédia, a psicanalista pôde colaborar com seus conhecimentos quando, a pedido do UNICEF, ministrou um curso a profissionais que ofereceriam suporte psicológico às vítimas. O conteúdo das 8 aulas apresentadas por Bleichmar foram compilados no livro *“Psicoanálisis extramuros: puesta a prueba frente a lo traumático”* (2010) em que Bleichmar coloca em prática sua convicção de que a “isenção” do psicanalista deve aplicar-se ao desejo do analisando e não ao seu próprio envolvimento com a sociedade.

Apropriando-nos das importantes contribuições da autora nessa obra, queremos lançar luz sobre a questão de como a incidência do traumatismo produz efeitos no psiquismo; isto é, mas precisamente, como opera o traumatismo¹ em relação ao que já havia posto no psiquismo. A lógica inusitada que Bleichmar (2010) apresenta diante de um acontecimento obviamente traumatizante – inesperado, chocante, ameaçador da vida – como um terremoto de larga magnitude parece cara ao nosso estudo que também procura escapar dos caminhos intuitivos na compreensão dos efeitos do abuso sexual sobre a identidade de meninos. Nesse sentido, parece-nos profícuo partir da advertência da psicanalista aos ouvintes de suas aulas naquela ocasião que estabelece a marca insuperável da singularidade da constituição psíquica, isto é, afirma que o epicentro do terremoto não é apenas um ponto geográfico, mas a cabeça de cada um:

De manera que el epicentro del terremoto quiere decir el lugar donde se establecen los detonadores para la constitución del conflicto psíquico. Y esos detonadores no se producen en la realidad, o entre el yo y la realidad, sino que se producen a partir de la

¹ Neste capítulo, ao nos referirmos a “traumatismo” será, ainda que os autores aos quais nos referirmos o abordem de forma genérica, tendo como horizonte sua especificidade enquanto a traição representada pelo abuso sexual paterno-filial de meninos, tal qual temos abordado desde o capítulo 3.

forma en que la realidad ingresa en el interior del sujeto psíquico y con lo que allí va a encontrar. (Bleichmar, 2010, p.42)

Poder-se-ia pensar que, contrariando o movimento de recuperação do modelo freudiano que enfatiza o *exterior*, a alteridade, em detrimento do *interior* para a compreensão do trauma, Bleichmar, aqui, volta a privilegiar o interno mesmo diante de um efeito externo irrefutavelmente arrasador. No entanto, esse seria um raciocínio equivocados já que Bleichmar, orientada pela teoria da sedução generalizada, não ignora a dimensão da situação traumática (real exterior) nem a do traumatismo (acontecimentos aos quais o sujeito não é capaz de responder adequadamente, produzindo efeitos patológicos)². Por isso, não é diferente o posicionamento de Laplanche que, considerando essas duas dimensões e a constituição do trauma em dois tempos, no fechamento desse curso ministrado a pedido do UNICEF, acentua que: “Este acontecimiento de apariencia tan directa como lo es el terremoto, debe ser puesto en correlación con los acontecimientos de la infancia, lo antiguo se resignifica con lo nuevo.” (citado por Bleichmar, 2010, p.144)

Então, o que Bleichmar (2010) realiza diante dos efeitos do terremoto é remeter a atenção de seus ouvintes às marcas, também traumáticas, deixadas pela alteridade no sujeito que vivenciou o desastre natural, isto é, tendo em vista o sujeito constituído, ou mesmo em vias de constituição, o que está em jogo é a qualidade dos alicerces psíquicos promovidos pelas vivências e traumatismos fortuitos que precederam ao abalo sísmico – será diante deles que poderá ser compreendida a quantidade dos destroços. Assim como o sofrimento neurótico se refere ao modo singular com que o real se inscreve em cada sujeito, semelhantemente o sofrimento provocado pelo trauma excederia os fatos, apontando para essa relação intrincada que se estabelece com a singularidade – mas ainda assim não os ignora (Calvi, 2012). Firmada nessa convicção é que Bleichmar (2010) combaterá o equívoco de considerar que, diante do terremoto, já se sabe o que determina as ações dos sujeitos. Para autora, isso poderia ter o grave efeito de obturar-se, com os fatos da realidade, o sentido do sintoma, sempre oculto, inconsciente, ou seja, daquilo que realmente seria determinante.

El terremoto no es razón ni para la aparición de una encopresis ni para la aparición de un síntoma de hiperkinesis ni de un trastorno de aprendizaje. El terremoto es *disparador de algo* que estando en el aparato psíquico tiene *sobredeterminaciones* específicas que tendremos que encontrar a lo largo del trabajo con el sujeto. (Bleichmar, 2010, p.28 grifo nosso)

² Para mais sobre situação traumática e traumatismo, vide capítulo 3.

A ideia de sobredeterminação, logo, mostra-se crucial. Partindo dessa noção é que, como evidencia o fragmento acima, os sintomas neuróticos não devem ser concebidos enquanto puro efeito do terremoto que colocou em risco a vida em nível biológico. Ao mesmo tempo, é importante valorizar a advertência de Bleichmar (2010) de que não devemos, por outro lado, apreender os sintomas como algo que já está lá e que é simplesmente *liberado* pelo acontecimento traumático. Enfim, a preciosa conclusão a que somos levados é a de que o olhar fundamental sobre as manifestações após o trauma considera e trabalha “*el encadenamiento fantasmático que la serie traumática –en el interior de la particular estructura edípica en la cual le tocara constituirse– precipita*”. (Bleichmar, 2010, p.137, grifo nosso)

É nesse sentido que podemos nos apropriar da equação básica em psicanálise segundo a qual: “a mayor traumatismo y menor patología, mayor grado de salud, e inversamente proporcional, a menor traumatismo y mayor patología, mayor grado de enfermedad.” (Bleichmar, 2010, p.102) Em outras palavras, o critério elementar em questão não é o número na escala Richter – ainda que, claro, não seja irrelevante –, mas a estrutura e a história do sujeito que promoverá a significação do traumatismo como muito severo para um e menos para outro. O que se mostra como elemento crucial é a capacidade metabólica, a relação entre o *quantum* do estímulo e o limiar metabólico do sujeito (Bleichmar, 2010), ou, retomando a proposta freudiana de “Além...”, o *quantum* de excitação em relação à energia disponível para o trabalho de vinculação. Como já mencionamos acima, a autora considera que o efeito traumático não seria produto direto do estímulo externo, mas da relação existente entre o impacto e o afluxo de excitação que desencadeia. Logo, mostra-se fundamental ter em conta essa equação enfocando então a capacidade metabólica, simbolizante, com que conta o aparelho psíquico para produzir redes de ligação as quais possam conter os elementos sobreinvestidos que ameaçam romper suas defesas habituais. No caso de excederem a trama psíquica, por estarem além das simbolizações que foram se estabelecendo ao longo das experiências significantes que as vivências proporcionaram, estariam fadados ao destino ou do sintoma ou, até mesmo, de uma modificação geral da vida psíquica.

No texto “Responsabilidade e resposta no crime de abuso sexual” (2012), Maria Teresa Melo Carvalho apresenta uma proposta que, a nosso ver, se alinha ao que Bleichmar (2010) sustenta e, o que muito nos interessa, especificamente em relação ao trauma provocado pelo abuso sexual de crianças. Carvalho (2012) apresenta dois casos clínicos de meninas que tinham 7 anos de idade quando os abusos começaram, uma violada pelo padrasto e outra pelo avô,

contrastando as formas bastante distintas com que cada uma delas responde à agressão. O que a autora defende é que o *status* obviamente traumático do ataque sexual terá diferentes graus traumatizantes, dependendo de fatores que podem influir nesse arranjo – como cronicidade, agressão física, caráter incestuoso, aspectos que se mostravam semelhantes em ambos os casos – em paralelo com o momento da constituição psíquica da criança na época da violação. Em outras palavras, destacando o narcisismo como condição de resposta ao enigma do outro, o fator capital em diálogo com outras contingências será a presença ou não de um recalçamento bem sucedido e de um Eu que, como parte de um sujeito desejante, rejeita a posição de objeto de gozo do outro, porque “narcisicamente investido, pode funcionar como instância tradutora/recalcante e traduzir o abuso sexual como ato ilícito, repugnante e que deveria ser combatido.” (Carvalho, 2012, p.134) Então, ainda que o acontecimento traumático e sua intensidade não sejam fatores desprezíveis, o que realmente está em questão na determinação dos efeitos do traumatismo e no modo com que cada uma das meninas responde a eles é a estrutura que o antecede e “recebe”. Afinal, de acordo com Bleichmar (2010):

Operar en el aparato psíquico infantil en constitución es tener en cuenta que el inconsciente no es algo que flota en el espacio, sino que es algo que se ubica en el interior de un sujeto psíquico con relaciones de conflicto intrapsíquico, *donde las instancias con las cuales entra en relación van a definir qué calibre va a tener ese conflicto y de qué manera se va a resolver a partir de las defensas con las que pueda estructurarse.* (p.20, grifo nosso)

Assim, se o narcisismo ocupa lugar determinante nessa estruturação de instâncias e do conflito psíquico, somos novamente remetidos à importância da alteridade na determinação dos efeitos traumáticos, de seu papel sedutor e, também, tradutor, apaziguador, narcisante. Vejamos o que conclui Carvalho (2012) quanto ao papel da alteridade na determinação da resposta ao traumatismo no caso da menina que, abusada pelo avô, não opôs defesas de esquiva ou psíquicas aos abusos sofridos:

Trabalhamos com a suposição de que suas relações originárias – marcadas também por mensagens sexuais, porém no sentido da sedução generalizada – não encontra contrapartida no narcisismo de forma suficiente para conter tais mensagens em um Eu-pele, em um primeiro momento, e para que, *a posteriori*, fossem possíveis as traduções, as simbolizações. Trabalhamos, portanto, com a hipótese de um fracasso do recalçamento, ou seja, um fracasso radical das possibilidades de responder às mensagens do outro, com os conseqüentes prejuízos para o estabelecimento das fronteiras psíquicas e da constituição das instâncias correspondentes. . . . Finalmente . . . podemos dizer que as condições para a internalização das interdições não estavam

vigentes no psiquismo dessa criança que, repetindo as mesmas atuações do avô, indicava a impossibilidade de estabelecer fronteiras entre seu corpo e o corpo do outro, ou de estabelecer limites entre aquilo a que deveria renunciar para respeitar o desejo do outro. (pp.131-132)

Eis que o conteúdo desse fragmento nos conduz à realidade intransponível do “encadeamento fantasmático da série traumática” à qual se refere Bleichmar (2010) – e que será essencial para a proposição de um olhar do impacto da traição sobre a identidade masculina do menino. No capítulo 2 desta dissertação abordamos os marcos do processo de constituição da identidade masculina e, logo, pareceria lógico e ideal que pudéssemos considerar os efeitos provocados pela violação sexual em cada um dos estádios principais de formação da identidade sexuada dos meninos. Contudo, a realidade a que estamos sendo apresentados é a de que seria possível apenas levantar algumas hipóteses tendo como referencial uma trajetória normatizada da constituição identitária, porque que não há como realmente estimar, nesse quadro genérico, se o abuso terá um impacto mais ou menos profundo sobre a identidade em determinado momento do processo de formação. Por exemplo, o fato de a proposta da constituição da identidade masculina em “*Paradojas...*” ser dividida em três etapas não significa que poderemos estabelecer a profundidade da repercussão do abuso sexual ao localizarmos o momento do processo constitucional em que incidiu. A noção de *encadeamento* – associada à de *après-coup*³ – nos coloca diante da barreira insuperável imposta pela singularidade que não nos permite traçar uma trajetória desenvolvimentista de etapas normais sucessivas em relação ao acontecimento traumático.

Por outro lado, isso não significa que não podemos fazer conjunturas orientadas por elementos notoriamente capitais na constituição do sujeito e da identidade masculina. Como nos mostra Carvalho (2012), a questão narcísica é um critério importantíssimo da gravidade do abuso sexual sobre a identidade já que implica sua estruturação enquanto sujeito. Por isso, o fato de um menino ter sido abusado ainda muito pequeno deve ser levado em consideração uma vez que o sujeito ainda em vias de constituição das tópicas psíquicas poderia, como indica a autora, estar em uma posição de maior vulnerabilidade. Além disso, poderíamos considerar também que, se o abuso sexual acometer o menino quando imerso em fantasias edipianas, tal situação poderia submetê-lo a um estado ainda mais confuso, já que suas fantasias incestuosas, em seu estado mais agudo, são concretizadas pelo homem que deveria interditá-las propiciando, assim, seu ingresso na cultura. Por fim, dentre tantos outros fatores,

³ Vide capítulo 3.

não deveríamos subestimar o potencial igualmente devastador do abuso sexual mesmo para o menino já na puberdade. Afinal, o que representaria a re-significação da incorporação da masculinidade, da relação paradoxal com o pai e dos fantasmas ameaçadores da homossexualidade quando, já distante da posição infantil e diante do real do sexo, é possuído pelo homem amado?

Apesar de não serem despropositadas tais considerações hipotéticas, a elucidação do traumatismo psíquico que desenvolvemos até aqui nos adverte de que tomar esse caminho seria, na verdade, um desvio. Ainda mais considerando o enfoque afetivo-relacional que temos sobre o abuso de meninos enquanto “traição”, ficamos limitados a conjunturas a partir de modelos generalistas de acordo com um padrão não só de constituição identitária, mas de relação entre pai e filho, sendo que esta própria está completamente condicionada à singularidade. Como acentua Bleichmar (2006), mesmo os efeitos identificatórios da relação entre o menino e seu pai mostram-se encadeados em uma série de diversos fatores:

Que esta presencia inquietante – del padre, en principio – devenga estructuralmente en una u otra dirección de la elección de objeto sexual *depende de las vicisitudes y destinos de los movimientos constitutivos que la engarzan, efecto tanto de las alianzas edípicas originarias como de los traumatismos que el sujeto registra a lo largo de su constitución como sujeto sexuado.* (p.36)

Se o papel do pai no processo do menino de tornar-se homem sexuado, seja homo ou heterossexual, depende das bases que o antecedem – tanto das alianças, quanto dos traumatismos –, quanto mais estará o efeito do abuso sexual sobre a identidade condicionado, dentre muitos outros fatores, à própria eficácia ou ausência de uma presença paterna inquietante, mas, ainda assim, em alguma medida, legitimadora? Assim como o trauma, alicerçado na noção de *après-coup*, não pode ser entendido linearmente, o outro lado do que constitui o encontro que nos propomos a analisar, ou seja, a formação da identidade masculina, é marcada por estádios que desenham uma sucessão de re-significações. Esta, por sua vez, envolve todos os múltiplos fatores da intrincada equação que caracteriza o processo constitucional identitário de cada sujeito.

Portanto, o trauma de meninos abusados sexualmente e seus desdobramentos sobre a certeza subjetiva de saber-se homem só pode ser compreendido como processo “singular-sequencial”. Da história edípica à constituição significativa, a implantação ou intrusão de mensagens, a qualidade do investimento narcísico que sustenta as paredes do Eu, o momento do “fato

traumático” que remete à passividade diante do outro, a formação das tópicas, assim como o estabelecimento das interdições sociais e do ideal do Eu, serão todos fatores dentre muitos outros que, juntos, são sustentadores do modo como a vivência traumática será significada e repercutirá *a posteriori*. Além disso, superposto a esses fatores intrínsecos ao tornar-se sujeito, precisamos contemplar também todos aqueles que caracterizam o processo de tornar-se homem sexuado, como apontamos no capítulo 2. A identificação feminina primária, a expurgação do feminino e a incorporação paradoxal do masculino e também as fantasias e as interdições da estrutura edípica e sua reatualização na adolescência: todos esses marcos e estádios precisam ser levados em conta, seja em sua operação (por exemplo, se “eficaz” ou não) seja em sua interrupção pelo entrave imposto pelo engendramento do acontecimento traumático.

Finalmente, o fato é que todas as considerações, conjecturas e modelos não podem superar o obstáculo imposto pela realidade de que o traumatismo evoca contundentemente a singularidade. As vicissitudes do trauma combinadas com as da constituição da identidade masculina evidenciam essa realidade. Se não podemos nos orientar exclusivamente pelo acontecimento, mas pela relação interna que se estabelece, uma infinidade de variáveis e apresentam de modo que apenas cada sujeito poderá demonstrar a dimensão de seus efeitos. Ao mesmo tempo em que isso nos apresenta uma situação pouco harmoniosa para nosso ímpeto de definir e estabelecer relações de causa e efeito e, novamente, nos faz reconhecer os limites da navegação em águas turvas, também reafirma uma posição importante, ou seja, a de abertura perante o sujeito e de reserva de que os efeitos traumáticos de uma violação sexual dessa natureza também *possa* ter efeitos menos nocivos. Foi com essa mesma atitude que nos aproximamos nos relatos clínicos e depoimentos de homens abusados sexualmente na infância, os quais discutiremos no próximo capítulo.

Entretanto, antes que possamos contemplar a singularidade do encontro entre abuso sexual e identidade masculina na história de alguns homens abusados na infância, é necessário recuarmos para abordar os efeitos do abuso paterno-filial em seu cruzamento com o masculino sem nos desfazer da generalização da constituição do “traumatismo” e da “masculinidade”. Em outras palavras, já entendemos que cada um responderá ao terremoto segundo a relação que os abalos estabelecem com os alicerces psíquicos singulares, porém, para avançarmos faz-se preciso, primeiramente, apresentar as formas “patentes” de resposta psíquica e de fenômenos subsequentes ao trauma de abuso sexual incestuoso para, em um

segundo momento, poderemos considerar, ainda nesse aspecto “universal”, a relação espinhosa que estabelece com as vicissitudes “normais” do masculino.

4.2 Tremores secundários

4.2.1 *O desmentido*

Tendo afirmado a ideia de uma série traumática como paradigma, é importante destacarmos que a trilha do encadeamento não encontra seu fim na ocasião do traumatismo. Na verdade, seria mesmo absurdo sustentar essa noção em relação ao enquadre que definimos. Por isso, Bleichmar (2010) sustenta a relevância dos abalos subsequentes ao terremoto sofrido pelas crianças, considerando que também eles reservam grande potencial desorganizador:

vemos producirse, a continuación del temblor que agita por sí mismo cantidades enormes de investimentos (caída de las casas, salida a la calle en condiciones de impreparación, gritos angustiosos de los adultos, etc.) las condiciones posteriores a las cuales se ven sometidos: inmersión brusca [das crianças cujas famílias foram levadas a abrigos coletivos], nuevamente, en la cama de los padres o con otros adultos (tíos, primos, hermanos, ect.) en momentos en que ya se habían producido renunciaciones edípicas y represión de los deseos concomitantes. Renunciamientos libidinales de diverso orden: cambios alimenticios, pérdida de objetos transicionales, pérdida temporal de las caricias parentales – por depresión o parálisis afectiva transitoria de los padres –, efecto de los propios traumatismos sufridos; imposibilidad de armar espacios de intimidad para las resoluciones autoeróticas de las tensiones excitatorias; sometimiento, en ciertos casos, a situaciones de excitación masiva a partir de la presencia de conductas – en este caso de desborde sexual – de los mayores, etc. (Bleichmar, 2010, pp. 141-142)

Essa descrição deflagra que aquilo que se passa “depois” do trauma não apenas compõe a série traumática como tem papel de re-significação e até mesmo de desestruturação do que se havia estabelecido até ali. Refere-se a uma noção a qual, além de reforçar o argumento a favor da singularidade intransponível na compreensão dos efeitos do traumático – ao evidenciar não só o momento do desenvolvimento, ou da constituição da identidade, em que o trauma aconteceu, mas quais fundamentos já haviam sido lançados até sua incidência –, demarca o potencial “cumulatório” de seus efeitos a partir daquilo que segue ao acontecimento. Nesse enfoque sobre o contexto pós-abuso sexual, destacaremos a reação dos adultos em torno da criança – um aspecto que tem relevância especial nos casos de abuso intrafamiliar uma vez que, invariavelmente, ao menos um adulto próximo à criança, o agressor, sabe do que se passa. Procuramos, mais uma vez, destacar que, além da dimensão do impacto e da surpresa,

o traumático, especialmente nos casos que interessam a este estudo, têm uma profunda dimensão “social”.

Por tudo isso, voltamos a abordar a contribuição de Sándor Ferenczi⁴, em especial, a noção de “desmentido”. Esse conceito está intimamente ligado à confusão de línguas, pois toda experiência de choque da criança diante da violência do mundo adulto e da incompreensão da linguagem da paixão teria acrescido o fato de que os adultos não reconhecem sequer a realidade de seus excessos, quanto mais a da confusão que provocam na criança. O desmentido acontece quando a criança, ao procurar no adulto o sentido que ela mesma não foi capaz de produzir sobre o caráter transbordante de sua vivência, não apenas não o encontra, mas tem a própria realidade daquilo que demanda sentido questionada e transformada em falácia. Portanto, o desmentido seria a posição afirmativa do adulto que, diante da demanda da criança por reconhecimento de seu sofrimento, não reconhece a realidade dos choques violentos que seus atos e sua presença nela provocam, isto é, trata-se de uma “afirmação denegativa” que tornaria patógeno o traumatismo. Seu profundo impacto jaz no fato de que, ao negar à criança o direito de reconhecer como verdadeiros os sentimentos por ela vivenciados, o adulto não só tenta forjar outra história, mas coloca em dúvida a própria existência do sujeito que a experimentou (Knobloch, 1998). Assim:

o traumático não residiria apenas no abuso e na violência cometida contra a criança, mas na recusa (por incapacidade ou má-fé) por parte do mundo adulto em reconhecer e acolher o episódio, que é assim desautorizado. A vítima, portanto, não só é atravessada por afetos intensos, produzidos pelo contato com a “língua adulta”, a da paixão sexualizada, e desproporcionais à sua capacidade de assimilação e simbolização, como tem essa experiência afetiva desmentida e desautorizada pelos adultos, *em especial pelo agressor*. (Figueiredo, 2008a, p.20, grifo nosso)

Segundo Myrian Uchitel (2000), a refutação, isto é, o “desmentido” do que afirma a criança, é um dos fatores mais nocivos para ela. Com efeito, entre seus desdobramentos, poderíamos citar que a criança é levada “a fantasiar que foi ela quem provocou a situação, e o pai-abusador consegue tirar proveito, também, da necessidade da vítima de elaborar uma explicação possível presente, invariavelmente, como veremos, nas situações traumáticas.” (Fuks, 2005, p.55) Mais ainda, a criança poderia não apenas sentir-se responsável, mas sentir sua própria existência negada, pois, como escreve Brooke Hopkins (1993 citado em Gartner 1999) na autobiografia em que relata os abusos que sofreu de sua mãe, trata-se da negação

⁴ Vide capítulo 3.

não só do que aconteceu, mas *da própria pessoa a quem aquilo aconteceu*. Esse efeito contundente e a dura realidade que deflagra o abuso sexual, pode ser ainda melhor compreendida pela seguinte consideração de Bleichmar (2010) sobre a importância cabal dos pais enquanto porto seguro para seus filhos perante a adversidade:

Si el libro de Anna Freud y Dorothy Burlingham nos conmovió al dar a conocer que los niños ingleses trasladados lejos de las zonas de bombardeo sufrieron más efectos traumáticos que quienes quedaran con sus padres bajo el fuego de las bombas, es porque ponían en el centro que en la infancia lo traumático no es el riesgo de muerte en sí mismo sino la desprotección a la cual el niño puede quedar librado. (p. 62)

Sentindo-se completamente desprotegida pela violação sofrida, a criança ainda encontra no desmentido a condenação à completa vulnerabilidade de quem sequer é reconhecida como sujeito e tem sua própria existência colocada em risco por quem deveria protegê-la. Em contrapartida, ter alguém em quem confiar, não se sentir compelido a ocultar o abuso e poder contar com uma família que oferece sustentação após sua revelação são umas das condições mais propícias para o desenvolvimento favorável da criança ou adolescente após o abuso sexual (Calvi, 2012). Consequentemente, o posicionamento da família na irrupção do segredo ou em relação à denúncia do ocorrido – ainda que o do pai-agressor seja invariavelmente essa de “afirmação denegatória” em relação ao caráter vil de seu ato – terá um papel central na recuperação da vítima. Todavia, infelizmente, o “desmentido” não é algo raro nas situações de abuso e, talvez, a isso se deva o fato de que denunciar implica, por vezes, na piora do estado emocional do indivíduo violado (Cromberg, 2012).

Pois bem, essa situação extrema a que é submetida a criança convocará defesas psíquicas com o intuito de tornar possível viver com essa dura realidade. Isso, porém, implicará na produção de espaços separados nos quais o sujeito pode subsistir, criando realidades paralelas no psiquismo, como veremos mais adiante, clivagens e “barreiras verticais” (Figueiredo, 2008a; 2008c) que estão intimamente relacionadas ao mecanismo que parece operar no desmentido, isto é, à recusa. Se já vimos os efeitos da recusa naqueles que não acreditam na criança ou não atribuem relevância ao acontecido, vejamos como a própria vítima lança mão desse mecanismo e de outros que têm o intuito de produzir uma realidade paralela em vez do enfrentamento da realidade inassimilável.

4.2.2 Identificação com o agressor

A força do impacto traumático requererá um levante igualmente potente do arsenal psíquico. Segundo Cassandra Pereira França e Ana Paula Njaime Mendes (2014) perante a impossibilidade de integrar o acontecimento por meio de sua representação e submissão ao esquema de recalçamento “o psiquismo pode ser obrigado a defender-se da excitação massiva através do mecanismo da rejeição e clivagem, solução que abre caminho para o estabelecimento da identificação com o agressor.” (p.118) Esse fenômeno da supressão do sujeito que leva à interiorização e consideração apenas da vontade daquele que inflige a violência é uma defesa importante na formação do superego que, no enfrentamento da violência principalmente por parte de figuras de autoridade para a criança, inverte os papéis tomando para si a responsabilidade e projetando a posição vitimada em outra pessoa (Laplanche & Pontalis, 2001). Ainda que esse conceito tenha sido isolado e sistematizado por Anna Freud inserindo-se em um sentido mais amplo de agressão, foi Sándor Ferenczi quem conferiu a tal identificação um “sentimento especial” em que o atentado é especificamente a sedução sexual da criança por parte de um adulto (idem).

O processo em que a criança identifica-se com seu agressor nos casos de abuso sexual parece enraizar-se, tal qual no desmentido, na recusa de uma realidade insuportável. Nas palavras de Fuks (2005):

No início, os atos que exercem os abusadores são sentidos como estímulos externos intrusivos, mas, em um segundo momento, surge uma resposta em forma de reação pulsional que não consegue discriminar-se dos estímulos. Trata-se de uma submissão corporal, uma cumplicidade forçada, a transgressão de normas, o desconcerto e a humilhação induzindo, em conjunto, a uma vivência de confusão. Esse estado se caracteriza por uma percepção sem consciência, e por uma sensorialidade sem registro representacional. As vítimas parecem não lembrar da aproximação abusiva e tentam se convencer de que não aconteceu. Essa negação afetará posteriormente o psiquismo, atingindo a possibilidade de registro do fato traumático, até o ponto de às vezes parecer que inexistente qualquer registro. (p.58)

Não é sem razão, portanto, que Ferenczi considera que o aterramento da criança diante da autoridade e da força do adulto chega ao ponto de provocar uma perda de consciência que paralisa as reações normais de repulsa ou de resistência. Por isso, o medo seria o elemento capital desencadeador desse comportamento, pois quando o sujeito infantil percebe-se

completamente impotente diante da magnitude da força e controle do perverso adulto, é tomado de tal forma pelo pavor que:

quando atinge seu ponto culminante, obriga-se automaticamente a se submeter à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se completamente de si e a se identificar totalmente com o agressor. Por identificação, digamos por introjeção do agressor, ele desaparece enquanto realidade exterior, e torna-se intrapsíquico. (Ferenczi, 1933, p.352)

Diante desse imperativo de recusar uma situação terrivelmente ameaçadora é que a criança poderá recorrer à identificação com o agressor como uma forma de subsistir. O abuso paterno-filial é uma situação propícia para a criança realizar esse câmbio e ser levada a acreditar ter sido ela quem provocou a situação, mesmo por que: “O silêncio – dependente de um determinismo complexo – é mais frequente nas situações de incesto, em que o vínculo entre abusador e vítima facilita a ‘coerção amorosa’: ‘eu sei que você gostou, mas é algo que deve ficar entre nós.’” (Fuks, 2005, p.55) Desse modo, por identificação, a criança tomaria sobre si os conteúdos supostos de seu ofensor diante do abuso cometido, tornando parte de seu mundo interno a culpa real do outro, isto é, assenhorando-se dela como exclusivamente sua. A partir dessa tentativa de isolar a vivência traumática, a angústia é relativamente controlada, porém, segundo França e Mendes (2014) “decorre dessa atitude um desligamento (de extensão variável) entre o ego e a realidade que pode encontrar expressão não só na exigência de submissão sem limites de si próprio, mas também nas perversões, através da repetição estereotipada, em ato, dos abusos sofridos.” As autoras acrescentam ainda que:

Essa estratégia do psiquismo – na qual o ego fica obrigado a seguir os comandos do invasor para tentar se livrar da sua tirania e perseguição implacável, - representa o caminho da repetição compulsiva do trauma e está atrelada a uma diminuição geral da atividade psíquica, aspecto frequentemente constatado nos atendimentos a essas crianças através do empobrecimento do brincar, dos processos criativos, das fantasias, e pela inibição da capacidade de pensar. (França & Mendes, 2014, p.118)

Nisso, vemos mais uma vez a força do trauma fixado no sujeito, mas sob o ponto de vista não do irrepresentável que se engendra no psiquismo e sim desse outro mau, do algoz que passa a habitar o sujeito como um parasita que interdita as funções essenciais do organismo sitiado para que toda a energia seja utilizada para a sua própria subsistência. Assim, sob o domínio da tirania que aponta para a morte da vontade do sujeito ao exigir apenas a repetição do trauma é

que se manifesta outra configuração da identificação com o agressor bastante ligada ao abuso de meninos⁵: a repetição do abuso em que a vítima torna-se violadora.

Introjetar a figura do abusador implicará inexoravelmente que a vítima agirá, em alguma medida, tal qual seu agressor – e nisso se mostra claramente o efeito paradoxal desse mecanismo. Porém, no caso da reconstrução da cena de abuso em que a vítima ocupa o lugar de seu algoz submetendo outro às mesmas mazelas devastadoras a que fora submetido, além da incorporação do agressor, acontece também a projeção da própria parte violada e vulnerável de si mesmo que é insuportável ao sujeito. Assim: “esse indivíduo tentará destruir o que projetou no mundo externo, agindo, ele próprio, como abusador, mimetizando o comportamento daquele que o agrediu, geralmente com alguém que considera semelhante a si mesmo quando era submetido à agressão.” (França & Mendes, 2014, p.119) Talvez esse seja um dos aspectos mais impressionantes sobre os efeitos do abuso sexual, assim como das violências em geral, e, certamente, um dos elementos mais preocupantes, uma vez que, para além dos impactos sobre o sujeito, aponta para uma rede de violência que excede o individual e deflagra essa epidemia dos abusos sexuais infantojuvenis.

De qualquer modo, não poderíamos deixar de nos referir a um fator óbvio que compõe esse mecanismo: a identificação. Toda a articulação que propusemos até aqui parte do impasse que teria o menino para incorporar a masculinidade do homem que dele abusa sexualmente, deixando sua identidade não apenas carente da confirmação viril, mas muito mais atacada pelos fantasmas ameaçadores da homossexualidade. Diante dessa noção constante, levando-se em conta não apenas o fato de que haveria ainda uma identificação com o homem amado, mas, também, que a imagem do pai enquanto agressor poderia ser recusada, não seria a identificação com o agressor uma saída pertinente à subsistência psíquica do menino como um movimento que reforçaria uma identificação masculina? Afinal, como destaca Figueiredo (2008a): “Frequentemente, os agentes do abuso são também os propiciadores de cuidados e proteção às crianças abusadas, e os estados dissociados permitem que subsistam simultaneamente percepções antagônicas em relação às mesmas pessoas.” (2008a, p.25) Isso significa que, dentre os inúmeros desafios relacionados à sua identidade, o menino precisa se

⁵ É digno de nota que essa noção se mostre restrita aos homens no senso comum. Isso poderia ser facilmente atribuído ao fato de que, tanto segundo as estatísticas quanto no imaginário popular, apenas homens são abusadores; entretanto, reservaremos essa questão em aberto para que as considerações a serem feitas sobre os efeitos do trauma e o masculino ainda nesse capítulo possam lançar hipóteses com a de que a identificação com o agressor, pela “falta de lugar” imposta ao menino abusado, seja uma saída mais acessível a ele do que à menina abusada por um homem.

haver com a árdua missão de preservar, ainda que parcialmente, a imagem do pai ou homem referencial que dele abusou. Pois, de acordo com Belinda Mandelbaum (2014):

a experiência de um pai ou uma mãe violentos não isenta cada membro da família de erguer um pai e uma mãe bons dentro de si. Isto é fundamental para que o ciclo de violência não se prolifere no suceder das gerações. A violência é traumática e, portanto, tende à repetição. Daí a necessidade de perdoar os pais. O perdão às vezes é uma tarefa quase impossível, mas esta é a grandeza da elaboração. Elaborar criticamente é também uma forma de perdoar. (pp. 44-45)

A ideia contida nesse fragmento destaca um aspecto interessante, isto é, que perdoar e poder erguer um pai bom dentro de si pode romper com um ciclo de repetição. Isso acusa, por conseguinte, a falácia desesperada da identificação com o agressor, ou seja, a de que incorporar o pai agressor é a única forma de ter um pai dentro de si. Afinal, não se trata de um pai perdoado, mas um pai redimido às custas do sacrifício de seu próprio filho que, em vez de rebelar-se contra um ciclo, submete-se à obediência incondicional. Entretanto, nessa formação de compromisso desvantajosa, vemos que o clamor do menino e sua necessidade de preservar a imago paterna apesar de seu papel transgressor-abusador é um imperativo que remete à sobrevivência do próprio sujeito. Qual seria o efeito des-subjetivante, muito além da transgressão do tabu do incesto e da diferença entre as gerações, para o menino que desqualifica em sua inteireza o papel referencial e legitimador do pai? Se não o tiver enquanto objeto interno minimamente bom, que esperança haveria para a subsistência da identidade do sujeito?

A verdade é que a beleza contida na possibilidade esperançosa de reparação e perdão contrasta com a dura realidade com que o menino abusado se depara diante do objeto “pai” e, por conseguinte, coloca a da identificação com o agressor como uma situação muito mais viável. Com o pai-algoz, a reparação do objeto interno bom mostra-se uma tarefa hercúlea, pois:

Esta es la diferencia entre el objeto externo y el objeto interno. El objeto externo es soporte del objeto interno. Esto es lo que evita que se produzca un duelo melancólico, la posibilidad de restaurar, de reparar este objeto interno perdido o dañado, a través de elaboraciones y actos que los respaldan internamente a través de reparar en otros objetos en lo real. Esto implica que pueda uno quedar fijado totalmente al objeto perdido o puede, justamente, evitar la compulsión de repetición a través de reparar aspectos de sí mismo que le impidan nuevas pérdidas. (Bleichmar, 2010, p.35)

Portanto, parece apenas lógico que a falta de registro, isto é, a incapacidade para simbolizar subjacente às cisões e ao mecanismo de recusa nos quais, por sua vez, enraíza-se a identificação com o agressor, seja muito mais frequente nos casos de incesto paterno-filial (Fuks, 2005). Cindindo a realidade para manter seu referencial masculino, seu objeto minimamente bom e tomando a responsabilidade sobre si, seria possível manter algum parâmetro, ainda que profundamente ilusório, paradoxal e parcialmente eficaz. Nesse sentido, sobre o ímpeto de preservação da imagem do pai, parece-nos essencial a consideração de Fuks (2005) de que:

Alguns autores falam da presença, às vezes, de verdadeiras “criptas” intrapsíquicas em que jazem guardados os segredos que manchariam as imagens dos patriarcas familiares. Funcionam como fonte de mensagens que se exprimem como manifestações delirantes, atuações, somatizações, que afetam diversos membros da família. (p.55)

Guardar a todo custo a culpa da transgressão do pai ao ponto de tomá-la sobre si mesmo, com efeito, cobrará um alto preço na manifestação dessa alteridade incorporada que, ao habitá-lo, continua a violentar o sujeito e roubá-lo de seguir seu próprio caminho. Muito desse outro incorporado pretendemos mostrar a partir das histórias singulares dos homens apresentadas no capítulo 5, todavia, por enquanto, passemos a importantes considerações e ao aprofundamento sobre essa especificidade da relação entre os efeitos característicos do trauma de abuso sexual e as vicissitudes do processo constitucional da identidade masculina.

4.3 Cisões, recusa e masculinidade

4.3.1 *Barreiras verticais: a desautorização da transitividade*

Até a conclusão deste capítulo, tomaremos como obra fundamental “Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea” (2008) de Luís Cláudio Figueiredo, dando destaque especial ao artigo “Modernidade, trauma e dissociação: a questão do sentido hoje” (2008a) dessa coletânea de publicações do autor em torno dos temas que considera próprios da modernidade tais como trauma, cisões, recusa entre outros. A contextualização da modernidade como essencialmente segmentadora e afinada com os efeitos do traumático nos levaram a constatar que a combinação espinhosa entre abuso sexual e masculinidade encontra no traumatismo e seus efeitos uma afinidade que poderia elevar em muito sua potencialidade nociva. Contudo,

tracemos primeiramente o percurso do raciocínio do autor para que, então, possamos indicar essa tese que defenderemos posteriormente.

Nesse texto em questão, Figueiredo (2008a) procura, apoiando-se no pensamento de Zygmund Bauman, apresentar fenômenos ligados ao traumático em relação direta com as vicissitudes que caracterizam e sustentam a modernidade. Segundo o autor, a aversão de Descartes à irresolução fez dele patrono da Idade Moderna e esta, por sua vez, desenvolveu-se pelo afã ordenador de discriminar entre o caos e a ordem, estabelecendo classificações e identificações com o objetivo de separar e purificar, procedimentos que “agem como expedientes de atribuição de sentido e organização do caos mediante a produção dos dualismos.” Diante disso, as considerações de Figueiredo (2008a) sobre o traumático partem consequentemente da conclusão de que haveria:

no âmago do projeto ordenador da Modernidade, e isso desde sempre, desde Descartes, um escândalo, o escândalo das paixões; se a nítida oposição entre sujeito e objeto correspondia à oposição entre atividade e passividade, nas paixões da alma assiste-se, com grande constrangimento, a uma brutal inversão: o cenário é o dinamismo dos objetos contracenando com a passividade do sujeito. . . nessa medida, expandindo um pouco a proposta cartesiana, podemos reconhecer no *traumático* a figura exemplar da paixão: o trauma é o momento exato da inversão dos papéis, o sujeito é repentinamente apassivado pelo impacto de um objeto cujo dinamismo excede em muito a sua capacidade de enfrentamento e domínio (prático ou simbólico); no trauma, a *vontade* do sujeito é submetida à sua *sensibilidade*, aos seus *afetos*; se a linguagem dos afetos padece sempre da equivocidade, para se falar o trauma não há, rigorosamente, linguagem alguma disponível. . . . ao mesmo tempo, contudo, o traumático – o passional – impõe ao sujeito moderno uma retomada do projeto classificatório e ordenador, vale dizer, mobiliza nele os mais poderosos expedientes de separação, de dissociação em que de um lado o corpo e de outro lado a mente devem ser fortalecidos e conhecidos em sua máxima pureza. (pp.14-15)

Contemplar o traumático enquanto, de uma só vez, uma “inversão brutal” da lógica da modernidade e uma retomada de seu processo classificatório característico, mostrou-se muito coerente diante de nosso tema. A essa altura de nosso desenvolvimento, que o trauma seja o emblema da paixão enquanto do excesso sem domínio não é inesperado, mas essa combinação entre caos e ordem é que nos chama a atenção. Esse aspecto do trauma que abarca partes contraditórias aponta para o que poderíamos considerar como sua expressão mais fiel: as clivagens, a negação e a recusa entre outros mecanismos com um mesmo objetivo, ou seja, diante do caos (inversão brutal promovida pela paixão), dividir e ordenar

(retomada da classificação) para poder sobreviver. Nos deteremos, a princípio, sobre o segundo aspecto.

O intolerável que subjaz ao trauma convoca essas defesas para resgatar o sujeito da completa desordem a que foi sugado e submergido pela “paixão” caótica que representa o trauma, o incompatível com a experiência humana, um imperativo tão radical que cindirá o psiquismo em busca de superação desse estado ameaçador. Em contextos como esse é que, segundo Figueiredo (2008a), operariam as cisões e clivagens que promovem “barreiras verticais que mantêm lado a lado porções segregadas da realidade objetiva e da subjetividade”, um processo bastante diferente do enquadre caracterizado pela barreira horizontal do recalçamento. Como já vimos marginalmente ao tratar sobre o efeito segmentador que tem a recusa no desmentido e na identificação com o agressor, essas barreiras referem-se a processos defensivos de evitação: “Em contraposição aos modos neuróticos e ‘normais’ de *enfrentar os conflitos* – o que se dá predominantemente pelas vias do recalçamento e da repressão –, quando predominam as cisões o que se tenta é *evitar a constituição do conflito psíquico*.” (Figueiredo, 2008a, p.16)

Assim, as barreiras verticais mostram-se como elemento fundamental à noção de traumatismo, pois, em seu sentido estrito e psicanalítico, refere-se àqueles elementos incapazes de incluir-se em uma cadeia representacional que, por isso, produzem um afluxo de excitação não dominável e que não pode ser ligado por meios habituais (Bleichmar, 1994). Diante desse acontecimento inacabado que não alcançou integração no aparelho psíquico é que o trauma mantém uma “espacialidade alheia às tópicas e uma temporalidade própria do acontecimento inacabado, congelado no tempo, alheio inclusive à atemporalidade do inconsciente” (Uchitel, 2000, p. 138). Logo, a clivagem do Eu parece essencial na teoria do trauma que, ao provocar a cisão, propicia o surgimento, no seio do ego, de outra organização paralela que abriga um espaço e uma temporalidade distintos daquela com a qual coexiste, duas realidades opostas que persistem lado a lado sem se influenciarem reciprocamente (idem).

Reconhecendo essa integração entre as cisões e o traumatismo, poder-se-ia considerar surpreendente que Laplanche, tendo recolocado o trauma no centro do pensamento psicanalítico, não tenha realizado também um desenvolvimento profundo sobre a questão das clivagens. Todavia, seria um engano considerar que foi completamente ignorada por ele.

Segundo Figueiredo (2008a), destacando a diferença entre a “qualidade” da sedução que exerce o adulto:

a distinção proposta por Laplanche entre a *implantação* (de mensagens enigmáticas) e a *intromissão* sugere que os produtos dessa última devem ser concebidos pela via das cisões e não dos recalques. Assim, certas formas superegóicas corresponderiam a partes cindidas do psiquismo extremamente refratárias a qualquer integração, o que ele denominou de “enclave psicótico” no seio de toda subjetividade, uma verdadeira fortaleza inimiga instalada no território da subjetividade. Esse núcleo superegóico seria constituído por elementos que *nem chegam a ingressar no circuito tradutivo*, ficando bloqueadas após um “recalcamento original” que mais parece uma forma primitiva de defesa, ou seja, algo da ordem da cisão. (p.22)

Assim, realocar o trauma nas origens do sujeito psíquico significa não apenas reconhecer seu efeito nas barreiras horizontais, isto é, no recalcamento originário e constituição da tópica inconsciente, mas a produção de espaços “outros” no psiquismo, contido pelas barreiras verticais que abrigam os elementos completamente não metabolizáveis das mensagens intrusivas. Com efeito, o trauma jamais poderá ser dissociado do insuportável e do não simbolizável e, portanto, o erigir de barreiras de contenção desses conteúdos que não se integram à rede simbólica e que são impedidos de ter significância e, logo, de instaurar conflito, são efeitos elementares. Por isso, essa intrincada noção de um enclave no aparelho psíquico deve ser melhor elucidada e, então, retomemos o conceito de recusa, mas, agora, nos detendo especificamente sobre ele.

O mecanismo da *recusa* (*Verleugnung*), quando postulado por Freud, veio cobrir um campo que escapava do domínio do *recalcamento* (*Verdrangung*) apontando para quando o Eu tem suas funções de síntese e simbolização desclassificadas e, por conseguinte, vê-se diante da impossibilidade de representar e enfrentar a angústia. Se as cisões vêm evitar o conflito, a *Verleugnung* é o processo pelo qual a “transitividade” e a “significância” entre realidades simultâneas são desautorizadas, de forma que coexistem sem apresentarem qualquer relação entre si ou se afetarem mutuamente.

Mais conhecida como recusa, a *Verleugnung* é uma defesa que se segue e alia à clivagem construindo barreiras verticais que provocam essa “interrupção de um processo pela eliminação da *eficácia transitiva* de um de seus elos” (Figueiredo, 2008c, p. 59). Essa definição fez com que Figueiredo (2008c) propusesse uma nova tradução para esse mecanismo normalmente denominado em português como “recusa” que fosse mais fiel ao que

representa. O autor reconhece que, com efeito, aspectos da realidade são recusados na *Verleugnung*, mas destaca que seria melhor descrito como “desautorização”, uma proposta que poderia parecer de um preciosismo excessivo, mas que reserva um grande impacto na compreensão desse complexo e relevante mecanismo psíquico, pois:

o que se recusa não é uma dada percepção, mas o que vem ou viria depois dela, seja como uma outra percepção que a primeira torna possível, uma possibilidade de simbolização, uma conclusão lógica aparentemente necessária ou uma lembrança que a percepção pode reativar. Enfim, a recusa na *Verleugnung* já nos remete a uma dimensão temporal e processual do psiquismo. O que se desmente, por sua vez, não é o significado da percepção, pois este pode ser conservado. Não se trata por exemplo de negar o que se vê no seu sentido próprio, mas impedir que o que se vê leve o psiquismo ao que se poderia inferir daquilo que foi visto: “*Eu sei, mas mesmo assim...*”. O “*eu sei*” não é puramente ou liminarmente desmentido; o que se impede é a consciência desse saber; nessa medida, o “*mesmo assim...*” aponta para a preservação de uma posição subjetiva que não pode ser alterada. (Figueiredo, 2008c, p.60)

Desde o início temos nos perguntado qual a especificidade do traumatismo provocado pelo abuso sexual de meninos especialmente em relação à identidade. Nesse momento, tendo contemplado a face “segmentadora” do trauma, chegamos a uma noção muito importante que, na verdade, parece cambiar o ponto de vista dessa questão que nos parecia único a princípio. Tendo nos aprofundado sobre os efeitos do trauma e compreendido que sua marca não se deve nem ao acontecimento em si nem a um puro desencadeamento do que “já estava lá” provocado pela vivência, mas à *relação* que se estabelece entre o acontecimento e os alicerces singulares do psiquismo e a história significativa do sujeito, essa questão também precisou ser apreendida do ponto de vista da interação entre partes. Passamos, então, a considerar que o olhar unilateral, ou seja, que toma a particularidade dos desdobramentos do trauma sobre a identidade masculina como se seus efeitos incidissem sobre o processo constitucional da masculinidade impondo entraves, seria pouco preciso e um tanto reducionista. Se já na introdução desse estudo enunciamos a questão sobre a relação espinhosa com a qual o abuso sexual e a masculinidade nos apresentava, nesse momento retomamos essa impressão e, uma vez que a dimensão do encontro que se mostrou mais e mais relevante, a elevamos a um novo patamar. Enfim, queremos afirmar que a especificidade dos efeitos do abuso sexual de meninos não pode ser dissociada da particularidade que há no encontro dos efeitos comuns ao

trauma com as vicissitudes do masculino e seu processo de constituição, um encontro *sui generis*⁶ que demonstra, pelo que vimos até agora, uma afinidade de potencial arrasador.

É preciso atentar para o fato de que tanto a dimensão do recalque quanto a das clivagens têm papel relevante no enfrentamento ou evitação dos conflitos intrínsecos à masculinidade. Como já vimos, a masculinidade perpassa o recalçamento e a negação tanto da feminilidade quanto dos desejos envolvidos na incorporação da virilidade. Sendo ambos elementos ameaçadores para a destituição da posição masculina, o masculino acaba, por conseguinte, recebendo também a qualidade segmentadora das barreiras verticais: partes de um mesmo processo e fundamentalmente contraditórias entre si, não devem se comunicar; fantasmas de feminilização devem ser calados e ter desautorizada sua “significância” sobre a coesão representada pela identidade. Então, vejamos a seguir que a definição da “qualidade” do traumático – não em sua face caótica, mas ordenatória e segmentadora – segundo Figueiredo (2008a) não parece distante da “qualidade” do masculino:

o traumático é essencialmente *heterogêneo* e, portanto, anterior ao conflitivo – ele nem pertence apenas ao campo das forças que se opõem, nem apenas ao campo dos sentidos que se contradizem, mas nasce justamente do encontro e desencontro dos dois planos; o modo mais primitivo e radical de lidar com essa situação será a de impedir que ela evolua na direção de se tornar um campo conflitivo, ou seja, as cisões cumprem essa tarefa básica de proteção, impedindo que o conflito e suas tensões se instalem no psiquismo. (p.16)

O processo de constituição da identidade masculina, tal qual defendido por Bleichmar (2006), encontra sua qualidade paradoxal justamente nessa heterogeneidade. Certamente, o masculino não é anterior ao conflitivo, aliás, nasce de um conflito e permanece sob sua égide, porém, vive legado a esse “encontro e desencontro de dois planos”, buscando, ao encontrar-se com uma porção e desencontrar-se da outra, a sua afirmação. Por conseguinte, a identidade masculina depende da evitação de um encontro com partes ameaçadoras de si mesmo para impedir a instauração de um campo conflitivo que invoque seus fantasmas. Nisso, jaz a afinidade desse encontro que, então, é um importante fator na caracterização da “especificidade” traumática do abuso sexual paterno-filial: a compatibilidade entre os processos defensivos da manutenção da identidade e os efeitos do trauma. Afinal, mesmo sem haver uma defesa por excelência que abarque a heterogeneidade do conceito de trauma, até porque não há uma qualidade única que o caracterize, ao falarmos do traumático “Falamos na

⁶ Nesta seção, abordamos a face segmentadora desse encontro e, na seguinte, trataremos sobre a face que caracteriza a “inversão brutal” do trauma e que é parte significativa desse “encontro *sui generis*”.

clivagem, falamos em não ver o que vê, em negar o que vê, ou em sacrificar uma parte de si para não sentir e para não ver.” (Uchitel, 2000, p.142)

Enfim, nos deparamos com isto que nosso tema coloca em evidência: defesas que, diante do traumático, procuram encapsular, anular e desautorizar efeitos e significações para preservar uma “posição subjetiva que não pode ser alterada” do menino traído, isto é, o núcleo de sua identidade, a certeza que sustenta a afirmação “sou homem”. Preservar a identidade sexuada e suas derivações dependerá de que a traição ocorrida, percebida e, até mesmo, lembrada seja “desautorizada” de ter seu conteúdo ligado e produzir conclusões e simbolizações. Seria este o meio para, por exemplo, não se dar conta de que pode ser preciso romper a relação com o homem amado que o violou e que este agiu de má fé; não permitir uma significação do ato homoerótico que avive o fantasma homossexual ou para que a da violação apassivadora que remeta à feminilidade rechaçada e, em todos os casos, não ameace impugnar a identidade do menino. Em outras palavras, desautorizar o *trânsito* e a *significância* entre as camadas mais profundas e primordiais da constituição identitária masculina (a identificação feminina, a passividade radical dos primórdios) e o revestimento viril – posterior ao “despir-se do feminino” e à des-identificação – que, para afirmar a masculinidade, procura soterrar as partes que o antecederam assim como o caráter paradoxal que o atravessa.

No entanto, pelo caráter excessivo da vivência traumática face à capacidade da vítima de dar-lhe sentido, ela pode ser legada ao silenciamento, ao encapsulamento das barreiras verticais, mas não ao esquecimento nem à esterilidade. As experiências traumáticas “permanecem presentes, produzem efeitos, expressam-se em sintomas psíquicos ou somáticos e *pedem elaboração*. A identidade psíquica, os sintomas de que somos feitos, constrói-se em torno desses acontecimentos traumáticos.” (Mandelbaum, 2014, p. 34, grifo nosso) Enfim, por que subsistiria a angústia dos meninos traídos e a impossibilidade de elaboração em relação a sua identidade sexuada mesmo após o uso maciço dessas defesas que encontram similitude com aquelas próprias à estruturação da masculinidade? Eis que precisamos nos atentar para o que os danos que outra face do trauma, a desordem da paixão, provoca em seu embate com o masculino.

4.3.2 *Pode o homem “dar passagem”?*

O caminho que trilhamos até aqui nos conduz ao entendimento de que a particularidade que constatamos existir no abuso sexual de meninos está intimamente atrelada à afinidade

presente entre as defesas peculiares ao masculino e as vicissitudes do traumático. No entanto, ainda que essa conclusão seja verdadeira, é preciso reconhecer que chegamos a ela tendo nos omitido de contemplar devidamente a outra face do traumatismo que escapa a esse campo de compatibilidade entre ambas esferas – e que a “especificidade” da traição de meninos deve-se, além da afinidade, também ao embaraço ímpar que reserva o cruzamento entre trauma e masculino. Por conseguinte, é necessário que façamos uma digressão que aborde a dimensão da “paixão”, porque antes mesmo que se instaure o afã fragmentador representativo tanto do trauma quanto da masculinidade, há um contundente embaraço do masculino provocado por essa outra face, caótica, do trauma. Operar essa mudança de ênfase para o momento que inaugura a relação que, apesar da afinidade posterior, é intrinsecamente antagônica, mostra sua relevância ao afirmar que é na incompatibilidade onde jaz o verdadeiro cerne, o enraizamento da potencialidade arrasadora que encontramos no cruzamento entre trauma e masculinidade.

Já indicamos acima como o trauma representa a paixão e, também, provoca o efeito segmentador como forma de controlar a desordem que ele mesmo produziu. Entretanto, se a afinidade que o traumático encontra com o masculino detém-se apenas em relação a esse ímpeto de separar, não seria o caos que vem atacar a ordem em nome da paixão, por conseguinte, oposto ao masculino? Com efeito, Figueiredo (2008a) equipara a condição passiva do apaixonado, a situação traumática e o traumatismo ao feminino, uma vez que seria “um momento privilegiado da exposição do sujeito da vontade a um objeto cujo dinamismo o coloca na posição passiva, ‘infantil e feminina’, conforme os valores de nossa época moderna” (2008a, p.17) Por isso, para o autor, “O recalçamento das paixões, do feminino e do infantil vem, assim, *na esteira da luta contra a ambivalência*” (Figueiredo, 2008a, p.15) – ou seja, a mesma luta a ser enfrentada pelo sujeito diante da árdua missão de tornar-se e manter-se homem.

Portanto, o conflito capital parece estar no fato de que a violação sexual inevitavelmente reanima a feminilidade intrínseca ao homem e vem questionar a autenticidade de sua posição sexuada. Derrubando barreiras, o trauma expõe o núcleo da identidade masculina, arduamente separado, à transitividade e, assim, ameaça extingui-lo, pois o sujeito masculino não faz perguntas, já que, como assevera Maria Rita Kehl (1996, p.74), “sua virilidade, sua fé no significante único, sobre o qual se estrutura o Ideal de seu gênero, não lhe permite duvidar. . . . ‘ser’ homem depende da manutenção de um dogma.” Assim, a face caótica do trauma

antagonizaria a masculinidade ao romper os espaços separados e trazer à tona todos os dualismos e os paradoxos que compõem a identidade masculina, ao mesmo tempo em que, no segundo momento, seus efeitos “reparadores” do caos mostrar-se-iam completamente coerentes com a missão segmentadora da masculinidade. Todavia, a afinidade posterior não é capaz de desfazer a dissensão provocada pelo caos que suspende as divisórias e convoca a feminilidade a ocupar um espaço central. Em outras palavras, o menino/homem sexualmente abusado perceber-se-ia excluído do enquadre masculino, apaziguador em sua rigidez, e legado a um terreno intermediário onde não é mais possível se afirmar, apenas ser contestado por partes que ameaçam impugnar o núcleo de sua identidade, ou seja, a certeza de ser homem.

4.3.2.1 *Uma questão de sentido*

A essa altura, não pode haver qualquer dúvida de que o traumatismo psíquico seja absolutamente nocivo. No entanto, a proposta de Figueiredo (2008a) se articula de modo que, após a apreciação de ambas as faces do trauma, o autor apresenta um horizonte de saúde psíquica que se distancia do ideal da modernidade – e, por conseguinte, se aproxima da paixão caótica e transgressora de barreiras. Esse alinhamento evidencia aquilo que de fato está em questão na diferença entre as duas dimensões do traumatismo e que proporciona sua disparidade em relação ao masculino: o *sentido*. Por um lado, a definição de *Verleugnung* como “desautorização da eficácia transitiva do que *já pôde se configurar e entrar, parcialmente, no campo do sentido*. Entra nesse campo, mas não pode circular por ele, não pode ser interpretado e metaforizado.” (Figueiredo, 2008c, p. 62) é um emblema da fragmentação que deflagra justamente que a impossibilidade do trânsito entre as barreiras verticais vem impedir a produção de sentido ou da “significância”. Em outras palavras, alinhado à meta produção de dualismos da modernidade como uma forma de organizar o caos, esse mecanismo de defesa alicerça-se na interrupção do sentido a partir do estabelecimento de realidades simultâneas sem qualquer interação. Por outro, porém, haveria aquilo que, tal qual mencionamos, Figueiredo (2008a) apresenta como um horizonte de saúde psíquica. Para o autor, em contraposição a tais efeitos traumáticos e à tendência de separar – ou seja, realizando uma “inversão brutal” da lógica moderna tal qual a vertente traumática *desorganizadora* – o campo psiquicamente profícuo alicerça-se na integração progressiva entre partes e na produção de sentido – isto é, fundamentalmente, na transitividade.

Com efeito, esta é a ideia com a qual nos apresenta Figueiredo (2008a; 2008c), especialmente com a proposta da “desautorização”: o sentido depende do trânsito entre partes e a saúde

depende da produção de sentido. Retomando a proposta de Philip Bromberg do chamado *standing in the places*, Figueiredo (2008a) propõe que, contrariando o ímpeto e a tendência seccionadora, o “sentido” não seja atribuído a parte alguma, porque não residiria “nem no espírito, nem no corpo, nem nos afetos. . . . Sentido é o que se faz quando *se discrimina e se articula*, e só nessas atividades ele ‘existe.’” (Figueiredo, 2008a, p.26, grifo nosso) Em outras palavras, na contramão da modernidade, o sentido não está contido pelas paredes de um espaço estanque, mas depende da interlocução entre partes como o meio para produzi-lo. Portanto, o sentido, tendo como pano de fundo o imperativo segmentador da modernidade, é a marca da articulação, ou seja, em oposição ao fracionamento, é a integração, em alguma medida, de partes e lugares psíquicos, espírito, corpo e afetos. Enfim, partindo desse pressuposto que rompe com as fronteiras do que poderia, por si só, conter o sentido como algo pronto é que Figueiredo (2008a) propõe a importante ideia de:

fazer sentido como “dar passagem”. . . . que os afetos *passem* às linguagens, que as linguagens *passem* aos corpos, que os corpos *passem* aos afetos, que cada um *dê passagem* aos demais, e assim por diante. Cada uma dessas passagens mobiliza as capacidades de discriminação e (re)articulação. . . . A clínica psicanalítica seria vista como a propiciação de uma saúde transitiva (Ogden, 1994) e do *standing in the places between* (P. M. Bromberg, 1998). Em contrapartida, a desautorização (*Verleugnung*) que está na origem dos estados dissociados corresponde a uma interrupção de caráter defensivo nesse processo. Quando o fazer sentido é estancado, rompem-se as vias de trânsito e o que acontece em um dado plano não pode ser acolhido em outro, criando-se assim realidades paralelas incomunicáveis. Tomemos como apoio a seguinte concepção encontrada no último livro de Bromberg (1998): Health is the ability to stand in the spaces between realities without losing any of them – the capacity to feel like one self while being many. “Standing in the spaces” is a shorthand way of describing a person’s relative capacity to make room at any given moment for subjective reality that is not readily containable by the self he experiences as “me” at that moment. (Bromberg, 1998, p.274) (pp.36-37)

Possivelmente, por ir tão agressivamente de encontro aos moldes “categorizantes” da modernidade os quais aprendemos a ver como confirmadores e protetores do caos contido além das divisórias, essa proposta, ainda que enquanto um horizonte a ser mirado, pareça utópica. Com efeito, queremos pensá-la em relação ao masculino e, considerando que encontramos a afinidade em relação à face fragmentadora do trauma e que o embaraço dever-se-ia à ruptura das divisões, nos indagamos: pode o homem abrir-se à transitividade e “dar passagem”? “*The capacity to feel like one self while being many*” (ou, poderíamos adaptar, a capacidade para sentir-se um só enquanto se é muitos) seria uma potencialidade intrínseca à

identidade masculina? É verdade que, como indicamos no capítulo 2, Bleichmar (2014) defende que uma identidade masculina que se define menos por oposição e mais por afirmação é menos assombrada e possibilita ao homem uma posição menos seccionada em dualismos e isolada de outros espaços, sendo, enfim, menos defensiva. Porém, mesmo nesses casos menos condicionados à rigidez, poderíamos mirar a masculinidade nesse enquadre de fluidez? Vejamos, pois, como define Figueiredo (2008a) o que significaria essa posição intermediária do *standing in the places*, essencialmente transitiva:

Manter-se *standing in the places between* é renunciar aos significados definitivos, às identidades inequívocas, à alergia diante das alteridades próprias e alheias. Em compensação, é também aliviar-se da carga acumulada de dejetos encravados, de afetos desautorizados e dissociados, quistos protegidos e concentrados, mas sujeitos a rupturas, cujos conteúdos tóxicos estão, portanto, sempre prontos a vaziar nas formas incontroláveis e tremendamente destrutivas de *enactments*; é poder enfrentar as velhas fontes de mal-estar – a ambivalência, a irresolução, a incerteza – com um pouco mais de tolerância e “jogo de cintura.” (pp. 39-40, grifo nosso)

A maleabilidade exigida por essa posição “entre espaços” parece-nos conflitante com a posição masculina essencialmente defensiva apresentada em “*Paradojas...*” – a qual, por sua vez, é compatível com a rigidez da segmentação. No entanto, reconhecemos tratar-se de uma proposta harmoniosa com os movimentos do pensamento contemporâneo que procura livrar da exclusão identidades que não se adéquam ao modelo binário de gênero e que, também, entende a importância de contemplar a fluidez em detrimento da rigidez imposta pelos dualismos que, segundo Figueiredo (2008a), são fruto do ímpeto moderno categorizante.

É em busca de um lugar do gênero na teoria psicanalítica, motivado justamente pela diversidade sexual representada pela transexualidade, que Felipe Lattanzio (2011) elabora uma proposta que consideramos representar esse movimento ousado de renúncia e enfrentamento também contido na noção de *standing in the places*. Contestando a lógica fálica enquanto paradigma incólume bem como toda noção essencialista na psicanálise, no entendimento do gênero e das novas formas de subjetivação, Lattanzio (2011) defende a ideia de um “devir-mulher”, uma “virtualidade emancipadora” presente na feminilidade que poderia afetar positivamente homens e mulheres. O devir-mulher é, segundo o autor, uma “feminilidade presente como potência e como devir em todos” (Lattanzio, 2011, p. 157), uma abertura fundamental para a diferença e para a alteridade. Não se trata, portanto, de uma transformação em mulher, mas da qualidade emancipadora trazida pela feminilidade enquanto

uma virtualidade que “desenha no horizonte *a morte da forma-homem, fálica e impermeável*, e a aparição de uma nova forma, *permeável e livre*, que tem como condição de possibilidade a abertura para o devir-mulher.” (Lattanzio, p.158, grifo nosso)

Ora, não é difícil ver no horizonte de um ideal libertário sustentado pelo movimento de “dar passagem” e de uma produção da própria significância de quem se é a partir do contato com a diversidade exterior e interior o forte paralelo entre o devir-mulher e o *standing in the spaces*. Figueiredo (2008a) retoma a proposta segundo a qual a capacidade transitiva mais livre e maleável é que seria um importante critério de saúde psíquica, porque “qualquer uma das modalidades de experiência geradas por essas matrizes é relevante mas insuficiente, e impõe-se uma noção transitiva de saúde que mantém o indivíduo permanentemente descentrado e em um equilíbrio instável.” (p.28) Analogamente, a conclusão de Lattanzio (2011) é de que:

para que as subjetividades tornem-se mais permeáveis e abertas à alteridade, para que se deixem atravessar pelo outro, é preciso que passem pelo devir-mulher. Somente então as subjetividades poderão também abrir-se para os outros devires, entendidos aqui como símbolos da alteridade em toda sua multiplicidade. Abrir-se ao devir-homossexual, ao devir-negro, ao devir-oriental, ao devir-transsexual, ao devir-esquizofrênico, ao devir-inconsciente. Abrir-se às possibilidades do confronto com a alteridade. (p.160)

Entretanto, mirar essas possibilidades fundamentalmente transitivas de significação identitária poderia representar a mesma expectativa esperançosa sob a perspectiva do homem e, em especial, daqueles abusados sexualmente na infância?

4.3.2.2 A reclusão impreterível e a integração possível: respostas à traição

Sem dúvida, tanto o *standing*... quanto o devir-mulher guiam-se por um ideal de emancipação, de uma passagem que não poderia acontecer sem uma profunda desconstrução, sem o ruir de barreiras. Mais ainda, trazendo também o *standing*... especificamente para a dimensão do gênero, entendemos que essa reformulação aponta para o fim do binarismo de gênero ou, nas palavras de Lattanzio (2011): “fazer ruir um binarismo habitando-o de dentro.” (p.159) Porém, como já sabemos, em relação aos conflitos dos homens abusados sexualmente, a ideia de desfazer a rigidez dos modelos de gênero não é inovadora. A proposta de Richard Gartner (1999) sobre o conflito identitário dos homens abusados na infância e, também, sobre qual seria o objetivo do tratamento psicanalítico alicerça-se, respectivamente, no discurso cultural sobre a masculinidade de que homens não são vítimas e na construção de uma nova visão do

que significa ser homem. Com efeito, de certo modo, o que Gartner (1999) propõe é análogo ao ideal indicado por Figueiredo (2008a) e pelo que poderíamos presumir a partir de Lattanzio (2011): poder ter uma visão diferente, menos restritiva e cerceadora do que significa ser verdadeiramente homem não deixa de ser poder transitar entre espaços ou estar “entre”, e ainda assim poder sentir-se “homem de verdade”.

Ora, já apresentamos nossas objeções a esse aspecto central do pensamento de Gartner⁷. Todavia, diante da articulação teórica que desenvolvemos posteriormente e da contribuição de outros autores, é necessário apresentar algumas ressalvas e procurar nos posicionar com mais propriedade. Certamente, existe um núcleo de verdade de onde emanam as propostas de Figueiredo, Lattanzio e Gartner que serve como denúncia do sofrimento proveniente de uma lógica fálica, de um significante único, de um enquadre rígido que estabelece as fronteiras da hombridade e que leva, inclusive, ao contexto cultural com o qual nos deparamos em que não é possível ser vítima e ser homem. No entanto, o paradigma de nosso estudo nos adverte do equívoco que seria reduzir os conflitos dos homens ao afastamento dessa transitividade emancipadora.

O processo constitucional da masculinidade descrito por Bleichmar (2006) mostra a relevância de sua contribuição ao discriminar entre os modos de subjetivação e os processos incólumes do psiquismo que se constitui a partir da alteridade sedutora condicionada à situação antropológica fundamental em que o bebê humano é completamente dependente do adulto. Esse seria o único “essencialismo”⁸ a ser sustentado – contudo, nele se enraíza o sujeito psíquico e, por conseguinte, se pautam toda a subjetividade, inclusive, a própria constituição da identidade sexual masculina introduzindo a feminilidade em sua origem. Então, orientados por esse aspecto paradigmático é que somos conduzidos à objeção de que, caminhando no sentido oposto à posição inicial passiva e feminina e recusando os conteúdos classificados como homossexuais que compõem a via de acesso à masculinidade, o sofrimento dos homens abusados sexualmente aponta para um horizonte inverso, ou seja, para a busca de livrar-se da transitividade, da ameaça da alteridade e do contato com outros

⁷ Vide Introdução.

⁸ Esclarecemos que o combate de Lattanzio (2011) ao “essencialismo” na compreensão do gênero na teoria psicanalítica não incluiu, obviamente, o combate à situação antropológica fundamental, uma vez que toda a argumentação do autor alicerça-se sobre a teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche. Assim, nossa menção ao “único essencialismo” nesse caso específico é apenas uma forma de estabelecer, a partir da discriminação proposta por Bleichmar, uma oposição entre o que seria um essencialismo firmado em modos de subjetivação (que é como poderíamos definir o objeto da crítica de Lattanzio) e aquele ligado ao elemento irrevogável da constituição do sujeito psíquico.

espaços e direções. Seguir em linha reta, sempre em frente e sem olhar para trás é o objetivo, como se o percurso de sua identidade, tal qual sustentara Freud, houvesse também sido linear – mas, na verdade, trata-se da oposição obstinada que mantém, em um espaço separado, os paradoxos intrínsecos a uma identidade a ser construída em oposição à sua gênese. Portanto, existe um aspecto primordial, o único “essencialismo” a ser considerado antes dos modos de subjetivação que estabelecem os enquadres da masculinidade, de modo que o horizonte de superação de um modelo rígido, seja ele o falocentrismo ou a tendência moderna de categorizar criando polarizações, não poderia resumir-se como a solução dos conflitos dos homens abusados sexualmente.

Por outro lado, não poderíamos deixar de destacar mais uma vez o que retomamos acima: uma identidade masculina bem afirmada possibilita ao homem uma posição menos seccionada em dualismos e isolada de outros espaços, enfim, menos defensiva (Bleichmar, 2014). Mais seguro da permanência de seu domínio é possível fazer aberturas nas muralhas que o cercam e estabelecer contato com o que lhe é estrangeiro – ou, mesmo, como o que já lhe foi familiar, mas que teve de ser exilado. Contudo, não podemos afirmar que essa maior flexibilidade potencial corresponde ao horizonte firmado pelo devir-mulher e pelo *standing...* e, ao mesmo tempo, queremos destacar que tanto um quanto o outro poderiam, com efeito, representar transitividades possíveis para sujeitos masculinos, inclusive para aqueles que foram meninos traídos. Diante dessa aparente contradição, somos levados a questionar: por que para alguns homens a resposta à traição será a reclusão impreterível enquanto, para outros, a integração será uma alternativa possível?

Eis que somos conduzidos a uma importante salvaguarda que parece depender de que não mais tratemos os “conflitos dos homens” indiscriminadamente. Novamente⁹, somos remetidos ao hipotético agrupamento que opõe dois pólos representativos, porque a ideia de transitividade destaca mais uma vez que a especificidade do sofrimento dos homens que, após o abuso, têm sua identidade viril repetidamente contestada, poderia não se aplicar a todos, mas àqueles que, de fato, têm sua identidade restringida a um espaço separado. Não estamos com isso nos referindo à singularidade, ao caso a caso, mas à possível diferenciação entre a identidade do homem heterossexual e a do homem homossexual – ao menos enquanto duas categorias emblemáticas desses dois extremos dentro da diversidade de sujeitos que alicerçam sua identidade sobre a certeza de serem homens. Trata-se de uma forma mais simples e

⁹ Vide capítulo 2.

didática, ainda que inevitavelmente reducionista, de estabelecer uma diferença, dentre o amplo espectro de “classes” de homens, entre os que não abraçam desejos de natureza homossexual, sentindo-se por eles atormentados, e aqueles cuja identidade não parece ameaçada pela transitividade de conteúdos assim significados ¹⁰.

Tudo isso nos conduz, por sua vez, à discussão desenvolvida na parte final do capítulo 2, “Indagações em torno do aparente antagonismo da homossexualidade”, onde a separação entre os conflitos dos homens hétero e homossexuais se anunciaram como possibilidade pela primeira vez. Nessa seção, questionamos o lugar que a homossexualidade ocupa em relação à identidade masculina na tese de Bleichmar em “*Paradojas de la sexualidad masculina*” e sinalizamos que a orientação sexual do homem pode re-significar sua identidade, porque impactaria diretamente a certeza de ser homem em relação ao paradoxo firmado no sentido homossexual. Ao comparar Andrew e Joe do filme “Filadélfia” (Demme & Saxon, 1993) consideramos que: *“Ao ter homens como objeto erótico, não teria Andrew encontrado conformidade e apaziguado o antagonismo do exercício de sua sexualidade, enquanto Joe, homem heterossexual, manteve ativos os fantasmas atormentadores que denunciavam a incoerência entre a formação identitária e os desejos a ela subjacentes? Consideramos que por essa razão Andrew seja uma figura tão intrigante para o advogado ou para o grupo de homens que ele representa: como é possível abraçar sua feminilidade tão livremente? Nesse sentido é que a representação do Eu sobre a homossexualidade, baseada nos aspectos ideológicos a certo narcisismo e a certa cultura (Bleichmar, 2014), produz seu efeito: proporcionando-lhe a possibilidade de ser parte legitimadora ou antagonista da identidade [ou, poderíamos acrescentar agora, autorizando ou rechaçando a transitividade]. Por esse viés, podemos manter a crítica à afirmação de Richard Gartner (1999) sobre o problema em torno da masculinidade vivido por homens vítimas de abuso sexual como resultado quase exclusivo de um discurso social preconceituoso que opõe masculinidade e homossexualidade”*¹¹.

Pois bem, o que fica em evidência nesse fragmento recuperado é o aspecto da constituição da masculinidade que oferece ao homem diferentes possibilidades de caminhos a trilhar. Trata-se do que Bleichmar (2006) estabeleceu como terceira etapa da constituição na qual o sujeito tem diante de si as classes de homem que lhe são admissíveis – um contexto que, como na

¹⁰ Aliás, daqui em diante, sempre que nos referirmos aos homens homossexuais será levando em consideração o fundamento dessa divisão, ou seja, não são aqueles que reconhecem desejar pessoas do mesmo sexo, mas, sim, que não são atormentados pelos desejos sexuais em relação aos homens e integram esses desejos à sua identidade masculina.

¹¹ Página 99.

etapa da formação da identidade de gênero que antecede a incorporação paradoxal, estaria mais submetido aos modos de subjetivação. De certa forma, segundo “*Paradojas...*”, após a incorporação da virilidade que reveste de legitimidade sua função sexuada perante o objeto, o homem se adequará a uma determinada “classe” masculina segundo, poderíamos dizer a partir da proposta de Figueiredo e Lattanzio, o grau de transitividade que ele permite e suporta submeter sua identidade – considerando-se, todavia, a manutenção do fantasma paradoxal *em todos os casos*, mesmo que em nível diferentes.

Daí nossa crítica à tese de Bleichmar: tendo estabelecido a significação homossexual das fantasias subjacentes ao processo de incorporação da virilidade como o fundamento do paradoxo da constituição da identidade masculina, não abre qualquer possibilidade de discriminação entre o homem heterossexual (ou que rechaça os desejos que remetem à essa característica paradoxal) e o homossexual (que, de alguma forma, os integra à sua identidade de homem) na contemplação dos conflitos que afirma serem intrínsecos à masculinidade. Sem dúvida, a identidade sexual não está condicionada à orientação sexual, mas parece-nos equivocado ignorar que o cruzamento entre elas produza, inevitavelmente, uma re-significação. Em outras palavras, a autorização do trânsito da feminilidade e dos próprios desejos homossexuais (cujo emblema seria, obviamente, o homem homossexual “assumido”) não dissiparia o assombro dos fantasmas que já não se mostram contraditórios a um Eu que abriga a heterogeneidade que subjaz à própria masculinidade?

Acreditamos que a integração das propostas do devir-mulher e do *standing...* com a tese de “*Paradojas de la sexualidad masculina*” evidencia ainda mais a omissão que encontramos na indiferenciação, ou seja, traz à tona com mais contundência a conjuntura de que o paradoxo parece subsistir apenas para o homem heterossexual (e para aqueles que têm uma orientação homossexual, mas não se aceitam como tais). A cena de “Filadélfia” que descrevemos com detalhes no capítulo 2 mostra a transfiguração de Andrew em suas alteridades, transitando entre mundos e posições diante do homem que se impressiona com a plasticidade das barreiras identitárias daquele sujeito que não é ameaçado pela feminilidade tal como ele, Joe, o é constantemente. O devir-mulher e o *standing in the places between* é um caminho aparentemente libertador para Andrew tal qual propõem Figueiredo e Lattanzio, mas não é o mesmo horizonte libertador para Joe, pois, em harmonia com a tese de Bleichmar, ele

necessita dos grilhões que o mantém cercado para subsistir¹². Condicionado ao enquadre, parece-nos duvidoso que o homem heterossexual – isto é, o homem que, como Joe, é mais defensivo em relação aos conteúdos paradoxais – possa “dar passagem” livremente ou se colocar “entre” espaços.

Se insistimos nessa conjuntura é porque também será evocada na situação em que a identidade masculina é profundamente atacada, ou seja, nos casos de abuso sexual, em que a transitividade parece ser concebida em dois opostos organizados segundo a orientação sexual dos homens: respectivamente, duramente combatida ou integrada sem profundas contradições. O tormento psíquico dos homens que se alinham à primeira atitude atrela-se justamente ao caráter “não definitivo” e “não inequívoco” de sua identidade sexuada que se vê tremendamente perseguida por suas “alteridades” classificadas pelo Eu como feminina e homossexual. Consequentemente, a incidência da paixão e de sua qualidade feminina e passiva não representa um alívio das barreiras que a continham em lugar separado, mas a sobrecarga das cisões, dos afetos e sentidos desautorizados produzindo estados dissociados, impedindo a circulação de palavra e manifestando seus conteúdos através de atuações e comportamentos que obedecem ao imperativo de repetição imposto pelo trauma. Excluídas da representação e sem “dar passagem” que possibilite produzir sentido, esse acontecimento que exilaria o homem de seu lugar protegido só poderia encontrar manifestações possíveis no agir e na clivagem, ou seja, em “aparições do trauma” como definiu Ferenczi (Knobloch, 1998), ou em *enactments* (Figueiredo, 2008a).

Assim, se nosso estudo enfoca os efeitos da traição sobre a identidade masculina e, em especial, seu suposto potencial para extingui-la, poderíamos encontrar, nesse ataque avassalador da fortaleza seguido pela impossibilidade de integrar e de restabelecer seu baluarte, a ruína dos homens abusado sexualmente na infância que não podem ver a transitividade como uma alternativa para ser masculino. Como é possível apreender dos casos clínicos apresentados pelo próprio Gartner (1999), esses sujeitos, ao serem violados sexualmente, foram arrancados de seu enquadre arduamente alcançado, ou o qual lutavam por

¹² Isso não significa, contudo, que Joe não tenha aumentado, de algum modo, o “trânsito” entre dimensões de seu mundo. Como indicamos no capítulo 2, o contato com Andrew é transformador para ele que, enfrentando seus preconceitos, passa a não rejeitar os homossexuais como antes. Todavia, essa transformação se dá muito mais em um nível social do que propriamente identitário. A convivência de Joe com homossexuais, por exemplo, remete sim a uma maior tolerância à heterogeneidade ao conviver com o desejo do outro que, por si só, poderia ser ameaçador para ele (um elemento que fica claro nos casos de homofobia que abordaremos no capítulo 5). Porém, isso não pode significar consequentemente que Joe, em sua posição masculina, se tornou menos ameaçado por aquilo que *o habita* e ele classifica como feminino e homossexual.

alcançar, e condenados à sentença da abertura, do trânsito, da integração. Portanto, não haveria razão para se incentivar caminhos em outras direções, uma vez que o abuso colocou esses meninos/homens no meio da encruzilhada, mas sem permitir que eles tracem o percurso de sua história pelo único caminho que, de fato, desejavam trilhar. Fora do enquadre, esses sujeitos não estão enfrentando a fonte de mal-estar, mas estão submersos em sua agonia e prestes a sucumbir, pois é apenas dentro do enquadre (alguns mais, outros menos maleáveis dentro de um amplo espectro) que o homem heterossexual (ou, ao menos, aqueles que se adéquam a esse estereótipo essencialmente defensivo) se sente homem de verdade.

Estagnados, chumbados no centro da encruzilhada de tantas direções é que encontraremos muitos dos homens que sofreram essa terrível traição. Entendemos que, tendo sua identidade questionada pela posição feminina e passiva em que o traumatismo lhes colocou, pela transitividade que impôs a seu lugar seguro, pouco lhes resta além de reforçar a característica segmentadora da sua identidade e recorrer às defesas iminentes do traumatismo em cuja qualidade “segmentadora” reconhece profunda afinidade. Portanto, mesmo nessa compatibilidade posterior inesperada, se produz um potencial devastador em que o sujeito lançará mão massivamente de clivagens e da desautorização para subsistir enquanto homem, ainda que tudo isso o leve aos produtos paradoxalmente ameaçadores de *enactments*, atuações e repetições que podem incluir práticas sexuais homossexuais esporádicas ou compulsivas. Trata-se, enfim, do sofrimento descrito por um roteiro circular coerente com a vida de quem foi roubado em sua identidade e, logo, roubado não em seu direito de transitar, mas em seu direito de poder fazer seu próprio caminho desejante, sem muitas trilhas adjacentes, e de quem foi profundamente traído. São algumas dessas histórias que apresentaremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 5: MENINOS TRAÍDOS

A elaboração teórica realizada nos capítulos anteriores parece ter sido suficiente para iluminar os questionamentos de nosso ponto de partida de modo que, agora, não seria pretensioso afirmar que o problema apresentado pela relação entre abuso sexual e identidade masculina já não nos confunde na mesma profundidade. Contudo, existe uma dimensão-chave do nosso tema que ainda não contemplamos, um aspecto importante tanto para promover algum fechamento e legitimidade à construção teórica deste estudo quanto para afirmar nossa intenção de que esse trabalho possa ter algum impacto social sobre o tema: a história e o sofrimento dos meninos abusados.

Em um nível teórico e lançando um olhar “generalista” sobre o “trauma” e o “masculino”, já conjecturamos os efeitos do abuso sexual sobre a identidade masculina na discriminação que coloca o homem condicionado à defesa dos conteúdos de significância paradoxal, representado pelo heterossexual, em um lugar à parte, caracterizando o conflito ameaçador da certeza de ser homem com o qual a traição de meninos nos apresentou desde o princípio. Contudo, será com materiais clínicos e depoimentos de homens que foram submetidos a esse ato vil que poderemos de fato vislumbrar a dimensão do impacto des-subjetivante da traição sobre a certeza subjetiva de ser homem e, inclusive, apreciar a distinção que se estabelece entre o homem hétero e o homem homossexual abusado sexualmente. Ademais, nessa determinação, estamos atentos à advertência de Figueiredo (2008b) de que:

Por mais interessante que possa ser para alguns a discussão estritamente filosófica dos discursos metapsicológicos – e essas construções teóricas parecem em princípio um prato cheio para o exercício de leituras “filosóficas” e meramente teorizantes –, creio que há um sério risco em deixar que os debates sobre metapsicologia fiquem nas mãos de quem não maneja, não usa e muito menos cria metapsicologias em função das exigências da prática, exigências que se constituem e transformam em contextos socioculturais determinados. Talvez, uma abordagem meramente “filosófica”, intelectualista e *desafetada* da psicanálise faça parte das enfermidades psíquicas e emocionais que o nosso tempo engendrou e para o tratamento das quais a psicanálise é justamente chamada. Na verdade, a intelectualização da psicanálise, a tendência a tomá-la como uma espécie de parque de diversão para filósofos, território lúdico em que a dimensão do *sofrimento* fica totalmente obliterada, já pode ser considerada como uma das manifestações da esquizoidia contemporânea. (2008b, pp.41-42)

Desse modo, queremos enfatizar a realidade do sofrimento desses homens que tem sido, em muitos sentidos, desautorizada de apresentar-se, escondendo-se, pela inquietude que evoca, sob a convicção de que o abuso de meninos é algo raro. Levando em consideração os embaraços e afinidades entre o masculino e o traumático, nosso intuito é dissecar as raízes da luta e do sofrimento dos homens abusados na infância na luta para preservar sua identidade e subsistir enquanto sujeito, rejeitando, a todo custo, a transitividade que lhe foi imposta. É com esse olhar que abordaremos, então, as histórias de homens violados sexualmente na infância, retomando de forma concisa, isto é, fazendo pontuações a partir dos materiais com o intuito apenas de resgatar e estabelecer relações com a argumentação que desenvolvemos nos capítulos anteriores. Queremos priorizar que os fragmentos contendo histórias pessoais possam falar por si mesmos em relação a tudo o que já foi elaborado até aqui, isto é, demonstrar a profundidade da subversão contida da traição, as cisões e a recusa na tentativa de proteger o núcleo identitário das invasões do trauma e a possível diferença entre as marcas que o abuso paterno-filial deixa nos homens que temem e rechaçam as significações “femininas” e naqueles que, não se sentindo ameaçados, podem, em larga medida, integrá-las à sua identidade¹.

Antes de apresentá-los, porém, é preciso esclarecer obstáculos que se impuseram sobre a estruturação deste capítulo. Primeiramente, o fato de trabalharmos com três categorias de materiais: uma autobiografia (a do brasileiro Marcelo Ribeiro), depoimentos colhidos em entrevistas (pelo canadense Michel Dorais) e relatos clínicos de homens abusados na infância em psicoterapia (pacientes do estadunidense Richard Gartner)². O primeiro e o segundo estão escritos em primeira pessoa, sendo que o terceiro é composto por narrativas e descrições clínicas feitas pelo psicanalista e entrelaçadas com suas considerações sobre os casos.

¹ Essa maior possibilidade de integração não significa, obviamente, que esses homens não sofrerão profundas e generalizadas consequências da traição. No entanto, acreditamos que, como algumas histórias desse capítulo indicarão, há um efeito notavelmente inapreciável em relação ao nosso enfoque, ou seja, a contestação da certeza de que se é homem, núcleo da identidade.

² Dos 38 casos abordados por Gartner ao longo da elaboração de *“Betrayed as boys”* (1999), faremos o recorte de 7. Já dentre os 12 depoimentos que Dorais utiliza para ilustrar o conteúdo de *“Don’t tell”* (2011), apresentaremos trechos de 8. O leitor poderá saber de qual dos dois autores é cada história apresentada uma vez que aquelas escritas em primeira pessoa, em forma de depoimento, são de Dorais, enquanto as relatadas em terceira pessoa e nas quais as narrativas em primeira pessoa aparecem entre aspas são de Gartner. Ademais, de qualquer modo, ao fim de cada fragmento, haverá uma nota de rodapé indicando o autor e a página ao qual se refere.

Além disso, uma vez que os casos clínicos de Gartner e os depoimentos de Dorais estão na língua inglesa, o material aqui apresentado é de tradução nossa. As expressões que, por seu coloquialismo, regionalismo ou especificidade se mostrarem desafiadoras na tradução, já terão o original indicado em nota de rodapé. Entretanto, no Apêndice B, o leitor poderá encontrar os fragmentos dos casos aqui apresentados em sua versão original.

Agregamos todos os três porque cada um dos modelos apresentava uma contribuição específica, ainda que o conteúdo não se diferenciasse consideravelmente entre si, deflagrando o aspecto comum de alguns conflitos capitais. Acreditamos que os depoimentos para uma pesquisa, a narrativa autobiográfica e os discursos de pacientes apreendido pelo psicanalista são expressões em formatos distintos de um fenômeno que, mesmo assim, se delineia de forma semelhante e, portanto, a diversidade apenas contribui para o enriquecimento da articulação que nos propusemos realizar.

Ademais, além da necessidade de nos restringirmos a recortes da longa narrativa de Marcelo Ribeiro, com exceção de alguns, também os depoimentos e casos clínicos não serão apresentados em suas versões integrais. Constatamos que os materiais possuíam, em um aspecto geral, conteúdos parecidos e que, por isso, seria repetitivo e pouco profícuo apresentarmos integralmente um número menor de histórias em detrimento de enfocarmos um ou mais aspectos que são mais proeminentes em determinado material – um recorte necessário, ainda que, reconhecemos, não nos poupará da acusação de termos selecionado trechos mais convenientes à nossa argumentação. De qualquer modo, optamos por, de acordo com o tema que constitui determinado subtópico, introduzir fragmentos representativos da questão desenvolvida alternando-os entre si segundo sua relevância para ilustrar o tema e, também, intercalando-os com nossos comentários e análises pontuais³. Logo, será em agrupamentos dos temas que se mostraram comuns e relevantes ao nosso estudo que organizaremos este capítulo, sendo que cada seção apresenta algum desses eixos principais trazendo fragmentos dos materiais como elucidação. Certamente, isso não significa que os trechos e os casos escolhidos para determinados temas não apontem também para outros, apenas consideramos que determinado aspecto se mostrava mais evidente em detrimento de outros também presentes. Além disso, porções distintas, mas referentes à história de um mesmo homem, podem aparecer em seções diferentes e, por essa razão, o Apêndice A traz um índice das páginas referentes aos fragmentos a cada caso ou depoimento⁴.

³ Os conteúdos referentes aos materiais serão apresentados em itálico, terão a paginação indicada, mas serão citados sem o recuo característico de citações diretas longas.

⁴ O índice refere-se apenas aos depoimentos e aos casos clínicos, uma vez que a autobiografia de Marcelo é uma narrativa que, sendo apresentada com mais detalhes, não é difícil de manter o fio coesivo.

5.1 Traição: “Ele me penetrou fazendo juras de amor”

A pesquisa bibliográfica que iniciou o presente estudo nos levou, além da constatação do vácuo de produções que abordem o tema do abuso sexual de meninos no Brasil, também à recente publicação do relato autobiográfico de Marcelo Ribeiro sobre seu histórico de abuso na infância por um padre – à época, um maestro ligado a uma irmandade argentina, mas que já vestia roupas pretas e colarinho branco – que conduzia o coral de meninos em sua cidade no interior de Minas Gerais. Ainda que não seja a história de um abuso paterno-filial, desde o princípio explicitamos que nosso enfoque não se restringia ao pai biológico do menino violado, mas ao homem com quem estabelecia uma relação identificatória primordial de modo que a transgressão caracterizasse a traição de seu papel ímpar. Inclusive, um aspecto notável de “Sem medo de falar” (2014) é a descrição de Marcelo sobre como o maestro passou a se tornar a “pessoa mais importante de sua vida”. A aprovação no processo seletivo para a formação do coral de meninos quando tinha nove anos de idade é apenas o início de um processo de anos até a primeira aproximação sexual do maestro. Não é à toa que Marcelo dedica grande parte de sua narrativa os fatos que esclarecem como, pouco a pouco, o relacionamento com o maestro foi se tornando a principal referência em seu mundo infantil. Elucidar como se deu essa aproximação intensa que nos leva a considerar o abuso de Marcelo tal qual uma traição paterno-filial é importante para aliviar a estranheza que provoca considerando-se a positividade com que Marcelo apresenta sua infância antes e fora do coral:

Nasci em 1965 numa pequena cidade histórica do interior de Minas Gerais, com ruas de pedra, casario e igrejas coloniais. . . . Eu tinha cabelos bem loiros e olhos verde-azulados como os de meu pai. Era o filho do meio, com dois irmãos e uma irmã mais velhos e três irmãs mais novas: uma verdadeira escadinha de irmãos. Tive uma infância muito tranquila e desfrutei das alegrias da vida simples numa família numerosa. Era um tempo em que corríamos no terreiro, jogávamos bola, brincávamos no parquinho. (p.14)

Tive uma infância de muito aprendizado e ótimo relacionamento social. Convivia com muitas crianças e me sentia amado e protegido. (p.11)

Meu pai sempre foi um homem calmo e trabalhador. Nunca o vi de mau humor e nem irritado, mesmo no auge da algazarra dos sete filhos. Tinha uma loja em sociedade com os irmãos que vendia tecidos, roupas, brinquedos, utensílios domésticos e artigos de cama, mesa

e banho. Desde muito pequeno, eu ficava espiando seus movimentos, admirando sua forma de atender os clientes, de arrumar as mercadorias. Eu queria aprender tudo, saber exatamente como ele fazia as coisas na loja. No final do dia, quando chegava em casa, sempre havia um dos filhos atrás da porta para lhe pregar um susto. Outra coisa marcante era a sesta de domingo, quando ele cantava para ninar a tropa. (p.18)

Eu queria ser comerciante como meu pai. Ele era dos bons. Nos fins de ano, nós ajudávamos na loja como empacotadores, depois como atendentes, até chegarmos a caixas. Ficava fascinado com seu jeito de arrumar as mercadorias, de atender os fregueses, fazer as contas e organizar a papelada no escritório. Às vezes, eu ia à loja no final do expediente só para voltar para casa de carro com ele. (p.27)

Minha mãe era uma supermãe e gostaria de ter tido treze filhos. Ela nos criou com pulso firme, mas com total liberdade de pensamento e ação, e nos transmitiu os valores que considerava importantes. Sabia costurar, fazer crochê, desenhar, pintar, bordar, criar brinquedos, escrever letras góticas. Além disso, sempre foi muito musical: cantava, tocava piano, violão e sanfona. Durante o namoro e no início do casamento com meu pai, foi parceira de serestas do meu avô, pai dele. Assim, a partir dos dez anos, todos nós começamos a estudar música. (pp.18-19)

Esse contexto de uma aparente satisfação afetiva e de uma infância que deixa uma marca saudosista contrasta com a maioria dos casos apresentados por Gartner e com os depoimentos colhidos por Dorais segundo os quais a infância de meninos vítimas de abusos incestuosos comumente caracteriza-se por um contexto de profunda carência, especialmente de afeto paternal. Aliás, é por isso que, em muitos casos, o ataque sexual dos pais é percebido pelos meninos como a única forma de se sentirem incluídos em um laço de amor paterno – ainda que restrito a uma violação que submete o menino a uma confusão entre afeto e sexualidade, bem como entre afirmação e contradição de sua identidade. Como conta **Jimmy**, 16 anos, abusado entre os 7 e 13 anos de idade por seu pai:

Sempre fui rejeitado por meu pai, porque eu não era como ele queria que fosse. Eu tive problemas na escola por causa disso. Eu era sensível e chorava o tempo todo se as outras crianças pegassem no meu pé ou se simplesmente as coisas não dessem certo. Os outros meninos riam de mim por causa disso. Me davam apelidos. Meu pai não se orgulhava de mim; ele não falava comigo. O único lugar onde eu podia ficar sozinho em casa era o meu

próprio quarto. Meu pai não me permitia assistir TV: ele dizia que eu não havia merecido. Ele era severo e suas regras eram rígidas. Eu era repreendido se estivesse minimamente atrasado. Para me punir, ele tirou meus brinquedos. Eu brincava com minhas meias. Fingia que eram animais, caminhões, pessoas. Minha mãe agia intermediadora. Ela tentou impedir que eu fosse punido ou que apanhasse, mas ela evitava contradizê-lo, possivelmente para que ele não se voltasse contra ela.

Quando criança, eu era infeliz. Olhava para os pais de meus amigos e me perguntava se o meu era normal. Ele nunca brincou comigo, nunca praticou esportes comigo. As pessoas pensam que um filho único é mimado. Bem, essa não foi a minha realidade. Meus avós me mimavam de vez em quando. Meus pais não tinham muito dinheiro e eles não me deram muito. Talvez tenham se arrependido de me ter. Além do mais, meu pai guardava rancor dos meus avós, porque eles não tinham pago por sua educação e, então, talvez ele se irritasse ao vê-los me mimando.

Eu não gostava que ele me tocasse, mas aquelas foram as únicas vezes em que ele prestou atenção em mim além dos momentos em que me punia. Depois que ele gozava, ele acendia um cigarro, falava comigo, me fazia perguntas – ele perguntava coisas como por que eu não estava indo bem na escola ou em casa. Brincávamos de luta na cama como dois amigos: pela primeira vez, ele era afável. Era como se eu tivesse que me permitir ser abusado para me tornar uma pessoa com quem vale a pena conversar. Assim que ele saía da cama, ele era o mesmo de antes. Ele me tratava como um objeto, uma coisa. Eu era a coisa dele.⁵

Essa situação também é deflagrada pelo depoimento de **Francis**, 17 anos, abusado pelo pai entre 12 e 16 anos de idade:

Eu sou filho único. Nunca me dei bem com meu pai. Eu me entendia melhor com minha mãe. Meu pai é militar e esse tipo de mentalidade governou a casa: não era permitido sair depois das 8 da noite, nem visitar amigos. Não havia conversa com ele. Dificilmente nós nos falávamos.

Eu tinha doze anos quando ele começou a tocar minhas nádegas quando eu saía do chuveiro. No início, acontecia quando eu estava com a toalha amarrada na cintura. Ele nunca tinha sido afetuoso comigo. Eu disse a mim mesmo que aquilo não era nada demais. Parecia bastante normal. Mas quando ele começou a tirar a toalha e apalpar minha bunda, eu soube

⁵ Dorais, 2011, p. 35.

que algo estava errado. Eu me senti ferido. Meus olhos se enchiam de lágrimas sempre que ele fazia isso e então eu corria para o meu quarto.

Eu me perguntei se ele fazia isso para mostrar que me amava ou se era outra coisa. Talvez meu pai tivesse problemas. Eu não sabia o que pensar. Por outro lado, eu disse a mim mesmo que era bom que ele estava começando a prestar atenção em mim, a ser afetuoso. Eu concluí que eu poderia gostar, entrar na onda, e que talvez tudo aquilo fosse só porque ele me amava. Ele costumava dizer que gostava de me acariciar porque minha pele era macia. Mas então as coisas ficaram diferentes. Certa vez, ele agarrou meu pênis e puxou-me contra ele. Eu estava completamente nu. Quando minha mãe saiu, ele me levou para seu quarto. Deitou-se em cima de mim. Foi assim até ele ejacular. Ele me masturbou, me pediu para masturbá-lo, para colocar minhas mãos em suas nádegas e apertar com força. A essa altura eu simplesmente não entendia mais nada. Eu não sabia como reagir. Devo deixá-lo continuar ou devia contar tudo? Eu tinha medo de como ele reagiria caso eu o denunciasse.⁶

O caso de **Gene** demonstra como essa ideia de cumplicidade e afeto entre pai e filho representada pela relação abusiva pode despir os abusos de sua violência e procurar atribuir-lhe um caráter banal, corriqueiro. Isso fica evidente na racionalização que muitos homens declaram ter tido em algum momento, isto é, a ideia de que todos os meninos mantinham uma relação dessa natureza com seus pais só que, como eles, a mantinham em segredo e, também, no desmentido do pai que não reconhece os efeitos vis de seus atos. Sobre a ocasião dos abusos, Gartner (1999) escreve:

Não foi necessário que o pai de Gene usasse de força física para abusar de seu filho. Em vez disso, ele treinou Gene desde cedo para aceitar violações como parte de sua rotina diária e até mesmo para ansiar pela mistura de proximidade e excitação de seus encontros. O pai de Gene lhe disse que isso era algo entre os dois, algo que não devia ser discutido com ninguém mais e Gene obedeceu. Gene disse que, à medida que o tempo passava, ele presumiu que a maioria dos rapazes tinha relações semelhantes com seus pais, e acreditava que todos sabiam que não deveriam falar sobre isso com estranhos ou mesmo entre si.⁷

Já no momento em que, adulto, as lembranças dos abusos lhe vêm à mente, Gartner (1999) relata que:

⁶ Dorais, 2011, p. 102.

⁷ Gartner, 1999, pp.11-12.

*Gene, confuso, acabou tomando vários rumos. Ele contou a sua esposa e as suas irmãs sobre o abuso e depois se sentiu culpado pelo abismo que isso inevitavelmente criou nas relações de sua família. A agitação emocional e as atuações de natureza sexual romperam seu relacionamento com sua esposa, talvez permanentemente. Ele parou de falar com seu pai. O pai o pressionou para que lhe contasse o motivo e Gene finalmente lhe disse. Seu pai se declarou espantado: "Isso foi tão importante assim para você?" E, pouco depois, ficou profundamente deprimido. A princípio, Gene estava feliz por ter machucado seu pai. Logo, porém, sentiu-se culpado pela depressão. Mais ainda, começou a sentir-se responsável por animá-lo. Até esse momento, tornou-se o cuidador de seu pai e não mais se permitiu sentir raiva dele.*⁸

Por fim, considerando o potencial igualmente devastador da traição por um homem referencial para o menino, mas que não é o pai biológico, o depoimento de **Matthew** mostra-se relevante. Em sua entrevista realizada aos 18 anos de idade, o jovem descreve o contexto de diversas perdas na infância e carência de pai que antecedeu a investida sexual do pai de seu melhor amigo quando tinha 14 anos:

Quando eu era pequeno, tentava agradar a todos. Eu era muito dependente; precisava de muita atenção. Perdi meus dois pais, um após o outro. Foi difícil para mim. Para começar, eu mal conheci meu verdadeiro pai: ele foi embora quando eu era bebê. Então minha mãe se casou novamente, mas esse homem também foi embora quando eu tinha sete anos, porque eles se divorciaram. Para mim, o segundo homem era meu verdadeiro pai. Eu ansiava vê-lo novamente. Ele dizia que me visitaria. Eu esperei e esperei, mas ele nunca veio. Depois disso, até os 11 anos, minha avó me educou. Ela me mimou. Eu estava bem com ela, mas então ela também morreu. Enfim, eu tive muitas perdas na infância. A certa altura eu me tornei rebelde: que se dane a família! Me voltei para meus amigos para ter companhia. Achei que não os perderia.

O homem que abusou de mim foi o pai do meu melhor amigo Alan. O conheci-o pouco depois da morte da minha avó. Ele rapidamente se tornou como um pai para mim. Cuidou de mim, me deu presentes... Eu costumava passar os fins de semana com eles. Minha mãe não viu problema. Eu fiz amigos rapidamente. Me sentia como um membro da família. Seu filho era como um irmão para mim. Esse homem me mimou: brinquedos, a princípio, depois fitas, um

⁸ Gartner, 1999, pp. 12-13.

aparelho de rádio cassete, uma pequena televisão em cores e até mesmo um computador. Também me dava dinheiro trocado se eu não tivesse o suficiente.

Certo dia, ele veio me buscar cedo porque eu estava de férias da escola. Seu filho não tinha folga naquele dia. Enquanto estávamos fazendo o café da manhã, notei que ele estava relando em mim mais do que o habitual. Mas a cozinha era pequena, então deixei para lá. Depois, fomos para a sala de estar e ele começou a brincar comigo. Estávamos em um round de luta amistoso quando eu comecei a perceber que algo estava acontecendo. As mãos dele estavam no meu short. Eu meio que o deixei continuar – eu não fazia ideia de onde aquilo iria acabar. Isso é real? É uma piada, ou o quê? Eu estava hesitante, fiquei surpreso, não sabia o que fazer. Ele tirou meus shorts, depois minha cueca, e começou a me acariciar. Nesse momento, percebi que aquilo era definitivamente sexual. Eu me afastei dele e corri para fora. Me escondi na cabana no jardim. Ele negociou comigo para me fazer sair, me disse para esquecer o que tinha acontecido, que não era sério e que deveríamos ir buscar o Alan. Eu estava com medo de sentar ao lado dele no carro. Pedi-lhe para me levar para casa e ele levou, tentando reparar a situação comigo durante todo o percurso até minha casa.

Eu me recusei a vê-lo novamente depois disso e me distanciei do seu filho também. Pouco tempo depois, Alan me disse que seu pai teria sua custódia exclusiva no futuro. Ele me convidou várias vezes, mas eu nunca voltei. Antes disso, aquele homem era um modelo para mim. Depois, destruí a imagem mental que eu tinha dele. Eu me pergunto: até onde ele teria ido? Há quanto tempo ele estava se preparando para essa investida? Eu ainda me faço estas perguntas. Se eu o visse novamente, eu botaria tudo para fora, talvez até fisicamente. Eu fantasio sobre bater nele, protegendo a mim mesmo, me vingando. Eu pensei nisso várias vezes. Quando praticava boxe ou karatê, eu costumava pensar nele e ficar super agressivo. Imaginei seu rosto no saco de pancadas e bati até ficar exausto.

Depois dessa experiência, eu não confio em homem algum. Perdi minha capacidade de confiar. Especialmente em homens se parecem com ele. Me dou melhor com as mulheres. É difícil confiar em qualquer um... Eu devia ter suspeitado de algo, como minha mãe tinha dito. Eu devia ter visto sinais muito antes... Às vezes ele se fechava em seu quarto, dizendo-nos para não perturbá-lo. Talvez ele estivesse se masturbando enquanto pensava em mim.

Se eu o visse hoje, não perguntaria por que ele fez isso. Eu o demoliria assim como ele me demoliu. Ele me fez perder minha fé em mim mesmo e minha confiança nos outros. E eu caí

*direitinho na armadilha: ele tinha o plano em sua cabeça tempos antes de acontecer, eu acho. Isso me machucou tanto, ele me decepcionou tanto... Se eu me deparar com ele eu vou dizer a ele para desaparecer e que ele está invadindo meu espaço pessoal. Se, ainda assim, ele me incomodar, eu bato nele. Eu não acho que isso foi simplesmente estupidez juvenil da parte dele. Não, com certeza não foi...*⁹

Diferentemente desses casos em que o cenário de carência generalizada se mostra comum na infância dos meninos abusados sexualmente, a descrição do contexto familiar e da infância de Marcelo apresenta um contexto de aparente abundância afetiva. Ao relatar pequenas lembranças, dentre tantos outros elementos ternos, vemos que tinha no pai uma figura confiável e uma presença constante e afetiva, admirava seu trabalho e queria aprender a ser como ele. Diante disso, pode ser mais difícil compreender como, mesmo sentindo-se protegido e amado, pôde a relação com o maestro usurpar o protagonismo de seus pais em sua vida. Talvez por isso Marcelo instrua seus leitores de que:

Em inglês, existe uma palavra para definir a estratégia de sedução do abusador de menores: grooming. Ela se refere à preparação e aos atos deliberados com o objetivo de se tornar alguém por quem a criança tem profunda admiração e em quem ela confia plenamente. (p.25)

Além disso, também poderia ser por esse motivo que, já na introdução, Marcelo apresente integralmente um texto escrito pelo maestro e publicado na internet muitos anos depois, ou seja, como uma forma de explicar a “destituição” de sua família amorosa e, tal qual no caso de Matthew a eleição de um “novo pai”. No texto do agressor que inaugura a narrativa sobre a história de pedofilia, o maestro faz ataques ácidos e ridiculariza as prerrogativas do “pátrio poder” defendendo que muitas crianças teriam um destino mais adequado se pudessem ser independentes das decisões dos pais e seguir aqueles que, de fato, lhes oferecem um caminho de oportunidades. A convicção deturpada que comunica sua argumentação é coerente com a pessoa que Marcelo apresenta posteriormente ao leitor: o homem que toma o centro da vida dos garotos porque lhes traz uma sorte de oportunidades que, sem ele, jamais poderiam alcançar. Em outras palavras, desprendendo-os do “pátrio poder” com seu talento musical e dominação perversa, submete-os incondicionalmente aos seus próprios desígnios e desejos.

O coral, com exigências que excediam em muito a dedicação extrema ao canto, à teoria musical e aos instrumentos, incluía também a limpeza e manutenção do espaço e cuidados

⁹ Dorais, 2011, pp. 54, 55-56.

domésticos ligados ao maestro. A rotina era árdua, o maestro era extremamente exigente com os garotos e aplicava-lhes castigos físicos, humilhações verbais e discriminava os mais pobres e os negros. Porém, de alguma forma, entre a debandada de alguns meninos e permanência de outros, Marcelo via nessa conduta a busca pela excelência que ele, e toda cidade, pouco a pouco podia constatar no coral que ganhou rápida admiração. Tudo isso não tardou em ser confirmado por convites de outras cidades e mesmo de outros estados para apresentações com ingressos pagos e turnês: segundo Marcelo, formavam um dos melhores corais do Brasil naquela época. Assim, dedicar praticamente todo o tempo extra fora da escola ao coral passou a ser bem recebido por todos os integrantes, principalmente por aqueles que, como ele, foram do grupo original e, portanto, eram os mais experientes. Porém, em sua narrativa, Marcelo considera como o maestro orquestrou também um isolamento dos meninos nesse convívio restrito:

O maestro forjou uma espécie de guerra contra todos aqueles que não gostavam do coral. Aprendemos a odiá-los. Anos mais tarde, pude entender que essa era uma estratégia para nos isolar do mundo, o que nos levava a valorizar nossa relação com ele e estreitá-la cada vez mais. (p.48)

Marcelo reafirma essa intenção pela seguinte recordação:

A pedido do maestro, criamos um grêmio esportivo. Uma semana depois de ele ter me negado autorização para participar de um jogo de futebol num domingo pela manhã, fomos informados de que deveríamos criar um grêmio esportivo no coral, com reuniões semanais. Ele sugeriu que eu fosse secretário e determinou que fizéssemos uma votação para o cargo de presidente. Providenciou-se uma mesa de pingue-pongue e uma bola de futebol. O maestro conseguiu uma sala em um prédio vizinho, que estava abandonado, e nos indicou um terreno próximo à nossa sede, onde faríamos as partidas de futebol. Passamos um sábado inteiro carpindo o terreno. Logo estávamos jogando futebol todos os sábados, a partir daí, nenhum de nós estaria autorizado a participar de times ou de jogos de qualquer espécie fora do ambiente do coral. O grêmio esportivo foi mais uma maneira que ele encontrou para nos afastar das outras crianças da cidade. (p.57)

Nesse contexto em que tudo passou a ocupar um lugar marginal em relação ao coral e ao maestro foi que se iniciaram os abusos de Marcelo, anos após seu ingresso no coral, quando era pré-adolescente – não sabe dizer ao certo se quando tinha onze ou doze anos de idade.

Marcelo relata que tudo começou quando, ao longo de uma das turnês que fizeram pelo sul do país:

Em uma das cidades, ficamos hospedados todos juntos numa sala cheia de beliches, em uma escola. . . . Durante a noite, acordei com alguém na cama, esfregando-se em mim. Tomei um susto, olhei para trás e vi que era o maestro. Ele prontamente levou o dedo à boca pedindo silêncio, mostrando sua feição rígida e assustadora. Senti uma coisa rígida encostando no meu corpo, atrás de mim. Ele se levantou e saiu, e só então notei que estava com a calça do pijama abaixada. Fiquei tentando entender o que havia acontecido. Compreendi que devia obedecer e fazer silêncio. Eu era um dos melhores do coral. E ele, havia algum tempo, era a pessoa mais importante da minha vida. (pp.86-87)

Não muito tempo após essa primeira investida, ainda em turnê, Marcelo conta que:

Numa tarde, o maestro me chamou para fazer uma caminhada. Não me recordo o local, só lembro que fomos conversando e nos sentamos em um banco. O lugar era tranquilo, não passava ninguém. Ele parou de falar, me olhou e disse que me amava. Depois, me beijou na boca. Eu nunca tinha pensado em beijar alguém na boca. Nem menina, nem menino, muito menos o maestro. Foi algo novo, diferente, e devo dizer que foi muito bom. O maestro me disse que aquilo era um prêmio especial por eu ser obediente e um dos melhores meninos do coral. (p.98)

Então, quando já estavam de volta à cidade-sede do coral:

Um dia, a mãe do maestro viajou e nós tivemos que nos organizar para servir a marmita dele. O combinado era que, na ausência dela, as mães dos alunos se incumbissem de preparar as refeições, que seriam levadas pelos filhos. Eram umas oito mães que se revezavam. No meu dia, levei a marmita e fui convidado a ficar. Terminada a refeição, ajudei o auxiliar a lavar a louça, e em seguida ele se trancou em seu quarto. Fui com o maestro para o quarto escutar música. Era a primeira vez que ficava sozinho com ele num lugar fechado e seguro. Ele me beijou e começou a tirar minha roupa. Gostava dos beijos, mas não entendia porque ele tirava minhas roupas. Sem me dar tempo para pensar, foi determinado o que eu deveria fazer e como. Ele me penetrou fazendo juras de amor. (p.99)

A confusão provocada por atos conduzidos com a firmeza de quem detém toda a admiração, confiança e autoridade sobre o menino produz uma excitação exuberante e inomeável e,

assim, um convite à repetição dos encontros sexuais pelos quais, como veremos, ele passa a ansiar. O maestro, tento galgado posição ímpar aos olhos de Marcelo, subverte seu papel potencialmente confirmador enquanto referencial identificatório perante o menino que tanto o ama, sendo que tudo o que ele lhe promete é impugnado pela transgressão dos interditos fundamentais através da qual expressa sua “devoção”.

A partir desse encontro sexual na cidade de Marcelo, os abusos passaram a ocorrer com certa regularidade:

Os encontros se repetiram esporadicamente. É muito difícil confessar isso, mas havia um lado meu que ansiava por eles. . . .O maestro me jurava amor. Eu me sentia totalmente preso a ele, sem saber se estava amando ou me submetendo. Ou se as duas coisas não eram, no fim das contas, uma só. Ele passou a me pedir mais coisas durante o sexo. Pediu-me para praticar sexo oral. Em outro encontro, me pediu para penetrá-lo. Eu não sabia como fazer. Então, ele passou um creme no meu pênis e me fez fazer o que ele desejava. Senti uma forte ardência no pênis por causa do creme e fiquei com medo. (pp.101-102)

A confusão entre amor e submissão, entre prazer e repulsa e entre anseio e pavor é um elemento axial nas lembranças dos abusos. A traição remete diretamente à figura do pai e, assim, ataca a identidade do menino que sente prazer com esse homem amado, mas fundamentalmente interditado. Essa situação de uma complicação insuperável se mostra com clareza quando **Victor**, abusado pelo pai entre 9 e 15 anos de idade e apresentado por Gartner (1999) afirma:

"Todo prazer é ruim. Sabe por quê? É ruim que meu pai esteja tocando meu pênis. O fato de ele tocar meu pênis me dá prazer. Portanto, é ruim sentir prazer." Victor elaborou essa ambivalência que ele desenvolveu em relação à excitação sexual que sentiu com seu pai: "Eu odiava quando meu pai falava comigo enquanto me tocava. Ele dizia: 'Você é tão grande, tão rijo, você sabe que o papai te ama e que é por isso que ele faz isso.' Mas eu não acho que tenha acreditado nele em momento algum. Eu me sentia como uma prostituta quando ele dizia isso. Preferiria que ele apenas me tocasse e permanecesse calado. Pelo menos seria gostoso e eu não precisaria pensar que era meu pai quem estava fazendo aquilo. Quando me tocava, ele abria meu pijama e, na altura em que eu acordava, ele já tinha tirado meu pinto para fora e ele estava duro. Eu o deixava me tocar por um tempo – e então eu ficava magoado e me virava. Ele implorava que eu me voltasse novamente para ele. Às vezes, ele

suspirava e dizia: ‘Tudo bem, se é assim que você quer’, e eu me sentia culpado. Sentia que não estava fazendo o que um bom filho faria. Então, eu me virava de novo, o deixava continuar e ele ficava muito grato.” Destacando uma vitória pírrica em sua luta quanto à relação entre sexualidade e abuso, Victor concluiu, com tristeza: “Pelo menos eu nunca gozei com ele – sempre o fiz parar antes que eu gozasse.”¹⁰

Além disso, como ilustra a apresentação de Gartner (1999) do caso de **Devin**, abusado dos 5 aos 14 anos pelo pai:

“Enquanto estava acontecendo, eu ficava enojado. Geralmente me fazia sentir mal – então eu fingia estar dormindo. Mas eu nunca lhe disse para parar – não era aterrorizante. E às vezes eu queria que ele fizesse. Era bom e ruim ao mesmo tempo. Quando eu o ouvia subindo as escadas, eu ficava animado – tornou-se prazeroso.” Devin ficou vermelho quando contou isso, dizendo que tinha medo que eu pensasse que ele fosse gay. Virando o rosto, ele acrescentou: “Eu sabia que havia algo errado com o que estávamos fazendo, mas isso me fez sentir especial. Eu amava tanto meu pai e adorava ter esse segredo especial com ele. Ele nunca disse para manter segredo, mas eu sabia que deveria. Ao mesmo tempo em que me sentia enojado, também me sentia especial.” Ao perguntar como ele se sentia falando sobre o abuso, Devin disse: “Eu sei que deveria sentir raiva, mas não sinto. Não chego a sentir falta dele, mas também não o odeio – eu não sinto nada. Acho que eu garanto que não tenha sentimentos em relação a ele.”¹¹

Por fim, o depoimento de **Bruno** mostra a submissão ao gozo sem limites de seu pai que o abusou de quando ele tinha 6 até 14 anos de idade, muitas vezes envolvendo seus irmãos e também um primo:

Quando você é obrigado a fazer aquilo, pode muito bem obter algum prazer¹². De qualquer modo, você não pode impedir que seu corpo sinta as coisas. Quando eu tinha nove ou dez anos, comecei a recusá-lo, principalmente porque ele estava tentando me forçar a ter relações sexuais com meus irmãos na frente dele. Naquela época ele também estava pagando um dos meus primos que tinha 14 anos para fazer sexo com ele. Um dia, ele quis que eu fizesse um trio com aquele primo. Pelo menos não foi tão ruim quanto fazer amor com um dos meus próprios irmãos. Meu pai costumava dizer que eu tinha um pênis enorme. Ele gostava

¹⁰ Gartner, 1999, pp.200-201.

¹¹ Gartner, 1999, pp. 168-169.

¹² No original: “you might just as well get some pleasure out of it.”

*também de me sodomizar. No começo machucava, mas, de alguma forma, mais tarde eu comecei a gostar.*¹³

Essa relação conflituosa característica é notável também ao longo da progressão da relação abusiva entre Marcelo e o maestro. Alguns anos após o início dos abusos, quando Marcelo tinha cerca de 14 anos, a Igreja optou pela dissolução do coral por questões administrativas. O maestro decidiu ir para o sul do Brasil implantar um novo coral e convidou alguns meninos para irem com ele como colaboradores (da mesma forma que o coral da cidade de Marcelo tinha um adolescente que era seu auxiliar) e continuarem seus estudos até o ingresso na faculdade. Ele declarou seu amor a Marcelo mais uma vez e pediu que ele se tornasse seu braço direito, uma vez que o adolescente que o acompanhava estava indo para a faculdade.

Voltei para casa e insisti com minha mãe. Cheia de afazeres (minha irmã se casaria em dezembro), ela sempre adiava a conversa. Até que um dia ela me perguntou, olhando em meus olhos, se realmente eu queria ir, se essa era a minha vontade. Perguntou também o que eu faria lá. Respondi que sim, que era a minha vontade, meu desejo de ir e que outros colegas também iriam. Expliquei que trabalharia com o coral e continuaria meus estudos para depois cursar uma faculdade, exatamente como fazia o auxiliar do maestro naquela época. . . . Depois de analisar meu pedido e as informações do maestro, minha mãe disse que, da parte dela, estava tudo certo, mas que eu fosse pedir a autorização de meu pai. O fato de eles terem me autorizado a ir com o maestro foi a maior prova da liberdade que sempre me deram, uma intensa demonstração de confiança e respeito por mim. (p.105)

Morando sobre o mesmo teto, profundamente emaranhado na dinâmica abusiva e estando também geograficamente distante de sua família, os abusos começaram a parecer diferentes para Marcelo:

Na segunda vez em que nos encontramos nessas condições, na terceira semana desde a nossa chegada, alguma coisa mudou. O sexo com ele era sempre carinhoso, com beijos preliminares e declarações de amor. Nesse dia, contudo, ele logo me fez ficar de quatro, e assim me penetrou. Pela primeira vez senti que não havia afeto e que, na verdade, eu estava sendo usado para satisfazer um desejo doentio. (p.110)

¹³ Dorais, 2011, pp.125-126.

Ainda assim, após as primeiras semanas quando ainda se instalavam na casa onde também morava a mãe idosa do maestro, os abusos se tornaram diários. Todas as noites após o jantar, Marcelo dizia que ia dormir, mas entrava no quarto de seu abusador.

Era a mesma rotina de segunda-feira a domingo. Eu não podia acreditar que a mãe dele não ouvisse ou não desconfiasse de nada. Passei a me sentir desconfortável e sem forças para reagir. Obedecia, fazia, repetia, não sabia como sair desse círculo vicioso. (p.114)

Quando, enfim, o maestro permitiu que ele passasse dez dias de férias com a família, Marcelo encontra na relação fraterna um alicerce que lhe dá forças para reagir à rotina de abusos:

Meu irmão mais velho voltou a me surpreender. . . . Ele me disse que eu tinha de voltar a vestir roupas normais, roupas de garotos da minha idade – e não aquelas calças sociais e camisas de colarinho, o guarda-roupa que o maestro me obrigava a usar. Levou-me até a loja do nosso pai e me fez escolher um par de tênis, duas calças jeans e duas camisetas coloridas. Fui para casa e me vesti como um jovem, todo feliz. Naquele instante, me ocorreu a ideia de levar as roupas comigo na volta das férias. Seria uma forma de contestar o maestro silenciosamente. Seria a primeira vez em sete anos que eu iria contra suas regras. (p.115)

O vestuário era um símbolo de um novo momento para mim. . . . Pela manhã, ao me ver de camiseta e jeans, ele fazia comentários depreciativos, mas não podia ir além disso. Eu não era mais o menino obediente, dominado e submisso. O maestro sentia um cheiro de desafio no ar. (pp.118-119)

Uma noite, depois de lavar a louça do chá, subi direto para meu quarto, sem entrar no do maestro. No dia seguinte, ele me perguntou o motivo e eu respondi que estava cansado. Deixei de ser o escravo voluntário dos desejos sexuais dele. No início de março, depois de mais uma noite sem ir ao quarto do maestro, acordei e saí para estudar órgão de tubos na igreja, como de costume. Gostava de estar lá: o som do instrumento na acústica de uma igreja é algo fascinante. Estava completamente envolvido tocando a “Aleluia” de Handel, olhando cada nota da partitura e sentindo cada frase melódica, quando fui surpreendido por um tapa muito forte no rosto, vindo de trás. Aquilo me assustou de verdade. Parei de tocar. Virei para trás e olhei o agressor nos olhos. O velho maestro, aquele que eu conheci quando tinha nove anos, não estava preparado para o revide no olhar. Não havia submissão. “Você

está tocando errado!” ele berrou. Respondi com calma e firmeza: “A partir desse momento só me dirija a palavra para solicitar algo do meu trabalho. Nunca mais encoste a mão em mim, seja para bater ou qualquer outra coisa”. Enquanto respondia, minhas palavras foram se tornando ásperas, tingindo-se da mesma qualidade de violência que ele havia me ensinado e que permaneceu ancorada no fundo da minha alma por tantos anos. (p.119)

Essa erupção inédita que permitiu a Marcelo se posicionar pela primeira vez perante seu abusador foi reforçada e ganhou caráter mais definitivo quando ele volta à Minas Gerais e bebe mais da fonte que encontrou na relação com seu irmão:

Um novo janeiro chegou, e com ele as minhas férias. Vesti meu jeans e minha camiseta, calcei meu tênis e fui para a casa de meus pais. Nessa época, meu irmão mais velho tinha uma moto e um carro e queria me ensinar a dirigi-los. E me mostrou músicas do Djavan, da Blitz, que curti muito. Embora houvesse me afastado de todo mundo, meu irmão mais velho se mantinha próximo e sempre que podia se aproximava de mim. (p. 120)

Fica claro como Marcelo encontra uma alternativa ao ciclo vicioso de abusos através do relacionamento com seu irmão mais velho. As roupas, as músicas, enfim, os interesses de um jovem “normal” são elementos que trazem Marcelo de volta ao mundo que abandonou ao seguir o claustro ao qual seu agressor habilmente o conduzira. Assim, ele é reintroduzido no mundo dos meninos e, por que não, à posição de sujeito sexuado no mundo real em vez do status de “coisa de gozar” no mundo paralelo e estéril dos abusos diários. Nesse sentido, destacamos que o elemento das roupas parece ser mais que um puro símbolo de resistência, trazendo em si toda uma alegoria do revestimento e da transmissão contidas em uma relação de identificação. Alguns trechos da narrativa evidenciam isso, por exemplo, ao contar sobre a vida em família e sobre sua infância cercada de irmãos, Marcelo diz que:

O fato de ter muitos irmãos me proporcionou a vivência em grupo, a necessidade de aprender a dividir e o respeito pelos outros, além da coragem para fazer valer meus direitos. Adorava quando as roupas deixavam de servir nos meus irmãos e se tornavam minhas novas roupas. Isso me fez valorizar menos o consumo e mais a experiência de vida. (p.11)

A valorização inusitada das roupas de segunda mão mostra como cobrir-se com as mesmas roupas que pertenceram aos irmãos mais velhos parecia revestir-lhe de algo mais que apenas tecidos – como ele mesmo afirma, traziam “experiência de vida”. Não é sem motivo que o

mesmo irmão apareça em suas lembranças, também na infância, como aquele que o alerta e o protege de “contatos impróprios”:

Aos seis ou sete anos tive minha primeira “aula de sexo”, com meu irmão mais velho: “Sempre coloque as mãos para trás na fila da escola, para ninguém encostar em você”, ele disse. Eu obedeci, embora não entendesse por quê. Na verdade, nenhum de nós sabia que aquilo tinha uma conotação sexual. (p.22)

Uma “aula de sexo” porque, ainda que na negatividade de um “não saber” ou do enigmático, o irmão inaugura uma dimensão completamente desconhecida para ele até então – uma advertência que, após os abusos, pode ter feito Marcelo valorizar ainda mais o cuidado e a presença de seu irmão. Aliás, quanto desse irmão “protetor” e de sua “experiência de vida” não foi essencial para que, revestido pelas roupas e investido em seus gostos pessoais, Marcelo pudesse apresentar resistência ao maestro? Diante da traição sofrida pelo homem mais importante de sua vida, é no relacionamento com o irmão mais velho que Marcelo pode retomar, em alguma medida, a transmissão e a legitimação de um papel sexuado.

Além disso, talvez o irmão tenha sido protagonista desse processo, porque, ainda que Marcelo procure rechaçar qualquer mácula sobre seus pais, é provável que tenha se ressentido pela confiança que ambos depositaram no maestro e, quem sabe, nele mesmo ao permitirem que ele se entregasse tão radicalmente ao coral. Como já citamos, Marcelo se mostra impressionado que a mãe do maestro sequer desconfiasse do que se passava entre eles, mas nos indagamos se todas as vezes em que ele se surpreende com a desatenção dos pais ou destaca a importância de que estejam atentos em relação aos seus filhos não estaria, na verdade, expressando seus sentimentos diante da negligência que atribui aos seus próprios pais. Como exemplo disso, deixamos a advertência final apresentada por ele:

Gostaria que os pais dessas crianças, bem como seus familiares e vizinhos, atentassem para elas. Verifiquem se elas correm perigo. Olhem em volta. Olhem para as pessoas que convivem rotineiramente com elas, observem quem são elas e como se aproximam e interagem com as crianças. Não confiem no traje que elas usam, não confiem seguramente na instituição que elas representam. Os pais têm um grande papel na prevenção ao abuso de seus filhos. Não só no acompanhamento das atividades deles, mas também criando condições para que as crianças não tenham medo de falar abertamente sobre o que acontece com elas. (p.193)

Ainda que seja esse o caso, no fim desse processo de afastamento iniciado com o apoio encontrado na relação com seu irmão mais velho, é a mãe de Marcelo quem, mesmo desavisada do corte que realizava, coloca fim à relação abusiva em nome do filho que não pôde posicionar-se de forma definitiva:

Posso imaginar o desespero do maestro quando minha mãe o avisou que eu não voltaria mais. Ele achava que eu simplesmente me manteria submisso até o fim. (p.128)

Marcelo não foi capaz ele mesmo de interditar seu agressor quando adolescente, mas encontrou forças para não se manter submisso aos atos sancionados pelo pacto perverso. Ademais, mesmo quando, já adulto, confrontou o maestro referindo-se diretamente à violação sexual, foi algo extremamente difícil para ele. Essa é a realidade que a traição parece impor para muitos homens, sendo que muitos deles, mesmo ao longo de suas vidas, jamais são capazes de realizar uma confrontação. Novamente, o caso **Devin** nos serve como ilustração:

Quando Devin tinha vinte e poucos anos, seu pai foi indiciado por molestar um menino do bairro. Ele pediu a Devin para testemunhar em seu nome e Devin testemunhou, jurando no tribunal que não poderia imaginar seu pai fazendo uma coisa dessas com qualquer pessoa. O pai foi absolvido, mas Devin estava certo de que seu pai havia cometido o crime do qual foi acusado. Sentia-se terrivelmente culpado em relação ao menino cujas acusações haviam sido julgadas infundadas. "Eu fiz uma coisa terrível para ele. Não estou tão amargurado agora, mas eu me odiava pelo que eu fiz. Por que meu pai me pediu para testemunhar? Perjurei-me quando ainda era jovem e idealista em relação à lei. Desde então, eu tenho sido amargo e cínico diante de tudo". Seu pai morreu cinco anos antes de meu primeiro encontro com Devin e no seu leito de morte ele pediu desculpas a Devin pelo que ele havia feito. "Mesmo assim, eu odiava ter que falar com ele sobre isso. Me deixou desconfortável, muito envergonhado. Eu disse a ele que estava tudo bem, mesmo não estando." O pai também contou à mãe de Devin sobre o abuso antes de morrer.¹⁴

Semelhantemente, **Bruno** relata a dificuldade para interromper os abusos que iniciaram quando ele tinha 6 anos de idade e para manter um relacionamento “normal” com seu pai, um homem que se mostra completamente submisso ao imperativo de gozar:

¹⁴ Gartner, 1999, p.169.

*Às vezes me arrependo de não ter desejado denunciar meu pai. Minha prima, a primeira pessoa com quem falei sobre isso, sugeriu que eu denunciasse. Quando o meu pai percebeu que a situação estava ficando perigosa, ele disse que iria procurar ajuda, prometeu que faria tudo o que podia... Tudo parou quando eu comecei a viver por conta própria. Eu tinha 15 anos. Foi assim que tudo parou, ou quase, porque meu pai não desistiu facilmente. Ele costumava visitar-me no meu apartamento e ainda continuava tentando. A certa altura, nós estávamos vivendo bastante perto um do outro. Tínhamos as chaves um do outro em caso de emergências. Uma noite, eu ouvi um barulho. Ele estava andando nas pontas dos pés, estava no meu quarto, olhando para mim. Tive a impressão de que ele estava se masturbando. Eu saltei da cama e gritei: "o que você acha que está fazendo?", Ele murmurou alguma coisa. Eu o botei para fora. Essa foi uma das últimas vezes em que nos vimos. Ele deve ter percebido que era a gota d'água. Provavelmente estava com medo de eu contar tudo ou de que eu pudesse denunciá-lo, porque, sabe, eu estava furioso com ele.*¹⁵

Aliás, tal como Marcelo lança mão das roupas “normais”, muitos precisam de um elemento externo, concreto, que afugente o abusador e, posteriormente, até mesmo outras pessoas para que se sintam protegidos de despertar o desejo ou mostrarem-se presas fáceis de violadores. **Francis** conta sobre seu pai que:

*Quando eu usava shorts ou andava pela casa de roupão, ele dizia que eu o estava provocando sexualmente. Isso me deixava irado e eu trocava de roupa. Finalmente fiquei com tanto medo de excitá-lo que eu usava duas peças de tudo: dois pares de cuecas, dois pares de meias, duas camisas. Mesmo no verão, eu usaria várias camadas de roupa e um cinto com um cadeado. Eu também coloquei cadeados nas minhas botas – no meu Doc Martens. Dessa forma, mesmo que ele pudesse baixar minhas calças, ele não poderia tirar minhas botas.*¹⁶

Trata-se de uma clara atitude de proteção que adotou também em relação aos outros homens ao longo de sua vida como indicam ambos fragmentos abaixo:

Nos cadetes do exército, onde meu pai tinha me inscrito, eu tinha medo de ser abusado. Fixei um cadeado em um cinto colocado entre minhas roupas íntimas e minhas calças durante as

¹⁵ Dorais, 2011, p.126.

¹⁶ Dorais, 2011, p.104.

vezes em que eu estava no acampamento de cadetes. Sentia que era como um cinto de castidade.^{17 18}

*Hoje eu tenho um corte de cabelo moicano para manter as pessoas longe de mim. As pessoas têm medo. Outra coisa, meu pai odiava esse corte de cabelo. Mas eu não falo mais com o meu pai. Ele não quer falar comigo.*¹⁹

Confrontar o pai-abusador é enfrentar também as marcas do prazer, que nos meninos conta, ainda, com o símbolo incontestável da ereção e, na maioria dos casos envolvendo meninos mais velhos, da ejaculação. A sedução pelo homem amado envolve o menino em um laço perverso no qual ele se vê cúmplice da transgressão pelas evidências de que sentiu prazer, uma posição em que o menino sente ter anulado seu status de vítima e perdido seu direito de confronto. No relato do caso de **Julian**, abusado por um padre em circunstâncias muito semelhantes às relatadas por Marcelo, Gartner (1999) descreve o reencontro, anos depois dos abusos, entre vítima e violador que denuncia justamente esse emaranhado em que, habilmente, os pedófilos envolvem suas vítimas:

*Com trinta anos de idade, Julian compareceu a um funeral em seu antigo bairro e lá viu o padre Scott, que se aproximou e se apresentou à esposa de Julian. Julian ficou furioso pelo padre aproximar-se dele com tanta naturalidade e poder falar com sua mulher como se fosse simplesmente um velho amigo de Julian. Mas ele também se sentiu paralisado, querendo constranger e atacar o padre Scott, mas mal conseguiu falar com ele. O padre o puxou para um canto e sussurrou: “Você pode se sentir melhor que o resto de nós agora que deixou a cidade, mas você e eu sabemos que tudo o que tenho que fazer é esfregar sua barriguinha para você gemer como um cachorrinho!” Sentindo-se indefeso e envergonhado mais uma vez, Julian finalmente entrou em contato com toda a extensão de sua raiva por seu antigo mentor.*²⁰

Enfim, o enfrentamento expõe a realidade do prazer, a posição passiva e feminina, o pai como transgressor e tudo o que a traição lhe roubou. Afinal, o pai não apenas deixou de transmitir ao filho a virilidade, legitimando seu sexo e promovendo um lugar para “estar no mundo” enquanto homem, mas deixa marcas de gozo em seu corpo enxertando um prazer proibido,

¹⁷ “*Chastidy belt*” ou cinto de castidade é uma referência comum na língua inglesa ao utensílio utilizado a partir da idade média para impedir relações sexuais e masturbação.

¹⁸ Dorais, 2011, p. 107-108.

¹⁹ Dorais, 2011, p.108.

²⁰ Gartner, 1999, pp. 209-210.

errante e contraditório. Toda a proposta de Bleichmar em “*Paradojas de la identidad masculina*” gira em torno da posição sexuada, isto é, da função que o homem pode exercer perante o objeto de amor ao oferecer seu sexo viril. O impasse que a traição impõe nesse sentido é claramente ilustrado por este fragmento da descrição de Gartner (1999) sobre **Ramon**:

As experiências de Ramon deixaram-no confuso sobre seu valor. "Havia algo maravilhoso em saber que eu era abençoado com boa aparência e que meu corpo produzia esse líquido que era tão gostoso e poderia fazer outras pessoas muito felizes também". Ele então confessou, no entanto, que nunca sentira que ele era bom para qualquer outra coisa, que não sentia que tinha outra coisa para oferecer ao mundo além de seu corpo. "Eu sei como fazer homens e mulheres felizes na cama, mas isso é tudo o que eu sei."

*Ramon relatou uma fantasia que teve durante uma relação sexual: rastejar até o interior da vagina da mulher e "apenas ficar lá". Quando eu perguntei a ele sobre essa fantasia, ele hesitou e depois disse que imaginava renascer e ter uma segunda chance de ser inocente. "Eu nunca tive esse tempo inocente que uma criança tem." Eu disse que realmente parecia que ele tinha sido roubado de sua infância. Houve um momento de silêncio e então Ramon começou a chorar.*²¹

É notável o prazer que tem Ramon de descobrir o que seu corpo é capaz de produzir, isto é, não só o sêmen, mas o prazer que promove ao se oferecer aos outros. É como se a experiência de abuso de Ramon misturasse aspectos de dois mundos contraditórios: encontrar uma função perante objeto e uma completa falta de lugar ao exercê-la. A descoberta exuberante do seu corpo e do seu pênis como fonte de prazer a ser oferecida, em vez de propiciada por uma relação que inaugurasse esse caminho como uma possibilidade, foi concretizada através de uma violação que o obstrui impondo uma contradição entre prazer e função viril e sua identidade e função de homem. Assim, não é sem motivo que, nos fragmentos das histórias de Victor e de Devin citados acima, há um conflito enorme em gozar (no caso de Victor, o triunfo que sente por jamais ter ejaculado com o pai): não querem que o pênis paterno exerça com eles a função de prazer, de levá-los ao êxtase, nem que seu próprio pênis brinde seu pai com o prazer que pode proporcionar. Daí a vontade de adentrar o corpo da mulher e renascer:

²¹ Gartner, 1999, p. 207.

quem sabe, em outra existência, fosse possível encontrar um lugar para existir enquanto homem e, assim, também um lugar para gozar como tal?

5.1.1 A fratura da transmissão

Uma vez que a traição se mostra como a contundente subversão da legitimidade viril do menino, é desconcertante constatar não ser incomum que o ato sexual seja apresentado pelos pais a seus filhos como uma forma de transmissão, ou seja, como um meio para o pai ensinar a seu filho o *savoir-faire* do prazer de tocar seu próprio corpo e do sexo com mulheres. **Francis**, por exemplo, descreve que seu pai teve uma atitude dessa natureza em sua abordagem, mas denuncia o completo contrassenso da suposta intenção de seu pai:

*Quando comecei a levar as meninas para casa ou a receber ligações de minhas namoradas, ele se comportou estupidamente. Ele me dava sermões: não poderia segurar a mão delas ou tocá-las, quanto mais beijá-las, na frente de meu pai. Era mais fácil ir à casa delas do que levá-las para a minha. No começo, quando ele e eu estávamos transando, ele costumava me dizer: "Isto vai te ensinar como fazer: você verá, com uma mulher é ainda melhor." Mas ele estava enciumado. Ele queria me impedir de fazer amor com as meninas. Uma vez ele me disse: "Eu te proíbo fazer amor antes de você se casar." Eu disse a ele que ele não podia me dar ordens, considerando o que ele mesmo estava fazendo. Ele ficou irritado. Felizmente, alguns amigos apareceram bem na hora para me buscar, caso contrário, teria havido uma briga daquelas.*²²

O pai abusador não é pedagógico em qualquer sentido: simplesmente manipula seu discípulo roubando seu potencial de, um dia, ascender à posição de mestre. Assim, destacamos agora o aspecto transmissor da masculinidade ao deflagrar que a traição, promovendo um vazio referencial para a identidade masculina, também provoca uma fratura na transmissão intergeracional que se mostra quando alguns dos homens abusados na infância por seus pais tornam-se, eles mesmos, pais de meninos. A paternidade de meninos, em alguns casos, é o momento em que as lembranças da violação emergem na consciência, a angústia aflora mais contundentemente e em que pactos de segredo carregados por décadas são desfeitos. Afinal, como transmitir o que lhe foi negado? Mais ainda, como estabelecer uma relação de amor com o filho que não transgrida as barreiras contra o incesto que ele mesmo não conheceu? Tal

²² Dorais, 2011, p. 104.

convocação da transmissão da masculinidade traz à tona impasses até então ignorados, porque o fundamento da identidade foi colocado em xeque não só do pai abusador em relação a seu filho, mas deste em relação aos seus. O caso de **Devin** ilustra essa situação. Gartner (1999) descreve que:

Seus problemas sexuais com as mulheres, assim como o próprio abuso na infância, o fizeram se perguntar se ele era homossexual, especialmente à luz de sua excitação sexual durante os abusos. Insistiu, no entanto, que não tinha nenhum desejo erótico consciente em relação aos homens. Na verdade, ele ficava extremamente ansioso diante de qualquer tipo de abordagem vinda de um homem e tinha pavor de dizer ou fazer algo que poderia fazê-lo parecer gay ou, por conseguinte, parecer interessado em homens para qualquer coisa que fosse. Isso parecia ser uma consequência do prazer conflituoso que sentiu quando seu pai abusou dele. Também exploramos a possibilidade alternativa de ter desejos homossexuais inconscientes, relacionados ou não com o abuso, como poderia indicar sua permissão de que homens fizessem sexo oral nele nos “peep shows”²³ heterossexuais que ele frequentava. Essas preocupações em relação à homossexualidade afetaram seu relacionamento com seu filho. Embora ele alegasse não ter fantasias ou impulsos de molestar meninos, de qualquer maneira ele se preocupava que, de alguma forma, ele iria abusar de seu filho. Ele sempre se recusou a dar banho no menino e se preocupava obsessivamente se estava gastando muito tempo com ele ou olhando demais para ele.²⁴

O caso de **Gene**, que dos 8 aos 19 anos praticava regularmente sexo oral mútuo com seu pai, parece ainda mais emblemático nesse aspecto, pois o nascimento de seu primeiro filho homem é que evoca seus conflitos:

Quando seu filho nasceu, Gene começou a ter sentimentos perturbadores e descobriu que não podia deixar-se tocar o bebê, exceto de maneiras desajeitadas e complicadas. Ele se recusou a trocar as fraldas do filho ou a banhá-lo, apesar de ter feito todas aquelas coisas por seu primeiro filho, uma menina. Ele começou a sentir ondas de ansiedade, e imagens de sexo com seu pai apareciam repentinamente em sua mente em momentos inesperados. Ele mal podia falar com seu pai quando visitava seus pais e de repente ele percebeu que tinha medo de deixar seu filho na casa deles.

²³ Uma exibição de fotografias, objetos ou pessoas visualizadas através de um pequeno furo ou lupa.

²⁴ Gartner, 1999, pp. 169-170.

*As implicações de sua história indignaram Gene, e ele começou a sentir que estava se desintegrando. Os meses seguintes foram tumultuosos. Ele se fez perguntas terríveis. Por que ele permitiu o abuso? Que tipo de homem seria ele ao ter permitido tal coisa? Deveria contar à sua esposa e às suas irmãs para não deixar seus filhos com seu pai? Deveria dizer à sua mãe doente o que tinha acontecido? Deveria confrontar seu pai? Qual era o significado das imagens de interação e sexo homossexual que agora inundavam suas fantasias? Teria sua vergonha sobre o incesto e sua determinação de não deixá-lo fazer dele gay o cegado para seu desejo sexual e emocional muito real em relação aos homens? Ou seriam suas fantasias algum tipo de replicação de suas experiências de abuso? Como ele conseguiria dominar os sentimentos de raiva e desespero que o dominavam quando se permitia sentir qualquer coisa? Poderia algum dia voltar à vida confortável que ele tinha levado antes que essas questões espantosas saltassem de seu inconsciente?*²⁵

Ou ainda, sobre o caso de **Greg**:

Greg foi traído sexualmente por seu pai e por seu avô na infância, bem como por seu pastor na idade adulta. A certa altura, ele concluiu que seu desconcerto em relação à sua identidade de gênero enquanto menino poderia estar relacionado a uma confusão semelhante por parte de seu pai. Ele revelou que seu pai costumava dizer-lhe quando era pequeno: "Quando eu tinha a sua idade, eu era uma menina." No início, Greg interpretou isso como um exemplo da inautenticidade de seu pai. Mas à medida que investigamos o significado por trás das palavras do pai, ambos começamos a indagar o que significava essa fantasia. Dada a inexpressividade geral e a rigidez de seu pai, parecia impossível que ele estivesse brincando sobre a flexibilidade de seus próprios estados de gênero. Nossa exploração de sua misteriosa afirmação foi um exemplo de como múltiplas possíveis camadas de significado podem ser reveladas na análise de uma comunicação interpessoal.

Nos perguntávamos de quem teria sido essa "menina". De sua mãe? Do pai dele? Será que os pais alguma vez lhe deram permissão para ser uma menina, seja lá o que isso significasse para ele? Ou será que teve que esconder sua fantasia dos adultos em sua vida? Teria o próprio pai sido abusado? Será que se sentia como uma menina por causa de tais abusos sexuais na infância? Greg observou que quando era criança seu pai tinha agido frequentemente de maneiras "hiper-masculinas"²⁶. Por exemplo, ele costumava fazer flexões

²⁵ Gartner, 1999, pp. 12.

²⁶ No original, "Hypermasculine".

*de braço na praia e mostrar seu físico. Greg agora se perguntava se isso era uma reação contra-fóbica a uma "feminilidade"²⁷ que ele sentia dentro de si. Ele também se lembrava de que, estranhamente em sua cultura, seu pai não se importara quando Greg vestia roupas de menina quando era criança, embora mais tarde parecesse envergonhado por esse comportamento. Estaria Greg vivendo fantasias de gênero não resolvidas em lugar de seu pai?*²⁸

O processo de constituição da identidade masculina, tal qual temos sustentado ao longo deste estudo, não pode ser dissociado de seu aspecto transmissor e, por conseguinte, de sua marca transgeracional. Por sua relevância ímpar, para encerrar essa seção, faremos uma breve retomada de um caso que não é de abuso sexual para indicar como mesmo em “*Paradojas de la sexualidad masculina*”, Bleichmar destaca que a falência da transmissão coloca em xeque a futura paternidade do menino. Tratando sobre o caso de Luciano, um menino de 3 anos e meio, filho de pais belos e bem sucedidos e apresentando o que Bleichmar (2006) chama de um “transtorno precoce de gênero em vias de se coagular”, a autora se volta para o pai do menino e conta que:

El padre habla de sí mismo planteando que existe un personaje que él asume, un personaje victorioso, competente, infalible, rico, que no tiene nada que ver con su verdadera persona, y concluye: “*Me siento extremadamente infeliz y me gustaría dar una patada a todos estos éxitos y a todo lo que soy, y si bien que hoy logro dirigir mi negocio, sería importante poder hacerlo sin quedar totalmente consumido y loco.*” (p.179)

Então, remetendo as dificuldades de Luciano às gerações anteriores, Bleichmar (2006) considera que:

La historia de la masculinidad fallida, por otra parte, forma parte de los fantasmas originarios del padre: siendo su madre una mujer míticamente bella, se casó a los 16 años con un hombre mucho mayor que ella, poco inteligente y sin ningún brillo, un “perfecto castrado”, ridiculizado por su círculo social, con quien tuvo a este hijo, Pedro, hoy padre de Luciano. Cuando su niño tenía 7 años, ya divorciada, volvió a casarse con otro hombre, también mayor pero brillante profesionalmente, con quien engendró varios hijos más. Hijo de un padre biológico al que nunca respetó ni amó, Pedro consideró a su vez al marido de su madre como alguien socialmente despreciable más allá de sus éxitos económicos. No pudo entonces recibir la imagen de una figura masculina más preciada con la cual lograr algún tipo de identificación

²⁷ No original, “girlness”.

²⁸ Gartner, 1999, pp.83-84.

que lo salvara de su propia sensación abismal de ser fallido, de ser un padre que no puede transmitir a su hijo algún modelo que consolide su masculinidad. Por eso, dice, intenta darle [a Luciano] otra cosa: pasa mucho tiempo con él, lo acompaña a natación, procura transmitirle su pasión por los automóviles, e incluso lo lleva a las tiendas de juguetes para que aprenda lo que es de nene y lo que es de nena, tratando de impedir toda compra de muñecas, la mochila de Minnie, las zapatillas de Minnie y los casetes de Blancanieves. (pp.180-181)

De certa forma, seria como esse mesmo vazio com o qual se depararia o homem abusado na infância que se torna pai de um menino: a ausência de legitimidade de sua identidade recoberta por um personagem, por um roteiro a partir do qual, em alguma medida e até aquele momento, foi possível sustentar sua existência.

5.1.2 A confirmação materna

O enunciado de Bleichmar (2006) sobre a incorporação da masculinidade como parte essencial da constituição identitária descreve dois momentos, ainda que em sua obra o primeiro tenha sobre si o enfoque praticamente exclusivo. O processo fundamental à identidade masculina se desdobraria em duas partes: a incorporação anal fantasmática do pênis do adulto, “estatisticamente o pai”, e a legitimação da eficácia desse revestimento de virilidade e do valor do pênis que porta o “infantil sujeito” no olhar da mãe, complexa articulação entre a valorização da mulher do pênis do homem e de sua relação com o do filho. Ora, se já vimos que o pai é traidor de sua função nesse processo, queremos indicar que, nesse contexto, como um agravante, a mãe também pode ter falhado em cumprir o papel que lhe cabe na confirmação da virilidade de seu filho. Essa situação não se restringe ao fato de que a traição paterna atravanca a incorporação, mas pode a própria mãe atacar a virilidade de seu filho ou eximir-se de resgatá-lo, em alguma medida, desse contexto arrasador para sua identidade e lançando sobre ele um olhar legitimador. Trata-se de uma posição que remete também ao desmentido e a seu potencial nocivo atrelado ao papel que poderia ter a mãe de afirmar a potência de seu filho ou, ao menos, de não ignorar ou desqualificar o impacto des-subjetivante da posição apassivada e impotente em que é colocado.

Jimmy, de apenas 16 anos de idade, após ter denunciado o pai, conta como a recusa da mãe em atribuir importância aos abusos ou a reconhecê-lo como vítima coloca sua existência, já tão fragilizada pela violência, à beira do abismo:

Não voltei a ver meu pai. Eu não tive que testemunhar porque ele se declarou culpado. Desde então, não tenho notícias dele, só por meio de minha mãe. Meu relacionamento com ela se tornou frio por vários meses. Meu pai a colocou contra mim, e além disso ela estava brava comigo por meu envolvimento com drogas. Quanto a ela, ela quer ajudar meu pai. Ela minimiza a seriedade do que ele fez. Outro dia, ao telefone, ela me disse: "de qualquer maneira, não é como se ele tivesse abusado de 10 pessoas; Você foi o único." Ouvir isso me machucou. Como se eu tivesse sido superado pela contagem. Quando eu disse a ela o que vinha acontecendo, ela me disse que tinha suspeitado de algo sem saber exatamente do quê. Ela não sabia se deveria acreditar ou não. Quanto mais tempo se passou, menos ela acreditava em mim, por causa de meus problemas de comportamento. Eu não acho certo o que ela está fazendo. Ela me diz coisas estúpidas, tenta me culpar, me fazer acreditar que o que aconteceu é minha culpa. A última vez que conversamos, eu tive uma overdose de mescalina no dia seguinte.²⁹

Bruno, os 25 anos de idade, conta como sua mãe, casada com um homem que abusou dele dos 7 anos 14 anos de idade, de seus irmãos e de seu primo e, inclusive, procurava fazer com que os meninos tivessem relações sexuais entre si, não deu atenção à sua denúncia do que vinha acontecendo dentro de casa:

Meu pai era, na verdade, meu padrasto e eu nunca conheci meu verdadeiro pai. Ele foi embora quando eu era um bebê. Minha mãe já tinha outros dois filhos, também meninos. Eu tinha seis anos quando aconteceu pela primeira vez. Eu não sabia nada sobre sexo. Eu apenas costumava fazer o que ele me pedia. Ele era meu pai, então eu fiz o que mandou. Eu sabia que era um segredo porque ele me pediu para não falar sobre isso, mas eu pensei que estava tudo certo. Bem, mais ou menos. E ele estava fazendo a mesma coisa com meus irmãos. Quando percebi alguns anos depois que aquilo não era normal, contei para minha mãe. Ela disse que cuidaria disso. Mas ela não fez nada. Pelo menos, ela não mudou a forma de se relacionar comigo. Mesmo hoje, eu ainda tenho raiva da minha mãe. Ela morreu tempos depois.³⁰

No caso de **Paul**, 28 anos, abusado a partir dos 3, primeiro pelo pai e depois por irmãos e estranhos, o papel depreciativo da mãe em relação à identidade do filho fica ainda mais evidente:

²⁹ Dorais, 2011, p. 37.

³⁰ Dorais, 2011, p. 125.

Fui abusado desde os cinco anos de idade por membros da minha família. Não faz muito tempo que tudo parou, quando eu tinha 24 anos. Minhas primeiras lembranças remetem a quando eu tinha aproximadamente três anos. Morei em diferentes “Famílias Acolhedoras”³¹ porque minha mãe tinha problemas psicológicos e já tinha uma família grande para cuidar. Eu ainda posso ver na minha mente: posso ver a mulher que cuidava de mim na casa de acolhimento me colocando em um banho cheio de gelo quando eu molhava as calças ou quando eu era um incômodo. Minha mãe vinha me pegar às vezes, mas não era frequente e eu nunca ficava com ela por muito tempo. Eu sempre voltava para uma “Família Acolhedora”. Apesar de ser maltratado, eu gostava mais das famílias do que ficar em casa: lá havia gritos e brigas demais.

Era comum eu estar às lágrimas por causa das brigas em casa. Minha mãe costumava dizer que meninos não choram. Para me punir, ela me colocava na frente do espelho, enquanto me humilhava na frente de meus irmãos e irmãs. Ela dizia: "olha para o bebê chorão, veja como você está! Você não é sequer um homem, não é nada além de um gato medroso..." Não havia nenhuma forma de ternura em nossa casa. Ao menos não para mim. Minha mãe estava sempre mal. Ao que lhe concernia, eu jamais poderia fazer alguma coisa de bom.³²

Já o caso de **Francis** evidencia a confusão de papéis em uma família instaurada pela desconsideração do tabu do incesto e o conflito que poderia representar para a mãe o fato de que seu filho servir como seu substituto em sua suposta insuficiência em saciar sexualmente seu marido:

Uma vez perguntei ao meu pai por que ele fez isso comigo. Ele respondeu: "Eu já lhe disse. É porque você tem a pele macia. É mais forte do que eu. E, além disso, sua mãe não me dá sexo o suficiente." Falei com minha mãe sobre isso. Ela não me levou a sério, mas disse: "Certo, então eu vou dar mais sexo a ele." Ela nunca falou sobre isso novamente. Isso causou algo em mim. Lá estava minha mãe, que deveria me proteger, fazendo absolutamente nada em relação a isso. A partir daí, comecei a usar drogas.³³

E, após a prisão do pai:

³¹ No original “Foster Homes”, famílias que acolhem crianças temporariamente e de forma regularizada, sem realizar um processo de adoção.

³² Dorais, 2011, p. 130.

³³ Dorais, 2011, p. 103.

*Quanto à minha mãe e eu, conversamos um pouco, mas não sobre o abuso. Ela toma o lado do meu pai. Ela não quer que seu casamento acabe. Ela não pode encarar a verdade. Meu pai é um cara normal aos seus olhos e é assim que a maioria das pessoas o vê. Ele não é capaz de admitir para si mesmo o que ele fez. Se ele admitisse para mim, ou mesmo apenas para si mesmo, eu estaria pronto para perdôá-lo. Eu ainda não sei por que ele fez isso. Eu realmente não sei, mas eu suspeito que ele tenha sido abusado quando era criança.*³⁴

Essas histórias ilustram a amplitude do impacto do desmentido nos casos de abuso sexual assim como a importância da confirmação ou da negação materna na determinação da estabilidade psíquica dos meninos traídos, possivelmente por ter implicações diretas sobre o reforço dos contornos identitários ou sobre o ataque de suas fronteiras. O golpe que se soma à fragilidade deixada pelo abuso será mais um fator a convocar defesas que erijam barreiras verticais que protejam o menino dessa realidade insuportável e profundamente ameaçadora.

5.2 Cisões e “experiências extracorpóreas”: “Rosas amarelas ao meu redor”

Em “Sem medo de falar”, Marcelo apresenta um acontecimento como um verdadeiro divisor de águas em sua vida. A passagem do homem que “transbordava com facilidade”, “velho ranzinza”, que “vivía dando ferroadas”, inconstante com sua esposa e afastado dos amigos e familiares para o homem que decide, enfim, enfrentar os fantasmas de seu abuso que alimentavam essa existência desassossegada deve-se, segundo ele, a uma experiência iluminadora de ter deixado seu próprio corpo.

Para entender melhor a minha história, é preciso falar de minhas origens e recordar minhas duas infâncias. A primeira, feita de inocência, alegrias e camaradagem. Essa infância terminou quando conheci outra realidade, feita de tirania, dissimulação, arrogância e abuso de poder. A infância de um abusado. Só me libertei dessa segunda infância, que eu trazia muda dentro de mim, por dois motivos. Primeiro, pelo fato de ter passado por uma experiência extraordinária, a de sentir meu corpo sair de mim. Segundo, pelo medo de perder o amor de minha mulher. (p.71)

A velha cisão entre um “antes” e um “depois” do abuso sexual será fundamental para entendermos a força dessa vivência que, por sua vez, também desenha uma linha divisória entre dois tempos na vida de Marcelo. O fato de atribuir a esse acontecimento uma

³⁴ Dorais, 2011, p. 108.

importância única deflagra como essa experiência, que em sua descrição parece mais um sonho com uma qualidade muito real, é um momento de enfrentar as partes clivadas dele mesmo que, por sua carga intensa, ganham um status semelhante ao de uma “revelação”. Essa experiência descrita por Marcelo ganhou ainda mais relevância porque está presente em outros casos de abuso – talvez, como um descentramento do Eu característico daqueles que foram submetidos a abusos crônicos – como no caso de Patrick descrito por Gartner (1999), também intimamente associado ao processo de clivagem. Assim, atentemos para os efeitos das cisões e daquilo que, segundo eles, corresponde à experiência de deixar o próprio corpo.

Esperando o ceticismo de seus leitores, Marcelo começa seu relato com uma advertência:

Sei que muitas pessoas não levarão a sério o que vou relatar a seguir. Sei que muitos se manterão incrédulos, incapazes de se livrar de seus preconceitos com relação às experiências que não sabem nomear. Sei que corro o risco de ter toda a minha história de vida desacreditada por pessoas que se recusam a aceitar experiências extraordinárias. Mas não tenho como fazer de outra maneira. Propus-me a contar toda a verdade sobre o abuso sexual que sofri na infância e sobre o processo que me levou a romper o silêncio que me sufocava. Dispus-me a correr todos os riscos advindos dessa busca pela verdade e de sua revelação. E a vontade de revelar tudo nasceu, entre outras coisas, da força de uma experiência extraordinária, a de sair de meu próprio corpo. Precisei exilar-me inteiramente de mim para voltar a me encontrar comigo mesmo, libertando-me de um passado opressivo. Entretanto, concordo que seja intrigante que uma coisa dessas aconteça com um homem totalmente voltado para o lado material e prático da existência.

Deitei-me para dormir. De repente, me vi com um amigo, na caminhonete dele, descendo uma rua conhecida. Era tudo muito real. Estacionamos o veículo, descemos e começamos a caminhar. Eu o acompanhava a algum lugar que não consigo precisar qual era. Um grupo de pessoas começou a nos seguir. Ficamos com medo de ser assaltados. Saímos em caminhada rápida, em fuga, subimos uma ladeira. Lá em cima tinha um ponto de ônibus. Conseguimos entrar em um que chegava ao local, com as portas abertas, naquele exato instante. O ônibus arrancou com presteza. Escapamos. Era um ônibus articulado. Ficamos de pé, perto do eixo de articulação. Precisávamos nos segurar para agüentar os solavancos do veículo, que andava em alta velocidade. A rapidez, os sacolejos e os movimentos bruscos do ônibus ficavam cada vez mais perigosos. Busquei um banco vazio para me sentar. Quando consegui, notei que tinha me perdido de meu amigo. Estranhei e fiquei preocupado. Lembrei-me de que

estava dormindo e de que aquilo não passava de um sonho, mas não consegui acordar. (pp. 77-78)

Sem nos deter demasiadamente na análise desse sonho, queremos indicar, a cada fragmento em que se mostre relevante, os elementos associativos claros de seu conteúdo com a narrativa de Marcelo em outros momentos do livro. O ônibus, por exemplo, é um elemento bastante significativo, especialmente nesse contexto de uma suposta proteção do perigo externo, do roubo, mas que se mostra um ambiente inseguro, desgovernado – mesmo sendo “articulado” (a importância desse significante que reserva um significado dúbio não deve ser ignorada). Vejamos como os ônibus, meio de transporte durante as turnês do coral, abrigaram movimentos emocionais extremamente bruscos e conflituosos para Marcelo:

Algo diferente aconteceu nessa turnê. Eu não conseguia dormir no ônibus, nem mesmo quando ele passava a noite inteira na estrada. Até hoje não sei explicar se o que me inquietava era o medo de ser surpreendido pelos beijos do maestro ou o desejo de receber esses beijos. Isso me deixou muito nervoso e me afastou, definitivamente, dos outros meninos. (p.104)

Retomando o relato da vivência:

Sentado ao meu lado estava um garoto que apresentava ter por volta de quinze anos. Perguntei se ele sabia onde estávamos. Ele não respondeu. Contei que me deitei para dormir e que não conseguia mais acordar. Ele não disse nada. Foi quando tive certeza de que tinha saído do meu corpo. Perguntei se podia ficar perto dele. Ele acenou que sim. Quando se levantou e acenou ao motorista que iria descer, me levantei rapidamente e fui atrás dele. A cerca de cem metros do lugar onde saltamos do ônibus, podia-se ver a casinha onde ele morava. Era cercada de verde. Disse novamente que eu não sabia onde estava e perguntei se podia ir com ele. Ele assentiu. (pp.78-79)

A conclusão de que havia deixado seu próprio corpo é abrupta e não deixa claro qual seria o elemento que o levou a essa constatação. No entanto, supomos que a conclusão de Marcelo deve-se ao encontro com partes clivadas de si mesmo, a força do contato com alteridades escondidas deflagraram, a seu ver, o fato de que, parafraseando suas palavras já citadas, *exilou-se de si para voltar a encontrar consigo mesmo*. A contundência desse encontro é que o teria levado a constatar não se tratar de apenas um sonho. Marcelo começa a se aproximar

do menino que foi, o menino sem voz e com uma idade próxima a que ele tinha quando os abusos se tornaram diários e, também, de quando chegaram ao fim. Ele continua:

A casa era simples, dessas do interior do Brasil. A porta da frente estava aberta. Via-se a sala, com uma pequena mesa e duas cadeiras. Sentamo-nos. A mãe dele nos trouxe café. Expliquei a ela que eu estava perdido, que a única coisa de que me lembrava era de ter me deitado para dormir. Perguntei a ela em que ano estávamos, tinha a sensação de que estava fora de minha época, talvez num tempo futuro. Ela não soube dizer. Enquanto conversávamos, notei que a cadeira onde estávamos sentados era de papelão dobrado. Dali a pouco, a cadeira se desmanchou e eu caí. Mas não caí no chão: caí num buraco grande, muito grande, como se fosse um redemoinho de luz. Uma queda longa, em câmara lenta. (p.80)

A confusão temporal, provavelmente a marca deixada por tantas cisões, fica evidente ao longo da narrativa do livro de Marcelo. Não apenas porque ele não sabe precisar sua idade em algumas situações relatadas, mas pela própria estrutura textual. Ao longo dos capítulos, o leitor se vê imerso em um vai-e-vem constante e abrupto entre a infância e a vida adulta, entre o Marcelo de antes e o de depois da suposta experiência extracorpórea, um ritmo desgovernado que, acreditamos, não é resultado de uma possível dificuldade de escrita do autor, mas a expressão, na própria organização da narrativa, da confusão temporal deixada pelo trauma. Agora que as partes de si mesmo se chocavam nessa única experiência, a confusão temporal é acentuada e ele se vê completamente desorientado.

Além disso, devemos esclarecer que o conteúdo desse fragmento remete a um contexto familiar, a uma cena da infância de Marcelo com a qual ele parece se regozijar e que representa o aconchego familiar, a segurança da casa de sua avó:

A história começa quando eu, ainda menino, comecei a cantar no coral da cidade onde morava com meus pais e meus seis irmãos. Nela vivia também quase toda minha família paterna: meus avós, vários tios, muitos primos. Minha avó tinha uma casa gostosa e aconchegante no centro da cidade. A qualquer hora do dia, a mesa da cozinha estava posta, com café fresco, biscoitinhos de polvilho, biscoito doce frito açúcarado, queijo meia cura e canudinhos de doce de leite. À tarde, era possível encontrar tios e primos se deliciando com os quitutes. Meu pai e alguns de meus tios aproveitavam a hora do café para dar uma fugidinha do trabalho e ir ao encontro de minha avó. (p.10-11)

O contexto da mesa posta, do afeto e do acolhimento maternal, contrasta com o fato de ser o lugar onde o buraco negro se abre e o suga, reforçando a hipótese já apresentada acima de que Marcelo culpe, em alguma medida, a desatenção de seus pais diante da violência que ele sofria. O relato continua:

De repente, eu estava caindo dentro de um quarto. Esforcei-me para não aterrissar sobre duas crianças que estavam brincando. O quarto estava com a porta fechada, não tinha janelas, era bastante colorido e cheio de brinquedos. Havia um guarda-roupa que ficava na parede em frente à porta. Sentei no chão e brinquei com as crianças. Depois de um tempo, sempre consciente de que estava em um lugar estranho e de que precisava sair dali, levantei-me sorrateiramente e fui até a porta. Abri, saí e fechei-a atrás de mim. (p.80)

Marcelo não menciona o sexo das crianças, se eram meninos, meninas ou um casal. Esse contexto de indiferenciação parece remeter à sua posição infantil em um claustro que não parece opressor, mas seguro para ele. Ele estava protegido antes de sua saída pela porta desse cômodo sem janelas, do ingresso no coral que se tornou sua nova casa e onde, tempos depois, a sexuação foi convocada e, também, colocada em xeque. Destaco também o guarda-roupa devido à importância de seu irmão para trazê-lo de volta ao “mundo real”, ao contexto familiar e ao lugar em que antes estivera seguro. Nesse processo, já ressaltai como as roupas representaram o “revestimento” e a transmissão de experiência do irmão, envoltórios fundamentais para Marcelo resistir à posição apassivada em que o colocava o maestro. Portanto, é notável que descreva que, na parede *oposta* à porta que o leva para fora desse contexto infantil protegido, há um guarda-roupa. Vejo nisso, mais uma vez, o indicativo das vestimentas como elemento afirmativo e de resistência em relação ao mundo que, como veremos a seguir, estaria do outro lado daquela porta.

Do outro lado, tudo era muito escuro, mas pude notar pelo cheiro que estava em uma construção bem antiga. Ao caminhar, percebi que o chão era de pedras recortadas. Fui andando em direção ao único foco de luz que conseguia vislumbrar naquela penumbra. À medida que caminhava e me acostumava com a escuridão, passei por grupos de pessoas bebendo, sentadas em torno de algumas mesas. Além de escuro, aquele lugar não cheirava bem. Fiquei com receio de perguntar àquelas pessoas onde eu estava. Continuei a caminhar. De repente veio em minha direção uma pessoa vestida com um manto preto e me pediu para segui-la. Caminhamos para o foco de luz, que ia aumentando. Quando chegamos ao ambiente iluminado, vi uma grande mesa rodeada por homens encapuzados. Da mesa emanava uma

luz muito forte, mas não uma luz quente, acolhedora: era uma luz assustadora. Um dos encapuzados me disse que eles estavam a minha espera. Era tudo muito real. Comecei a pensar que talvez eu tivesse morrido. Foi então que respondi, determinado, que não queria ficar ali e que eles não estavam me esperando. Sai correndo na direção contrária, passando novamente por aquelas mesas onde pessoas bebiam, entrando em corredores escuros, até chegar a uma porta. (pp.80-81)

Os elementos desse mundo ao qual Marcelo é levado são claramente observáveis no seguinte trecho em que descreve a primeira vez em que esteve no prédio do coral:

O exame de seleção para o coral aconteceu num salão no andar de cima de um prédio antigo, de propriedade da Igreja Católica. O chão era de tacos de madeira. Havia grandes janelas, que se abriam em duas folhas, e um banheiro. Tudo estava bem envelhecido. Uma construção antiga, malconservada e pouco usada. No térreo ficava a residência do homem de preto. (p.23)

Além disso, o contraste esperado entre a escuridão e a decadência do lugar com a luz intensa que Marcelo lá encontra dilui-se em harmonia, uma vez que a luz não cumpre seu papel esperado e também é assustadora. Nessa descrição, vemos como a figurabilidade constrói essa imagem psíquica do gozo provocado pelos abusos do maestro: uma intensidade de excitação que não pode ser acolhedora como prometido pelas palavras de afeto, apenas um efeito aterrorizante que, em vez de iluminar, não lhe permite ver. Marcelo, então, prossegue em direção ao fim de seu relato:

Abri a porta e me deparei com um lugar lindo, uma rua tranquila, com casinhas de cores vivas, numeradas e limpas. O dia estava ensolarado e o céu, muito azul. Fui andando e olhando as casas, imaginando onde eu estaria e em que ano tudo aquilo ocorria. Foi quando notei que alguém entrava em uma das casas. Corri até lá, abri a porta e fui entrando. Havia uma sala pequena, sem móveis, com uma escada. Diante de mim estava uma menina loira, de uns dez ou onze anos, com um vestidinho azul. Perguntei onde estava e em que ano estávamos. Ela responde que estávamos em 2016. Em seguida, a menina me chamou pelo meu apelido. Olhei para ela surpreso. Finalmente, eu encontrava alguém que me conhecia.

Nesse momento, comecei a me sentir sugado por meu próprio corpo, deitado em minha cama. Senti uma dor terrível, um grande incômodo. Senti que estava voltando a minha matéria.

Agora eu sabia que estar lá não era definitivo, que haveria a volta. E diante da possibilidade de voltar, fui surpreendido pelo desejo de continuar por mais algum tempo naquele lugar e naquele tempo futuro desconhecidos. Queria descobrir por que fui parar lá e o que tudo aquilo representava. Mas abri os olhos e estava no meu quarto. Fechei os olhos novamente, tentando voltar àquele local, mas era impossível, estava totalmente desperto. Queria voltar àquela viagem que me trouxe muitas dúvidas e inquietações. Não desconfiava, contudo, das grandes mudanças que estavam para acontecer. (pp.80-81)

O encontro que conclui essa vivência não é fortuito: “Finalmente, eu encontrava alguém que me conhecia” é a surpresa do reconhecimento e de familiaridade com uma parte de si por muito tempo incisivamente rechaçada por causa do trauma. O encontro com o garoto mudo no ônibus, com o menino abusado que ele foi, é tão forte que lhe dá a certeza de haver deixado seu corpo; o encontro com as crianças “assexuadas” é o momento decisivo entre o “antes” e o “depois”, entre a sexualidade polimorfa da infância e a imposição de uma posição sexuada vazia em relação à sua constituição identitária; por fim, o encontro com a menina que o conhece por seu apelido, descrita analogamente à como Marcelo se descreve quando criança no início do livro “*Eu tinha cabelos bem loiros e olhos verde-azulados como os de meu pai*”, é o que o “suga” de volta para seu corpo. Não poderia deixar de reconhecer nesse fechamento o encontro com sua feminilidade tão “familiar”, com o paradoxo avivado pela violação que o habita, no qual se enraizava seu tormento de existir. Enfim, nesse acontecimento, muito daquilo que era incompatível com a afirmação de sua identidade e que as cisões procuravam arduamente conter em barreiras verticais no psiquismo pode, em alguma medida, ser integrado.

A força desse encontro parcial entre partes antes isoladas marcou uma nova atitude de Marcelo em relação ao seu abuso e, por conseguinte, a como levaria sua vida dali em diante, culminando, dentre várias atitudes, na denúncia do maestro e em um confronto pelo telefone. Após a ligação, ele descreve como o contato com partes antes escondidas de si mesmo mobiliza seus afetos e seu corpo, mas que, antes, suprimidas, ameaçavam sua existência pouco a pouco:

Desliguei o telefone e mais uma vez não consegui conter uma onda de tremores que tomava conta do meu corpo. Naquele momento entendi a necessidade de falar do meu problema, de tirar de dentro de mim tudo o que foi guardado por tempo demasiado. E soube que, embora escondida, essa dor sempre esteve latente, alterando meus batimentos cardíacos, modificando

minhas células, entupindo minhas veias, embrulhando meu estômago, transformando minha bÍlis em fel. (p.147)

O encontro com partes dissociadas de si mesmo personificadas em uma criança interior pode ser elucidado muito bem no caso de **Patrick**, abusado pelo pai a partir dos 2 ou 3 anos de idade, um exemplo do uso maciço de clivagens descrito por Gartner (1999). Também nesse caso, uma espécie de experiência extracorpórea parece justificar-se pelas cisões psíquicas que produzem espaços outros no psiquismo em que o sujeito possa refugiar-se do insuportável provocado pelo trauma, refugiar-se de si mesmo.

Eu vivenciei a criança aterrorizada e traumatizada em Patrick quando ele começou a recordar fragmentos de seu dissociado abuso na infância por seu pai. A linguagem que ele usou foi a de uma criança em idade pré-escolar. Ele falou sobre o "monstro" entrando em seu quarto à noite, muito antes de ele ligar a presença desse monstro a qualquer pessoa ou evento em particular. Em outro momento, ele começou a chorar enquanto dizia que não queria tirar seu pijama. As palavras que ele usou foram as de uma criança muito pequena, palavras simples de uma ou duas sílabas, muitas vezes sem formar frases completas.

As defesas dissociativas de Patrick foram o veículo por meio do qual ele começou a se lembrar de seu abuso. Suas primeiras lembranças sobre as violações não pareciam ter qualquer relação com abusos, mas enfocavam "rosas amarelas ao meu redor". Ele estava bastante ansioso ao descrever as rosas, mas não conseguiu explicar a razão de seu pânico. Ele e eu estávamos ambos confusos sobre por que ele estava assustado com a imagem intermitente dessas rosas amarelas, uma imagem que foi recorrente durante muitas semanas. Ele finalmente lembrou que as rosas pareciam com a estampa que correspondia ao papel de parede da sala da casa onde ele viveu quando criança, a sala onde alguns dos primeiros abusos tinham ocorrido. Levou tempo até compreendermos que ele se concentrava no papel de parede que enquanto estava sendo abusado como um meio de auto-hipnose para "não estar no meu corpo" e, assim, não experimentar o abuso. Em outras palavras, essa era sua maneira de dissociar sua experiência de abuso da forma como ela ocorreu. Ao fazê-lo, ele aprendeu as técnicas auto-hipnóticas que mais tarde usou maciçamente.

Com o tempo, Patrick foi inundado por lembranças fragmentadas do abuso por seu pai. Ao descrever esses incidentes, Patrick falava em uma voz melodiosa, infantil, falando de si mesmo na terceira pessoa como "o menininho loiro de pijama". Era como se Patrick estivesse

no teto, observando uma criança sendo abusada, muito como Hopkins descreve na passagem sobre seu abuso materno citado acima ["Deve haver uma forma de trauma que produza o que só pode ser descrito como uma experiência fora do corpo, um trauma tão maciço que alguém é forçado a preservar-se, a ver o que está acontecendo em torno de si como se, descolado, fosse um espectador... Eu parecia experimentar tudo isso como se eu estivesse de alguma forma fora e, ao mesmo tempo, dentro de mim, como se eu estivesse vendo tudo de uma distância de dois ou três pés acima do meu corpo, mas também como experimentando o que estava acontecendo dentro de mim"]. Esta parecia ser uma demonstração posterior de como as defesas dissociativas adultas de Patrick tiveram início. Essas defesas dissociativas eram formidáveis em seu caso, tão formidáveis que tinham mantido Patrick amnésico sobre seu abuso sexual ao longo de sua vida. De fato, parece-me provável que a habilidade de dissociar suas experiências salvou Patrick]da psicose e o capacitou a desenvolver-se psicologicamente sem precisar, por exemplo, de um sistema delirante para lidar com o abuso. Em vez disso, Patrick desenvolveu defesas dissociativas rígidas e sufocantes que lhe permitiram manter uma amnésia que continuou ao longo de várias psicoterapias significativas para ele. Essa amnésia recuou apenas no contexto de uma intensa relação psicanalítica comigo.

*Mas a dissociação nem sempre funcionou completamente, como testemunha seus terrores noturnos recorrentes de um estranho invadir seu quarto enquanto ele dormia. Nesse caso, o perigo era sinalizado pelo "simples" ato de ir dormir à noite. Ir para a cama, em sua experiência inicial, significava que um "monstro" poderia muito bem entrar em seu quarto escuro e molestá-lo. Às vezes, ele podia afastar sua ansiedade quanto a isso. Em outros momentos, a ansiedade irrompia e ele experimentava um terror semelhante ao que deve ter sentido quando era pequeno. Nesse estado, ele não conseguia dormir, e constantemente conferia as fechaduras em suas portas e janelas para assegurar-se de que estava seguro.*³⁵

A incisão de cortes psíquicos que produzem realidades paralelas em moldes tão impressionantes não se deve apenas ao sujeito em sua individualidade, isto é, à tentativa de preservar quem ele é. Afirmando mais uma vez o fundamento transmissor da masculinidade, o abuso paterno-filial, destacando a dimensão relacional, convoca clivagens que venham também preservar a imagem do pai como uma forma de também se proteger. Vejamos, então, histórias que nos apresentam essa realidade.

³⁵ Gartner, 1999, pp.158-160.

5.3 Identificação com o agressor e repetição: “A defesa dele era a minha própria defesa”

O efeito das clivagens como uma forma de lidar com uma realidade insuportável e irrepresentável tal qual a de um pai abusador pode levar a um processo identificatório em que o menino toma sobre si a culpa de seu pai-agressor como uma forma de preservá-lo em alguma medida e de, também, incorporar o pai de alguma forma já que a incorporação “normal” da masculinidade foi subvertida. Gartner (1999) descreve como **Devin** lança mão de um paralelismo entre realidades para lidar com sua admiração por seu pai apesar do fato de que abusava dele:

*Devin descreveu seu pai como brilhante, um atleta talentoso a quem Devin adorava. "Todos o amavam - eu sempre senti que ele era um bom pai - eu nunca pensei sobre as outras coisas. Era como se uma outra pessoa fizesse aquelas coisas sujas à noite".*³⁶

Vemos uma situação semelhante no relato de **Pascal**, 17 anos, abusado quando tinha cerca de 7 anos de idade por um amigo da família que demonstrou um interesse particularizado nele e a quem Pascal passou a considerar como o pai que nunca teve:

*Eu o amava, eu ainda amo apesar de tudo, eu acho. Eu não o vejo mais, mas ouvi falar dele indiretamente. Eu não sei se ele faz a mesma coisa com outros. Tenho a impressão de que foi só comigo que ele cometeu esse erro. Em todo caso, eu o amava demais para denunciá-lo. Ele provavelmente sabe disso. Receava que ele fosse rejeitado por toda a família, que ninguém falasse com ele e que fosse para a prisão. Foi por isso que eu não contei. Na escola, quando eles estavam nos alertando sobre estranhos, sobre pedófilos, eu disse que queria ir ao banheiro e deixar a sala de aula: eu não queria ouvir sobre essas coisas. De qualquer maneira não é verdade: não foi um estranho que abusou de mim, era alguém que eu conhecia. Ele era meu amigo, alguém com quem me sentia bem.*³⁷

Hoje eu sinto que estou tentando enterrar o passado. Digo a mim mesmo que isso aconteceu porque eu era muito pequeno. Eu tive aulas de karatê, muitos esportes. Eu me tornei bastante forte. Eu fugiria se ele tentasse novamente. Talvez eu também batesse nele. Mas eu não o denunciaria. Não. Nesse caso, não mudaria de idéia porque ele não era tão mau. Se eu o

³⁶ Dorais, 2011, p. 168.

³⁷ Dorais, 2011, pp. 11-12.

*visse novamente hoje, eu só o levaria para tomar uma cerveja e gostaria de lhe fazer algumas perguntas. Gostaria de perguntar-lhe o que diabos passou em sua cabeça quando ele fez isso comigo. Seria porque aconteceu com ele quando ele era pequeno?*³⁸

Alargar o vazio identificatório deixado pela traição ao também esvaziar todo o valor atrelado à imagem paterna pode ser fatal para o menino que, em algum nível, necessita das bordas sustentadas pela imago paterna. Por isso é que, muitas vezes, a situação que o menino abusado precisa enfrentar pode apresentar a identificação com o agressor como uma única saída viável. Esse abismo identitário a ser, de algum modo, preenchido, fica bastante claro no depoimento do **Jimmy**:

Eu mesmo tenho dificuldade para entender quem eu sou. Me tornei intolerante e choroso; tenho uma personalidade instável. Me percebo bastante isolado. Usar drogas não ajudou. Digo a mim mesmo que me tornei como meu pai. Isso me desmotiva bastante.

Depois que fui enviado para o abrigo, decidi revelar meu incesto para eu mesmo não me tornar um perpetrador. Acabei indo para lá porque eu estava roubando de lojas. Estava fazendo isso pelo risco, pelo desafio, pela mistura de medo e prazer. Um dia no abrigo, eu chutei o pau da barraca. Decidi levar meu pai ao tribunal por causa do que ele havia feito. Eu estava hesitante, mas meu assistente social me incentivou e arranhou um encontro com um advogado. Eu disse a mim mesmo que seria bom para mim e ajudaria o meu pai também. Fiz uma declaração contando tudo. Prenderam meu pai. Ele admitiu. Hoje está em liberdade condicional.

Quanto mais tempo isso leva, mais deprimido eu fico. Quem sou eu? Eu não sei. Eu também não sei por que isso aconteceu. Se meu pai não tivesse abusado de mim eu não estaria aqui, em um abrigo. Eu estaria em casa, eu estaria bem. Basicamente, todos os problemas que eu tive são devido a ele, ao que ele fez. Eu não aceito isso. Perdi minha infância por causa dele. Agora estou perdendo minha adolescência. Vou perder toda a minha vida assim? Eu poderia muito bem acabar logo com isso de uma vez.

A pior coisa para um cara que foi abusado é a confusão misturada com o medo do que vai acontecer; isso além do desânimo e da baixa moral. Até seu raciocínio não é mais o que

³⁸ Dorais, 2011, pp. 14.

deveria ser. Às vezes eu não entendo o que as pessoas estão tentando me dizer, eu não entendo o que a pessoa está fazendo...

Eu banco uma imagem durona. As pessoas pensam que eu sou durão, mas eu estou apenas fazendo um papel, como em uma peça. Eu me identifico bastante com o Jim Morrison de The Doors. Eu adoraria fazer música e escrever como ele. O negócio é que eu terei que ser eu mesmo. Mas é como se eu já não tivesse uma identidade, teria que colar uma, por assim dizer. Eu tenho, sim, uma identidade inventada, mas é apenas um papel que eu interpreto. É difícil para meninos como eu descobrir quem eles realmente são. Eu me identifico com Jim Morrison porque eu senti que ele passou pela mesma coisa que eu. Seu comportamento, seus problemas com seu pai, e sua mãe também, me faz pensar em alguém que sofreu incesto. Ele se voltou para dentro de si mesmo, e escreveu, como eu faço. Nós temos muito em comum. Ela tinha uma imagem: “The Lizard King”. Quanto a mim, eu carrego a imagem de uma imagem.³⁹

Além disso, a própria narrativa de Marcelo indica que ele reconhece os efeitos da identificação com o agressor em sua vida:

Hoje, após ter refletido e pensado bastante sobre o que ocorreu comigo, sei que sofri um abuso não apenas sexual. O abuso moral e psicológico deixaram sequelas tão profundas quanto as do assédio sexual. Nos anos em que os adolescentes estão construindo seu rol de valores e descobrindo as diferenças, eu tinha uma formação direcionada por um único mestre, com quem, além de tudo, convivia em tempo integral. Com ele, aprendi que a violência é o método mais efetivo para a educação das crianças, que a delação é uma forma de fidelidade, que a discriminação social é um valor a ser cultivado, que os negros devem ser desprezados. Sob esses valores tão deturpados minha personalidade foi se consolidando. Eu acuso o maestro não só de ter violado a minha integridade sexual, mas também de ter me submetido a uma educação baseada em princípios éticos e morais nefastos. (p.126)

Marcelo declara ainda sobre o relacionamento com sua esposa que:

Para vivermos juntos, eu precisava parar de retransmitir o mal que havia em mim. Quando namoramos pela primeira vez, eu reproduzia preconceitos, a brutalidade, a soberba, o comportamento egocêntrico do maestro, os efeitos da violência psicológica e moral que havia

³⁹ Dorais, 2011, pp. 36,37 e 38.

sofrido, da solidão, da vergonha e da culpa. Foi com grande parte desse repertório negativo que eu havia retribuído o amor, o carinho e a doçura que ela me ofereceu. Por mais que me amasse, ela não conseguia conviver com meu temperamento e com algumas das minhas ideias. (p.133)

Talvez, por ter a compreensão desse efeito identificatório, Marcelo não se mostre indignado quando, em sua busca obstinada por denunciar o maestro e impedir que ele repita com outros o que fez com ele e o que descobriu ter feito com outros garotos, um antigo aluno do maestro se posiciona a favor de seu agressor:

Não condeno a defesa que o flautista fez do maestro, também já fiz isso. Naqueles tempos de coral, a defesa do maestro era a minha própria defesa. Era como eu protegia a minha imagem, meu sentimento, minha identidade, minha vergonha. (p.175)

Por fim, a identificação com o agressor enquanto repetição do abuso se mostra claramente na subversão que o abuso inseriu no seio familiar de **Paul**. Seus irmãos, provavelmente também abusados pelo pai, começam a abusar dele e das irmãs, sendo que, até a vida adulta, mantêm-se relações fraternas incestuosas e ele mesmo, Paul, abusa de crianças. Vejamos um trecho de seu depoimento que descreve sua família subjugada pela repetição degradante da violência que o pai nela introduziu:

Um dia, quando tínhamos visitas em casa, tive que dormir no sofá da sala de estar e deixar outra pessoa ficar com a minha cama. Foi quando tudo começou. Eu estava dormindo de barriga para baixo, só de cueca. Meio adormecido, senti alguém vir atrás de mim, puxar minha cueca e penetrar meu reto. Eu estava com tanto medo que não ousei me virar. Eu podia ouvir sua respiração pesada, sentir seu hálito, mas não podia vê-lo. Eu acredito que era meu pai porque eu sabia qual era seu cheiro, quão grande ele era. Eu não tinha idéia do que fazer, do que dizer. Doía por toda parte. Eu estava sangrando pelo reto. No dia seguinte, fiquei na cama, não pude parar de berrar. Por muito tempo depois disso, sempre que ficava nervoso, eu sujava as minhas calças. Foi o que me aconteceu no dia seguinte, quando de repente fiquei com medo de que ele começasse de novo. Talvez fosse um problema físico por causa do reto dilatado, talvez fosse psicológico. Eu não sei, mas eu tive esse problema por anos. Eu estava duplamente traumatizado: primeiro, pelo abuso e, depois, por não ser capaz de controlar meus movimentos intestinais quando estava sob estresse.

No dia em que fui estuprado, perdi algo que nunca recuperei. Nunca me senti feliz; Nunca sinto que sou normal. Há algo faltando: não tenho nenhum propósito na vida e não tenho alegria em viver. Tornei-me rebelde com todos. E eu desse jeito permaneci.

Logo depois, meus irmãos também começaram a abusar de mim. Eu tinha cerca de seis ou sete anos. Eram adolescentes. Num determinado momento, um deles me levou para a mata. Ele estava fazendo um desenho e queria me desenhar nu. Ele me sentou numa rocha, nas montanhas. Não estávamos longe de casa. Eu não sabia o que estava acontecendo quando ele me acariciou, mas de alguma forma eu fiquei satisfeito por ter um pouco de sua atenção. Nesse momento, eu não tinha idéia do que era normal e do que não era normal. Mas ele não era violento. Descobri meu próprio corpo e o dele também. Algum tempo depois, ele começou novamente. Ele foi legal comigo até que eu me recusei a ir mais longe. Ele estava me pedindo para lambar seu pênis, depois seu reto. Eu estava enojado. Tentei resistir a ele, mas não tive escolha.

Um dia, quando meus pais não estavam em casa, ouvi uma das minhas irmãs gritar. Meu irmão estava no banheiro tentando penetrá-la. Ela tinha 10 anos de idade. Decidi contar a minha mãe sobre isso, denunciar meu irmão. Minha irmã não queria deixar. Minha mãe a levou para ver o médico e ele disse que ela ainda era virgem. Todos me tomaram como tolo, como mentiroso. Meu irmão ficou muito bravo comigo. Para me punir, ele exigiu que eu fizesse mais vezes com ele ou então ele estupraria minha irmã.

Pouco depois de tudo isso, notei, durante a noite, que meus irmãos de 16 e 17 anos estavam atraindo silenciosamente minhas irmãs para os banheiros. Eu sabia o que estava acontecendo. Eu estava traumatizado e disse a mim mesmo que era melhor me sacrificar para salvar as minhas irmãs.

O que meus irmãos me pediam para fazer era nojento. Eu não sei de onde eles tiraram essas ideias. Um deles urinou na minha cara. Outra vez, ele defecou em mim. Ele estava rindo, achou divertido. Eu estava chorando e fugi deles. Um pouco depois minha irmã mais velha pediu-me para transar com ela. Ela ficava rindo de mim porque eu ainda não tinha ereções. Ela disse que eu tinha um pênis pequeno. Eu me senti desconcertado. É difícil para mim, ser humilhado.

Eu fugi de casa. Na primeira vez, eu tinha oito anos. Eu estava andando sozinho ao longo da rodovia. Alguns policiais me prenderam e me trancaram na delegacia porque eu me recusei a dar-lhes meu nome ou dizer para onde estava indo, por medo de ser devolvido aos meus pais. Alguém da comunidade me reconheceu. Eles me levaram para casa. Meu pai bateu em mim. Mas eu fugi novamente na primeira oportunidade. Me sentia como um prisioneiro, rejeitado, sem ninguém que me entendesse ou me amasse. Ainda por cima havia a vergonha de tudo o que eu tinha feito. Meu avô e minha madrinha, os únicos que me amaram, morreram naquele ano. Eu estava muito triste: não havia mais ninguém de quem eu gostasse.

Quando eu tinha 10 anos, comecei a tocar as crianças pequenas que eu costumava tomar conta. Eu os despia, tocava seus genitais. Não passei disso. Eu sabia que não era certo, mas eu não me sentia bem o suficiente para fazê-lo com crianças da minha idade. Acho que queria descobrir por mim mesmo o que meus irmãos ganhavam com isso.

Com cerca de 11 anos, comecei a pegar carona na via expressa. Eu estava procurando por atenção, por afeto. Qualquer um serviria. Às vezes, carros paravam e me pegavam. Eu não me atrevi a dizer não quando me pediam para fazer sexo oral. Primeiro, eles me tocavam, testando para ver como reagiria. Quando eles viam que eu parecia estar bem com a ideia, que eu não faria um escândalo, eles encostavam o carro e paravam mais adiante. Eles fariam o que tinha que ser feito numa mata ou em um campo.

A primeira vez que me masturbei com uma criança foi quando eu estava de babá da filha de um de meus irmãos. Ela devia ter cerca de dois ou três anos. Tirei sua fralda e esfreguei meu pênis contra suas partes íntimas. Eu não queria penetrá-la, apenas senti-la ao meu lado. Eu fiz isso novamente mais algumas vezes antes de começar a ter medo do que eu poderia acabar fazendo. Eu parei. Percebi que não era normal. Para fugir da minha mente eu passei a beber. Eu roubava pílulas, usava drogas. Talvez tenha sido a suavidade do bebê que me atraiu para ela. Ainda hoje, com as mulheres, nunca me sinto completamente satisfeito sexualmente. São crianças que me excitam mais, embora eu não queira mais tocá-las.

Quando adolescente, comecei a me cortar, a entalhar meu braço porque eu estava bravo comigo mesmo. Eu era incapaz de expressar minha violência, exceto contra mim. Eu tive outros problemas. Eu tinha começado a me masturbar mais ou menos em qualquer lugar, abertamente, na sala de aula, no ônibus. Foi como um experimento para mim. Eu estava

colocando objetos no meu reto também. Dessa forma, eu não estava machucando ninguém mais. Acho difícil aceitar minha sexualidade.

Quando saí do centro de detenção aos 18 anos, um dos meus irmãos que abusaram sexualmente de mim concordou em me acolher. Quando sua esposa não estava lá, ele continuou como antes. Nós usamos drogas juntos. Eu nunca fui capaz de dizer não. Em vez de resistir, só senti pena de mim mesmo. Eu percebi que quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem iguais.

Finalmente, roubei dinheiro do meu irmão e fui morar na cidade. Quando eu não tinha mais dinheiro, fiquei na rua. Um homossexual me pegou e me acolheu. Depois de alguns dias, ele me pediu para fazer sexo com ele. Eu não disse não. Fazer sexo tornou-se um hábito para mim. Eu nem sequer me perguntava mais se eu preferia homens ou mulheres. Eu não me considero um homossexual: nas minhas fantasias eu prefiro mulheres e crianças.

Eu comecei a roubar para fazer dar conta das despesas. Roubar de clientes quando você está prostituindo é bastante simples. Muitas vezes acabava na prisão. Eu estava preso, eu estava solto, apenas por pequenos delitos. Eu tentei me enforcar. Fiz tudo errado. Eles tiraram minhas roupas e me colocaram no buraco. Mais uma vez, estava humilhado.

Eu tinha pensamentos violentos sobre comprar armas e me vingar. Eu sei que há algo faltando, algo morto dentro de mim que eu nunca vou recuperar. Eu luto contra isso. Mas, sabe, quando eu era pequeno, eu era um romântico... escrevia poesias... As garotas achavam bonito. Até escrevi poesias para as namoradas do meu amigo. Eu teria me tornado muito diferente se essas coisas não tivessem acontecido comigo.

Eu parei de ver meus irmãos. Foi assim que todos os abusos terminaram. Um ou dois anos atrás, um assistente social me convenceu falar com meus pais sobre isso e levar meus irmãos ao tribunal. Minha mãe disse que se eu fizesse tal coisa ela me rejeitaria. Esses dois irmãos têm boa posição social. Eles continuaram sua educação, têm negócios. Estão indo bem e têm bons casamentos. Da mesma forma, eu não ficaria surpreso se abusarem sexualmente de seus filhos. Um deles ainda estava tomando banho com sua filha quando ela tinha nove anos. Eu não acho que um pai tem qualquer motivo para estar no chuveiro com sua filha quando ela tem essa idade. Aparentemente, sua esposa reclamou em relação a isso. Isso é tudo que eu sei. Meus irmãos dão dinheiro e presentes aos meus pais. É assim que eles os compram.

*Na medida em que eu não sou como as outras pessoas, uma vez que tenho uma sexualidade anormal, eu prefiro guardar isso comigo. Há alguns anos eu não tenho relações sexuais. Apenas fantasias. Sinto falta de fazer sexo. Eu sinto que não é normal, não ter relações sexuais, não ser amado por alguém que sente que eu sou digno do seu amor. Acho difícil imaginar o que o futuro reserva para mim.*⁴⁰

É com isso, então, que a identificação com o agressor presenteia o menino desesperado por subsistir perante o vazio retumbante da traição: um ciclo viciado e, ao mesmo tempo, um caminho completamente errante. Assim como Paul, estão presos entre a dificuldade de vislumbrar um futuro e as crianças que eram antes do abuso, ou seja, toda a potencialidade que neles havia e que lhes fora roubada.

5.4 Orientação e práticas sexuais: “Prefiro mulheres, mas é muito mais fácil com homens”

Finalmente, nos voltamos para a questão cuja importância central se manteve da concepção à elaboração deste estudo, ou seja, a identidade masculina, porém enquanto um núcleo que se mostrou indissociável da problemática em torno da orientação e das práticas sexuais. Ao longo do caminho que percorremos, uma mudança de ênfase mostrou-se necessária pelos indícios de que, dentre seus muitos malefícios independentemente de quem seja a vítima, a ameaça de destituição da identidade masculina poderia ser um efeito da traição que se restringe aos homens heterossexuais – ou àqueles que, mais próximos do extremo defensivo, são ameaçados pela transitividade. Mais uma vez, acentuamos que a prática homossexual é comum mesmo entre os homens heterossexuais abusados na infância; todavia, a própria compulsão poderia dar conta por si só de tais práticas sexuais referindo-as ao imperativo de tentar simbolizar o que se mostrou inominável. De qualquer modo, mesmo quando fantasias e envolvimento de natureza homossexual são atuações que emanam do trauma – inclusive para homens homossexuais –, o que importa é apreender qual o efeito que têm sobre o sujeito, isto é, se possuem uma qualidade ameaçadora sobre a identidade masculina ou não. Acreditamos que isso é o que nos levará ao melhor entendimento da questão capital deste estudo, ou seja, aos fatores subjacentes à aparente impossibilidade de sentir-se “homem de verdade” ou de sentir-se repetidamente refutado em sua virilidade após o abuso sexual.

⁴⁰ Dorais, 2011, pp. 130-135.

Pois bem, comecemos nossa apresentação pelo relato de **Jimmy** que conta sobre a confusão que o abuso de seu pai provocou em relação à sua posição sexuada perante as garotas:

A primeira vez que eu beijei minha primeira namorada, fiquei envergonhado. Estava pensando sobre meu pai. Por que ele faz isso? Entre minha namorada e meu pai – o que é diferente? O que meu pai significa para mim? Nessa idade você começa a ouvir sobre homossexuais. Eu disse a mim mesmo que não era homossexual, que saía com garotas. Mas meu pai... Por que ele faz isso? Por outro lado, ele não é gay... Percebi que meus amigos não tinham esse tipo de relacionamento com seus pais, que não tinham os problemas que eu tinha.

Durante todos esses anos nunca falei sobre o que estava acontecendo. Ninguém sabia disso. Quando se falava sobre amor ou sexo na escola, eu ficava envergonhado. Não tinha qualquer experiência disso. Eu sabia muito pouco sobre meninas. Tive meus primeiros encontros sexuais com garotas aos 14 ou 15 anos. Quando eu estava fazendo amor, tentava não pensar em meu pai, mas imagens invasivas constantemente apareciam na minha mente. Me descobri inábil sexualmente e me perturbou não ter capacidade para lidar com isso⁴¹. O fato de que eu finalmente tinha sido capaz de recusar meu pai me tranquilizou. Hoje, em meus encontros com garotas, sou eu quem toma as decisões. Elas têm que seguir meu ritmo, não me forçar. Eu prefiro as garotas mais passivas porque elas precisam me aceitar como sou. Eu não sou fácil, por vezes sou rixento. Se fico sem uma garota durante algum tempo, me preocupo. Me pergunto se serei capaz de encontrar outra.

Quanto aos caras, não confio neles. Eu era amigo de um rapaz de 24 anos que trabalhava no abrigo onde fui colocado depois que o incesto foi revelado. Fiquei muito apegado a ele. Era como um pai substituto. Ele me convidou para ir à sua casa para ver filmes, fazer o que eu quisesse. Ele me ensinou música, me levou para sair. Eu tinha 14 anos. Ele se tornou meu melhor amigo. Aí eu descobri que ele era gay. Eu tinha notado que ele só convidava rapazes para a sua casa. Mesmo que ele não tivesse feito nada de ruim comigo, essa descoberta disparou um alarme dentro de mim. Parei de falar com ele e passei a zombar dele com meus amigos. Interrompi todo contato com ele. Hoje, se um homossexual se aproxima de mim, é provável que perca alguns dentes.⁴²

⁴¹ No original: “not to know how to go about it”.

⁴² Dorais, 2011, p. 36.

No caso de Jimmy, os abusos de seu pai provocaram uma insegurança de sua posição em relação às mulheres, tendo como condição o estabelecimento intransigente e estereotipado de sua posição ativa no relacionamento – porque vacilar, apenas remeter à passividade, poderia representar o abalo completo de quem ele é. Além disso, vemos que sua frágil identidade fica condicionada à presença de um objeto externo, uma namorada, que o reafirme e, por outro lado, profundamente ameaçada pela presença de um homem homossexual, ainda que sem qualquer insinuação erótica e, então, ele precisa se afastar.

O pavor que alguns homens desenvolvem de que outros poderiam abusar deles novamente parece desdobrar-se em um fenômeno que poderíamos classificar precisamente como homofobia – porque, ao contrário do uso indiscriminado que o sufixo “fobia” tem recebido atualmente, ódio, repulsa e pavor de homossexuais são exatamente aquilo que o caracteriza. A traição colocaria o menino e o homem que se torna à mercê de um fantasma da homossexualidade alicerçado tanto nas marcas erógenas quanto na “sede de pai”, ou seja, na permanência do desejo de que, em uma relação de amor com outro homem, possa incorporar a virilidade. Vejamos como esse movimento se caracteriza no relato de **Matthew**:

Antes de tudo isso, os homossexuais não me incomodavam. Não era da minha conta, não poderia me importar menos; não dava a mínima. Mas agora eu não confio em homossexuais – quero dizer, homens que são atraídos por outros homens. Minha mãe tem amigos muito próximos que são homossexuais. Eu os aceito porque eu os conhecia como pessoas antes de saber que eram gays. E esses homossexuais me respeitam.

Ontem eu estava assistindo a um filme, “The crying game”. É sobre um travesti homossexual. Eu simplesmente o teria matado. Você conhece a história? O personagem principal está procurando a esposa de um homem que ele conhecia como um prisioneiro que ele guardava e que se tornou seu amigo, mas que morreu naquela época. Ele encontra a esposa do homem e se apaixona por ela. É só quando eles vão para a cama que ele descobre que cometeu um erro: a “mulher” é um homem! Se isso acontecesse comigo, ficaria tão loucamente enfurecido que arrancaria a cabeça dele fora. Os homossexuais deveriam ficar longe de mim. É melhor para eles. A pior vez foi quando um veado começou a flertar comigo. Eu estava andando pela rua e esse cara parecia estar me seguindo. Então eu o agarrei pela gola e perguntei o que ele estava procurando. Ele disse: “Me deixe em paz. Eu não sou mal, não te desejo nenhum mal, só quero conhecê-lo.” Eu lhe disse que não queria conhecer caras como ele e o joguei contra a parede de tijolos. Esse tipo me enoja.

É raro eu andar despido, sem camisa ou apenas de cueca. Mesmo aqui, no abrigo, eu não confio em ninguém. Você nunca sabe se alguém quer se masturbar enquanto o observa secretamente. À noite, quando vou para a cama, passo todo o dia em minha mente e me faço perguntas. Por que tal e tal fez isso? O que teria acontecido se...? Mais desconfiado que eu é impossível ser, eu diria até que sou paranóico. Sempre tenho medo de que alguém esteja olhando para mim no meu quarto. A primeira vez que eu vi um homem que se parecia com o sujeito que abusou de mim, me afetou bastante. Era para o sujeito trabalhar comigo. Ele era um educador. Eu não queria nada com ele. Ele parecia exatamente com o meu agressor.

Hoje eu percebi que minha reação foi exagerada. Mas demorei muito para perceber isso. Eu tenho uma maneira de lidar com isso que eu chamo de "caixa forte". Se algo me perturba, eu tranco dentro de mim e não penso mais nisso. Isso é o que fiz com o abuso. É só quando eu encontro homens que se assemelham a ele que eu penso naquele detestável e o medo assume as rédeas novamente. Assim que um cara olha para mim, eu me pergunto o que ele está querendo.

Fiquei feliz em ver que eu conseguia sair com garotas. Eu só falei uma vez com uma garota sobre ter sido abusado. Ela manteve segredo e não mudou sua forma de agir comigo. Nas minhas fantasias não há nada de violento. Pelo contrário, eu só vejo amor. Eu penso que abusos são repugnantes. Não sou do tipo que quer fazer os outros sofrerem o que fizeram comigo. Às vezes, quando vejo uma linda garota, digo para mim mesmo que se eu a atacasse não a machucaria. É só uma maneira de falar: nunca tive medo de me tornar um estuprador. Tenho mais medo de ser estuprado. É por isso que sou tão desconfiado, por que vejo abusadores em todos os lugares.

Eu gostaria de um relacionamento estável com uma garota no futuro. Fico feliz quando tenho uma garota ao meu lado. Quando você foi abusado por um homem e, depois, você se envolve com uma garota, é como se Deus estivesse fazendo um sonho tornar-se realidade e lhe oferecendo de mão beijada⁴³. É lamentável quando jovens abusados se tornam homossexuais. É o que eu ouvi dizer que acontece. Acho que esses caras provavelmente já eram um pouco homossexuais de alguma forma. Eu gosto de estar com amigos do sexo masculino, mas não para ter relações sexuais com eles. Ter bons amigos, porém, é muito importante. Levei algum

⁴³ No original: "offering it on a silver platter."

*tempo antes de ter algum. Você não é homossexual porque tem amigos próximos do sexo masculino, é?*⁴⁴

O abalo identitário não mais lhe permite afirmar veementemente quem é ou, mesmo, qual é seu desejo. Por isso, Matthew vacila diante dos outros, dos possíveis desejos e intenções dos que o cercam e vive persecutoriamente como uma forma de se antecipar aos efeitos sedutores que ele pode produzir e às investidas dos homens. Também por essa razão, assim como pela relação de causa e efeito que o senso comum estabelece entre ser abusado e tornar-se homossexual⁴⁵, poder ter um relacionamento com uma mulher é como um presente divino. Nesse cenário, mais uma vez, a homossexualidade – não só a “dos homens gays”, mas a do seu próprio desejo paradoxal avivado pelo trauma – é representativa da transitividade que ameaça os frágeis contornos de sua certeza de ser homem e, por isso, precisa ser rechaçada a todo custo. Já a relação com uma mulher, ou seja, ser, nesse improvável contexto de fragilidade identitária, capaz de estar com uma garota, é uma afirmação de sua virilidade que o apazigua fazendo oposição aos ataques invasivos constantes.

Essa dimensão de completa insegurança regida pelo medo do desejo do outro e do seu próprio parece ainda mais evidente no relato de **Francis** que sente a necessidade de provar para si mesmo que não é gay:

Com a idade de 14 ou 15 anos, eu disse a mim mesmo: o que vou fazer da minha vida? Eu tenho que fazer um futuro para mim. Não posso sempre ser escravo do meu pai. Eu fugi, e usei tantas drogas quanto eu pude comprar. Eu ficava drogado 18 horas por dia. Faltava à escola, tinha problemas para me relacionar com as meninas e mudava de namorada com frequência. A primeira garota a quem me apeguei me largou: eu entendi isso como outra forma de abuso. Me senti traído, como com meu pai. Eu não gostei dessa sensação, mas continuei a sair com meninas, uma após a outra. Cada vez que saía com uma garota eu tinha que fazer sexo. Tinha que provar algo, que não era veado, não era um homossexual. Eu fazia amor mesmo quando não me sentia bem com uma garota, só porque eu estava tentando provar algo para mim mesmo. Tenho medo de ser gay. Também tenho medo de ser um abusador. Você ouve toda hora: "quem foi abusado abusará."

⁴⁴ Dorais, 2011, pp. 56-58.

⁴⁵ Uma noção que, como indicamos na introdução, parece intimamente ligada à maior subnotificação dos casos de abuso envolvendo vítimas do sexo masculino.

Durante o tempo em que eu estava fazendo sexo com meu pai, eu me mantinha longe da minha namorada. As duas coisas ao mesmo tempo não davam certo. É muito diferente, penetrar uma mulher e penetrar ou ser penetrado por um homem. Com uma mulher, é normal, é mais confortável – é ótimo, você não concorda? Com meu pai, eu tinha que estar de quatro para que ele pudesse me penetrar. Era humilhante. Machuca. Eu costumava morder o travesseiro. Mesmo quando eu estava totalmente drogado, sentia a dor. Uma vez ele me pediu para penetrá-lo e isso foi o que me mais me enojou. Corri para me limpar logo depois. Eu saí pela janela do banheiro. Fiquei completamente drogado naquela noite.

Muitas vezes, quando eu estava transando com uma namorada, eu tinha flashbacks. Eu podia ver meu pai na parede do quarto. Quando estou bêbado, quando uso drogas e me aproximo da cama, ainda tenho esse tipo de flashback: consigo ver meu pai de novo, como se ele estivesse lá. Eu associo bebida, drogas e cama com abuso. Está tudo interligado na minha mente. Às vezes, quando eu estou fazendo amor, eu fico paralisado porque posso ver meu pai novamente, e posso me ver com ele. Quando isso acontece, eu salto para fora da cama imediatamente; tenho que ficar bêbado ou usar um monte de drogas para entorpecer minha mente.

Quando faço amor com a garota por quem estou apaixonado agora, apesar de mim mesmo, me vejo fazendo as coisas que fiz com meu pai. Eu aperto as nádegas dela com força. Ela diz que às vezes eu a estou machucando. Eu sei, mas é como, uma vez tendo aprendido, eu não conseguisse parar. Por outro lado, existem algumas posições, posições sexuais, que me lembram muito do meu pai. Eu simplesmente não consigo. Há apenas duas posições nas quais eu posso ir em frente sem nenhum impedimento por assim dizer, porque essas posições não funcionam com dois homens. Se eu pensar sobre o abuso, com certeza vou perder a minha ereção. Leva-me cerca de uma hora, pelo menos, para recuperá-la. Por exemplo, sussurrar no meu ouvido era algo que mexia comigo. Meu pai costumava fazer isso porque descobriu que me excitava. Desavisada, minha namorada atual começou a fazer isso. Me paralisou. Eu a avisei. Se ela esquece, eu simplesmente congelo. Perco interesse no sexo imediatamente. Outro exemplo: quando minha namorada faz carinho em mim, eu me pergunto o que ela está querendo. Isso me faz lembrar do meu pai que sempre me acariciava quando queria sexo.

Minhas fantasias são afetadas pelo meu passado também. Às vezes acontece que eu penso em dominar uma garota e possuí-la à força. Ademais, eu gosto de fazer amor no impulso do

momento. É como um desafio. Fico pensando como a pessoa vai reagir. Uma noite dessas, minha namorada e eu transamos na frente de uma de suas amigas que nunca tinha visto isso antes. Estávamos parcialmente escondidos pelos lençóis. A amiga olhou embaixo para ver se era de verdade – se não estávamos apenas mexendo com ela. Seria mais difícil para mim fazer isso na frente de um cara, especialmente se eu o conhecesse. Com os homens eu sou mais reservado. No meu grupo de terapia, foi a primeira vez que chorei na frente de outros homens. Às vezes eu imagino um sexo a três, de preferência com duas meninas e eu, ou dois caras e uma menina. Eu fiz isso uma vez, com um cara que eu sabia que também tinha sido abusado. Durou apenas 15 minutos. Estávamos ambos muito nervosos. Era melhor na fantasia do que na realidade. Às vezes imagino dois homens estão fazendo amor. Eles são da minha idade ou um pouco mais velhos. Os caras que me atraem não são como o meu pai. Eles não são hipócritas, eles não ficam na surdina. Eu prefiro ver dois gays se abraçando do que saber que um homem adulto está abusando de um jovem. Mas prefiro mulheres, sejam jovens ou velhas, isso com certeza.

Tenho dificuldades com veados. Uma noite no ano passado, com alguns amigos, estávamos no bairro gay de Montreal. Eu falei com um deles, o seduzi para uma rua de fundo, e então, com meus companheiros que estavam esperando, nós esvaziamos seus bolsos e tentamos esfregar seu nariz na calçada. A última pessoa com quem eu fiz isso foi um primo de um dos caras do abrigo. Fomos à sua casa e o roubamos. Depois disso, eu pensei e decidi que não faria mais isso. Até o procurei e disse-lhe que estava arrependido. Quando me perguntou por que eu tinha feito isso, disse a ele o que tinha acontecido comigo. Ele me entendeu e me perdoou. Ele me encorajou a prestar queixa contra meu pai. Afinal, são caras como meu pai que são o meu problema, não os homossexuais. Hoje eu posso fazer essa distinção entre os hipócritas que abusam de crianças e os homossexuais.

Eu não confio absolutamente em homens, especialmente aqueles que têm uma barriga grande como o meu pai tem, policiais, guardas de segurança, ou do exército como ele era. Estou sempre preparado, desconfiado, em torno de homens mais velhos. Eu tenho um amigo cujo pai tem também esse perfil de exército e esse amigo tem uma história como a minha. Isso me faz imaginar quantos de nós existem nessa situação. Talvez haja uma conexão com o fato de que os soldados, durante uma guerra, podem violar mulheres e crianças. Nos cadetes do exército, onde meu pai tinha me inscrito, eu tinha medo de ser abusado. Eu fixei um cadeado

*em um cinto colocado entre minhas roupas íntimas e minha calça durante as vezes que eu estava no acampamento de cadetes. Sentia que era como um cinto de castidade.*⁴⁶

O depoimento de Francis apresenta uma dimensão intrigante em que ele constantemente compara o sexo com mulheres com o sexo com seu pai. Fica evidente que ele equipara o sexo com homens – as posições, as sensações – com sexo com seu pai e, por mais que isso possa mostrar-se coerente para alguém que tanto sofreu em uma relação incestuosa homossexual, é importante acentuar que esse paralelo indica como o abuso paterno-filial reanima o fantasma homossexual. A passividade e a feminilidade que a traição impõe ao menino são ameaçadoras para a afirmação de sua virilidade e, para o homem heterossexual, toda fantasia ou ato sexual entre homens – ou, como Francis conta, mesmo a participação voyeurista de um homem – inevitavelmente remeterá a essa mesma situação emblemática de ataque a quem ele é. Não é sem razão que ele se mantinha longe de sua namorada quando estava fazendo sexo com seu pai alegando que “as duas coisas ao mesmo tempo não davam certo” e que “É muito diferente, penetrar uma mulher e penetrar ou ser penetrado por um homem”: a posição feminina, passiva que caracteriza a posição que a traição paterno-filial lhe impõe vai de encontro à função viril penetrante que lhe demanda a mulher.

Por outro lado, pouco a pouco, Francis aborda sua atração e suas fantasias envolvendo homens e relata também a vez em que tentou fazer sexo a três com uma menina e outro rapaz. Analogamente ao relato de Matthew, a história de Francis deflagra o conflito em relação aos homens após a traição: além do enigma angustiante sobre o que querem esses homens em relação a ele, o maior tormento parece ser a questão de seu próprio desejo. A insinuação dos homens ou apenas a possibilidade de que haja um interesse erótico já é ameaçadora para ele, não só pelo medo de ser violado novamente, mas pelo receio de despertar seu desejo homossexual paradoxal.

No entanto, diferentemente do que relata a maioria de homens abusados, Jimmy, Matthew e Francis não descrevem encontros homossexuais paralelos a esse incômodo e, até mesmo, “fobia” em relação aos homens, especialmente os gays. Essa situação de convivência simultânea entre partes opostas, tão característica das barreiras verticais⁴⁷, em que o ódio declarado aos homens ou o desejo de estar apenas com mulheres não impede que, por

⁴⁶ Dorais, 2011, pp. 102-107.

⁴⁷ Vide capítulo 4.

exemplo, se faça sexo exclusivamente com homens, é impressionante, e mostra-se em muitas histórias como no depoimento de **Bruno**.

Garotas? Eu não as descobri até minha adolescência. Todos os caras estavam dizendo o quão fantástico era estar com uma garota. Mas eu só tinha estado com caras. Estava ansioso para ver como era com uma menina e tive a oportunidade quando passei um fim de semana com uma prima. Eu tinha 14 anos. Ela era cerca de 10 anos mais velha. Ela entrou no meu quarto de manhã para me ajudar a fazer a cama. Eu tinha a sensação de que algo ia acontecer. A ideia já estava se formando em minha cabeça. Nós dois devíamos estar pensando nisso. Começamos a nos esfregar e, então, acabamos caindo na cama e simplesmente aconteceu por si só – nós fizemos amor. Mesmo ela sendo minha prima e mesmo sendo mais velha do que eu, não vi isso como abuso. Pelo contrário, eu disse a mim mesmo que ela havia me apresentado a algo um pouco mais normal. A partir daí eu fui capaz de continuar com as meninas, de um jeito normal.

Meu principal problema atualmente é que penso sobre sexo o tempo todo. Sou obcecado com isso de manhã até a noite. Mulheres, homens, sexo é tudo em que eu penso. Com certeza, eu prefiro mulheres, mas é muito mais fácil com os homens. Com as mulheres, você tem que se preparar⁴⁸, tem que dedicar tempo para persuadi-las. Mesmo quando é sua namorada, ela não está disposta o tempo todo. Além disso, elas levam o relacionamento a sério imediatamente. Não é simples apenas se divertir um pouco com uma menina. Homens estão sempre prontos para o sexo e depois é tipo "não o conheço, nunca o vi." Se eu fizesse com uma garota como eu faço com homens, ela pensaria que sou um maníaco do sexo. Meu truque favorito é esperar no parque ou em um banheiro público até que um homem entre. Então, se ele fica por perto, se fica olhando para mim... Há muitas maneiras de se perceber se ele está interessado ... E como eu sou muito bonito...

Antes de ficar sério com uma garota como eu estou agora, eu tive várias aventuras com mulheres também: colegas de trabalho, suas amigas, meninas que eu conheci em bares e boates... Nós muitas vezes acabávamos na cama. Eu tornei uma questão de honra transar com todas elas. Mas isso levou a brigas porque as garotas têm ciúmes umas das outras. Essa é uma das razões pelas quais sou menos ativo nessa área do que era antes. Sou menos atraído por homens, mas para mim é mais prático.

⁴⁸ No original: "put the white gloves on".

No verão, o que eu faço é dar um passeio no parque. Conheço os melhores lugares. Eu me deito na grama, longe da multidão. Eu tiro a camisa. Gosto de ser olhado e admirado. É estranho: na minha cabeça eu acho a ideia de dois homens juntos nojento, mas quando eu fico excitado, não posso resistir a qualquer tentação, homo ou hetero. Se um homem se aproxima e ele parece agradável aos meus olhos, então eu deixo que ele leve adiante. Se eu não gosto da aparência dele e ele se aproxima, então eu digo: "Ei, o que você está fazendo? Deixe-me sozinho, veado maldito!" Eu posso me mostrar desagradável quando quero. O cara desaparece rapidinho.

O que mais me excita é a sensação de perigo. Há uma emoção nisso. Na verdade, os homens provavelmente me excitam menos do que o contexto em que as coisas acontecem. Transar com um cara, tranquilamente, em um quarto, com uma música de fundo tocando, é bom para homossexuais. Mas isso não me interessa. O que eu quero é arriscar, o medo de ser descoberto, de ser surpreendido.

Com a minha namorada, se eu não tomar a iniciativa, não transamos. Eu não gosto que a garota tome a iniciativa. Nós não parecemos estar muito bem sincronizados, ela e eu. Quando eu quero, ela está cansada. Quando ela sente vontade, sou eu que não quero. Com ela, as coisas são mais afeto e compreensão. Isso me assegura. Além disso, seus pais me adoram, o que me faz sentir que, enfim, pertenço a uma família. Eu me sinto amado pelo que sou pela primeira vez na minha vida. Isso é muito importante para mim e é por isso que vou ficar com ela enquanto ela me quiser. Eu nunca amei tanto quanto amo essa garota. Eu ficaria bravo comigo mesmo se a fizesse infeliz. Eu não gosto de mentir para ela sobre a minha vida, mas não tenho escolha, ela não entenderia.

Se sou homo ou hétero? Eu me vejo como hétero. A homossexualidade não é para mim. Tenho certeza de que isso emana do abuso. Se eu não tivesse aprendido sobre esse tipo de sexo, não sei se teria pensado nisso tudo por conta própria. Só me sinto atraído por homens mais velhos agora. Eu gosto de pensar que o homem também me acha atraente, para que eu possa fazer qualquer coisa que quiser com ele.

É como se eu tivesse duas personalidades: o bom menininho de um lado e o maníaco por sexo do outro. Não acho normal pensar em sexo o tempo todo. Receio que isso acabe arruinando minha vida. Suponha que eu vá preso ou se a garota que eu amo descubra. Talvez eu precise de alguma terapia, mas não me vejo falando sobre isso. Ouvi dizer que há grupos de homens

vítimas de abuso sexual e grupos de "viciados em sexo" também, mas eu não consigo me ver contando a história da minha vida na frente de todos.

*Quanto a meu pai, recebo notícias dele indiretamente através da família. Ele se casou novamente. Espero que ele não esteja fazendo a mesma coisa com outras crianças. Sua esposa não pode ter filhos. Ninguém jamais poderá confiar nele. Ele parece um homem decente, mas ele não tem qualquer controle sobre si mesmo sexualmente. Eu não sei se ele é um pedófilo, um homossexual, ou o que quer que seja, mas eu não acho que ele se sente bem em relação a si mesmo. Meus irmãos também não querem vê-lo mais. Eles são mais velhos do que eu. Eles têm filhos. Com certeza, eles não querem arriscar que seus filhos se tornem vítimas de abuso sexual como eles foram.*⁴⁹

O descontrole sexual que Bruno percebe em seu pai agora se manifesta nele mesmo em práticas compulsivas, mais “convenientes” e vazias em relação ao que ele entende como seu verdadeiro desejo levando-o, assim, a viver duas personalidades. A relação com homens repete o lugar coisificado que ele ocupou como objeto de gozo de seu pai: ao contrário das mulheres, que teriam sua própria vontade e demandariam dele algo “antes” e algo “depois” do ato sexual, o sexo com homens é prontidão e resolução. Trata-se, portanto, de uma relação de objeto parcial com o qual ele pode fazer tudo o que desejar e que está pronto a satisfazê-lo sem nada exigir além de sua entrega física.

Ademais, a declaração de Bruno de que, em sua fantasia, sexo entre homens é algo repugnante apenas reforça a ordem não integrada e estranha à sua identidade dessa prática compulsiva, restrita à excitação do perigo, que não reflete sua orientação sexual. Ainda assim, as relações sexuais com sua namorada, apesar de seu “desejo incontrollável”, ficam restritas às vezes em que ele toma iniciativa, possivelmente, mais uma vez, porque ele precisa assumir uma posição ativa estereotipada para sentir-se afirmado. Logo, parece que o relacionamento amoroso de Bruno se resume à sua dimensão de aceitação afetiva e familiar, um aspecto com o qual ele, legando sua intensa atividade sexual aos homens, não se mostra insatisfeito.

A cisão entre duas vidas, duas personalidades indica que, possivelmente, a profundidade das clivagens e da recusa entre essas partes contraditórias é o que o mantém acima da superfície da angústia e o impede de ser submerso no paradoxo que vive. Casos como o de **Ramon** mostram como alguns homens, possivelmente menos dissociados, se sentirão mais

⁴⁹ Dorais, 2011, pp. 126, 127-129.

atormetados pelos atos homossexuais que contradizem sua identidade e procurarão meios de “compensação” e afirmação:

*Por exemplo, Ramon, um homem que quando criança e adolescente foi molestado principalmente, mas não exclusivamente, por homens, usou suas experiências com mulheres para "provar" que suas experiências com homens não significavam que ele era homossexual. Por isso, inicialmente, ele não conseguia processar suas experiências com mulheres de nenhuma maneira. Como Ramon inicialmente retratou, ele tinha tido relações sexuais com mulheres porque ele quisera, mas era mais ambivalente e envergonhado em relação às suas atividades com homens. Ele disse que se sentia apaziguado pelo prazer que sentia com as mulheres, que estar com elas, mesmo aos dez anos de idade, "compensava" o fato de transar com homens também.*⁵⁰

Por outro lado, existem casos em que o sexo e as fantasias com homens podem até não serem aceitos de bom grado, mas ainda assim apresentam-se em um enquadre consideravelmente distinto destes que indicamos até então. As clivagens não operam produzindo o mesmo efeito de dissociação entre desejo e prática e, logo, não provocam a dissonância entre “o que sou” e “o que faço”. Além disso, as relações heterossexuais não se apresentam como fator “compensatório”. Nesse sentido, vejamos o que conta **Andrew**, com 23 anos de idade, vítima de abuso paterno filial dos 13 aos 16 anos:

Até os 17 anos, eu morava em uma cidade pequena. Eu tinha 13 anos a primeira vez que meu pai abusou de mim. Ele tinha então cerca de 40 ou 42 anos. As minhas relações sexuais com ele duraram pelo menos três anos após aquele primeiro abuso. Levei vários anos para me recuperar.

Eu tive uma infância comum. Sou o segundo de cinco filhos em uma família de classe trabalhadora modesta, originalmente da Grã-Bretanha. Lembro-me que costumávamos acampar e cavalgar durante as férias. Naquela época, eu costumava ter amigos e era uma criança como as outras, como meus irmãos e irmãs. Mas quando entrei na adolescência, e até mesmo um pouco antes disso, eu me tornei consciente de minha sexualidade, e percebi que era atraído por outros homens. Eu me afastei, e me isolava. Foi durante esse período que fui abusado.

⁵⁰ Gartner, 1999, p. 47.

O casamento de meus pais estava se rompendo e, naquela noite em particular, eu me lembro, meu irmão tinha saído. Meu pai chegou em casa e, por uma razão ou outra, acabamos em seu carro, conversando juntos. Não me lembro sobre o que estávamos conversando, mas em certo momento surgiu o assunto de sexo. Meu pai me disse: "vamos, vou lhe mostrar uma coisa." Ele ligou o carro e saiu da cidade.

Nós saímos da estrada principal e viramos em uma estrada estreita. Me lembro das árvores altas nos dois lados do carro. Ele disse que tinha que sair para fazer xixi e eu me juntei a ele. Talvez eu tenha olhado para seu pênis – mais por curiosidade que por qualquer outra coisa. Quando voltamos para o carro, ele me perguntou se eu já tinha visto o pênis de homem adulto antes. Disse que não. Ele tirou seu pênis e o mostrou para mim. Então ele me pediu para ver o meu. Eu mostrei. Ele queria saber se eu me masturbava e se ofereceu para me mostrar como fazê-lo "corretamente". Ele pegou meu pênis em sua mão e me masturbou até que ele ficou duro e me incentivou a fazer a mesma coisa para ele. Depois, ele levou meu pênis em sua boca. Imediatamente cheguei perto da ejaculação. Eu não sabia que as pessoas podiam fazer isso. Meu pai me pediu para sentar em seu pênis, para que, segundo ele, me mostrasse como deve ser feito. Então tiramos nossas calças. Ele me pediu para ficar de lado, para dobrar o assento, ficando de frente para os fundos do carro. Foi quando ele me violou. Ele me sodomizou. Lembro-me de gritar quando ele me penetrou. Pensei que ia morrer. Mas, apesar de tudo, fiquei excitado, algo que eu estava descobrindo pela primeira vez. No entanto, a dor bloqueou tudo o resto. Quando ele atingiu o orgasmo dentro de mim, eu estava chorando. Quando terminou, limpou o carro e tentou me acalmar. Voltamos para a casa. Não me lembro como tudo terminou. Talvez ele tenha ido para a cama, eu não sei.

Eu nunca contei a ninguém o que aconteceu. Meu pai nunca foi punido. Eu não conhecia ninguém que tivesse sido abusado sexualmente e não havia ninguém com quem eu pudesse falar. Eu mantive meus sentimentos para mim mesmo. Senti-me traído, isolado, incapaz de amar, incapaz de ser amado.

Cerca de seis meses depois, meu pai saiu de casa e foi viver com minha avó. Nós íamos para lá nos fins de semana. Uma noite, quando eu estava me preparando para dormir, meu pai me pediu para fazer uma massagem. Seu trabalho era fisicamente pesado e ele muitas vezes tinha dores nas costas, então eu disse que sim. Ele se despiu completamente. Quanto a mim, eu estava apenas de cueca quando ele deitou de costas e pediu-me para tirar. Naquela noite, começamos um relacionamento de co-dependência. Sempre que ele me pedia massagem, era

um sinal para as relações sexuais. Consistia em masturbação mútua ou sexo oral mútuo. Ele nunca tentou me sodomizar novamente. Muitas vezes, depois do sexo, costumávamos conversar sobre a escola, sobre a minha mãe, sobre várias coisas. Era mais ou menos o único momento em que conversávamos um com o outro.

Quando adolescente, eu me lembro de me sentir isolado, deprimido. Eu esperava que chegaria o dia quando eu não sentiria mais nada. Os únicos relacionamentos que tive com meninos da minha idade eram sexuais e superficiais. Não consegui cultivar amizades. Me sentia vulnerável e com medo. Tive problemas na escola. A escola me entediava. Abandonei os estudos. Fui colocado em uma escola particular para terminar o ano letivo. Lá eu conheci Mark que se tornaria meu amigo mais próximo por um período de dois anos. Éramos inseparáveis, fazíamos tudo juntos. A última vez que nos vimos, passamos a tarde inteira na praia. Naquela noite, fomos para a casa de verão do pai dele. Estávamos sozinhos. Mark e eu bebemos algumas garrafas de cerveja e fumamos um pouco de haxixe que ele trouxera. Quando fomos para a cama, eu iniciei alguma atividade sexual. Me sentia atraído por ele e ficava pensando em como seria ter relações sexuais com ele. Minha mão deslizou sobre seu corpo e lentamente removi sua cueca. Fiz sexo oral e ele fez o mesmo por mim. Depois, o virei e o penetrei, talvez mais brutalmente do que ele teria desejado. Ele queria fazer o mesmo comigo, mas eu recusei.

Quando voltamos para casa, nunca mais ouvi falar dele. Na escola, todos os outros adolescentes pegavam no meu pé e me ameaçavam, dizendo que sabiam que eu era veado. Aí eu abandonei a escola de vez. Alguns meses depois, fui morar com uma de minhas tias, muito longe de onde nasci. Continuei meus estudos lá.

Quando eu cresci, comecei a morar sozinho. Mais uma vez me mudei para outra cidade. No começo eu nunca saía de casa. Depois, amigos do trabalho me levaram a um bar gay local e aí comecei a ir lá por conta própria. Também fui a encontros sociais onde conheci pessoas. Eu dormi com muitos homens. A única coisa que eu nunca fiz foi o sexo anal.

Apesar de tudo, eu tinha medo da intimidade, da amizade. Ainda acho difícil confiar em alguém e acho difícil acreditar que outros possam me achar atraente. Eu permaneci bastante solitário ao longo dos anos. Tive que esperar muito tempo para encontrar um homem que fizesse amor comigo suavemente; Ele foi o único com quem eu concordei em fazer sexo anal.

Desde então, tive outros relacionamentos, alguns baseados em sexo e outros com base na amizade.

Nas minhas fantasias sexuais gosto de ser o dominante, mas de vez em quando tenho fantasias em que sou escravo de alguém e sou forçada a obedecê-lo. Tentei fazer isso na vida real duas ou três vezes, mas descobri que não me interessava. O relacionamento mais satisfatório que tive foi em uma parceria em que cada um de nós alternava entre o papel passivo e ativo ou agressivo, de acordo com nosso humor. Seja na fantasia ou na realidade, meus parceiros têm a mesma idade que eu e o mesmo peso corporal.

Escolhi esquecer e guardar numa caixa de correio na minha cabeça tudo o que me aconteceu durante a minha adolescência. Isso me custou caro porque eu perdi minha infância. Sou lembrado disso quando converso com os outros e, acima de tudo, pela forma como entro num relacionamento, que contrasta com a forma como as outras pessoas abordam suas relações. Hoje, neste ponto da minha vida, eu aceito que sou gay; Estou até feliz com isso. Ainda sou um pouco reservado e inquieto. Mas tenho mais capacidade de confiar, posso expressar meus sentimentos e tenho menos medo de ser rejeitado ou de me tornar emocionalmente dependente de alguém. Eu saio de vez em quando e tenho relacionamentos sexuais que são satisfatórios na maior parte do tempo. Estou me tornando cada vez mais à vontade com meu estilo de vida escolhido.⁵¹

Andrew reconhece que existe um conflito em sua forma de se relacionar, seja na violência em sua primeira relação sexual significativa com outro rapaz ou em seu medo de intimidade e em sua desconfiança. Entretanto, dentre os muitos efeitos nocivos da traição de seu pai, o fato é que não parece haver um desencontro profundo entre seu desejo e sua prática que ameace sua identidade de homem. Ainda que ofereça indícios de ter tido dificuldades para aceitar sua homossexualidade, isso não deve ser colocado em paralelo com os homens que se declaram heterossexuais, mas mantêm uma prática homossexual constante. Trata-se, a nosso ver, de um conflito característico de um jovem que precisa enfrentar sua homossexualidade durante os anos noventa, enfrentar rejeição e preconceito, e não de desejos que ameacem seu núcleo identitário. Isso se mostra coerente com o fato de que, quando ele encontra um homem que, enfim, é carinhoso com ele, permite que seja penetrado novamente ou, ainda, com a descrição de sua fantasia de ser dominado. Em outras palavras, não é a penetração ou a fantasia que o

⁵¹ Dorais, 2011, pp. 77-80.

diferencia da vivência dos homens heterossexuais abusados, mas o fato de que não são acompanhadas de intensa aflição, não são recusadas, não se apresentam desconectadas de seu *self*, porque, ao que tudo parece indicar, não se opõem à sua certeza subjetiva de ser homem.

É algo semelhante a isso que também apreendemos da história de **Justin**, 34 anos de idade, abusado por seu pai, tio e irmão.

Eu só me lembrei recentemente, quando comecei a analisar meus comportamentos, meu problema com compromissos, meu medo dos homens, mesmo quando eu os amo e eles são bons para mim. Eu fui abusado sexualmente por meu pai quando eu tinha quatro anos e um pouco mais tarde pelo meu tio. Depois, pelo meu irmão. Ele era quatro anos mais velho do que eu.

Meu pai foi o primeiro. Ele saiu de casa depois disso, entrou em depressão. Pelo menos, foi o que me disseram. Ele foi colocado em uma instituição psiquiátrica. Me disseram que ele foi submetido ao tratamento de eletro-choque. Acho que minha mãe nos pegou juntos. O que eu me lembro sobre isso é que foi a primeira vez que meu pai estava sendo afetuoso comigo. Restam algumas lembranças: ele me fechou na garagem e me perseguiu. Outra vez ele estava sentado no carro. Seu pênis estava fora. Ele tinha uma ereção. Aconteceu cerca de quatro ou cinco vezes, eu acho, entre o tempo que eu tinha quatro anos até o momento que eu tinha sete. Cada vez, ele obteve algo de mim usando sua autoridade sobre mim, não por ser violento. É um tipo de controle, ou manipulação. Afinal, ele era meu pai, então eu o obedeci. Não houve penetração, mas houve ejaculação, provavelmente na minha boca. Eu sempre tive medo de espermatozoides desde então; tenho até hoje. É por causa das experiências traumáticas com meu pai ou com meu tio? É difícil dizer, porque meu tio mudou-se para nossa casa por volta da mesma época, quando eu tinha entre cinco e seis anos. Ele tinha acabado de deixar sua esposa. Também desapareceu de casa da noite para o dia. Ele morava no porão. Ele me tocava e me pedia para tocá-lo. Eu tinha medo dele. Eu sabia que não era normal. Com meu pai era diferente, talvez porque havia uma certa inocência em relação a isso. Era como um jogo. Com meu tio não. Com ele era nojento.

Estou tentando me lembrar desse período, mas não é fácil. Eu me lembro que tinha me tornado o tipo de criança que aceita o amor de qualquer um e que faria praticamente qualquer coisa para ser amado. Eu vim de uma família disfuncional: não havia muito amor; Nós não conversamos um com o outro; Havia um clima de tensão. Eu pagava por paz e

tranquilidade ao tentar agradar a todos. Estava completamente sem identidade. Tudo o que contava era fazer com que as pessoas me amassem. Até chegar aos 17 anos eu era o bom menininho de papai ou a menininha que a mamãe nunca tinha tido, porque eu era um pouco afeminado em comparação com meus irmãos. E, quem diria, tudo isso para superar o medo de que meus pais se separassem. Essa é provavelmente uma das razões pelas quais eu nunca contei a ninguém sobre o que aconteceu com meu pai. Nunca. Minha mãe nunca soube por mim. Mesmo hoje, eu me pergunto se minha mãe realmente sabia o que estava acontecendo com meu pai e meu tio.

Apesar de tudo, eu estava sempre sorrindo quando eu era pequeno. É o que vejo nas fotos. Mas por dentro eu me sentia mal. É como se eu tivesse duas personalidades. Do outro lado, eu era um bom menino, estável, bom na escola. Dentro, eu me sentia diferente dos outros. Eu estava apreensivo.

Lá pelos seis anos, eu ouvi a palavra "bicha" pela primeira vez. Meu pai costumava me dizer: "se você não fizer isso, vai parecer uma bicha." Eu não sabia o que era, mas eu sabia que não era certo, algo que não era bom. E então em casa, eles rapidamente me identificaram com isso. Na escola, aparentemente, eles estavam me chamando de bicha: eu era magro, um pouco delicado, o que nunca é um bom para um menino. Eu não sabia o que era uma bicha, mas não queria ser um.

Minha outra personalidade, a que se desenvolveu secretamente, era do garotinho que olhava cada vez mais para outros meninos, que apreciava quão bonitos eles eram. Mas eu realmente não conseguia me dominar desse desejo... Eu o afastei. Eu escolhi não ser assim. A outra personalidade assumiu. Eu me lembro de meu pai me dizer uma vez quando eu fugi de um bando de meninos que estavam brigando: "não corra assim, você parece uma mariquinha!" Eu estava humilhado. A partir daquele dia eu decidi ser um camaleão. Eu aprendi as regras do jogo.

Quando eu tinha 13 ou 14 anos, meu irmão mais velho e eu começamos a ter relações sexuais. Tudo começou quando estávamos brincando, lutando. Estávamos entranhados um no outro. Eu não sei como acabou acontecendo, mas em um determinado momento que nossas calças desceram... Eu não fui forçado. Eu não vi isso como abusivo. Só mais tarde percebi que ele tinha enganado minhas emoções, que tinha explorado a minha necessidade de afeto. Eu ainda sofro efeitos daquela traição. Era o terceiro contato que tive com um homem em

minha vida; Em todos os três casos era uma forma de incesto e, até essa altura, eu ainda não tinha saído com uma menina.

Nas relações sexuais com meu irmão, curiosamente, ele era o passivo e eu era o ativo, aquele que lhe dava prazer, em outras palavras. A participação dele era pequena, apenas para dar o primeiro passo. Ele sabia que eu me excitava ao olhar para ele, ao ver seu corpo. Ele sabia como me atingir. Ele se tornou meu ídolo. Foi a primeira vez que senti qualquer afeição por qualquer homem; meu pai costumava me criticar o tempo todo. Quando meu irmão foi embora para se casar, foi a prova de que eu não podia confiar em nenhum homem. Foi um grande golpe. Fazia três anos que fazíamos sexo regularmente.

Eu digo que o amava, mas, além da nossa atividade sexual, não conversávamos muito. Foi apenas fazendo através do ato sexual real que ele me mostrou qualquer amor. Na época eu estava mais ou menos consciente disso. Assim como eu estava mais ou menos consciente de que eu me interessava por homens. Mas isso simplesmente não era uma opção. Você se casa e tem filhos: é o isso que os homens fazem. Meu irmão era um bom exemplo disso.

Por volta dos 16 anos, passei a me interessar pelas mulheres. Conheci uma menina, depois outra. Estou ciente de que eu me programei para fazer amor com elas, para ejacular. E eu me tornei muito bom em agradar uma mulher. Aprendi a obter prazer e a proporcionar. Quanto à homossexualidade, tive que esquecê-la. Minha esposa, mesmo hoje, não acredita que eu sempre fui gay. Ela me lembra de que eu estava sempre tendo ereções, que fazia amor todos os dias com facilidade... Mas eu sei...

Então, por volta dos 18 anos, conheci a mãe dos meus filhos. Eu já tinha começado a beber. O álcool me dá a coragem, a auto-confiança para ir em frente. Eu conheci minha esposa no casamento do meu irmão. Foi sorte. Muito rapidamente, ela expressou seu amor por mim. Foi a primeira vez que uma mulher me disse que me amava. Eu era seu príncipe encantado. Ela era muito bonita, sensual, rica, popular. Eu subi degraus da escada social, já que sua família era bem de vida. Mas depois de dois anos juntos eu a deixei porque eu estava com medo de comprometer. Fiquei bêbado como nunca antes. Liguei para ela alguns dias depois. Ela conseguiu convencer-me a reatar. Eu estava com medo de ficar sozinho, de ser rejeitado pelos meus pais e por meus amigos. Além disso, a homossexualidade ainda está associada à traição do meu irmão. Nessa época, minha mãe ficou doente de câncer, ela era realmente a única pessoa que significava alguma coisa para mim. Eu prometi a Deus que, se ela

sobrevivesse, eu seria o menino perfeito com quem ela sonhava. Eu ofereci a minha vida para salvar a dela.

Aos 20 anos, eu me casei. A vida em casa foi bem durante os primeiros anos. Minhas reticências desapareceram. Tudo correu bem, graças aos pais de minha esposa, que nos ajudaram e nos incluíram em seu círculo social influente. Lembro-me, no entanto, de que no dia do nosso casamento, no banho, olhei para meu pênis e disse a mim mesmo: "Agora, meu amigo, esqueça isso, você não tem mais o direito..." Saí do banho, me vesti e comecei a beber. Meu pai ficou furioso quando me viu assim. Minha esposa já estava acostumada. Para ela, o álcool não era um problema, contanto que eu permanecesse funcional.

Pouco antes do casamento, eu confessei para a minha esposa sobre o meu relacionamento com meu irmão. Ela me disse o que eu queria ouvir, que era apenas um passo na direção errada, que tudo tinha passado. Muito rapidamente, senti-me pressionado sexualmente. Tinha que beber para fazer amor com ela. Eu nunca estava disposto de manhã porque estava sóbrio; à noite começava a beber bem cedo para me preparar. Eu fiz com que ela se conformasse ao meu ritmo. Eu garantia que estava bêbado quando fazíamos amor. Lembro-me das primeiras noites. Morávamos em um enorme edifício. De uma das janelas eu podia ver um vizinho andando pela casa nu. Eu me levantava quando minha esposa estava dormindo para olhá-lo. Isso foi o que achei mais excitante. Nós nunca estivemos sozinhos na cama, minha esposa e eu. Fantasias me faziam companhia. Os homens que me excitavam pareciam com meu pai, mas principalmente com meu irmão.

Depois de um ano tivemos um menino e, depois, uma menina. Eu tinha me tornado muito ocupado profissionalmente, a fim de prover adequadamente para a minha família, mas também a fim de estar fora da casa. Me sentia culpado por causa disso no que dizia respeito aos meus filhos. A essa altura, minha esposa se tornara mais mãe do que amante. Tinha se tornado menos exigente na questão sexual e estava bem comigo. Eu também, eu estava me tornando mais pai do que amante. Estávamos tão envolvidos em torno de nossos filhos que ninguém questionou o relacionamento de casal.

Depois de seis anos de casamento, fui eu quem arrumou um amante... Meu cunhado, o irmão de minha esposa. Era como uma continuação da relação que eu tinha tido com meu próprio irmão. Ele é um pouco mais velho do que eu. Nós dois usamos drogas e bebemos. Uma noite, ele estava bêbado e eu também. Eu senti que eu poderia tirar proveito disso. Fiz um movimento; ele respondeu. Estávamos na minha casa, no porão. Minha esposa estava

dormindo no andar superior com as crianças. O álcool ajudou na medida em que as coisas se desenrolavam. Isso durou quase dois anos. Nos encontrávamos mais ou menos uma vez por mês. Ele era exatamente como meu irmão, passivo; Ele me deixou mandar ver. Eu era o ativo, eu fazia sexo oral. Assim como meu irmão, ele se considera completamente heterossexual.

Depois disso, eu desci ladeira abaixo rapidamente. Esses homens haviam despertado algo em mim. Comecei a vagar pelo parque à noite. Minha descida ao inferno começou ali mesmo. Minha auto-estima caiu para zero. Quando eu estava bêbado o suficiente, eu saí e mandei ver nos arbustos com qualquer um que apareceu. Fui para casa muito tarde. No dia seguinte eu estava em estado de choque ao acordar ao lado de minha esposa dizendo "olá, paixão!" As crianças vindo para a nossa cama dizendo: "Oi, papai!" Eu me senti muito mal.

Numa noite de Natal, eu estava seguindo um homem em um shopping center. Ele me convidou para ir à sua casa. Eu recusei mas me arrependi de minha decisão. Quando cheguei em casa, bebi demais. Eu parti, fugi. Eu queria desistir de tudo. Peguei o ônibus sem saber para onde estava indo. Liguei para minha esposa para que ela não ficasse preocupada. E então eu contei tudo a ela, até sobre seu irmão. No início, ela se recusou a acreditar em mim, depois, ela disse que se fosse realmente verdade eu nunca veria meus filhos novamente. Liguei para minha mãe e perguntei se poderia ir morar com ela. Ela disse que eu seria irresponsável se deixasse minha família. Então fui para casa como se nada tivesse acontecido. Fiquei lá durante o ano todo, bebendo mais e mais. Foi apenas um adiamento.

Certa manhã, minha filha perguntou se era vinho o que eu tinha no copo. Ela me disse que era muito cedo para beber. Uau! Ela ainda não sabia como escrever seu nome, mas sabia que seu pai era alcoólatra. Isso realmente me atingiu. Percebi que o impacto que meu comportamento tinha sobre as crianças. Saí de casa definitivamente. Fiz uma tentativa de suicídio. Então eu procurei um terapeuta para curar a minha homossexualidade. Mas, em vez disso, ele me ensinou a me aceitar como sou, a distinguir entre abuso, compulsividade e uma sexualidade equilibrada. Porque, quando tudo está dito e feito, eu não estava mais à vontade com a homossexualidade do que eu era com a heterossexualidade.

Para mim é difícil ter uma visão saudável da homossexualidade. Os homens que amei sempre me abandonaram depois de me usar. Eu costumava ter medo, e ainda tenho medo, de ser amado. Por muito tempo não distinguia entre minhas emoções, minhas afeições e minha sexualidade. Ainda não está claro para mim. Recentemente me tornei consciente de quanto

sentia falta de ter um pai de verdade. Eu não quero ser como ele, mesmo que ele tenha admitido que o que ele fez estava errado e mesmo que agora tenhamos um bom relacionamento. É o oposto do meu relacionamento com meu irmão mais velho, que não fala comigo ou raramente. Acho que ele tem medo de que eu revele coisas sobre ele, especialmente porque agora aceito que sou gay. Ele não passa muito tempo comigo. Mas meu pai parece ter esquecido o que aconteceu depois de todos os tratamentos de choque pelos quais ele passou.

Recentemente decidi me mudar para que pudesse viver mais perto de meus filhos. Deixei meu trabalho para estar mais perto deles. Não quero que eles sejam confusos mais tarde, como eu. Estou ciente de como o abuso afetou minha vida, e não queria passar isso para meus próprios filhos.

Eu percebo que nunca vivi uma relação realmente humana, algo mais do que apenas sexual, com um homem ou uma mulher. Por muito tempo eu me vi como heterossexual. Depois que eu aceitei, eu me considerava homossexual. No nível emocional, acho que sou mais bissexual porque gosto de estar com mulheres tanto quanto estar com homens. Há uma diferença entre ter relações sexuais em pé e estar à vontade com alguém. Estar à vontade com alguém, homem ou mulher, é um pouco como fazer amor com seu coração.

Hoje eu tenho muitos amigos, homens e mulheres, e isso é importante se eu quiser atravessar tudo isso. Minha vergonha de ter vivido a vida que tive, e ser quem eu sou, está diminuindo gradualmente. É o medo da intimidade, do compromisso, que é difícil de vencer. Estou trabalhando nisso. Apesar dos problemas que me causou, acho que minha orientação sexual seria a mesma, com ou sem o abuso sexual. Talvez o problema seja que o incesto me impediu de descobrir, com calma, minha própria sexualidade desde o início.⁵²

O percurso traçado pelos conflitos de Justin em relação aos desejos e práticas homossexuais chega a uma resolução bastante coesa em que ele enfrenta e integra seus desejos à sua identidade enquanto homem gay ou bissexual⁵³. Poderíamos ver nisso um endosso da hipótese

⁵² Dorais, 2011, pp. 153-158.

⁵³ É importante destacar que, para o parâmetro que temos afirmado até aqui, a incerteza sobre a orientação sexual ou, por exemplo, o fato de Justin ter procurado um terapeuta que curasse sua homossexualidade, não é um impasse. Pelo contrário, se as categorias “homossexual” e “heterossexual” têm sido insistentemente referidas por nós como títulos representativos de dois pólos separados de acordo com a transitividade, o homem que, como Justin, não tem uma preferência sexual clara, apenas indica o *continuum* entre esses pólos, também demarcando, todavia, que seu distanciamento do extremo mais defensivo (categorizado como heterossexual) o afasta do tormento específico ter sua identidade masculina contestada.

de que na homossexualidade (enquanto propriamente uma orientação sexual), permitindo o trânsito entre esferas e “dando passagem”, o homem não depende da oposição à feminilidade e, por conseguinte, não precisa lançar mão maciçamente das defesas segmentadoras características da identidade masculina heterossexual (ou dos homens mais defensivos em relação ao paradoxo da homossexualidade). A rejeição inicial de Justin à sua homossexualidade reflete claramente apenas o *status* pejorativo com que lhe foi apresentada: não sabia o que era, mas estava certo de que não queria ser “bicha”. Portanto, é alicerçado no desencontro entre seus desejos homossexuais e o Ideal do Eu que ele diz ter desenvolvido duas personalidades – diferentemente de Bruno que tem vidas paralelas pela cisão que não deixa conviver sua identidade masculina heterossexual com seus desejos e práticas que remetem à feminilidade. Essa discriminação é reiterada ao notarmos que nos casos de Justin e Andrew os desejos e práticas homossexuais, mesmo quando eram recebidos com desagrado, não são acompanhados pela reação homofóbica que constatamos nos demais casos – afinal, essa mesma “fobia” não se sustenta internamente em relação aos seus próprios desejos homossexuais. Não seria, então, porque o fantasma homossexual não precisa ser combatido em nome de sua identidade de homem que, no caso de Justin, a rejeição à homossexualidade pôde ser superada através de um processo de aceitação?

Certamente, Andrew e Justin sofrem graves consequências de uma traição que permanece sendo traumática e produzindo mazelas entranhadas em todas as esferas de suas vidas⁵⁴. Porém, o conflito específico que nasce no encontro entre abuso sexual e masculinidade tendo potencial devastador sobre a certeza de ser homem, núcleo da identidade masculina, não parece ter seu lugar para o homem que não se opõe aos seus desejos homossexuais. Portanto, haveria como vislumbrar uma resolução que dependa, como nos casos de Andrew e Justin, de uma maior aceitação de partes que, apenas devido ao lugar desafiador oferecido ao homem homossexual em nossa cultura, são de complicada integração? Pelo contrário, acreditamos que o caminho viável para aqueles que padecem do conflito que enfocamos nesse trabalho não é o de propiciar a transitividade, mas o de, em uma operação emergencial, reforçar barreiras, reconstruir divisórias na busca de reanimar o núcleo da identidade do homem que subsiste apenas no claustro. Afinal, como poderíamos considerar a partir do que ressalta Bleichmar (2014), uma maior flexibilidade dentro do espectro da identidade masculina é uma

⁵⁴ Sem nos prender necessariamente às histórias aqui abordadas, mas aos homens homossexuais (aqui, especificamente aqueles que desejam pessoas do mesmo sexo), consideramos, por exemplo, como ao abuso sexual, tendo em vista como a traição pode denegrir a imagem masculina, pode ter implicações negativas sobre sujeitos que desejam homens como parceiros sexuais, afetando profundamente suas relações afetivas.

prerrogativa que depende da qualidade de sua afirmação, isto é, de que seus alicerces identitários, ainda que mais defensivos em relação ao paradoxo, não se sintam verdadeiramente ameaçados de desmoronamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegada a hora da ancoragem, retornamos ao nosso ponto de partida. No entanto, após um percurso que incluiu ressacas perigosas, podemos dizer que já avistamos um litoral com contornos mais firmes do que aquele que deixamos para trás. Zarpamos mobilizados pela questão que parece, então, ganhar um sentido completamente novo – “Afinal, que tipo de homem pode um menino sexualmente abusado vir a ser?” Vemos, agora, que essa pergunta silenciosa evocada na clínica representa a indagação que o homem abusado sexualmente na infância faz para si mesmo deflagrando, justamente, o grande conflito em jogo entre abuso sexual e identidade masculina. Que tipo de homem? O pavor em relação ao desejo do outro ou ao seu próprio, as práticas e fantasias incongruentes com os contornos identitários e o suspiro constante ao pé do ouvido vêm lançar a suspeita a ser suprimida a todo custo, a resposta absolutamente intolerável: “nenhum”.

Essa conclusão confirma ter sido valiosa nossa hipótese inicial de que o impacto do abuso sexual sobre a identidade dos meninos violados suplantaria a problemática em torno da orientação sexual que eles poderão vir a ter enquanto adultos. Com efeito, em momento algum nos detemos sobre a amarração da “etiologia” da homossexualidade masculina ao abuso sexual, sempre avançando em direção ao cenário comum de que *todos* os meninos traídos têm marcas profundas sobre suas fantasias e práticas sexuais que, como ilustraram os casos, comumente envolvem outros homens. No entanto, considerando nosso enfoque, a orientação sexual dos homens abusados da infância, ou seja, “homossexualidade” e “heterossexualidade” enquanto uma divisão didática – e, inevitavelmente, reducionista – baseada no aparente antagonismo da homossexualidade contido no paradoxo defendido por Bleichmar (2006), não pôde manter-se dissociada do problema em torno da identidade masculina desses homens. Independentemente de se, como julga o senso comum e indicam algumas pesquisas, o abuso sexual poderia dispor o menino a uma eleição de objeto homossexual⁵⁵, o fato é que uma orientação já instituída, estabelecendo a “classe” de homem segundo a transitividade que lhe é possível suportar, poderia re-significar o paradoxo e, por conseguinte, representar respostas distintas à traição. Viver amarrado ao temor da impugnação

⁵⁵ Uma questão que, inevitavelmente, está amarrada às infinitas variáveis em torno do mistério que é o processo psíquico em que se constitui a eleição de objeto e, também, aos multifacetados preconceitos em torno da homossexualidade – uma realidade clara expressa no *temor* que apresentam os pais e responsáveis pelo menino abusado quanto a se ele será “homem”.

de sua posição masculina ou não dependerá de qual o lugar ocupado pelo paradoxo da constituição de sua identidade.

Entretanto, reconhecemos que a ousadia da crítica à tese desenvolvida em “*Paradojas...*” e a proposta de uma distinção entre dois pólos dentro da identidade masculina denunciam, inevitavelmente, os limites desse trabalho, deixando claro que são um problema a ser apreciado com a profundidade que sua posição marginal nesse estudo não poderia oferecer. Certamente, nesse caminho cruzamos rotas inesperadas que se mostraram iluminadoras, ainda que não tenha sido possível percorrê-las como conviria. Esse é também o caso da conjectura sobre o fenômeno da homofobia enquanto resposta defensiva elementar da identidade masculina fragilizada pelo abuso sexual em relação à transitividade que parece emblemática da homossexualidade. Diante da relevante problematização atual da homofobia, especialmente por parte de homens, o que pensar se ela se mostra como efeito tão característico para os homens heterossexuais abusados na infância quando os abusos de meninos, por sua vez, seriam muito mais comuns do que se convencionou considerar? Poderíamos estar perante um efeito epidêmico ligado a outra epidemia mais silenciosa?

Várias questões permanecem em aberto, sendo que o próprio sofrimento de meninos e homens abusados sexualmente se mostra, agora, menos obscuro, mas ainda extremamente desafiador. Nossa argumentação contraria a tese de muitos autores envolvidos com vítimas do sexo masculino que vêm na abertura da masculinidade para além das fronteiras rígidas impostas pela cultura – que promove uma nova concepção do que significa ser homem na qual ele, homem-vítima, também possa se incluir – a rota principal para sentir-se, enfim, “homem de verdade”. Ainda que exceda nossa proposta abordar uma via de “recuperação” analítica para o homem abusado na infância, o olhar que lançamos sobre o conflito identitário nesses casos não permite que estejamos de acordo com a proposta de Gartner (1999) de suavizar o ideal de virilidade para integrar elementos uma vez considerados “não masculinos”. Pelo contrário, a elaboração desenvolvida neste trabalho nos permitiu vislumbrar um horizonte a partir do fortalecimento das barreiras identitárias, ao menos no caso dos homens cuja identidade não pode dar passagem aos desejos homossexuais, retomando aspectos mais inflexíveis e maniqueístas característicos de posições mais frágeis, mas eficazes na consolidação “egóico-identitária” – afinal, a identidade masculina constitui-se, primeiramente, por oposição. No entanto, de qualquer modo, é preciso conduzir estudos que se concentrem sobre a questão do tratamento psicanalítico ou psicoterapêutico de homens

abusados na infância tendo em vista esse olhar que, até onde vimos, é inédito sobre o problema. Só assim poderemos ter uma visão mais clara sobre essa questão que, sem dúvida, se amarra aos discursos sociais sobre a masculinidade, a feminilidade e, também, sobre a homossexualidade masculina.

Finalmente, apesar da insuficiência desse trabalho que desperta outros caminhos importantes a serem trilhados, esperamos que tenha sido suficiente para combater o paradoxo contido na afirmação de que os homens abusados apenas são vítimas de uma sociedade que não permite que homens sejam vítimas, um enunciado que, como vimos, obtura tantas indagações importantes sobre as vicissitudes da masculinidade enquanto uma constituição. Além disso, que as histórias dos homens aqui apresentadas possam ter trazido à luz a dor de quem foi profundamente traído e interditado de poder viver, trabalhar e amar sem ser invadido constantemente pela dúvida de quem se é ou de quem paga o alto preço de viver separado dessa indagação. Afinal, um pouco só de luz, um feixe apenas, já seria resplandecente em um lugar que se mostrou ser pura escuridão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS⁵⁶

- Abras, R. M. G. (2014). Ferenczi, uma clínica a partir do traumático. *Reverso*, 36(67), 85-89. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952014000100010&lng=pt&tlng=pt.
- André, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- André, J. (2008). A violência no rosto: o *après-coup* dos traumas precoces. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 11(4), 545-561. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142008000400003>
- Azevedo, G. A., Habigzang, L. F., Koller, S. H. & Machado, P. X. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. In: *Psicologia: teoria e prática*, v. 21, pp. 341-348. Recuperado de <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n3/a11v21n3>>.
- Bleichmar, S. (1994). *A fundação do inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bleichmar, S. (2006). *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós.
- Bleichmar, S. (2010). *Psicoanálisis extramuros: puesta a prueba frente lo traumático*. Buenos Aires: Editorial Entreidas.
- Bleichmar, S. (2014). *Las teorías sexuales en psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós.
- Blos, P. (1998). Filho e Pai. In: Breen, D. (Org.). *O enigma dos sexos*. Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1982).
- Breen, D. (1998). Introdução Geral. In: Breen, D. (Org.) *O enigma dos sexos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Calvi, B. (2012). *Abuso sexual en la infancia: efectos psíquicos*. Buenos Aires: Lugar Editorial.

⁵⁶ De acordo com o estilo da APA – American Psychological Association.

- Carvalho, M. T. M. (2012). Responsabilidade e resposta no crime de abuso sexual. In: Mariaccini, E. M., Fernandes, M. H., Cardoso, M. R., & Rabello, S. (Orgs.). *Limites de Eros*. São Paulo: Primavera Editorial.
- Carvalho, M. T. M.; Ribeiro, P. C. (2006) Modelos do trauma em Freud e suas repercussões na psicanálise pós-freudiana. In: *Percurso: Revista de Psicanálise*, Ano XIX, nº37, segundo semestre de 2006, p. 33-44. Recuperado de: http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=249&id_tema=25.
- Cromberg, R. (2012). *Cena incestuosa: abuso e violência sexual*. (2a Ed.) (Coleção Clínica Psicanalítica). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Demme, J. & Saxon, E. (Produtores) & Demme, J. (Diretor). (1993). *Filadélfia* [DVD]. Estados Unidos: Tristar Pictures.
- Dorais, M. (2011). *Don't tell: the sexual abuse of boys*. (2a Ed.) Quebec: McGill-Queen's University Press. (Obra original publicada em francês em 1997).
- Ferenczi, S. (1933/1992). Confusões de línguas entre os adultos e a criança (a linguagem da ternura e da paixão). In: *Escritos psicanalíticos*. Rio de Janeiro: Taurus.
- Figueiredo, L. C. (2008a). Modernidade, trauma e dissociação: a questão do sentido hoje. In: Figueiredo, L. C. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C. (2008b). Subjetivação e esquizoidia na contemporaneidade: questões metapsicológicas. In: Figueiredo, L. C. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C. (2008c). *Verleugnung*: a desautorização do processo perceptivo In: Figueiredo, L. C. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- França, C. P. (2005). A montagem do cenário incestuoso. In: França, C. P. (Org.). *Perversão: variações clínicas em torno de uma nota só*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- França, C. P. & Mendes, A. P (2014). Contribuições de Sándor Ferenczi para a compreensão dos efeitos psíquicos da violência sexual. In: França, C. P. (Org.). *Tramas da perversão: a violência sexual intrafamiliar*. São Paulo: Escuta.

- Freud, S. (1905/2006). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.VII, Trad. Jayme Salomão).
- Freud, S. (1909/2006). *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.X, Trad. Jayme Salomão).
- Freud, S. (1910/2006). *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XI, Trad. Jayme Salomão).
- Freud, S. (1911/2006). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XII, Trad. Jayme Salomão).
- Freud, S. (1913/2006). *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XIII, Trad. Jayme Salomão).
- Freud, S. (1918/2006). *História de uma neurose infantil*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XVII, Trad. Jayme Salomão).
- Freud, S. (1919/2006). *'Uma criança é espancada': uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XVII, Trad. Jayme Salomão).
- Freud, S. (1920/2006a). *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XVIII, Trad. Jayme Salomão).
- Freud, S. (1920/2006b). *Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XVIII, Trad. Jayme Salomão).
- Freud, S. (1923/2006). *O Ego e o Id*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XIX, Trad. Jayme Salomão).
- Freud, S. (1924/2006). *A dissolução do complexo de Édipo*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XIX, Trad. Jayme Salomão).

- Freud, S. (1950/2006). *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.I, Trad. Jayme Salomão). (Escrito em 1895 e publicado original e postumamente em 1950).
- Fuks, L. B (2005). Consequências do abuso sexual infantil. In: França, C. P. (Org.). *Perversão: variações clínicas em torno de uma nota só*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fuks, L. B (2014). Pedofilia: considerações atuais. In: França, C. P. (Org.). *Tramas da perversão: a violência sexual intrafamiliar*. São Paulo: Escuta.
- Gartner, R. B. (1999). *Betrayed as Boys: psychoanalytic treatment of sexually abused men*. New York: The Guilford Press.
- Gigliotti, D., Killanin, L., Minghella, A., & Pollack, S. (Produtores) & Daldry, S. (Diretor). (2008). *O leitor* [DVD]. Estados Unidos/Alemanha: Weinstein Company.
- Greenson, R. R. (1998). Des-identificação em relação à mãe: sua especial importância para o menino. In: Breen, D. (Org.) *O enigma dos sexos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967).
- Hohendorff, J. V., Habigzang, L. F. & Koller, S. H. (2012). Violência sexual contra meninos: dados epidemiológicos, características e consequências. In: *Psicologia USP*, v. 23. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642012000200008&script=sci_arttext.
- Hornstein, L. (2009). *Narcisismo: autoestima, identidade, alteridade*. São Paulo: Via Lettera.
- Kafka, F. (1997). *Carta ao pai*. São Paulo: Companhia das letras.
- Kehl, M, R. (1996). *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Knobloch, F. (1998). *O tempo do traumático*. São Paulo: Educ.
- Laplanche, J. (1988). Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In: Laplanche, J. *Teoria da sedução generalizada e outros trabalhos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Laplanche, J. (1992). *O inconsciente e o Id*. São Paulo: Martins Fontes.

Laplanche, J. (2006). Él género, el sexo, lo sexual. In: *Alter: Revista de Psicoanálisis*. nº2, setembro de 2006, pp. 1-15. Recuperado de <http://revista-alter.bthemattic.com/files/2014/11/2.-El-g%C3%A9nero-el-sexo-lo-sexual-v.-ALTER.pdf>

Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1988). *Fantasia originária, fantasia das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. (4a Ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Lattanzio, F. F. (2011). *O lugar do gênero em psicanálise: da metapsicologia às novas formas de subjetivação*. 195f. Dissertação (mestrado em psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte.

Leader, D. (2013). *O que é loucura? Delírio e sanidade na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Zahar.

Levi-Strauss, C. (2009). *As estruturas elementares de parentesco*. Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1947).

Lichtenstein, H. (1977). Identity and Sexuality. In: Lichtenstein, H. *The dilemma of human identity*. New York: Jason Aronson. (Obra original publicada em 1961).

Mandelbaum, B. (2014). Terror em casa: a dinâmica da violência no interior do organismo familiar. In: França, C. P. (Org.). *Tramas da perversão: a violência sexual intrafamiliar*. São Paulo: Escuta.

McDougall, J. (1989). Narciso à procura de uma nascente. In: McDougall, J. *Em defesa de uma certa anormalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Miguelé, N. B. S. (2012). *Complexo de Édipo*. (2a Ed.). (Coleção Clínica Psicanalítica). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Ministério da Saúde. (s.d). Dados do Sistema de Informações de Agravos de Notificação (Sinan). Recuperado em 3 de setembro de 2015.

- Monzani, L. R. (2014). *Freud: O movimento de um pensamento* (3a Ed). Campinas: Editora Unicamp.
- Nasio, J.-D. (2007). *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Paglia, C. (1992). *Personas Sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ribeiro, M. (2014). *Sem medo de falar: relato de uma vítima de pedofilia*. São Paulo: Paralela.
- Ribeiro, P. C. C. (1993). Identité et séduction chez Heinz Lichtenstein. *Psychanalyse à L'université (Puf)*, v.18, p.71 – 80.
- Ribeiro, P. C. C. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta.
- Roth, R. (Produtor) & Mulligan, R. (Diretor). (1971). *Houve uma vez um verão* [DVD]. Estados Unidos: Warner Brothers.
- Schneider, M. (2003). *Genealogía de lo masculino*. Buenos Aires: Paidós.
- Uchitel, M. (2000). Em busca de uma clínica para o trauma. In: Ferraz, F. C. & Fuks, L. B. (Orgs.) *A clínica conta histórias*. São Paulo: Escuta.

APÊNDICE A:
ÍNDICE DOS CASOS CLÍNICOS E DEPOIMENTOS

- 1. Andrew:** 223-226.
- 2. Bruno:** 180-181; 185-186; 194; 220-222.
- 3. Devin:** 180; 185; 190; 205.
- 4. Francis:** 172-173; 186-187; 189; 195-196; 216-219.
- 5. Gene:** 173; 174.
- 6. Greg:** 191-192.
- 7. Jimmy:** 171-172; 193-194; 206-207; 213.
- 8. Julian:** 187.
- 9. Justin:** 227.
- 10. Matthew:** 174-176; 214-216.
- 11. Pascal:** 205-206.
- 12. Patrick:** 203-204.
- 13. Paul:** 194-195; 208-212.
- 14. Ramon:** 222-223.
- 15. Victor:** 179-190.

APÊNDICE B
VERSÃO ORIGINAL DOS FRAGMENTOS DE CASOS E DEPOIMENTOS

SUMÁRIO

1. Andrew	246
2. Bruno	248
3. Devin	252
4. Francis	253
5. Gene	257
6. Greg	259
7. Jimmy	259
8. Julian	262
9. Justin.....	263
10. Matthew.....	268
11. Pascal	271
12. Patrick	272
13. Paul	273
14. Ramon.....	277
15. Victor	278

1. Andrew (Dorais, 2011)

Páginas 77-80:

Until I was 17, I lived in a small town. I was 13 the first time my father abused me. He was then about 40 or 42 years old. My sexual relations with him went on for at least three years after that first abuse. It then took me several years to recover.

I had an ordinary childhood. I am the second of five children in a modest working class family, originally from Britain. I remember we used to go camping and horse riding during the holidays. Then, I used to have friends and I was a child just like the others, like my brothers and sisters. But when I became a teenager, and even a little before that, I became aware of my sexuality, and realized I was attracted to other males. I became withdrawn, and I isolated myself. It was during this period that I was abused.

My parents' marriage was breaking up and, that particular evening, I remember, my brother had gone out. My father came home and, for one reason or another, we found ourselves in his car, talking together. I forget what we were talking about but at a certain point the subject of sex came up. My father said to me: "come on, I will show you something." He started the car and it rolled out of town.

We drove off the highway and turned on to an narrow roadway. I remember tall trees on either side of the car. He said he had to get out to pee and I joined him. Maybe I glanced at his penis – out of curiosity as much as anything. When we got back in the car, she asked me if I had seen a grown man's penis before. I told him no. He took off his penis and showed it to me. Then he asked me to see mine. I showed it. He wanted to know if I masturbated and offered to show me how to do it "properly". He took my penis in his hand and masturbated me until I got a hard-on and urged me to do the same thing to him. Afterwards, he took my penis in his mouth. I immediately came close to ejaculation. I didn't know people could do that. My father asked me to sit on his penis, in order, he said, to show me how it should be done. Then we took off our pants. He asked me to turn on my side, to bend over the seat, facing the back of the car. That's when he raped me. He sodomized me. I remember crying out when he penetrated me. I thought I was going to die. But in spite of everything, I have been aroused, something I was discovering for the first time. However, the pain blocked everything else out. When he reached orgasm inside me, I was crying. When he had finished,

he wiped off the car and tried to calm me. We went back to the house. I don't remember how it all ended. Maybe he went to bed, I don't know.

I never told anyone what happened. My father was never punished. I didn't know anyone who had been sexually abused and there was no one I could talk to about it. I kept my feelings to myself. I felt betrayed, isolated, incapable of loving, incapable of being loved.

About six months later, my father left home and went up to live with my grandmother. We went in there for weekends. One evening, when I was getting ready for bed, my father asked me to give him a massage. His work was physically very hard and he often had a sore back, so I said yes. He undressed completely. Myself, I was just in my underpants when he turned on his back and asked me to take them off. That night, we began a codependent relationship. Whenever he asked me for massage, it was a signal for sexual relations. It was mutual masturbation or mutual fellatio. He never tried to sodomize me again. Often, when the sex was over, we used to talk about school, about my mother, about all sorts of things. It was more or less the only time we talked to each other.

As a teenager, I remember feeling isolated, depressed. I hoped the day would come when I would no longer feel anything. The only relationships I had with boys of my own age were sexual and superficial. I couldn't keep any friends. I felt vulnerable and scared. I had problems at school. School bored me. I left school. I was placed in a private school to finish my year. There I met Mark who was to become my closest friend for a period of two years. We were inseparable, we did everything together. The last time we saw each other, we had spent the whole afternoon at the beach. That evening, we went to his father's summer cottage. We were all alone there. Mark and I drank a few bottles of beer and smoked some hash he had brought. When we went to bed, I initiated some sexual activity. I was attracted to him and I was wondering what it would be like to have sex with him. My hand slipped over his body and slowly removed his underwear. I gave him oral sex and he did the same for me. Afterwards I turned him over and entered him, maybe more brutally than he would have wished. He wanted to do the same with me, but I refused.

When we returned home, I never heard from him again. At school, all other teenagers hassled me and threatened me, saying they knew I was a fag. I left school for good then. Some months later I went to live with one of my aunts, very far from where I was born. I took up my studies there.

When I grew up, I begin living on my own. Again I moved to another town. At first I never went out at all. Then friends from work took me to a local gay bar and I started going there on my own. I also went to social gatherings where I met people. I slept with many men. The only thing I never did was anal sex.

In spite of everything, I was afraid of intimacy, of friendship. I still find it difficult trust anyone and I find it hard to believe that others could find me attractive. I've remained quite solitary over the years. I had to wait a long time to find a man who would make love to me gently; he was the only one I agreed to have anal sex and with. Since then I've had other relationships, some based on sex and others based on friendship.

In my sexual fantasies I like to be the dominant one, but from time to time I have fantasies where I am someone's slave and I am forced to obey him. I've tried this out in real life two or three times but I discovered it doesn't really appeal to me. The most satisfying relationship I've had was in a partnership where each of us would alternate between a passive and active or aggressive role, as the mood took us. Whether it be in fantasy or in reality, my partners are the same age as myself and like me in body weight.

I have chosen to forget and put away in a mailbox in my head everything that happened to me during my adolescence. It has cost me dearly because I missed out on my childhood. I am reminded of it when I speak to others, and above all by the way I get into a relationship, which contrasts with the way other people approach relationships. Today, at this point of my life, I accept that I am gay; I'm even happy about it. I'm still somewhat reserved and ill at ease. But I'm more trusting now, I can express my feelings and I have less fear of being rejected or of becoming emotionally dependent on someone. I go out from time to time and I have sexual relationships that are satisfying most of the time. I'm becoming more and more at ease with my chosen lifestyle.

2. Bruno (Dorais, 2011)

Página 125:

My father was in fact, my stepfather, and I never knew my real father. He left when I was a baby. My mother already had two other children, also boys. I was six years old when it first happened. I didn't know anything about sex. I just used to do what he asked me. He was my

father, so I did what he said. I knew it was a secret because he asked me not to talk about it, but I thought it was OK. Well, more or less. And he was doing the same thing with my brothers. When I realized a few years later that it wasn't normal, I told my mother about it. She said she'd see to it. But she didn't do anything. At least, she didn't change her behavior towards me. Even today, I'm still mad at my mother. She died later on.

Páginas 125-126:

When you're obliged to do that, you might just as well get some pleasure out of it. In any case, you can't prevent your body feeling things. When I was nine or 10, I started to refuse him, mostly because he was trying to force me to have sex with my brothers in front of him. At that time, too, he was paying one of my cousins who was 14 to have sex with him. One day he wanted me to take part in a threesome with that cousin. At least it wasn't as bad as making love with one of my own brothers. My father used to say I had a huge penis. He liked to sodomize me too. At first it used to hurt, but somehow I got to like it later on.

Página 126:

Sometimes I regret not wanting to denounce my father. My girl cousin, the first person I spoke to about it, suggested I do it. When my father realized he was getting into hot water, he said he would get help, promised he'd do all he could... It all stopped when I started living on my own. I was 15 years old. That's how it all stopped, or almost, because he didn't give up easily, my father. He used to come and visit me in my apartment and he was still trying it on. At one point we were living quite close to one another. We had each other's keys in case of emergencies. One night, I heard a noise. He was tip-toeing in. He was in my room, looking at me. I had the impression he was masturbating. I leapt out of bed and yelled: "what do you think you're doing?" he mumbled something or other. I threw him out. That's one of the last times we saw each other. He must have realized I was at the end of my rope with him. He was probably afraid I would speak out or that I would denounce him, because, you know, I was really pissed off with him.

Páginas 126, 127-129:

Girls? I didn't discover them until my adolescence. All the guys were saying how fantastic it was to go with a girl. But I'd only ever been with guys. I was keen to see how it was with a girl and I got the opportunity when I spent a weekend with a girl cousin. I was 14. She was

about 10 years older. She came into my room in the morning to help me make the bed. I had a feeling something was going to happen. The thought was already forming in my head. We must both have been thinking about it. We started roughing each other up, then somehow we fell on the bed and it just happened, all by itself –we made love. Even if she was my cousin and even if she was older than me, I didn't see it as abuse. On the contrary, I told myself she had introduced me to something a bit more normal. From then on I was able to continue with girls, quite normally.

My main problem today is that I think about sex all the time. I'm obsessed with it from morning till night. Women, men, sex is all I think about. For sure, I prefer women, but it's much easier with men. With women, you have to put white gloves on, you have to take the time to persuade them. Even when it's your sweetheart, she's not willing all the time. And then again, they get serious right away. It's not easy just to have a bit of fun with a girl. Men, there are always ready for sex, and afterwards it's like "don't know him, never seen him." If I went about it the same way with a girl as I do with men, she'd think I was a sex maniac. My favorite trick is to wait in the park or in a public toilet until a man comes in. Then, if he hangs around, if he is looking at me... There are lots of ways to tell if he is interested... And since I'm quite good looking...

Before getting serious with a girl like I am right now, I had all sorts of adventures with women too: colleagues from work, their friends, girls I met in bars and discos... We'd often end up in bed. I made a point of honor to get laid by all of them. But it would lead to bickering because girls are often jealous of one another. That's one of the reasons why I'm less active in that department and I was before. I am less attracted to men, but for me it's more practical.

In the summer what I do is I take a walk in the park. I know the best places. I stretch out on the grass, away from the crowd. I take my shirt off. I like to be looked at and admired. It's strange: in my head I find the thought of two men together disgusting, but when I get aroused, I can't resist any temptation, homo or hetero. If a male approaches and he looks good to me, then I let him get on with it. If I don't like the look of him and he's getting too close, then I say: "hey, what are you up to? Leave me alone, you damned fag!" I can look nasty when I want. The guy takes off soon enough.

What excites me the most is a sense of danger. I get a thrill out of it. Actually, men probably excites me less than the context which things are happening. Getting it on with a guy, undisturbed, in a bedroom, with a little background music playing, it's OK for homosexuals. But that doesn't interest me. What I want is to risk, the fear of being find out, being surprised.

With my girlfriend, if I don't take the initiative, we don't get into it. I don't like a girl to make the first to move. We don't seem to be too well synchronized, her and me. When I want it, she's tired. When she feels like it, I'm the one who doesn't want it. With her, it's more about affection and understanding. That holds me. And then, her folks adore me, which makes me feel I belong in a family, at last. I feel loved for my own self for the first time in my life. This is very important for me and it's why I'll stay with her as long as she wants me. I've never loved anyone as much as I love that girl. I'd be mad at myself if I'd made her unhappy. I don't like lying to her about my life, but I had no choice, she wouldn't understand.

Am I a homo or hetero? I see myself as a hetero. Homosexuality is not for me. I'm sure it stems from the abuse. If I hadn't learned about that kind of sex, I don't know if I would have thought of it all by myself. I'm only attracted to older males now. I like to think the man also finds me attractive, so that I can do anything I want with him.

It's like I have two personalities: the good little boy on the one hand and the sex maniac on the other. I don't find it normal to be thinking about sex all the time. I'm afraid it will end up ruining my life. Suppose I were arrested, or if the girl I love found out about it. Maybe I need some therapy but I don't see myself going to talk about it. I've heard it said there are groups for male victims of sexual abuse and groups for "sex addicts" too, but I can't see myself telling the story of my life in front of everyone.

As for my father, I get news of him indirectly through the family. He's remarried. I hope he's not doing the same thing to other kids. His wife can't have any. No one will ever be able to trust him. He looks like a decent fellow, but he has no control over himself sexually. I don't know whether he's a pedophile, a homosexual, or whatever, but I don't think he feels right about himself. My brothers don't want to see him anymore, either. They're older than I am. They have kids. For sure, they don't want to risk their children becoming sexual abuse victims like they were.

3. Devin (Gartner, 1999)

Página 168:

Devin described his father as brilliant, a talented athlete whom Devin adored. “Everyone loved him – I always felt he was a good father – I never thought about all the other stuff. It was like some other person did those dirty things at night”.

Páginas 168-169:

“While it was happening, I’d get disgusted. Usually it felt bad – then I would pretend to be asleep. But I never told him to stop – it was not at all terrifying. And sometimes I wanted him to do it. It felt good and bad at the same time. When I heard him coming up the stairs, I’d get excited – it became pleasurable.” Devin turned red as he said this, saying he was afraid I would think he was gay. Turning away from me, he added, “I knew there was something wrong with what we were doing, but it made me feel special. I loved my father so much, and I loved having this special secret with him. He never said to keep it a secret, but I knew I should. At the same time I felt disgusted, I also felt special”. Asked how he felt talking about the abuse, Devin said, “I know I should feel rage, but I don’t. I don’t actually miss him but I also don’t hate him – I’m emotionless. I guess I make sure I have no feelings about him”.

Página 169:

When Devin was in his early twenties, his father was indicted for molesting a neighborhood boy. He asked Devin to testify on his behalf, and Devin did so, swearing in court that he could not imagine his father doing such a thing to anyone. The father was acquitted, but Devin was positive his father had committed the crime of which he was accused. He felt terribly guilty about the boy whose charges had been judged to be unsubstantiated. “I did a terrible thing to him. I’m not so bitter now, but I hated myself for what I did. Why did my father ask me to testify? I perjured myself when I was still young and idealistic about the law. Since then, I’ve been bitter and cynical about everything”. His father died five years before my first meeting with Devin, and on his deathbed he apologized to Devin for what he had done. “Even then, I hated having to talk to him about it. It made me uncomfortable, very embarrassed. I told him it was okay, even though it wasn’t.” The father also told Devin’s mother about the abuse before he died.

Página 169-170:

His sexual problems with women made him wonder whether he was homosexual, as did the childhood abuse itself, especially in light of his sexual arousal during his molestations. He insisted, however, that he had no conscious erotic desire for men. Indeed, he got highly anxious in response to interpersonal approaches of any kind from a man, and was phobic about saying or doing something that might make him appear gay or, by extension, appear interested in men for anything at all. This seemed to be an aftermath of his conflicted pleasure when his father abused him. We also explored the alternate possibility of his having unconscious homosexual desires, whether related to the abuse or not, as represented by his allowing men to fellate him in the heterosexually oriented peep shows he frequented. This homosexual concerns affected his relationship with his son. While he had claimed to have no fantasies or impulses about molesting boys, he was worried that somehow he would abuse his son anyway. He had always refused to bathe the boy, and obsessively worried that he was spending too much time with him or looking at him too much.

4. Francis (Dorais, 2011)

Página 102:

I am an only child. I never got along well with my father. I got along better with my mother. My father is an army man and that sort of mentality ruled the household: no going out after 8:00 in the evening, no visiting friends. There was no possibility of discussing with him. We hardly spoke to one another.

I was twelve when he began touching my bum as I got out of the shower. At first, it was when I had a towel around me. He had never before been affectionate with me. I told myself that's what it was. It seemed quite normal. But when he began taking off the towel and pawing my butt, I knew something was wrong. I felt hurt. My eyes filled with tears whenever he did it and I would take off to my room.

I ask myself if he did it to show that he loved me or if it was something else. Maybe my father had problems. I didn't know what to think. On the other hand, I told myself it was good that she was beginning to pay attention to me, to be affectionate. I figured I'd enjoy it, go along with it, and that maybe it was just because he loved me. He used to say he liked stroking me because I had soft skin. But then things turned different. At one point he

grabbed my penis and pulled me against him. I was quite naked. When my mother had gone out, he took me into his bedroom. He lay down on top of me. It went as far as ejaculation. He masturbated me, ask me to masturbate him, to put my hands on his bum and squeeze hard. At that point I just didn't understand it anymore. I didn't know how to react. Should I let him go on doing it or should I speak out? I was afraid of how he'd react if I denounced him.

Página 103:

Once I asked my father why he did that to me. He replied: "I already told you. It's because you have soft skin. It's stronger than I am. And, apart from that, your mother doesn't give me enough sex." I spoke to my mother about it. She didn't take me seriously, but she said: "OK, so I'll give him more sex." She never spoke about it again. That did something to me. There was my mother, who was supposed to protect me, during an absolutely nothing about it. From then on I started doing drugs.

Página 104:

When I wore shorts or walked about in a dressing gown, he would say I was provoking him sexually. That made me mad and I would change my clothes. Finally I was so afraid of turning him on that I wore two of everything: two pairs of underpants, two pairs of socks, two shirts. Even in summer, I would wear several layers of clothing and a belt with a padlock. I also put padlocks on my boots – my Doc Martens. That way, even if he could get my pants down, he couldn't get my boots off.

When I started taking girls home, or receiving calls from my girlfriends, he behaved stupidly. He would lecture me: I wasn't allowed to hold their hand or touch them, never mind kiss them, in front of my father. It was easier to go to their place than to take them home. In the beginning, when he and I were making out, he used to say to me: "this will show you how: you'll see, with a woman is even better." But he was jealous. He wanted to prevent me making love with girls. One time he said to me: "I forbid you to make love before you're married." I told him he couldn't give me orders, considering what he himself was doing. He got annoyed. Fortunately, some friends just happened to drop by to pick me up, otherwise there would have been quite a brawl.

Páginas 102-107:

Around the age of 14 or 15, I said to myself: what am I going to do with my life? I have to make a future for myself. I can't always be my father's slave. I ran away, and took as many drugs as I could buy. I was stoned 18 hours a day. I skipped school, I had trouble relating to girls and I changed girlfriends often. The first girl I became attached to dropped me: I saw that as another form of abuse. I felt betrayed, like with my father. I didn't like that feeling but I continued to go out with girls, one after another. Each time I went out with a girl I had to have sex. I had to prove something, that I wasn't a fag, I wasn't a homosexual. I made love even when I didn't feel right with a girl, just because I was trying to prove something to myself. I'm afraid of being gay. I'm afraid of being an abuser too. You hear it all the time: "he who has been abused will abuse."

During the time I was having sex with my father, I stayed away from my girlfriend. The two things at the same time didn't seem right. It's very different, penetrating a woman and penetrating or being penetrated by a man. With a woman, it's normal, it's more comfortable - it's great, wouldn't you agree? With my father, I had to be on all fours so he could penetrate me. It was humiliating. It hurt. I used to bite the pillow. Even when I was totally stoned I felt the pain. Once he asked me to penetrate him, and that disgusted me the most. I ran to clean myself up right away afterwards. I took off through the bathroom window. I got complete stoned that night.

Often, when I was making out with a girl friend, I would have flashbacks. I could see my father on the wall of the bedroom. When I'm drinking, when I've taken drugs and I get close to bed, I still have this kind of flashback: I can see my father again, as if he's there. I associate drink, drugs, and a bed with abuse. It all goes together in my mind. Sometimes, when I am making love, I freeze up because I can see my father again, and I can see myself with him. When this happens, I leap out of bed right away; I have to get drunk or take a lot of drugs to numb my mind.

When I make love with a girl I'm in love with now, in spite of myself I find myself doing things I did with my father. I squeeze her buttocks very hard. She says I'm hurting her sometimes. I know it, but it's like, having learned it, I can't stop doing it. On the other hand, there are some positions, sexual positions, that remind me too much of my father. I just can't do it. There are only two positions where I can go ahead with no holds barred so to speak, because these positions don't work with two men. If I think about the abuse, for sure I'll lose my erection. It takes me about an hour, at least, to get it up again. For example, blowing in

my ear, that's used to get me interested. My father often did it to me because he had discovered it turned me on. My present girlfriend began doing it without being aware. It paralyzed me. I warned her. If she forgets, I just freeze. I lose interest in sex right away. Another example: when my girlfriend begins stroking me, I ask myself what she's after. It reminds me of my father who always stroked me when he wanted sex.

My fantasy life is affected by my past too. Sometimes it happens that I think of overpowering a girl and taking her by force. Then again, I like making love on the spur of the moment. It's like a challenge. I wonder how the person will react. The other night, my girlfriend and I made out in front of one of her girlfriends who had never seen that before. We were partially hidden by the sheets. The friend looked inside to see if it was really true –if we weren't just teasing her. It would be more difficult for me to do that in front of a guy, especially if I knew him. With men I am more reserved. In my therapy group, that was the first time I ever cried in front of other men. Sometimes I imagine a threesome, preferably to girls and myself, or two guys and a girl. I did it once, with the fellow I knew who had also been abused. It only lasted 15 minutes. We were both too nervous. It was better in fantasy than in reality. Sometimes I imagine two men are making love. They are my age or a bit older. The guys I'm attracted to aren't like my father. They're not hypocritical, they're not secretive. I prefer to see two homos embracing each other than to know a grown man is abusing a young person. But I prefer women, whether they're young or old, that's for sure.

I have difficulties with homos. One evening last year, with some friends, we were in montreal's gay village. I spoke to one of them, enticed him into a back lane, and then, with my chums who were waiting, we went through his pockets and tried to run his nose in the sidewalk. The last person I did that to was a cousin of one of the guys in the group home. We went to his place and robbed him. Afterwards, I thought it over and decided I wouldn't do that anymore. I even looked him up and told him I was sorry. When he asked me why I'd done it, I told him what had happened to me. He understood and forgave me. He encouraged me to make a complaint against my father. After all it's guys like my father I got it in for, not homosexuals. Today I can make that distinction between the hypocrites who abused children and homosexuals.

I don't trust men at all, especially those who've got a big belly like my father has, the ones who are policemen, security guards, or in the army like he was. I'm always at the ready, distrustful, around older men. I have a friend whose father is also an army type and his friend

has a history like mine. It makes me wonder how many of us there are, like that. Perhaps there's a connection because of the fact that soldiers, during a war, they can rape women and children. In the army cadets, where my father had enrolled me, I was afraid of being abused. I fixed a padlock to a belt placed between my underclothes and my pants during the times I was at cadet camp. I felt it was like a chastity belt.

Página 107:

For guys who've been abused, I think sex with females is harder. There's not one guy who's prepared to be abused, to cope with that, to survive it. You have to learn everything over again.

Páginas 107-108:

In the army cadets, where my father had enrolled me, I was afraid of being abused. I fixed a padlock to a belt placed between my underclothes and my pants during the times I was at cadet camp. I felt it was like a chastity belt.

Página 108:

Today I have a Mohawk haircut to keep people away from me. People are afraid. Another thing, my father hated that haircut. But I don't talk to my father anymore. He doesn't want to speak to me.

As for my mother and me, we talk a bit, but not about the abuse. She takes my father's side. She doesn't want her marriage to break up. She can't face the truth. My father is an OK guy in her eyes and that's how most people see him. He is not able to admit to himself what he did. If he were to admit it to me, or even just to himself, I'd be ready to forgive him. I still don't know why he did it. I really don't know, but I suspect he'd been abused himself as a boy.

5. Gene (Gartner, 1999)

Páginas 11-12:

It was not necessary for Gene's father to use physical force to abuse his son. Instead, he trained Gene from an early age to accept molestations as part of his daily routines, and even to

look forward to the mixture of closeness and arousal in their encounters. Gene's father told him this was something between the two of them, something not to be discussed with anyone else, and Gene obeyed. Gene said that, as time went on, he assumed most boys had similar relationships with their fathers, and believed they all knew not to talk about it to outsiders, including one another.

Página 12:

When his son was born, Gene began to experience disturbing feelings and found he could not let himself touch the baby except in awkward, stilted ways. He refused to change his son's diapers or to bathe him, although he had done all those things for his older child, a daughter. He began to feel flashes of anxiety, and images of sex with his father came unbidden to his mind at odd times. He could hardly talk to his father when he visited his parents, and suddenly he realized that he was afraid to leave his son at his parent's home.

The implications of his history unnerved Gene, and he began to feel he was disintegrating. The next months were tumultuous. He asked himself terrible questions. Why had he allowed the abuse? What kind of man was he to have permitted such a thing? Should he tell his wife and his sisters not to leave their children with his father? Should he tell his ailing mother what had happened? Should he confront his father? What was the meaning of the images of bondage and homosexual sex that now flooded his fantasy life? Had his shame about incest and his determination not to let it turn him gay blinded him to his very real sexual and emotional desire for men? Or were his fantasies some kind of replication of his abuse experiences? How could he manage the overpowering feelings of rage and despair that possessed him when he allowed himself any feelings at all? Could he ever go back to the comfortable life he'd led before these appalling motifs leaped out of his unconscious?

Páginas 12-13:

Gene moved in several directions as he struggled. He told his wife, and the his sisters, about the abuse, and then felt guilty about the abyss this inevitably created in his extended family's interrelationship. Emotional agitation and sexual acting out ruptured his relationship with his wife, perhaps permanently. He stopped talking to his father. The father pressed him for a reason, and Gene finally told him. His father professed amazement: "That was such a big deal for you?" The father then became deeply depressed. At first, Gene was glad to have hurt his

father. Soon, however, he felt guilty about his father's depression. Indeed, he began to feel responsible for cheering him up. For the moment, he became his father's caretaker and no longer allowed himself to feel angry at him.

6. Greg (Gartner, 1999)

Páginas 83-84:

Greg was sexually betrayed by his father and grandfather in boyhood as well as by his pastor in adulthood. He discerned at one point that his bewilderment about his gender identity as a boy might have been related to a similar confusion on his father's part. He revealed that his father used to say to him when he was small, "When I was your age, I was a girl." At first, Greg interpreted this as an example of his father's inauthenticity. But as we investigated the meaning behind the father's words we both began to wonder what the father's fantasy had meant. Given his father's general inexpressiveness and rigidity, it seemed impossible that he was playfully conveying a flexibility about his own gendered self-states. Our exploration of his mysterious statement was an example of how multiple possible layers of meaning may be uncovered in the analysis of an interpersonal communication.

We wondered whose "girl" the father had been. His mother's? His father's? Was the father ever allowed by them to be a girl, whatever that meant to him? Or did he have to hide his fantasy from the adults in his life? Had the father himself been abused? Did he feel like a girl because of such childhood sexual abuse? Greg noted that when he was a child his father had often acted in hypermasculine ways. For example, he used to do handstands on the beach and show off his physique. Greg now wondered whether this was a counterphobic reaction to a "girlness" he felt inside. He also remembered that, unusually in their culture, his father had not minded when Greg dressed up in girls clothes as a little boy, though the father later seemed ashamed of this behavior. Was Greg living out unresolved gendered fantasies for his father?

7. Jimmy (Dorais, 2011)

Página 34:

I was always rejected by my father because I wasn't how he wanted to me be. I had problems at school because of that. I was a sensitive and cried all the time if the other kids picked on me, or if things just didn't go right. The other boys laughed at me because of this. They called me names. My father wasn't proud of me; he didn't talk to me. The only place I could be alone at home was in my own room. My dad didn't allow me to watch TV: he said I hadn't earned it. He was really strict and his rules were rigid. I was reprimanded for being the slightest bit late. To punish me, he took away my toys. I played with my socks instead. I pretended they were animals, trucks, people. My mother acted as a go-between. She tried to prevent my being punished or hit but she avoided contradicting him, so he wouldn't turn on her perhaps.

As a child I was unhappy. I looked at the fathers of my friends and wondered if mine was normal. He never played with me, never did sports with me. People think an only child is spoiled. Well, it wasn't true for me. My grandparents spoiled me from time to time. My parents didn't have much money, and they didn't give me very much. Maybe they regretted having me. Then again, my father really had it in for his parents because they hadn't paid for his education, so maybe pissed him off to see them spoiling me.

Página 35:

I didn't like him touching me but those were the only times he took any notice of me unless he was punishing me. After he came, he'd light a cigarette, talk to me, ask me questions – he'd ask why it wasn't going well at school, or at home. We'd roughhouse on the bed like two friends: for once he was nice. It was as though I had to allow myself to be abused to be worth talking to. As soon as he got out of bed, he was the same as before. He treated me like an object, a thing. I was his thing.

Página 36:

The first time I kissed my first girlfriend I was embarrassed. I was wondering about my father. Why does he do that? Between my girlfriend and my father - how is it different? What does my father mean to me? At that age you begin to hear about homosexuals. I said to myself I was not homosexual, that I went out with girls. But my father... Why does he do that? On the other hand, he is not gay... I realized that my friends didn't have this kind of relationship with their fathers, that they didn't have the problems I had.

During all those years I never spoke about what was happening. No one knew about it. When there was talk about love or about sex at school, I was embarrassed. I really had no experience of that. I knew very little about girls. I had my first sexual encounters with girls at 14 or 15. When I was making love, I tried not to think of my father, but interfering images constantly came to me. I found myself to be awkward sexually and it upset me not to know how to go about it. The fact that I had finally been able to refuse my father reassured me. Today, in my encounters with girls I'm the one who makes the decisions. They have to go along with me, not force me. I prefer girls most passive because they must take me as I am. I'm not easy, I'm often argumentative. If I go without having a girl for while, to it worries me. I ask myself if I'll be able to find another.

As for guys, I don't trust them. I was friends with this 24 year old guy who worked in the Foster home I was placed in after the incest was disclosed. I got very attached to him. He was like a substitute father. He invited me to his place to look at films, do whatever I liked. He taught me music, took me out. I was 14. He had become my best friend. Then I discovered he was gay. I had noticed that he only invited guys to his place. Even though he hadn't done anything bad with me, this discovery set off an alarm inside me. I stopped talking to him and made fun of him with my friends. I broke off all contact with him. Today, if a homosexual approaches me his likely to lose a few teeth.

Página 37:

I haven't seen my father again. I didn't have to testify because he pleaded guilty. I've had no news of him since then, only from my mother. My relationship with her became cold for several months. My father worked her up against me, but then she was mad at me for my drug habit too. As for her, she wants to help my father. She minimizes the seriousness of what he's done. The other day, on the telephone, she said to me: "anyway, it's not like he abused 10 people; you were the only one." That hurt me hearing that. As if what I had gone through the count. When I told her what had been going on, she told me she had suspected something without knowing exactly what. She didn't know whether to believe. The more time passed, the less she believed me, because of my behavior problems. I don't find it right, what she's doing. She tells me stupid things, tries to blame me, to make me believe that it's my fault, what happened. The last time we talked, I overdosed on mescaline the next day.

Páginas 36, 37 e 38:

I myself have trouble understanding who I am. I've become intolerant and weepy; I have an unstable personality. I find I'm quite isolated. Taking drugs hasn't helped. I tell myself I've become like my father. That really disheartens me.

After I was sent to the group home, I decided to disclose my incest in order not to become a perpetrator myself. I found myself there because I was stealing from shops. I was doing it for the risk, for the challenge, for the mixture of fear and pleasure. Once at the group home, I spilled the beans. I decided to take my father to court for what he had done. I was hesitant, but my social worker encouraged me and arranged for me to meet with a lawyer. I told myself it was good for me and it would help my father too. I made a declaration where I recounted everything. They arrested my father. He owned up. Today he is on probation.

The longer this goes on the more depressed I get. Who am I? I don't know. I don't know why it happened, either. If my father hadn't abused me I wouldn't be here, in a group home. I would be sitting at home, I'd be okay. Basically, all the problems I've had are due to him, to what he did to me. I don't accept it. I lost my childhood because of him. Now I'm losing my adolescence. Will I lose my whole life like that? I might just as well finish it right now.

The worst thing for a guy who's been abused it's confusion, mixed with fear of what's going to happen; that's on top of the despondency and low morale. Even your reasoning is no longer what it should be. Sometimes I don't understand what people are trying to say to me, I don't understand what you're doing...

I put on a tough front. People think I'm hard but I am just acting a roll, like in a drama. I identify to a great extent with Jim Morrison of The Doors. I would love to make music and write like him. The essential is that I will have to be myself. But it's as though I no longer have an identity, that I'll have to glue one on, so to speak. I do have a made-up identity, but it's only a role I play. It's hard for boys like me to find out who they really are. I identify with Jim Morrison because I sensed he went through the same thing I did. His behavior, his problems with his father, and his mother too, it makes me think of someone who has suffered incest. He was turned inward on himself, and he wrote, like I do. We have a lot in common. He bore an image: The Lizard King. As for me, I bear the image of an image.

8. Julian (Gartner, 1999)

Páginas 209-210:

At age thirty, Julian attended a funeral in his old neighborhood, and there saw Father Scott, who came over and introduced himself to Julian's wife. Julian was furious that the priest could approach him with such nonchalance and could speak to Julian's wife as though he were simply an old friend of Julian's. But he also felt paralyzed, wanting to shame and hurt Father Scott but barely able to speak with him. The priest drew him into a corner and whispered, "You may feel better that the rest of us now that you've left town, but you and I know that all I have to do is rub your belly and you'll squeal like a puppy!" Feeling helpless and shamed once again, Julian finally got in touch with the full extent of his rage at his former mentor.

9. Justin (Dorais, 2011)

Páginas: 153-158:

I only remembered recently, when I began to analyze my behaviors, my problem with commitment, my fear of men, even when I love them and they are good to me. I was sexually abused by my father when I was four years old and then a bit later by my uncle. Afterwards, it was my brother. He was four years older than I was.

My father was the first. He left home after that, went into a depression. At least, that's what they told me. He was put in a psychiatric institution. They told me he was given electric shock treatment. I think my mother discovered us together. What I remember about it is that it was the first time my father was being affectionate towards me. Some memories remain: he shut me in the garage and chased me. Another time he was sitting in the car. His penis was out. He had an erection., It happened about four or five times, I think, between the time I was four until the time I was seven. Each time, he got something from me by using his authority over me, not by being violent. It's a type of control, or manipulation. After all, he was my father, so I obeyed him. There was no penetration but there was ejaculation, in my mouth probably. I've always been afraid of sperm since then; still am today. Is it because of the traumatic experiences with my father or with my uncle? It's difficult to say, because my uncle moved in with us around the same time, when I was between five and six years old. He'd just left his wife. He too disappeared from the house of overnight. He lived in the basement. He used to touch me and asked me to touch him. I was afraid of him. I knew it

wasn't normal. With my father it was different, maybe because there was a certain innocence about it. It was like a game. Not with my uncle. With him it was gross.

I'm trying to recall that period in time, but it isn't easy. I remember I had become the sort of child who accepts love from anyone at all and who would have done just about anything to be loved. I came from a dysfunctional family: there wasn't much love; we didn't talk to each other; there was a climate of tension. I paid for peace and quiet by trying to please everyone. I was completely without identity. All that counted was getting people to love me. Right up until I reached 17 I was daddy's good little boy or the little girl mummy had never had, because I was somewhat effeminate compared to my brothers. And, wouldn't you know, all this to overcome the fear my parents would separate. That's probably one of the reasons I never told anyone about what happened with my father. Never. My mother never learned anything from me. Even today, I ask myself if my mother really knew what was going on with my father and my uncle.

In spite of everything, I was always smiling when I was little. I can't tell from the photos. But inside I felt bad. It's like I have two personalities. On the other side I was a good little boy, steady, good at school. Inside, I felt different from the others. I was apprehensive.

Towards the age of six, I heard a word "fag" for the first time. My father would often say to me: "if you don't do such and such, you'll look like a fag." I didn't know what it was but I knew it wasn't right, something that wasn't good. And then at home, they quickly identified me with that. At school, apparently, they were calling me a fag: I was thin, a bit delicate, which is never a OK for a boy. I didn't know what a fag was, but I didn't want to be one.

My other personality, the one that developed secretly, was the little boy who looked more and more to other boys, who appreciated how beautiful they are. But I couldn't really get hold of that desire... I pushed it away. I chose not to be like that. The other personality took over. I remember my father telling me one time when I ran away from a gang of boys who were fighting: "don't run like that, you look like a sissy!" I was humiliated. From that day on I decided to be a chameleon. I learned to play a game.

When I was 13 or 14 my older brother and I began having sex. It all began when we were fooling around, wrestling. We were all over each other. I don't know how it came about, but at a certain point our pants came down... I wasn't forced. I didn't see it as abusive. Only later did I realize that he had tricked my emotions, that he had exploited my need for

affection. I still have after effects today of that betrayal. It was the third contact I'd had with a man in my life; in all three cases it was a form of incest and at that point I still hadn't gone out with a girl.

In sexual relations with my brother, funnily enough, he was passive and I was the active one, the one who pleased him, in other words. He participated very little, except to make the first to move. He knew I was turned on by looking at him, seeing his body. He knew how to get to me. He became my idol. It was the first time I felt any affection for any male; my father used to criticize me all the time. When my brother left to get married, it proved to me that I couldn't trust any man. It was a huge blow. We had been having sex for three years, regularly.

I say I loved him, but apart from our sexual activity we didn't talk that much. It was only doing the actual act of sex that he showed me any love. At the time I was more or less conscious of it. Just like I was more or less conscious that I was interested in men. But that was quite simply not an option. You get married and you have children: that's what men do. My brother was a good example of that.

Around 16, I became interested in women. I met one girl, then another. I'm aware that I programmed myself to make love to them, to ejaculate. And I became quite good at pleasuring a woman. I learned how to obtain pleasure and how to give it. As for homosexuality, I had to forget it. My wife, even today, doesn't believe I have always been gay. She reminds me I was always having erections, that I made love every day easily... But I know...

So then, around 18, I met the mother of my children. I had already begun drinking. Alcohol gives me the courage, the self assurance to go ahead. I met my wife at my brother's wedding. It was a lucky chance. Quite quickly, she expressed her love for me. It was the first time a woman told me she loved me. I was her prince charming. She is very pretty, sensual, rich, popular. I climbed the social ladder, since her family was well off. But after two years of going together I left her because I was afraid to commit. I got drunk like never before. I called her a few days later. She succeeded in persuading me to get together again. I was afraid of being alone, of being rejected by my parents and my friends. And then, homosexuality is still associated with the betrayal of my brother. Around this time, my mother became sick with cancer, she was really the only person who meant anything to me. I

promised God, if she is survived, I would be the perfect boy she dreamed of. I offered my life to save hers.

At 20, I got married. Home Life went well for the first few years. My reticence disappeared. Everything went well, thanks to my wife's parents, who helped us and included us in their influential social circle. I remember, though, that on our wedding day, in the bath, I looked at my penis and told myself, "now, my friend, forget that, you're no longer have the right..." I got out of the bath, got dressed, and began to drink. My father was pissed off when he saw me like that. My wife was already used to it. For her, alcohol wasn't a problem, so long as I remained functional.

Just before the wedding, I confessed to my wife about my relationship with my brother. She told me what I wanted to hear, that it was just one step in the wrong direction, that it's all over. Very quickly, I felt pressured sexually. I had to drink to make love to her. I was never willing in the morning because I was sober; in the evening I began to drink quite early in order to get myself ready. I made her comfort to my pace. I saw to it that I was always under the influence when we made love. I remember the first nights. We were living in a huge building. From one of the windows I could see a neighbor walking about naked. I would get up when my wife was asleep to look at him. That's what I found the most exciting. We were never alone in bed my wife and I. Fantasies kept me company. The men who turned me on looked like my father, but mostly like my brother.

After a year we had a baby boy and after that a girl. I had become very busy professionally in order to provide properly for my family, but also in order to be out of the house. I felt guilty about this as far as my children were concerned. By now my wife had become more of a mother than a lover. She had become less demanding on the sexual level and that was fine with me. Me too, I was becoming more of a father than a lover. We were so wrapped up in our children that no one questioned the couple relationship.

After six years of marriage, I was the one who took a lover... My brother in law, my wife's brother. It was like a continuation of the relationship I had had with my own brother. He is a bit older than me. We both do drugs and drink. One evening, he was drunk and so was I. I sensed I could take advantage of that. I made a move; he responded. We were at my place, in the basement. My wife was asleep upstairs with the kids. The alcohol helped as things unfolded. This went on for almost two years. We met more or less once a month. He was

exactly like my brother, passive; he let me get on with it. I was the active one, I fellated him. Just like my brother, he considers himself completely heterosexual.

After that I went downhill quite rapidly. These men had reawakened something in me. I started cruising the park at night. My descent into hell began right there. My self esteem dropped to zero. When I was drunk enough, I went out and got it on in the bushes with anyone who showed up. I went home very late. The next day I'd be in shock, waking up bedside my wife who'd say "hi lover!" The children would get in the bed with us: "Hi daddy!" I felt very bad.

One Christmas eve, I was following a man in a shopping center. He invited me to his place. I refused but regretted my decision. When I got home, I drank too much. I took off, ran away. I wanted to give it all up. I got on the bus without knowing where I was going. I phoned my wife so she wouldn't be worried. And then I told her everything, even about her brother. At first she refused to believe me, then she said if it was really like that then I'd never see my children again. I called my mother and asked if I could go live with her. She said I would be irresponsible if I left my family. So I went home as if nothing had happened. I stayed there for a whole year, drinking more and more. It was only a postponement.

One morning my daughter asked if that was wine in my glass. She told me it was too early to be drinking. Wow! She didn't yet know how to write her name but she knew her father was an alcoholic. That really got to me. I realized the impact of my behavior was having on the children. I left home for good. I made a suicide attempt. Then I looked for therapist to cure my homosexuality. But instead he taught me to accept myself as I am, to distinguish between abuse, compulsivity, and a balanced sexuality. Because, when all is said and done, I was no more at ease with homosexuality than I was with heterosexuality.

It's difficult for me to have a healthy view of homosexuality. The men I have loved have always abandoned me after using me. I used to be afraid, and I still am afraid, of being loved. For a long time I made no distinction between my emotions, my affections, and my sexuality. It still isn't clear to me. I've recently become aware of how much I missed having a real father. I don't want to be like him, even if he has admitted that what he did was wrong and even if we now have a good relationship. It's the opposite of my relationship with my older brother, who doesn't speak to me, or hardly. I think he's afraid I'll reveal things about him, especially since I now accept that I am gay. He doesn't spend much time with me. But my father seems to have forgotten what went on after all the shock treatments he's had.

I recently decided to move so that I could live closer to my children. I've left my job to be nearer to them. I don't want them to be messed up later on, like me. I'm aware of how the abuse has affected my life, and I didn't want to pass that on to my own children.

I realize I have never lived a really human relationship, something more than just sexual, with a man or woman. For a long time I saw myself as heterosexual. After I accepted it, I regarded myself as homosexual. On the emotional level, I think I'm more bisexual because I like being with women just as much as being with men. There is a difference between having sex standing up and being at ease with someone. Being at ease with someone, male or female, is a bit like making love with your heart.

Today I had many friends, men and women, and this is important if I want to come through this. My shame at having lived the life I've had, and being who I am, is gradually lessening. It's the fear of intimacy, of commitment, that's difficult to conquer. I'm working on it. Despite the problems it's given me, I think my sexual orientation would be the same, with or without the sexual abuse. Maybe the problem is that the incest prevented me from calmly discovering my own sexuality right from the start.

10. Matthew (Dorais, 2011)

Páginas 54, 55-56:

When I was little I tried to please everyone. I was very dependent; I needed a lot of attention. I lost both my fathers, one after the other. It was hard for me. First of all I hardly knew my real father: he left when I was a baby. Then my mother remarried but that man left too when I was seven years old, because they got divorced. For me, the second man was my real father. I longed to see him again. He used to say he would visit me. I waited and waited that never came. Afterwards, till I was 11, my grandmother brought me up. She spoiled me. I was fine with her, but then she died too. So I had many losses in childhood. At a certain point I became rebellious: fuck the family! I turned to my friends for company. I figured I wouldn't lose them. The man who abused me was my best friend Alan's father. I met him a short while after my grandmother died. He quickly became like a father to me. He looked after me, gave me presents... I used to spend weekends with them. My mother thought it was OK. I made friends quickly. I felt like a member of his family. His son was like a brother to me. This man spoiled me: toys, first of all, then tapes, a radio cassette player, a small color television, even a computer. Pocket money too if I didn't have enough.

On one particular day, he came to fetch me early because I was on holiday from school. His son didn't have a holiday that day. While we were making breakfast, I noticed he was brushing up against me more than usual. But the kitchen was small, so let it go. then we went into the living-room and he started to play with me. We were having a friendly wrestling match when I began to realize something else was happening. He had his hands down my shorts. I more or less let him continue –I didn't really know where it would end. Was it real? Was it a joke, or what? I was hesitant, I was surprised, I didn't know what to do. It took off my shorts, then my underwear, and started fondling me. At that point, I realized it was definitely sexual. I got away from him, I ran outside. I hid in the cabana in the garden. He negotiated with me to get me to come out, he told me to forget what had happened that it wasn't serious, that we should go and fetch Alan. I was afraid to sit next to him in the car. I asked him to drive me home and he did, trying to put things right with me the whole way home.

I refused to see him again after that and I distanced myself from his son too. A little while afterwards, Alan told me his father would have sole custody in the future. He invited me again several times, but I never went back. Before this, that man had been a role model for me. Afterwards I destroyed the mental image I had of him. I ask myself: how far would he have gone? How long had he been preparing to move on me? I still ask myself these questions. If I were to see him again, I would let it all out verbally, maybe even physically. I fantasize about hitting him, getting my own back, avenging myself. I've thought about it several times. When it practiced boxing or karate, I used to think of him and get super aggressive. I imagined his face on the punching bag and I pounded him until I was exhausted.

After that experience, I didn't trust any man at all. I lost my ability to trust. Especially with men will look like him. I get along better with women. It's difficult to trust anyone... I ought to have suspected something, like my mother had said. I ought to have seen signs long before... Sometimes he would shut himself off in his room telling us not to disturb him. Maybe he was masturbating while thinking about me...

If I were to see him today I wouldn't ask him why he did it. I would demolish him just like he demolished me. He made me lose my faith in myself and my trust in others. And I walked right into: he had the idea in his head for a long time before it happened, I think. It hurt me so much, he disappointed me so much... If I bump into him I'll tell him to get lost, that he is

invading my personal space. If he still bothers me, I'll beat him up. I don't think it was simply youthful stupidity on his part. No, that's for sure...

Páginas 56-58:

Before all this happened, homosexuals didn't bother me. It was none of my business, to I couldn't care less; I didn't give a damn. But now I don't trust homosexuals –I mean men who are attracted to other men. My mother has very close friends who are homosexuals. I accept them because I knew them as people before I knew they were gay. And those particular homosexuals happened to respect me.

Yesterday I was watching a film, "The crying game". It's about a homosexual transvestite. Me, I would have killed him, just like that. Do you know the story? The main character is looking for the wife of a man he knew as a prisoner he guarded who became his friend but has since died. He finds the man's wife and falls in love with her. It's only when they go to bed that he discovers he has made a mistake: that there "woman" is a man! If that happened to me, I'd get so damned mad I'd knock his head off. Homosexuals should stay away from me. It would be best for them. The worst was one time when a homo began to flirt with me. I was walking down the street and this guy seemed to be following me. Then I grabbed him by the collar and asked him what he was after. He said: "Leave me alone. I'm not evil, I don't wish you any harm, I just want to get to know you." I told him straight I didn't want to know guys like him and I shoved him into the brick wall. That type disgusted me.

It's very infrequent that I walk about and undressed, without a shirt or just in my underwear. Even here, in the group home, I don't trust anybody. You never know if someone wants to masturbate while secretly watching you. At night, when I go to bed, I go through my whole day in my mind and I ask myself questions. Why did so-and-so do that? What would have happened if...? I'm as distrustful as anyone can be, I would say even paranoid. I'm always afraid someone is looking at me in my room. The first time I saw a man who looks like the fellow who abused me, it really set me back. The fellow was supposed to work with me. He was an educator. I didn't want anything to do with him. He looked just like my abuser.

Today I realized my reaction was exaggerated. But it took me a long time to realize it. I have a way of coping that I call "the strongbox". If something upsets me I lock it up inside myself and I don't think about it anymore. That's what I've done with the abuse. It's only when I

meet men who resemble him that I think of that creep and fear takes over again. As soon as a guy looks at me, I ask myself what he wants.

I was happy to see I could go out with girls. I've only once spoken with a girl about being abused. She kept it a secret and didn't change how she was with me. In my fantasy world there is nothing violent. On the contrary, I only see love. I find abuse disgusting. I'm not the type to want to make others suffer what was done to me. Sometimes when I see a beautiful girl I say to myself that if I jumped her I wouldn't hurt her. It's just the way of speaking: I've never been afraid I'll become a rapist. I'm more afraid of being raped myself. That's why I'm so distrustful, why see abusers everywhere.

I'd like a stable relationship with a girl later on. I'm happy when I have a girl beside me. When you've been abused by a man, and you later find yourself with a girl, it's as if God is making a dream come true, offering it to you on a silver platter. It's sad when abused youngsters become homosexual. That's what I've heard happens. I think such guys were probably already a bit homosexual somehow. I myself like to be with male friends, but not to have sex with them. To have good friends, though, is very important. It took me some time before I had any. You're not homosexual because you have close male friends, are you?

11. Pascal (Dorais, 2011)

Páginas 11-12:

I loved him, I still do in spite of everything, I think. I don't see him anymore, but I hear about him indirectly. I don't know if he does the same thing with others. I have the impression it was only with me he made this mistake. In any case, I loved him too much to denounce him. He probably knows this. I was afraid he would be rejected by the whole family, that no one would speak to him and that he would go to prison. That's why I didn't speak up. At school, when they were warning us about strangers, about paedophiles, I said I wanted to go to the bathroom and left the classroom: I didn't want to hear about that. It's not true anyway: it wasn't a stranger who abused me, it was someone I knew. He was my friend, someone I felt good with.

Página 14:

Today I feel I'm trying to bury the past. I tell myself that it happened because I was too little. I took karate, lots of sports. I've become quite hefty. I would take off if he tried again. Perhaps I would hit him too. But I wouldn't denounce him. No. On that I wouldn't change my mind because he wasn't such a bad guy. If I saw him again today, I would just take him to have a beer and I would ask him some questions. I would ask him what on earth got into his head when he did that to me. Is it because it happened to him when he was little?

12. Patrick (Gartner, 1999)

Páginas 158-160:

I experienced this terrified and traumatized child in Patrick when he first began to recall fragments of his dissociated childhood abuse by his father. The language he used was the language of a preschool child. He talked about "the monster" coming into his room at night long before he attached that monster's presence to any particular person or event. At another point, he started to cry as he said he wanted to keep his pajamas on. The words he used were those of a very young child, simple words of one or two syllables, often without complete sentences.

Patrick's dissociative defenses were the vehicle by which he initially recalled his abuse. His very first memories about his molestations did not seem to be related to abuse at all, but rather were about "yellow roses all around me". He was very anxious as he described the roses, but could not elaborate on his panic. He and I were both confused about why he was frightened by the flashing image of these yellow roses, an image that recurred over many weeks. He eventually remembered that the roses were in a pattern that corresponded to the wallpaper in the living room of the house he lived in as a child, a room where some of the earliest abuse had occurred. It was a long time before we understood that he concentrated on the wallpaper while he was being abused as a means of self-hypnosis in order to "not be in my body" and therefore not experience the abuse. In other words, this was his way of dissociating his abuse experience as it occurred. In doing so, he learned the self-hypnotic techniques that he later used pervasively.

With time, Patrick was flooded by many fragmented memories of abuse by his father. As he described these incidents, Patrick talked in a singsong, childlike voice, speaking of himself in the third person as "the little towheaded boy in his pajamas". It was as though Patrick himself

were on the ceiling, watching a child being abused, much as Hopkins describes in the passage about his maternal abuse quoted above. (“there must be a form of trauma that produces what can only be described as an out-of-body experience, a trauma so total that one is forced to preserve oneself, to view what is going on around one as if one were a detached spectator... I seemed to experience all this as if I were somehow outside myself as well as in, as if I were viewing it all from some position two or three feet above my body as well as experiencing what was going on from within”). This seemed to be a latter-day demonstration of how Patrick’s adult dissociative defenses began. These dissociative defenses were formidable in his case, so formidable that they had kept Patrick amnesic about his sexual abuse throughout his life. Indeed, it seems likely to me that the ability to dissociate his experiences so completely saved Patrick from psychosis and enabled him to develop psychologically without needing, for example, a delusional system to deal with the abuse. Instead, Patrick developed rigid and suffused dissociative defenses that enabled him to maintain an amnesia that continued over the course of several otherwise helpful psychotherapies. This amnesia only receded in the context of an intense psychoanalytic relationship with me.

But the dissociation did not always work completely, as witness his recurring night terrors of a stranger breaking into his room while he slept. In that case, danger was signaled by the “simple” act of going to bed at night. Going to bed, in his early experience, had meant that a “monster” might well come into his dark room and molest him. At times, he could fend off his anxiety about this. At other times, the anxiety broke through and he experienced a terror similar to what he must have felt as a small boy. In these states, he could not sleep, and constantly checked the locks on his doors and windows to assure himself that he was safe.

13. Paul (Dorais, 2011)

Página 130:

I was abused from the time I was five years old by members of my family. It wasn’t very long ago that it all stopped, when I was 24 years old. My first memories go back to when I was about three. I lived in different Foster Homes because my mother had psychological problems and she already had a large family to look after. I can still see it in my mind: I can see the lady who looked after me the in Foster home putting me a in a bath full of ice when I wet my pants or when I was a nuisance. My mother came to get me sometimes, but it wasn’toften and I never stayed with her very long. I always went back to a Foster home. In spite of being

badly treated, I liked it better in the Foster home than I did at home: there was too much yelling and fighting at home.

I was often been two years because of the fights at home. My mother used to say that boys don't cry. To punish me she would stand me in front of the mirror, while she humiliated me in front of my brothers and sisters. She would say: "look at that cry baby, see how you look! You're not even a man, you're nothing but I scaredy cat..." there was no tenderness form of in our home. Not for me anyway. My mother was sounding off all the time. I never could do anything right as far as she was concerned.

Páginas 130-135:

One day when we had visitors at home, I had to sleep on the sofa in the living-room and let someone else have my bed. That's when it all began. I was sleeping on my stomach, in my underwear. Half asleep, I felt someone come up behind me, pulled down my shorts, and penetrate my rectum. I was so afraid that I didn't dare turn over. I could hear his heavy breathing, feel his breath, but I couldn't see him. I believe it was my father because I knew how he smelled, how big he was. I had no idea what to do, what to say. It hurt all over. I was bleeding from the rectum. The next day I stayed in bed, I couldn't stop bawling. For a long time after that, whenever I got nervous, I would mess in my pants. That's what happened to me the next day when I suddenly became scared he'd start up again. Maybe it was a physical problem because of the dilated rectum, perhaps it was psychological. I don't know, but I had that problem for years. I was doubly traumatized: first the abuse and then not being able to control my bowel movements when I was under stress.

The day I was raped I lost something and never got it back. I never felt happy; never feel that I'm normal. There's something missing: I have no purpose in life and I get no joy in living. I became rebellious with everyone. And I've stayed that way.

Soon afterwards, my brothers began abusing me too. I was about six or seven. They were adolescents. At one point, one of them took me into the woods. He was making a drawing and wanted to draw me in the nude. He sat me down on a rock, up in the mountains. We weren't far from home. I didn't know what was going on when he caressed me but somehow I was pleased to have some of his attention. At that point I didn't have any idea of what's normal and what's not normal. But he wasn't violent. I discovered my own body and his too. Later

on, he started up again. He was nice with me until I refused to go further. He was asking me to lick his penis, then his rectum. I was disgusted. I tried to resist him but I had no choice.

One day when my parents weren't home, I heard one of my sisters yelling. My brother was in the bathroom trying to penetrate her. She was 10 years old. I decided to tell my mother about it, to denounce my brother. My sister, she didn't want to let on. My mother took her to see the doctor and he said she was still a virgin. They all took me for a fool, for a liar. My brother was really mad at me. To punish me, he demanded I do it more often with him, or else he would rape my sister.

A short while after all this, I noticed, during the night that my 16 and 17 year old brothers were quietly luring my sisters into the bathrooms. I knew what was going on. I was traumatized and told myself it was better I sacrificed myself to save to my sisters.

What my brothers asked me to do was disgusting. I don't know where on earth they got such ideas. One of them urinated in my face. Another time he shat on me. He was laughing, he found it amusing. I was crying and I ran away from them. A bit later my eldest sister asked me to have sex with her. She was laughing at me because I still didn't have erections. She said I had a small penis. I felt ill at ease. I find it hard, being humiliated.

I ran away from home. The first time, I was eight years old. I was walking alone along the highway. Some policemen arrested me and locked me up at the police station because I refused to give them my name or say where I was going, for fear of being returned to my parents. Someone from the village recognized me. They took me home. My father beat me. But I did it again at the first opportunity. I felt like a prisoner, rejected, with no one who understood me or loved me. And then there was the shame of everything I had done. My grandfather and my godmother, the only ones who loved me, died that year. I was very upset: there was no one else I was fond of.

When I was 10 years old, I started touching the small children I used to baby seat. I would undressed them, touch their genitals. That was as far as it went. I knew it wasn't right but I didn't feel OK enough to do it with children my own age. I think I wanted to find out for myself what my brothers had got out of it.

Around the age of 11, I started hitch-hiking on the big highway. I was looking for attention, for affection. Anybody would do. Sometimes cars would stop and pick me up. I didn't dare to

say no when they asked me to fellate them. First, they would touch me, checking me out to see how I would react. When they could see that I appeared to be okay with the idea, that I wouldn't make a fuss, they would pull over and stop further on. They would do what had to be done in the woods or in a field.

The first time I masturbated on a child was when I was babysitting the daughter of one of my brothers. She must have been about two or three. I took off her diaper and rubbed my penis against her private parts. I didn't want to penetrate her, just to feel her next to me. I did it again a few more times before I began to be afraid of what I might do. I stopped. I realized I wasn't normal. To play out of my mind I used to drink. I was stealing pills, taking drugs. Perhaps it was the softness on the baby that attracted me to her. Still today, with women, I never feel completely satisfied sexually. It's children who excite me the most, although I don't want to touch them anymore.

As an adolescent, I began to cut myself, to carve into my arm because I was mad at myself. I was unable to express my violence except against myself. I had other problems. I had begun to masturbate more or less anywhere, openly, in the classroom, on the bus. It was like an experiment for me. I was putting objects into my rectum too. That way, I wasn't hurting anyone else. I find it difficult to accept my sexuality.

When I came out of the detention center at 18, one of my brothers who had sexually abused me agreed to take me in. When his wife wasn't there he continued like before. We took drugs together. I was never able to say no. Rather than resist, I just felt sorry for myself. I realized that the more things change the more they stay the same.

In the end I stole money from my brother and went to live in town. When I had no more cash left, I found myself on the street. A homosexual picked me up and took me in. After a few days, he asked me to have sex with him. I didn't say no. Having sex had become a habit for me. I no longer even asked myself if I preferred males or females. I don't consider myself a homosexual: in my fantasy life I prefer women and children.

I began stealing to make ends meet. Stealing from clients when you're prostituting is fairly simple. I often found myself in prison. I was in, I was out, just for small offenses. I tried to hang myself. I messed it up. They took away my clothes and put me in the hole. Once again, I was belittled, humiliated.

I had violent thoughts about buying weapons and getting some revenge. I know there's something missing, something dead inside me that I'll never get back. I rail against this. But, you know, when I was little, I was a romantic... wrote poetry... The girls thought it was beautiful. I even wrote poetry for my friend's girlfriends. I would have turned out quite different if these things hadn't happened to me.

I've stopped seeing my brothers. That's how all of the abuse ended. A year or two ago a social worker convinced me to speak to my parents about it and take my brothers to court. My mother said if I did such a thing she'd disown me. Those two brothers are well placed socially. They've continued their education, they have businesses. They're doing well and have good marriages. Just the same, I wouldn't be surprised if they sexually abuse their children. One of them was still taking a shower with his daughter when she was nine years old. I don't think a father has any business being in the shower with his daughter when she's that age. Apparently his wife complained about it. That's all I know about it. My brothers give money and presents to my parents. That's how they buy them off.

Inasmuch as I'm not like other people, since I have an abnormal sexuality, I prefer to keep to myself. For some years I haven't had any sexual relationships. Just fantasies. I miss being sexual. I feel it's not normal, not to have sex, not to be loved by someone who feels I'm worth it. I find it difficult to imagine what the future holds for me.

14. Ramon (Gartner, 1999)

Página 47:

For example, Ramon, a man who as a child and a teenager was molested primarily but not exclusively by men, used his experiences with women to "prove" that his experiences with men did not mean he was homosexual. He was therefore initially unable to encode his experiences with women in any way. As Ramon initially portrayed it, he had been sexual with women because he wanted to, but he was more ambivalent and ashamed about his activities with men. He said that he felt reassured by the pleasure he felt with the women, that being with them even at age ten "made up for" being sexual with men as well.

Página 207:

Ramon's early experiences left him confused about his value. "There was something wonderful about knowing I was blessed with good looks and my body produced this liquid that felt so good and could make other people so happy too". He then confessed, however, that he had never felt he was good for anything else, that he did not feel he had anything else to offer the world besides his body. "I know how to make men and women happy in bed, but that's all I know."

Ramon related a fantasy he had during sex: that he could crawl up into the woman's vagina and "just stay there". When I asked him about this fantasy, he hesitated, then said he imagined being reborn and having a second chance to be innocent. "I never had that innocent time a child has." I said it did indeed sound like he had been robbed of his childhood. There was a moment of silence and then Ramon began to cry.

15. Victor (Gartner, 1999)

Páginas 200-201:

"All pleasure is bad. Do you know why? It's bad that my father is touching my penis. His touching my penis gives me pleasure. Therefore it's bad to have pleasure." Victor elaborated on the ambivalence he developed about sexual arousal with his father: "I hated when my father talked to me while he touched me. He'd say, 'You're so big, you're so hard, you know Daddy loves you and that's why he does this.' But I don't think I ever believed him. I felt like a hooker when he said that. I'd rather he would have just touched me, and kept quiet. At least it felt good and I didn't have to think about it being my father who was doing it. When he touched me, he'd open my pajamas and by the time I woke up he'd have fished my dick out and it would be hard. I'd let him touch it for a while – then I'd get upset and I'd turn over. He'd beg me to turn back. Sometimes he'd sigh and say, 'OK, if that's how you want it', and I'd feel guilty. I felt I wasn't doing what a good son would do. So I'd turn around again and let him continue, and he'd be so grateful." Noting one Pyrrhic victory in his struggle about sexuality and abuse, Victor forlornly concluded, "At least I never came with him – I always made him stop before I came."